



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VIVIANE CRISTINA CARMO MACIEL

**ARTE MULTICONECTADA:
O PENSAMENTO DO PROFESSOR DE ARTE, AS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO,
AS DIFERENTES FORMAS DE LETRAMENTO E A EDUCAÇÃO**

CURITIBA

2016

VIVIANE CRISTINA CARMO MACIEL

**ARTE MULTICONECTADA:
O PENSAMENTO DO PROFESSOR DE ARTE, AS TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO,
AS DIFERENTES FORMAS DE LETRAMENTO E A EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador(a): Profa. Dra. Nuria Pons Vilardell Camas

CURITIBA

2016

Catálogo na Publicação
Cristiane Rodrigues da Silva – CRB 9/1746
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação – UFPR

Maciel, Viviane Cristina Carmo

Arte Multiconectada: o pensamento do Professor de Arte, as tecnologias de informação e comunicação, as diferentes formas de letramento e a educação. / Viviane Cristina Carmo Maciel – Curitiba, 2016.

207 f.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nuria Pons Vilardell Camas.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. Arte e Educação. 2. Tecnologia da Informação e Comunicação. 3. Letramento – Educação. I. Título.

CDD 370.71



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR DE EDUCAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO, da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **VIVIANE CRISTINA CARMO MACIEL**, intitulada: "ARTE MULTICONECTADA: O PENSAMENTO DO PROFESSOR DE ARTE, AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, AS DIFERENTES FORMAS DE LETRAMENTO E A EDUCAÇÃO", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

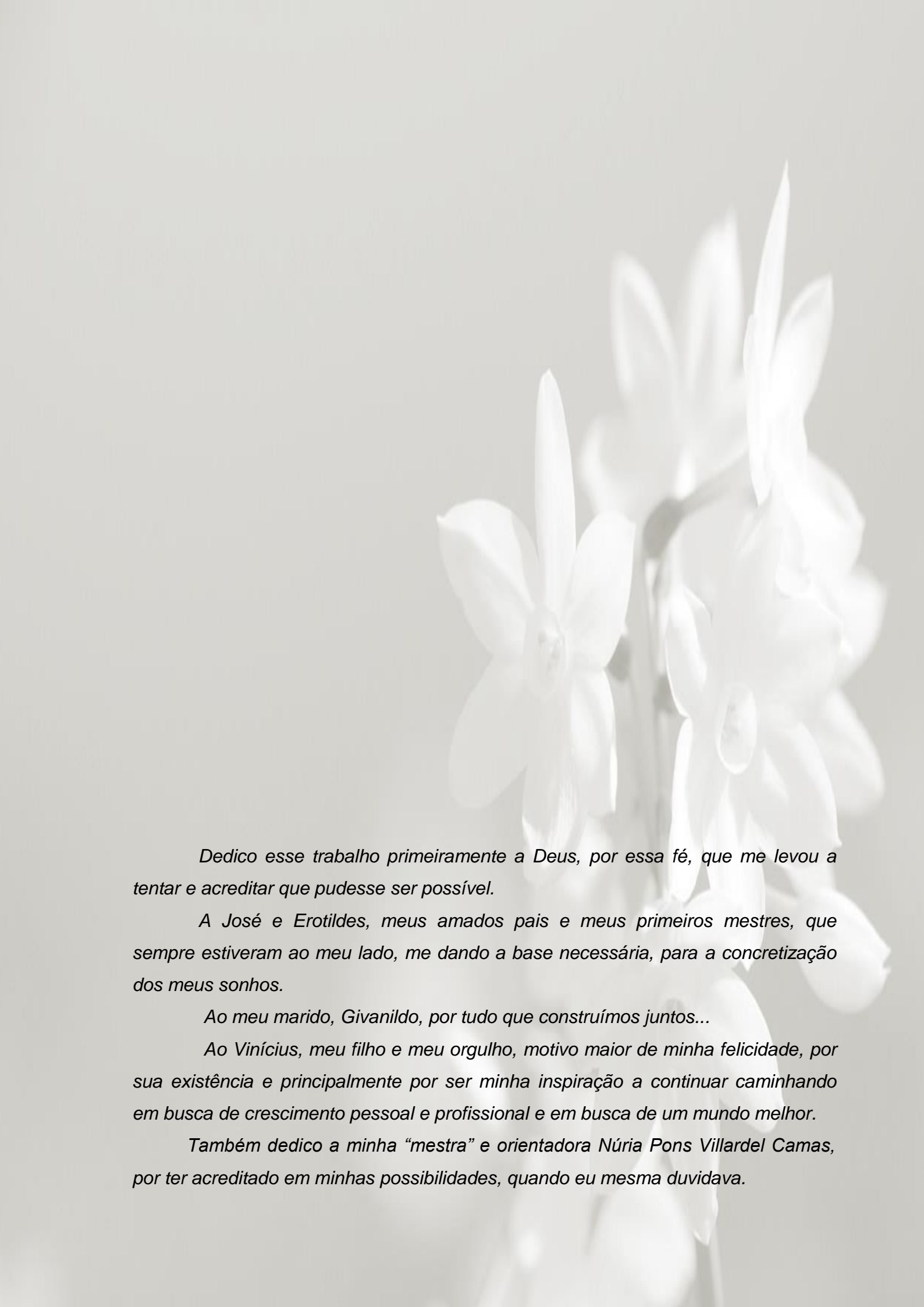
CURITIBA, 08 de Julho de 2016.


Prof^a NURIA PONS-VILARDELL CAMAS Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


Prof^a GLAUCIA DA SILVA BRITO Avaliador Externo (UFPR)


Prof^a SORAYA CORRÊA DOMINGUES Avaliador Interno (UFPR)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PPGE: Teoria e Prática de Ensino
Mestrado Profissional em Educação



Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por essa fé, que me levou a tentar e acreditar que pudesse ser possível.

A José e Erotildes, meus amados pais e meus primeiros mestres, que sempre estiveram ao meu lado, me dando a base necessária, para a concretização dos meus sonhos.

Ao meu marido, Givanildo, por tudo que construímos juntos...

Ao Vinícius, meu filho e meu orgulho, motivo maior de minha felicidade, por sua existência e principalmente por ser minha inspiração a continuar caminhando em busca de crescimento pessoal e profissional e em busca de um mundo melhor.

Também dedico a minha “mestra” e orientadora Núria Pons Villardel Camas, por ter acreditado em minhas possibilidades, quando eu mesma duvidava.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que incentivaram e colaboraram de alguma forma para a realização desta pesquisa:

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida, pelas bênçãos derramadas sobre mim e por me proporcionar a honra de compartilhar a vida de pessoas tão maravilhosas.

Ao meu marido que esteve sempre presente a meu lado, por seu amor e compreensão, por sua paciência e por todo o incentivo e apoio.

Ao meu filho amado, por seu sorriso lindo, que enche minha vida de alegria, por seu abraço carinhoso, que me faz sentir a pessoa mais amada do mundo.

A toda minha família pela compreensão nas ausências, pela paciência e apoio nos momentos difíceis.

Em especial aos meus pais, por me ensinarem a importância e o valor da união em família.

A Cassiane, por ser muito mais que minha irmã, acredito que poucos tem o privilégio de chamar uma irmã de amiga, por sua amizade, por todas as palavras de incentivo e pela incansável disponibilidade em estar ao meu lado nos principais momentos de minha vida, principalmente aqueles mais difíceis.

A minha prima Luciene Regina e colega Zinara por todo o apoio no início deste projeto e a amiga Milaine pelo apoio no final.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática do Ensino, responsável pela realização desta dissertação.

Aos Professores Doutores das disciplinas cursadas durante o mestrado: Araci Asinelli da Luz, Cláudia Madruga Cunha, Dilmeire Sant’Anna Ramos Vosgerau, Elisa Maria Dalla Bona, Marilda Aparecida Behrens, Marília Andrade Torales Campos, Núria Pons Villardel Camas, Regina Cely de Campos Hagemeyer pelas contribuições para a construção deste trabalho.

Aos funcionários da Secretaria do PPGE, em especial a Darci, pela competência e atenção com que sempre me trataram.

À Prof.^a Dr^a Gláucia da Silva Brito e Prof.^a Dr^a Soraya Corrêa Domingues, por contribuírem com suas experiências e sabedorias na construção deste trabalho,

pelas valiosas orientações na qualificação, pelos apontamentos que lapidaram esta pesquisa.

À Prof.^a Dr.^a Renata Aquino Ribeiro por ter recebido minha dissertação, mesmo não sendo possível a sua participação em minha banca de defesa.

Aos amigos que fiz no mestrado, embora não nomeados, me deram apoio em distintas circunstâncias.

Aos professores participantes da pesquisa, pelo aceite e por estarem sempre muito abertos e dispostos em contribuir.

À Prefeitura Municipal de Curitiba pela liberação de licença para estudo.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho, com quem compartilhei momentos de alegria e esperança, mesmo não nomeados, foram muitos que me deram apoio em diferentes momentos.

Aos amigos e colegas que estiveram presentes em minha defesa: Kristina, Flávia, Joyce, Maria de Lourdes, Tatiane e Thais, meu marido e companheiro Givanildo, e a todos aqueles que não puderam estar presentes, mas me enviaram mensagens de apoio e vibrações positivas para o momento.

Agradeço a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, de forma positiva ou negativa contribuíram para a realização dessa dissertação.

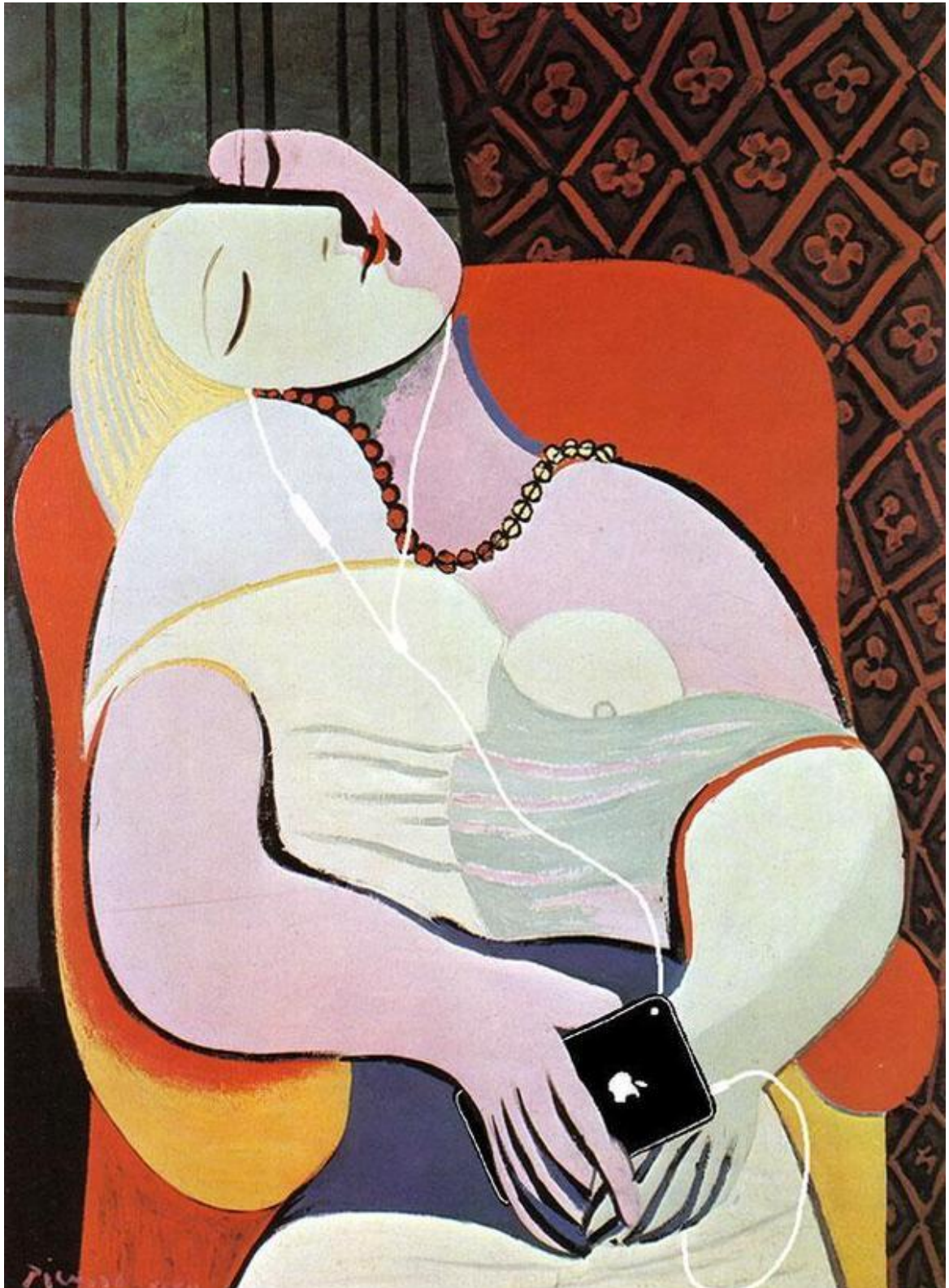
Deixo aqui meus agradecimentos sinceros.

Agradecimento Especial

A Profa. Dra. Núria Pons Villardel Camas, minha competente e querida orientadora, pela confiança em mim depositada. Por todo o apoio e dedicação durante o Curso de Mestrado Profissional em Educação, na UFPR, não apenas por compartilhar comigo um pouco de sua sabedoria, mas acima de tudo por ser um ser humano admirável, possibilitando-me, o amadurecimento como professora, como arte-educadora e pesquisadora.

Tenho para com ela uma grande dívida, uma por ter aceitado este projeto em sua área de pesquisa, quando eu não tinha quem me orientasse, por ter tido, como disse em minha defesa, “o cuidado em lapidar um diamante bruto”, pois mesmo, não sendo eu da área das tecnologias, você me guiou, me orientou e me permitiu conhecer.

Por isso, pelas várias conversas, pelas críticas e apontamentos em meu trabalho, pelo direcionamento e desenvolver dos meus pensamentos e a corrigi-los com paciência e generosidade. Minha eterna gratidão.



1

*"A arte desafia a tecnologia, e a tecnologia
inspira a arte".*

John Lasseter - diretor e animador.

¹ Figura 1 - O sonho, de Pablo Picasso –

Fonte: <http://www.oversodoinverso.com.br/a-tecnologia-invade-obras-de-arte-historicas>

RESUMO

MACIEL, Viviane Cristina Carmo. Arte Multiconectada: O Pensamento do Professor de Arte, as Tecnologias de Informação e Comunicação, as diferentes formas de Letramento e a Educação. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino - Setor de Educação, 2016. 207f. Orientadora. Prof.^a. Dr^a. Nuria Pons Vilardell Camas.

O estudo que aqui se apresenta, insere-se na linha de pesquisa: Teoria e Prática de Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. A pesquisa teve como objetivo geral: analisar como os Professores de Arte do Ensino Fundamental entendem o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), em seu trabalho profissional. A base conceitual introdutória foi estruturada ao se fazer a ligação entre Arte e Tecnologia, enquanto a revisão da literatura percorreu sobre a Arte e sua relação com a Educação, suas diferentes linguagens: música, dança, teatro e artes visuais; e sobre a Arte Multiconectada, trazendo a interação com as Tecnologias da Informação e Comunicação, as diferentes formas de Letramento e o Professor de Arte. Sendo assim, por Arte Multiconectada, entende-se a conexão da Arte com outros conhecimentos. O grande desafio que se coloca com este estudo é buscar o envolvimento dos alunos, por meio da Arte em conexão com outras áreas do conhecimento, com as TIC, contribuindo com o processo de diferentes formas de Letramento, valorizando a curiosidade, a criatividade, o questionamento, a reflexão, trazendo uma nova prática centrada na produção do conhecimento. A pesquisa assume um caráter qualitativo. A preocupação está na relação estabelecida entre a teoria e a prática dos Professores de Arte de escolas públicas e privadas da cidade de Curitiba/PR. Como instrumentos para obtenção dos dados foram utilizados: o questionário e a entrevista. Os dados da entrevista foram organizados e analisados, por meio da Análise do Discurso (AD), na fala de dois Professores de Arte, a fim de tentar nos aproximar de responder a questão maior desta pesquisa, sobre como os professores de Arte entendem o uso das TIC em sua prática pedagógica? Durante o desenvolvimento desta pesquisa, observou-se que algumas barreiras precisam ser superadas pelos Professores de Arte e seus formadores, entre elas: a) a desunião na relação Arte e Educação; b) deficiência na formação do Professor de Arte; c) a ideia da fragmentação do conhecimento; d) metodologia repetitiva e mecânica; e) falta de reflexão sobre a própria prática; f) falta de formação pedagógica quanto à metodologia no uso das TIC em sala de aula; g) resistência ao novo; h) falta de uma postura educadora do Professor de Arte. Ao finalizar o presente estudo, procura mostrar-se que a Arte é o próprio Letramento, e o Professor de Arte, pode explorar diferentes formas para que o aluno possa se expressar, buscando o grande desafio proposto na teoria desta pesquisa, que é o envolvimento dos alunos, por meio da Arte em conexão com as TIC, com outras áreas do conhecimento, contribuindo assim com o processo de diferentes formas de Letramentos. Buscando reconfigurar a própria prática centrada na produção do conhecimento.

Palavras-chave: Arte e educação. Linguagens artísticas. Professores de Arte. Tecnologia da Informação e Comunicação. Letramentos.

ABSTRACT

MACIEL , Viviane Cristina Carmo. Multiconectada Art: The Art Teacher Thinking , Information and Communication Technologies, the different forms of literacy and education. Thesis (MA) - Federal University of Paraná . Program of Graduate Studies in Education: Theory and Teaching Practice - Education Sector , 2016. 207f. Guidance. Prof.^a Dr.^a Nuria Pons Vilardell Camas.

The study presented here, is part of the line of research: Theory and Teaching Practice of the Program of Graduate Studies in Education of the Federal University of Parana. The survey aimed to: analyze how elementary school art teachers understand the use of Information and Communication Technologies (ICT) in their professional work. The introductory conceptual basis was structured to make the connection between Art and Technology, while the review of the literature talked about art and its relationship to education, their different languages : music, dance, theater and visual arts; and the Multiconectada Art, bringing the interaction with the Information and Communication Technologies, the different forms of literacy and Professor of Art. So why Multiconectada art means the art of connection with other knowledge . The big challenge for this study is to seek the involvement of students through art in connection with other areas of knowledge, ICT, contributing to the process of different forms of literacy, valuing curiosity, creativity, questioning, reflection, bringing a new practice focused on the production of knowledge. The study takes a qualitative character. The concern is the relationship established between the theory and practice of art teachers from public and private schools in the city of Curitiba / PR. As instruments for data collection were used: questionnaire and interview. The interview data were organized and analyzed by means of discourse analysis (AD) speech two art teachers in order to try to get closer to answering the biggest question of this research, about how art teachers understand the use ICT in their teaching? During the development of this , it was observed that some barriers need to be overcome by art teachers and their trainers , including: a) disunity in relation Arts and Education; b) deficiencies in training Art Teacher ; c) the idea of fragmentation of knowledge ; d) repetitive methodology and mechanics; e) lack of reflection on own practice ; f) lack of teacher training in methodology in the use of ICT in the classroom ; g) resistance to the new ; h) lack of an educator posture Art Teacher. At the end of this study, we aimed to demonstrate that art is literacy itself, and Professor of Art, you can explore different ways for the student to express himself, seeking the challenge proposed the theory of this research, which is the involvement students through art in connection with ICT, with other areas of knowledge, thus contributing to the process of different forms of Literacies. Seeking reconfigure own practice focused on the production of knowledge.

Keywords: Art and Education. Artistic languages. Art Teachers. Information and Communication Technology. Literacies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- O SONHO, DE PABLO PICASSO.....	07
FIGURA 2	- O GRITO, DE EDWARD MUNCH.....	15
FIGURA 3	- RETRATO DE MARIE THERESE WALTER, DE PABLO PICASSO.....	34
FIGURA 4	- O VIAJANTE SOBRE O MAR DE NÉVOA, DE CASPAR DAVID FRIEDRICH.....	51
FIGURA 5	- O QUARTO, DE VAN GOGH.....	89
GRÁFICO 1	- FRUIÇÃO ARTÍSTICA.....	97
GRÁFICO 2	- PRÁTICAS ARTÍSTICAS.....	98
GRÁFICO 3	- FRUIÇÃO DE LITERATURA.....	99
GRÁFICO 4	- MÍDIA DE PREFERÊNCIA.....	99
GRÁFICO 5	- UTILIZAÇÃO DAS TIC NO DIA-A-DIA.....	100
GRÁFICO 6	- CANAIS EM QUE ASSISTE FILMES.....	101
GRÁFICO 7	- TECNOLOGIAS UTILIZADAS PARA PREPARAR AULAS.....	103
GRÁFICO 8	- FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA USO DAS TIC.....	104
GRÁFICO 9	- ÊNFASE NAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	104
GRÁFICO 10	- CURSOS DE FORMAÇÃO -LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	105
GRÁFICO 11	- RELAÇÃO DO ENSINO DA ARTE COM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.....	106
GRÁFICO 12	- CURSOS PARA USO DAS TIC.....	106
GRÁFICO 13	- OS CURSOS DE FORMAÇÃO PARA USO DAS TIC.....	107
GRÁFICO 14	- ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	108
GRÁFICO 15	- LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	109
GRÁFICO 16	- LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	110
GRÁFICO 17	- LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	111
GRÁFICO 18	- LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	112
FIGURA 6	- ALPHONSINE FOURNAISE, DE AUGUSTE RENOIR.....	115
FIGURA 7	- ARTE MULTICONECTADA.....	159
FIGURA 8	- A VARANDA, DE EDOUARD MANET.....	161

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - REGISTROS DE OCORRÊNCIAS DE DISSERTAÇÕES E TESES DO BANCO DE CAPES.....	27
QUADRO 2 - CONSTRUÇÃO DO MARCO TEÓRICO.....	28
QUADRO 3 - LINHA DO TEMPO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL.....	39
QUADRO 4 - METODOLOGIAS NO ENSINO DE ARTE.....	41
QUADRO 5 - LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	48
QUADRO 6 - CICLO DA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO BASEADO NA “MAITRISE DE L’INFORMATION” E NO DOMÍNIO DAS LITERACIAS ÀS MUDANÇAS PEDAGÓGICAS.....	57
QUADRO 7 - RESUMO DA HISTÓRIA DAS TIC.....	68
QUADRO 8 - PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	96
QUADRO 9 - PERFIL PROFISSIONAL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	101
QUADRO 10 - RESPOSTA ABERTA AO QUESTIONÁRIO.....	113
QUADRO 11 - TEMAS DE ANÁLISE.....	118

LISTA DE SIGLAS

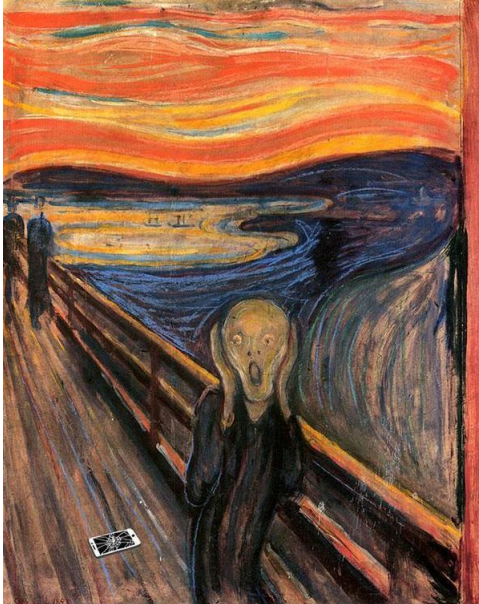
AD	-	Análise do Discurso
BNC	-	Base Nacional Curricular Comum
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIAE	-	Curso Intensivo de Arte na Educação
EMBAP	-	Escola de Música e Belas Artes do Paraná
FAP	-	Faculdade de Artes do Paraná
GD	-	Google Drive
IDIE	-	Instituto para o Desenvolvimento e a Inovação Educativa
NLDBEN	-	Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEA	-	Movimento Escolinhas de Arte
OEI	-	Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação
PCN	-	Parâmetros Curriculares Nacionais
RMEC	-	Rede Municipal de Ensino de Curitiba
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	-	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFPR	-	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	APRESENTAÇÃO PESSOAL.....	15
1.2	DO DESEJO DE ENTENDER O QUE SE VIVE.....	18
1.3	DA NECESSIDADE DE CONTEXTUALIZAR A AÇÃO DA PESQUISA.....	21
1.4	PROBLEMATIZAÇÃO: da necessidade de buscar.....	25
1.5	OBJETIVOS: da criação das metas necessárias para entender o que pensa o Professor de Arte.....	25
1.6	CONSTRUÇÃO DO MARCO TEÓRICO.....	26
1.7	ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	32
2	ARTE.....	34
2.1	ARTE - EDUCAÇÃO.....	37
2.2	ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	45
2.3	LINGUAGENS ARTÍSTICAS.....	48
3	ARTE - MULTICONECTADA.....	51
3.1	LETRAMENTO: As diferentes formas e sua relação com a Arte.....	52
3.2	TIC: Interfaces com a Arte e seu Ensino	65
3.3	O PROFESSOR DE ARTE: e sua relação com as TIC em sala de aula.....	78
4	OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	89
4.1	OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS.....	89
4.2	NATUREZA DA PESQUISA.....	90
4.3	CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA.....	91
4.4	OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	92
4.5	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS.....	94
4.5.1	Da escolha de dois sujeitos para a AD.....	95
4.6	DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO ÀS RESPOSTAS QUE OBTEMOS.....	96
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	115
5.1	OS DISCURSOS DOS PROFESSORES DE ARTE.....	117

5.1.1	Relação com a Arte e trajetória pessoal de formação.....	119
5.1.2	As percepções sobre o uso das TIC em sala de aula.....	129
5.1.3	Arte Multiconectada.....	147
6	CONCLUSÃO.....	161
	REFERÊNCIAS.....	170
	APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO.....	185
	APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	191
	APÊNDICE 3 – ENTREVISTA TRANSCRITA/ PROFESSOR DE ARTE 1.....	192
	APÊNDICE 4 – ENTREVISTA TRANSCRITA/ PROFESSOR DE ARTE 2.....	197
	ANEXO 1 – MATRIZ CURRICULAR – FAP.....	201
	ANEXO 2 – MATRIZ CURRICULAR – UFPR.....	202
	ANEXO 3 – MATRIZ CURRICULAR (EMENTAS) – EMBAP.....	203

1 INTRODUÇÃO



2

Neste capítulo, é realizada primeiramente uma apresentação pessoal da pesquisadora, na intenção de resgatar sua trajetória escolar, acadêmica e profissional, bem como demonstrar os motivos que a levaram a escolher o tema “Arte Multiconectada”. Na sequência, é apresentado o problema de pesquisa, e os objetivos criados para a realização deste estudo. Posteriormente, é apresentado um levantamento realizado em bases de dados de pesquisas que revelam a importância do tema investigado. Por fim, destaca-se a organização desta Dissertação.

*E não me esquecer, ao começar o trabalho, de me preparar para errar. [...]
Meu erro, no entanto, devia ser o caminho de uma verdade: pois só quando erro é que saio do que entendo. Se a “verdade” fosse aquilo que posso entender, terminaria sendo apenas uma verdade pequena, do meu trabalho.*

(Clarice Lispector)

Caros leitores pede-se licença para contar ³ brevemente a trajetória da professora e autora desta pesquisa:

1.1 APRESENTAÇÃO PESSOAL

*“Tenho em mim todos os sonhos do mundo.”
(Fernando Pessoa)*

² Figura 1 - O grito, de Edvard Munch - Fonte: <http://www.oversodoinverso.com.br/a-tecnologia-invade-obras-de-arte-historicas>

³ Escolhi, junto a minha orientadora, fazermos a escrita da presente pesquisa em primeira pessoa. Entretanto, ao apresentar-me escolho olhar-me distanciada, como quem olha o reflexo de um espelho interior e transcreve em terceira pessoa. Contando-me em história vivida.

Seu primeiro contato com a carreira docente foi aos 15 anos, quando iniciou o ensino médio profissionalizante em uma turma de magistério. Nesta mesma época passou a se interessar cada vez mais pela Arte e seu ensino. Durante o período de estágios do curso em escolas do Ensino Fundamental, principalmente nas séries iniciais, lhe chamava à atenção a forma como aconteciam às aulas de Arte, que de certa forma, ocorriam sem compromisso, sem interesse ou incentivo com aquela área do conhecimento.

Foi o que a motivou a prestar vestibular em uma faculdade de Arte, e ao ingressar na Faculdade de Artes do Paraná(FAP), no curso de licenciatura em artes visuais, a autora já estudava a distância o curso de pedagogia. Portanto, a junção destas formações, sempre lhe trouxe uma necessidade de somar, de conhecer, de trabalhar junto com outras áreas do conhecimento por uma aprendizagem mais significativa aos seus alunos.

Em sua monografia da licenciatura em artes visuais, a autora buscou traçar o perfil de um bom Professor de Arte, e na pós – graduação, especializou-se em gestão e orientação de ambientes escolares, na qual em seu trabalho de conclusão de curso (TCC) procurou traçar o perfil de um bom gestor. Nesta época já atuava como professora regente de Educação Infantil no ensino privado.

Ao ingressar na Rede Municipal de Ensino de Curitiba (RMEC), logo a sua formação em artes visuais se evidenciou e assim se destacou na prática do ensino de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Foi algo novo e gratificante em sua vida profissional, mas ao mesmo tempo, lhe surgiram as dificuldades, pois se deparou com a necessidade de um professor de Arte polivalente, ou seja, atuar na prática pedagógica com as quatro linguagens artísticas: música, dança, teatro e artes visuais, tendo o domínio e/ou formação em apenas uma destas linguagens.

Consequentemente, a busca por novos conhecimentos, o contato com as outras linguagens artísticas lhe foi inevitável, por meio de cursos de formação ofertados pela RMEC e por outras instituições.

No entanto, no decorrer, em muitos momentos dobrou sua jornada de trabalho, atuando também como professora regente de 1º e 2º anos, em Educação Infantil e corregente de 3º anos, ou seja, sempre teve contato em paralelo com a área de Arte e com turmas em fase de alfabetização e Letramento, além de ter atuado também como agente de leitura no espaço da biblioteca escolar.

Assim, a cada nova experiência na prática docente, buscava por novos conhecimentos e aprendizagens por meio de diversos cursos de formação continuada, envolvendo Letramento, as quatro linguagens artísticas, além de contação de história e literatura que não deixa de ser uma forma também de expressão artística.

Em seu caminho como pesquisadora, a autora elaborou diversos projetos envolvendo a sua prática pedagógica em cursos de extensão ofertados pela RMEC em parceria com Universidades da cidade.

Em 2009, como regente de 2ºano, juntamente com outras duas profissionais, participou do Projeto Escola & Universidade, com o trabalho de pesquisa e prática: “Trabalhando com diversos gêneros textuais: na aquisição e produção da leitura e escrita”. Em 2010, como professora de Arte, e juntamente com outras duas professoras de 1º ano e uma de educação física, desenvolveram o projeto: “Os jogos teatrais em contribuição ao processo de letramento dos alunos”. Em 2011, também como professora de Arte, em parceria com outra professora da área, realizaram o projeto: “Olha! Veja Curitiba”, foi com este projeto que a autora teve o seu primeiro contato em sua prática pedagógica a visitas virtuais com seus alunos aos museus da cidade.

Em 2013, participou do Projeto Piloto do Edupesquisa, também ofertado pela Prefeitura Municipal de Curitiba em parceria com a Universidade Federal do Paraná, acompanhou a sala “Ambiente Virtual de Aprendizagem”, que foi uma aprendizagem de extremo significado tanto para a sua prática como docente quanto ao seu início como pesquisadora, pois foi deste estudo que surgiu a ideia do Projeto de Pesquisa para tentar a vaga ao Mestrado, onde ingressou no ano de 2014. Ainda neste ano, participou da segunda edição do Edupesquisa na sala “A leitura e os meios de comunicação como recurso pedagógico”.

Tranquilidade, sossego, calma, como podem perceber são palavras que não cabem na trajetória da autora, pois estudar é uma constante em sua prática e a profissão escolhida impossibilita o uso destas palavras, mesmo que seu espírito o seja, muitas vezes.

No mestrado, com o apoio de sua orientadora, optou por utilizar a Arte e suas diferentes linguagens em conexões com o processo de Letramento por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

1.2 DO DESEJO DE ENTENDER O QUE SE VIVE

*“Se você encontrar um caminho sem obstáculos,
ele provavelmente não leva a lugar nenhum.”
(Frank Clark)*

Escolher é algo que faz parte da vida, e na escolha de uma profissão, existia até o sonho por outras profissões, como psicologia ou arquitetura, que eram profissões que a autora desta pesquisa admirava, mas as condições financeiras familiar, na época, não lhe permitiram. Então, a escolha que lhe foi mais próxima pela admiração também da profissão, foi ser professora.

E, no período de formação do magistério, as inquietações que lhe surgiram, foi o que a motivou a busca pela formação em Arte, sendo assim também uma escolha ser Professora de Arte, ou podemos também chamar de Arte-educadora, mesmo sem saber ao certo o que representaria essa escolha em sua vida. Com isso, pouco a pouco, uma história foi se construindo com a Educação e com a Arte.

Não cresceu em uma família que entendesse de Arte, era uma família simples. Não costumava frequentar espaços culturais, como museus, apreciar espetáculos de música, dança ou teatro, seu contato com a Arte era basicamente no ambiente escolar, mas, também, pouco recorda deste contato, sua única lembrança é o fato de sempre ser elogiada pelos professores de Arte, por ter uma habilidade em desenho. A primeira vez que esteve em um museu, e que passou a conhecer alguns artistas, foi quando já estava cursando o magistério.

Com isso, o desejo em acertar em sua história com a Educação e com a Arte é grande, claro que existem momentos de conflitos, de algumas contradições, mas essa história a cada dia se transforma, pois passa por um período de amadurecimento constante.

Quando na prática, se encontrou, como professora de Arte, pode perceber que o profissional formado em Arte é bem visto e muitas vezes requisitado, justamente pela ausência destes profissionais nas escolas, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mas devemos reconhecer que esta área do conhecimento ainda é vista pela sociedade capitalista em que vivemos como um enfeite na grade curricular. Aparece muitas vezes como algo meramente ilustrativo, para fazer bonito, impressionar e não como uma aliada na construção do conhecimento.

Contudo, aos poucos a autora, vem construindo e ampliando o olhar a cerca da Arte e da Educação, esta pesquisa mostra justamente parte desse trajeto, das reflexões, da consciência que se toma. E revela também a inquietude destacada anteriormente, de algo que precisa ser mais bem compreendido para então mudá-lo e aprimorá-lo.

Por isso, aquela inquietação permanece, pois a autora percebe uma desvalorização da área. Muitas vezes, sendo ensinada apenas a história da Arte. Outras vezes, quando contextualizada, acontece apenas através do estudo de vida de artistas, ou na pior das hipóteses como datas comemorativas, ou simplesmente atividades livres de expressão.

Portanto, esta pesquisa merece atenção, pois busca ressaltar e defender a importância do Ensino da Arte. O que motivou fazer esta pesquisa é justamente isso, uma busca de valorizar a área em que escolheu atuar, repensando a Educação a partir de sua compreensão, conectando-a com outras áreas a partir das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

Neste contexto, esta pesquisa é direcionada ao estudo de entendimento sobre como os Professores de Arte entendem o uso das TIC em sala de aula. No intuito de identificar como o Professor de Arte pode fazer uso de diferentes mídias e tecnologias digitais em suas aulas, atendendo aos conteúdos específicos de suas quatro linguagens (música, dança, teatro e artes visuais), explorando essas ferramentas tecnológicas atuais de forma que o auxilie no processo de diferentes Letramentos de seus aprendizes. Contribuindo para o desenvolvimento cognitivo e afetivo e, na construção de valores fundamentais para a formação de um cidadão.

O ensino de Arte precisa associar o "ver" com o "fazer", contextualizando leitura e prática. Teoria essa conhecida como "abordagem triangular" (BARBOSA, 1997). Para se aprender, é preciso ver a imagem e atribuir significados a ela, contextualizando no ponto de vista artístico e social.

Devemos pensar na Arte como um objeto cultural, de conhecimento, de informação constante, permitindo ao ser humano a interação com as diferentes culturas. E o professor é quem, na escola, tem a responsabilidade de fazer pensar a partir da ação, portanto a Arte abre caminhos para a conscientização social.

Para melhor entendermos a proposta de pesquisa, necessário se faz conceituar o que é Arte Multiconectada e a Proposta Triangular (BARBOSA, 1998).

Por Arte Multiconectada, entendemos a conexão da Arte com outros conhecimentos. Neste sentido, buscar uma interação da Arte e suas quatro linguagens artísticas (música, dança, teatro e artes visuais), com as TIC e os diferentes Letramentos.

Com relação à Proposta triangular, fazemos uso das palavras de Ana Mae Barbosa, para um melhor entendimento:

A Proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma trílice influência, na deglutição de três outras abordagens epistemológicas: as Escuelas al Aire Libre mexicanas, o Critical Studies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano. (BARBOSA, 1998b, p.33-34)

Para compreender a Proposta Triangular, ainda segundo Barbosa (1998b, p.34), é preciso atentar para a própria imposição de imagens que o mundo contemporâneo nos faz, exigindo de nós um preparo para a compreensão crítica dessas imagens, visto que aprendemos com elas consciente ou inconscientemente. Faz-se necessário a leitura desse mundo contemporâneo.

No entanto, não é suficiente apenas ler, é necessário contextualizar essa leitura, fazer uma leitura consciente e crítica das imagens. De acordo com Barbosa (1998b, p.37) esta contextualização pode ser histórica, social, psicológica, antropológica, geográfica, ecológica, biológica entre outros, pois contextualizar é estabelecer relações, é trabalhar interdisciplinarmente.

Contextualizar é levar em conta também o contexto daquele que lê, e não apenas o contexto da obra e de seu autor, pois de acordo com Paulo Freire:

(...) ler é adentrar textos, compreendendo-os na sua relação dialética com os seus contextos e o nosso contexto. O contexto do escritor e o contexto do leitor. Ao ler eu preciso estar informando-me do contexto social, político, ideológico, histórico do autor. Eu tenho de situar o autor num determinado tempo.(...) Quando eu leio um autor eu preciso ir me inteirando do contexto dele, em que aquele texto se constitui. Mas agora eu preciso também de um outro esforço: de como relacionar o texto com o meu contexto. O meu contexto histórico, social, político não é o do autor. O que preciso é ter clara esta relação entre o contexto do autor e o contexto do leitor. (FREIRE, 1982, p.4-5).

Ler, contextualizar e produzir deve ser, portanto, os três eixos condutores do ensino/aprendizagem da Arte. (RODRIGUES, 2008, p.25).

Pesquisadores como Camas (2002, 2008, 2013, 2015), Valente (2005) e Almeida (2005) comprovam que a tecnologia não substitui o professor, mas pode ser utilizada como uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem. É importante que se tenha contato com as várias formas de produções, técnicas, materiais, instrumentos, estilos, gêneros, artistas, autores, contribuindo com o fazer e compreender a Arte, e contemplar o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação para ampliar e divulgar este conhecimento, bem como a valorização das produções e criatividade dos alunos, mediando o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo assim efetivamente para a melhoria da educação.

1.3 DA NECESSIDADE DE CONTEXTUALIZAR A AÇÃO DA PESQUISA

*Todo conhecimento começa com o sonho.
O conhecimento nada mais é que a aventura
pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada.
Mas sonhar é coisa que não se ensina.
Brotas das profundezas do corpo,
como a água brota das profundezas da terra.
(Rubem Alves)*

Podemos considerar a disciplina de Arte, menosprezada em todo o contexto escolar, assim como nos afirma Zagonel:

(...) um cotidiano em que ainda persiste a ideia de que o trabalho em sala de aula pode ser realizado por qualquer pessoa que possa distribuir papéis, lápis e solicitar à criança que desenhe livremente. De forma geral, percebemos que o entendimento vigente é o de que arte não tem conteúdo e que basta oferecer materiais, ensinar técnicas para fazer “coisas bonitinhas” (ZAGONEL, 2011, p.221).

Dessa forma, mesmo nos dias atuais, sendo reconhecida como uma área do conhecimento existe ainda o olhar de algo sem muito valor, por profissionais que talvez desconheçam a sua importância na formação humana.

E o que se busca com esta pesquisa é justamente mostrar o contrário: a Arte, com seu devido valor, especificamente no Ensino Fundamental, poderia ser um dos caminhos dentro do ambiente escolar, que pensada, numa maior autonomia na construção dos conhecimentos, possibilitasse mostrar aos estudantes o seu papel

na sociedade, a importância da responsabilidade de suas ações e reações com o mundo, talvez o ensinar a sensibilidade ao ser humano.

A Arte se faz presente em todos os momentos da vida do homem, sendo representada em suas diferentes linguagens. No ambiente escolar destacam-se quatro linguagens, que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), devem ser contempladas nas aulas de Arte.

A dança, as artes visuais, o teatro e a música são linguagens artísticas que ao se ter contato oportuniza aos alunos não apenas conhecimento, mas uma fonte de inspiração e desenvolvimento da sensibilidade para a expressão da criança. A experiência estética que a Arte nos oferece, acalenta a imaginação e, conseqüentemente, nossa percepção de mundo.

Desta forma, a Arte e suas linguagens contribuem não somente para o desenvolvimento cognitivo, mas também o afetivo, resgatando valores indispensáveis para a formação de um cidadão.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) trazem-nos o acesso às informações do mundo. No entanto, esse acesso nada significará se não houver uso efetivo nos anos iniciais do Ensino Fundamental e também na Educação Infantil. Já que sabemos, por meio de diferentes pesquisas (CAMAS, 2008; 2012, 2015; VALENTE, 2005; ALMEIDA, 2005), que apenas a informação não basta para a formação de nossos alunos no tocante à cognição e à emoção (MASETTO, 2008).

Entende-se por Tecnologias de Informação e Comunicação as tecnologias e instrumentos utilizados no compartilhamento de informações e conhecimentos. Concordamos com Souza (2008), que:

As TIC também têm outras funções, pois funcionam interferindo na forma como as informações fluem nos meios físico, social e psíquico de um ambiente humano, abrangendo, portanto o contexto dos equipamentos, eletrônicos, sonoro, visual, sensitivo e o contexto humano dos relacionamentos. (SOUZA, 2008, s/ página).

Denomina-se TIC os procedimentos, métodos e equipamentos utilizados no processamento da informação ao comunicá-la aos que tem interesse nesse recebimento, essas ferramentas viabilizam o processo de comunicação, através de digitalizações e contato via redes que captam e transmitem as informações sejam estas, na forma de texto, imagem, vídeo ou som (CORREIA, 2013).

As TIC estão presentes na sociedade de tal forma que nem paramos para pensar sobre elas, porém, não podemos negar que vivemos em uma sociedade conectada. As TIC estão presentes no cotidiano da vida do homem em vários sentidos, desde o pessoal ao social.

O fato é que, principalmente a partir do século XX, as tecnologias da informação e da comunicação mudaram e muito a maneira como o homem se relaciona com seus pares e com o próprio mundo. Desde a utilização de carros e estradas que encurtaram distâncias terrestres até as mais sofisticadas possibilidades de comunicação online, tudo contribuiu para a aproximação dos povos e as trocas de experiências, conhecimentos e cultura. Temos a impressão de que o tempo passa mais rápido, de que podemos controlar tudo ou conhecer tudo, num simples tocar de teclas. Aprendemos a nos vestir de acordo com o que vemos na TV, passamos a ter essa ou aquela necessidade de consumo, de lazer... Formamos nossa opinião sobre nosso país e os países vizinhos ou mais distantes, a partir do que lemos, vemos e ouvimos nos meios de comunicação de massa. Tudo isso está tão interiorizado na sociedade e em cada um de nós que não conseguimos mais identificar até que ponto essas tecnologias espelham o nosso tempo ou determinam como ele deve ser (RIBEIRO, 2014, p.25-26).

Vivemos em uma sociedade da informação, em que o acesso às informações se dá de uma maneira muito rápida e muitas vezes sem a necessária reflexão daqueles que recebem a informação (CAMAS, 2015).

Com isso, não basta apenas aprender a acessar as informações, é preciso aprofundá-las, estabelecendo relações para chegar ao conhecimento propriamente dito. “O verbo ‘informar’, derivado do latim, originalmente significava em inglês e francês, não somente relatar os fatos, o que poderia ser incriminador, mas ‘formar a mente’” (BRIGGS, 2004, p.193).

Com isso, novas necessidades surgem com relação à educação, pois “a tecnologia requer e produz mudanças sociais e organizacionais” (BRIGGS, 2004, p.194). Por isso, consideramos que o uso da tecnologia, junto ao processo de ensino-aprendizagem, sem a devida formação do professor é um desafio à nossa sociedade.

Podemos dizer que se faz também necessário ter programas que deem suporte e formação para os professores, fornecendo orientações de como fazer o uso do computador ao trabalho pedagógico. Pois, de pouco adiantaria ter diferentes tecnologias na escola, se o professor continuar a ensinar da mesma maneira. Assim, como nos afirma Camas (2013):

Para que este processo se torne uma realidade, além do acesso às TIC, há a necessidade de que o professor atue como estimulador do diálogo e mediador para o acesso à informação qualificada, ou ainda para que a informação disponível se transforme em conhecimento. (CAMAS, 2013, p.182).

Dentro desta realidade, portanto, se faz necessário à escola e ao professor incorporar na sua prática outras formas de aprender, apoiado na oralidade e na escrita, mas também apoiadas em outras formas que envolvam a visão, a audição, a criação, outras formas possíveis com o uso de tecnologias avançadas.

É necessário buscar conhecer, para fazer um uso consciente e significado dessas tecnologias, “para formar cidadãos capazes de exercer plenamente seus direitos, em uma nova sociedade: a sociedade da informação, em que o maior valor é o conhecimento” (KAMPFF, 2006, p.19).

Então, essas funções das TIC, apresentam uma relação de conexão com as funções da Arte. Vivemos a era imagética e da escrita (SANTAELLA, 2012). Entretanto, apenas a informação pouco contribuirá para o desenvolvimento das crianças, jovens e adultos. Torna-se necessário aprender a interpretar, formar para a leitura crítica do mundo, o que Camas (2012), denomina de leitura crítica do mundo, ou, letramento informacional.

Ao pensarmos na formação crítica da informação, denotamos a necessidade de se fazer a seleção das informações que recebemos diariamente por meio das mídias e TIC para transformá-las em conhecimento.

No ambiente escolar podemos considerar de certa forma, a falta de compromisso e valorização das linguagens artísticas e o uso inadequado das tecnologias, ou poderíamos dizer, adequado a certos interesses do capitalismo, tanto por parte dos professores quanto dos alunos. Faz-se necessária uma mudança de metodologia, na forma de ensinar (MORAES, 1997; FREIRE, 2013). Valorizando a Arte, ensinando o aluno a olhar, ouvir, gesticular e perceber o que acontece ao seu redor, sabendo a distinção entre dois conceitos comunicação e expressão (DUARTE JÚNIOR, 2012) e, sobretudo, num mundo conectado, tornar o estudante autor.

Sem o compromisso com a Arte, que acreditamos deva ser também aprendido na escola e sem a orientação adequada quanto ao uso das tecnologias, tanto em casa, quanto na escola, quem perde é a sociedade.

A presente pesquisa justifica-se, portanto, pela relevância e atualidade das questões colocadas no problema, que descreveremos na sequência. Com certeza,

as respostas poderão contribuir não somente com as práticas pedagógicas, mas também com uma reflexão sobre a formação e o importante papel do professor de Arte na Educação.

Todos tem o mesmo direito a conhecer, a oportunidade de ampliar seu repertório cultural, conhecer a Arte, suas linguagens e ter acesso ao mundo tecnológico, com oportunidades para que possam se desenvolver e tornar-se letrados em diferentes formas.

Contudo, se já sabemos que os letramentos são indispensáveis para a formação de um ser humano nesta sociedade letrada é necessário tornarmos clara a nossa questão maior.

1.4 PROBLEMATIZAÇÃO: da necessidade de buscar

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos.
(Paulo Freire)

O tema desta pesquisa Arte Multiconectada, nos traz a reflexão acerca da interação da Arte com as Tecnologias da Informação e Comunicação, possibilitando o acesso a diferentes formas de Letramento.

Trazemos como questão maior a ser respondida: Como os Professores de Arte entendem o uso das TIC em sala de aula?

Para podermos responder a essa questão definimos o objetivo geral e os objetivos específicos que nos auxiliarão a pesquisar, levantar os dados, sistematizar as informações encontradas e analisar os dados coletados.

1.5 OBJETIVOS: da criação das metas necessárias para entender o que pensa o professor de Arte

*Sem sonhos, a vida não tem brilho.
Sem metas, os sonhos não têm alicerces.
Sem prioridades, os sonhos não se tornam reais.
Sonhe, trace metas, estabeleça prioridades e corra riscos para executar seus sonhos.
Melhor é errar por tentar do que errar por se omitir!*
(Augusto Cury)

Para responder a questão trazida, traçamos como objetivo geral:

- Analisar o entendimento do uso das TIC pelos professores de Arte do Ensino Fundamental.

De modo a cumprirmos o objetivo geral, traçaram-se como objetivos específicos:

- Buscar referencial teórico que subsidie o tema do trabalho (Conceitos de Arte e suas linguagens, letramento e diferentes letramentos, tecnologia da informação e comunicação);
- Desenvolver um questionário fechado com uma questão aberta para conhecer o professor de Arte.
- Selecionar dois dos professores que tenham respondido ao questionário e entrevistar verificando como eles pensam sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nas aulas de Arte.

Partindo do pressuposto que a formação do professor é de grande relevância para sua atuação em sala de aula, consideramos que se o professor não é formado para o uso das TIC, poderá ou não desenvolver ou ter grandes dificuldades para aplicar os letramentos que são exigidos aos alunos em Arte.

Neste sentido, nossa vivência enquanto professora na experiência com Arte-Educação do Ensino Fundamental, nos traz a percepção inicial e não comprovada das diferentes dificuldades que enfrentamos no tocante ao Letramento de nossos alunos.

Sendo assim, o Mestrado em Educação foi a motivação para o aprofundamento nas implicações do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) nas aulas de Arte, partindo do olhar do professor e sua formação para este uso.

1.6 CONSTRUÇÃO DO MARCO TEÓRICO

*“É graça divina começar bem.
Graça maior persistir na caminhada certa.
Mas graça das graças é não desistir nunca”.
(Dom Hélder Câmara)*

Nosso primeiro contato com o marco teórico desta pesquisa se deu por meio de consulta ao banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nossa pesquisa se deu considerando as palavras-chave Arte/Educação, Arte/Educação e Linguagens Artísticas, Arte/Educação e Ensino Fundamental, Arte/Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação, Arte/Educação e Letramento. Delimitamos o ano de 2010 até 2012⁴.

Neste verificar o que já se estudou acerca do tema abordado, encontramos:

⁵ QUADRO1 - REGISTROS DE OCORRÊNCIAS DE DISSERTAÇÕES E TESES DO BANCO DE CAPES CONFORME CONTEXTOS DE PESQUISA

	<i>Todos os Campos</i>	<i>Palavras chave</i>
Arte/Educação	71	23
Arte/Educação e Linguagens Artísticas	5	3
Arte/Educação e Ensino Fundamental	16	6
Arte/Educação e Tecnologias da Informação e Comunicação	3	2
Arte/Educação e Letramento	0	0

FONTE: A autora (2016).

Considerando os contextos de filtragem, a quantidade de dissertações e teses, mostradas no quadro acima, de pesquisas realizadas, ilustram que ao conectar a Arte/Educação com outras áreas de pesquisa em suas palavras-chave, como com linguagens artísticas, Ensino Fundamental, Tecnologias da Informação e Comunicação, são consideravelmente poucas quando comparadas a quantidade de pesquisas utilizando apenas o termo Arte/Educação. Já na relação com o Letramento, os resultados foram zero. É importante destacar que ao realizar as filtragens utilizando todos os termos apresentados na tabela, encontramos uma mesma pesquisa/trabalho, contabilizando consequentemente diversas vezes a mesma pesquisa em diversos temas.

⁴ O critério utilizado para a delimitação de datas para a pesquisa, deu-se pela necessidade de encontrar no período anterior à pesquisa aqui fundamentada, início do mestrado..

⁵ Quadro 1: Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acessado em: 24 de agosto de 2015.

Nosso primeiro contato com as pesquisas já realizadas se deram pela leitura dos resumos dos trabalhos, partindo disso buscamos selecionar as pesquisas que sistematizamos em termos de literatura científica com maior proximidade sobre o nosso tema. Pois, considera-se, também importante trazer as pesquisas atuais, além dos pesquisadores abordados até o momento.

Dessa triagem, agrupando as pesquisas em abordagens gerais, contabilizamos 12 dissertações e teses (TABELA 2). Selecionamos para esta pesquisa, os pesquisadores que abordavam tópicos que nos interessavam e nos auxiliaram a aprofundar nosso referencial teórico.

⁶ QUADRO 2 - COSTRUÇÃO DO MARCO TEÓRICO
RESUMO DOS TRABALHOS ENCONTRADOS NO PORTAL DA CAPES.

Autor	Ano	Título	Palavras – Chave	Descrição	Resultados
Bess, Marcio Luiz.	2011	Diretrizes para o desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem em colaborativos voltados para a produção e elaboração de projetos de aprendizagem em arte-educação	Arte, educação, espaços virtuais colaborativos, diretrizes.	Faz-se vislumbrar um processo de ensino e aprendizagem apto a contemplar características da interdisciplinaridade, da dinâmica oferecida pelas TIC e do educando ativo que não se apresenta mais como mero receptor de informação.	As diretrizes propostas servem de subsídio para o desenvolvimento de ambientes que estimulem a colaboração e interdisciplinaridade na produção de materiais didáticos e práticas pedagógicas no ensino de artes.
Betker, Carine Pereira	2012	Ensino contemporâneo da arte: teorias e práticas	Arte-Educação; Arte-E ensino; Arte Contemporânea; Arte-teoria.	Com o intuito de observar o modo como o ensino da Arte Contemporânea tem se desenvolvido na prática, com o objetivo de levantar possíveis potencialidades para educação nesta área.	A análise dos dados foi desenvolvida com base na observação e busca de pontos de potência dos projetos, levando em consideração os referenciais de Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Utilizo a metáfora do Labirinto como modo de representar a complexidade existente tanto no processo de ensino contemporâneo da arte, como na arte contemporânea.

⁶ QUADRO 2 - Fonte: Trabalhos encontrados no Portal da CAPES em 2015.

continua

Autor	Ano	Título	Palavras – Chave	Descrição	Resultados
Bosco, Maria Cristina.	2011	O ensino da arte contemporânea	Arte-educação ; arte contemporânea; cultura contemporânea.	Este trabalho disserta sobre o ensino da arte contemporânea a partir de duas questões básicas: (1) por que se resiste ao ensino da arte atual, e (2) de que forma é possível exercê-lo.	Essa reflexão apresentada no quinto e último capítulo do presente estudo e não objetiva formular uma metodologia para o ensino de arte contemporânea, mas buscar aproximações e elaborar sugestões que possam auxiliar o educador de arte em sua prática de sala de aula.
Botton, Selma	2007	A arte e o letramento em educação de jovens e adultos	Arte-Estudo; Ensino; Arte-Educação ; Art. Eng ; Art-Education . Eng	Esta dissertação de mestrado é uma pesquisa sobre como o contato com as artes, especificamente as artes visuais, pode interferir afirmativamente no letramento de alunos adultos, entendendo por letramento não apenas o domínio das técnicas de leitura e escrita, mas o uso efetivo dessas competências para a realização pessoal.	A pesquisa compreende um panorama sobre a realidade de aquisição de letramento dos alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), uma breve exposição das teorias de aprendizagem que incluíram a arte em seus pressupostos das atividades realizadas com os alunos, seus desdobramentos e finalizações, usando o texto escrito pelos alunos, como fundamento para as considerações finais.
Castro, Rosana Andreia Costa	2008	Tecnologias da informação e comunicação: implicações da imagem digital para arte/educação contemporânea	Arte e Educação ; Imagens Digitais ; Cultura Digital ; Cultura Visual ; Multiculturalidade ; Imagens e Ilustrações; Arte - Estudo e Ensino ; Comunicações Digitais - Aspectos Sociais ; Arte por computador.	As Tecnologias de informação e comunicação resultaram, entre outros contextos, no surgimento da cultura digital e do ciberespaço. A vasta quantidade de equipamentos digitais, trazidos pelas TIC, facilitou sobremaneira o acesso à produção e difusão de imagens. A arte/ educação, por intermédio do ensino/aprendizagem das artes visuais, leva para salas de aula o estudo e a produção de imagens.	O que muda nessa prática pedagógica com a introdução das TIC no contexto educacional? Quais as implicações da imagem digital para a arte/educação contemporânea? Esse foi o foco da pesquisa que originou a presente dissertação.

continuação

Autor	Ano	Título	Palavras – Chave	Descrição	Resultados
lung, Eliane Jordy.	2012	Oficina-escola de artes de Nova Friburgo práticas interdisciplinares em uma escola pública de artes	Arte/ educação ; interdisciplinaridade ; memória	A pesquisa realizada se apoia em análises desenvolvidas sobre os projetos anuais da referida escola que envolvia diversas linguagens artísticas sob uma perspectiva pedagógica interdisciplinar.	Como resultado da investigação empreendida, conclui-se que a oficina-escola de artes de Nova Friburgo, que tinha como propósito fazer um trabalho unindo a cultura e a educação, revelou-se mais ampla ao avançar no propósito da valorização das experiências distintas de todos os envolvidos, em um constante diálogo entre prática e reflexão, possibilitando transformações na expressão dos sujeitos da pesquisa e em seu entorno.
Lelis, Soraia Cristina Cardoso	2004	Poéticas visuais em construção: o fazer artístico e a educação (do) sensível no contexto escolar	Arte-Estudo e Ensino; Arte; Arte na Educação ; Cultura ; Poética ; Estética	Esta dissertação apresenta uma pesquisa descritiva acerca do ensino de arte no Ensino Fundamental, cujo enfoque é a construção de poéticas visuais, abordando preferencialmente o fazer artístico, a pedagogia da experiência, a cultura e a educação estética imbricados para o desvelar do sensível no contexto escolar.	Propõe o diálogo educação e arte ao conceber a leitura da obra como processo de compreensão do mundo, desmistificando a arte como luxo, adereço ou disciplina não-séria no currículo escolar da educação básica.
Marcilio ,Elci Candido Ferreira	2012	Web & arte: desafios comunicacionais na educação	Comunicação, arte-educação , novas tecnologias digitais.	O presente estudo envolve a problemática do ensino de artes na rede municipal de educação de São Caetano do Sul (SP) após a inserção de novas tecnologias de informação e comunicação em suas escolas. Diante dessa nova realidade, uma pesquisa se fez necessária para identificarmos percepções e atitudes dos professores.	Suportes tecnológicos disponíveis nas escolas ajudam desde que fatores espaciotemporais e humanos sejam devidamente orquestrados. Os resultados obtidos também salientam a imprescindível presença de um profissional com habilidades, competências e apoio das autoridades, para que a comunicação na sala de aula ganhe um novo sabor e flua de maneira que possa construir conhecimentos relevantes à cidadania.

continuação

Autor	Ano	Título	Palavras – Chave	Descrição	Resultados
Paes, Bruno Teixeira	2012	A prática docente dos professores de arte do ensino público e seus possíveis diálogos com os PCN de arte.	Arte-educação ; currículo; parâmetros curriculares nacionais.	Esta dissertação de mestrado busca identificar as relações estabelecidas entre as práticas de professoras de ensino de artes e os parâmetros curriculares nacionais elaborados para o ensino de arte.	A análise dos dados permitiu apontar que as concepções e práticas das professoras investigadas encontram maior ancoragem em suas experiências, do que nas proposições dos parâmetros curriculares nacionais para a disciplina.
Pontes, Gilvânia Maurício Dias De Pillar, Analice Dutra	2013	Arte na educação da infância : saberes e práticas da dimensão estética	Aesthetic Experience ; Educação Infantil; Art/Education ; Semiótica ; Estética ; Teacher Training ; Professor ; Childhood Education ; Formação	O presente trabalho teve por objetivo investigar a relação entre experiências estéticas e prática docente com linguagens artísticas.	A abordagem acerca da influência das experiências estéticas na intencionalidade das propostas com linguagens artísticas pode orientar os processos de reflexão sobre a prática docente e apontar desdobramentos para futuros trabalhos sobre a importância da dimensão estética na formação de professores da infância.
Santana, Sâmara Oliveira Carbonari	2009	Ensino de arte: entre a imagem e a ação	Arte-estudo e Ensino; Arte na Educação ; Cultura; Poética; Estética.	As aulas de artes visuais e audiovisuais oferecem subsídios para pluralizar o repertório imagético, cabendo ao professor de Arte ser um agente fundamental na construção da aprendizagem dessa área de conhecimento, na medida em que promove a imaginação e o pensamento reflexivo.	A possibilidade de trabalhar com projetos em médio prazo, em que conteúdos específicos de arte sejam contemplados, requer planejamento e flexibilidade, bem como estratégias que garantam o envolvimento dos alunos.

conclusão

Autor	Ano	Título	Palavras – Chave	Descrição	Resultados
Silva, José Francisco Quaresma Soares	2012	Crônicas pedagógicas: revivências, arte e educação.	Vygotsky L. S ;Arte - Educação ; Estética; Art. ; Education ; Aesthetics	Este estudo tem como objetivo discutir a importância da vivência artística e estética no ambiente escolar, a partir das contribuições de Lev S. Vygotsky.	O presente estudo colabora com o debate na área, ao valorizar a importância da experiência subjetiva, e dá relevância à vivência do educando nas atividades estéticas, enquanto processo, onde se propõe como valoroso o encontro do estudante com a obra de arte, com os campos da estética e do sensível.

FONTE: Portal CAPES (2015)

As seleções destas pesquisas nos fizeram entender melhor a nossa questão de estudo, contribuindo também para o alcance de conhecimentos teóricos trazendo temas apropriados a nossa pesquisa, tais como Arte/educação e sua história, Tecnologias da Informação e Comunicação e Letramento, trazendo desta forma com outros olhares, estudos necessários para reflexão dentro de nosso tema: “Arte Multiconectada”.

1.7 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

“Organização é o princípio de tudo, mantê-la significa competência...”
 Alfredo Valente Júnior

Organizamos a presente dissertação em capítulos que julgamos importantes. Iniciamos com o desenvolvimento da introdução, na qual primeiramente realizamos uma apresentação pessoal da pesquisadora, na intenção de resgatar sua trajetória escolar, acadêmica e profissional.

Para isso, partimos dos primeiros caminhos percorridos em sua formação como professora de Arte, seguindo por suas experiências educacionais e suas experiências com pesquisas até o Mestrado em Educação. Buscamos resgatar aqui, a vivência da pesquisadora como estudante, na intenção de demonstrar os motivos que a levaram a escolher o tema “Arte Multiconectada” para a realização desta pesquisa.

Na sequência, ainda na Introdução apresentamos os questionamentos decorrentes do problema de pesquisa, bem como sua origem. Após, por meio dos objetivos, destacamos as metas que foram criadas para entendermos o problema.

Mostramos a construção do marco teórico. Apresentamos a busca pelas pesquisas, já realizadas, na presente área de estudo. Na intenção de demonstrar as contribuições, já existentes acerca do tema e, sobretudo responder a questão de estudo contribuindo, assim, para o alcance de conhecimentos teóricos e práticos no fazer educação.

Dividiremos a busca de nosso referencial do seguinte modo:

No primeiro capítulo falaremos sobre a Arte, trazendo informações sobre esta área do conhecimento e sua relação com a Educação, destacando o Ensino Fundamental, por fim, falaremos brevemente sobre as linguagens artísticas: artes visuais, música, dança e teatro.

No segundo capítulo, traremos a Arte Multiconectada, ou seja, a conexão da Arte com outros conhecimentos. Buscando uma interação da Arte e suas quatro linguagens artísticas (música, dança, teatro e artes visuais), com as TIC, contribuindo para diferentes letramentos dos alunos.

Com isso, o referencial teórico trazido para a busca dessas conexões será sobre Letramento, as diferentes formas de letramentos e sua relação com a Arte. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), também seu conceito e a relação com a Arte. Incluindo em todo o texto, o professor de Arte, que é o foco desta dissertação. Traremos informações sobre sua formação e sua relação com as TIC em sala de aula.

No terceiro capítulo, relembremos os objetivos desta pesquisa e apresentaremos os procedimentos metodológicos da mesma. Indicamos a natureza, o contexto e os sujeitos da pesquisa, bem como os instrumentos que serão utilizados e como se dará a organização e análise dos dados.

No quarto capítulo, apresentaremos os dados obtidos de forma organizada e sistematizada, de acordo com a abordagem de Análise do Discurso (AD).

E no quinto e último capítulo, traremos nossas considerações finais e conclusões deste estudo.

Com isso, para dar sequência a esta dissertação, iniciamos nossa construção teórica a respeito da Arte que nos auxiliará na análise dos dados coletados nesta pesquisa.

2 ARTE



Neste capítulo, aborda-se uma breve introdução sobre a Arte, trazendo informações sobre esta área do conhecimento e sua relação com a Educação. Traremos um quadro histórico do ensino da Arte no Brasil. Posteriormente, enfatiza-se a Arte no Ensino Fundamental e destacamos ao final um quadro com as diferentes linguagens artísticas: música, dança, teatro e artes visuais.

“Não devemos ter medo de inventar seja o que for, tudo o que existe em nós existe também na natureza, pois fazemos parte dela”.
(Pablo Picasso)

Se pararmos para pensar em nosso tempo de escola, lembraremos nos da quantidade de disciplinas que nos foram dadas. Muitas vezes eram tidas como as importantes, pois nos garantiriam um futuro melhor, para trabalhar e viver, diziam os professores e nossos pais. E a Arte, no meio destas disciplinas, era vista como aquela que poderia talvez nos divertir, aliviar a tensão das cobranças de outras áreas. Como comenta Duarte Júnior (2012), jamais aquelas aulas poderiam ter cumprido outra finalidade, jamais elas poderiam fazer de nós um “doutor” mais eficiente.

Mas será que não poderiam mesmo? Será que a arte, na vida do homem, não é algo mais do que simples lazer? (Se bem que o lazer é importantíssimo.) Será que, espremida entre as disciplinas “sérias”, as aulas de arte não estariam relegadas à segundo ou terceiro plano pelo próprio sistema educacional? Será que não haveria uma forma de a arte contribuir mais efetivamente para o nosso desenvolvimento? (DUARTE JR, 2012, p.10)

⁷ Figura 2 - Retrato de Marie Therese Walter, por Pablo Picasso
- Fonte: <http://www.oversodoinverso.com.br/a-tecnologia-invade-obras-de-arte-historicas>

Sempre temos que explicar, valorizar e justificar, quando falamos em Arte e seu ensino na escola, isso pode acontecer porque não somos educados para a Arte e pela Arte. Não aprendemos, na maior parte das vezes, a perceber a Arte ao nosso redor, em nossas vidas e muito menos pensar sobre a Arte. Mas qual seria a diferença entre ensinar e educar? Marcílio nos explica:

Para se ensinar algo é preciso organizar uma série de atividades didáticas, para levar os educandos à compreensão de áreas específicas do conhecimento como História, Matemática, Artes. Mas, para se educar, torna-se necessária a integração de muitas dimensões da vida ao ensino: percepção, reflexão e ação do todo e não somente das partes. Neste caso, apropria-se de competências e habilidades a fim de que se desenvolva a compreensão, o sentimento e a comunicação, que permite ao aluno conhecer não somente seus espaços como indivíduo, mas também como integrante de uma sociedade (MARCÍLIO, 2012, P.49).

Assim sendo, a educação pela Arte⁸, poderia nos levar a ampliação das percepções do mundo, auxiliando a construção da autonomia e da cidadania dos estudantes.

De acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação municipal de Curitiba:

A escola é responsável por estabelecer as comunicações entre a diversidade cultural de nosso tempo e a de outros tempos, possibilitando ao estudante a construção de sua individualidade. Esta só pode ser concretizada na medida em que existam os meios que propiciem a realização de sua subjetividade. O homem só pode vir a ser numa relação mútua com as condições cotidianas de sua própria vida, ao mesmo tempo em que realiza a cultura humana (CURITIBA, 2006, p.86).

A Arte se faz presente em todos os momentos da vida do homem, ela é uma constante. Faz parte da história de todos nós. É fruto do existir do homem. “Vale a pena refletir sobre a validade e a importância do ensino da Arte visando à formação de seres humanos mais capacitados para a vida e seus percursos” (CANTON, 2004, p.13).

A Base Nacional Comum Curricular (BNC) afirma que:

⁸ Em algumas situações desta pesquisa poderá aparecer as preposições por, pela Arte, além de Arte e Ensino, Arte e Educação, entretanto, em nenhum momento os distanciamos do conceito aqui trazido de Arte-Educação.

A Arte articula diferentes formas de cognição: saberes do corpo, da sensibilidade, da intuição, da emoção, etc., constituindo um universo conceitual e de práticas singulares, que contribuem para que os estudantes possam lidar com a complexidade do mundo, por meio do pensamento artístico. (BRASIL, 2016, p.82)

Deste jeito, a Arte, em suas diferentes linguagens contribui não somente para o desenvolvimento cognitivo, mas também o afetivo, resgatando valores indispensáveis para a formação de um cidadão crítico. Tendo a Arte, não como auxiliar, mas sendo a produção realizada nas aulas de Arte, um letramento.

Pois, a experiência estética que a Arte nos oferece, pode acalentar a imaginação e, conseqüentemente, nossa percepção de mundo. “Desta forma, a dimensão artística pode contribuir significativamente para humanização dos sentidos, ou seja, para a superação da condição de alienação e repressão à qual os sentidos humanos foram submetidos” (PARANÁ, 2008, p.23).

Destacamos, de acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná, as características centrais do conhecimento artístico, sendo a criação e o trabalho criador.

Esta característica da arte ser criação é um elemento fundamental para a educação, pois a escola é, a um só tempo, o espaço do conhecimento historicamente produzido pelo homem e espaço de construção de novos conhecimentos, no qual é imprescindível o processo de criação. Assim, o desenvolvimento da capacidade criativa dos alunos, inerente à dimensão artística, tem uma direta relação com a produção do conhecimento nas diversas disciplinas (PARANÁ, 2008, p.23).

Assim, o ensino de Arte deve aproveitar-se do seu complexo e valioso conteúdo, como lembra Marcílio (2012, p. 49), da inserção e permanência de seu ensino nos currículos escolares, aliando-se ao desafio das escolas: o uso das novas tecnologias.

Em relação a isso, citamos um dos objetivos gerais da Arte na Educação Básica, segundo a BNC (2016, p.86), que é “explorar os recursos tecnológicos como meio para o registro, pesquisa e criação em Arte”.

A Arte é criar, produzir algo. É uma forma do ser humano expressar suas emoções, sua história, sua cultura. Em se tratando de Ensino trazemos na sequência o conceito de Arte-Educação⁹.

2.1 ARTE- EDUCAÇÃO

*“arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós”.
(João Francisco Duarte Júnior)*

Com a chegada das indústrias, o homem passou a ser educado de uma forma fragmentada e conseqüentemente vivemos em um mundo compartimentado, separando- se a razão da emoção, o sentimental do intelectual.

Por isso nossas escolas iniciam-nos, desde cedo, na técnica do esquadramento mental. Ali devemos ser apenas um homem pensante. As emoções devem ficar fora das quatro paredes das salas de aula, a fim de não atrapalhar nosso desenvolvimento intelectual. Os “recreios” e as “aulas de arte” são os únicos momentos em que a estrutura escolar permite alguma fluência de nossos sentimentos e emoções (DUARTE JR, 2012, p.11).

Mas existe a possibilidade de ser diferente, de razão e emoção se desenvolverem juntos, se completarem. Alguns estudiosos, acreditando nesta possibilidade, criaram a educação fundamentada naquilo que sentimos que se denominou de “educação através da arte” (DUARTE, 2012, p. 12).

Esta expressão – educação através da arte -, criada por Herbert Read em 1943, popularizou-se e chegou até nós. Posteriormente foi abreviada e simplificada para: *arte- educação*, mas seu espírito original ainda continua vivo. É preciso dirimir dúvidas desde já: arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós (DUARTE JR, 2012, p.12).

⁹ Como já colocado anteriormente, em algumas situações desta pesquisa poderá aparecer as preposições por, pela Arte, além de Arte e Ensino, Arte e Educação, entretanto, em nenhum momento os distanciamos do conceito aqui trazido.

Logo, a Arte permite focar a atenção nos sentimentos, contribuindo para o seu aprimoramento, além de estimular a imaginação. Possibilita um contato direto não somente com sentimentos de nossa cultura, mas também com o de outras.

No entanto, Arte-Educação não quer dizer apenas inserir a disciplina de Arte nos currículos escolares, pois na situação atual, seguindo um ensino fragmentado, a Arte se torna apenas mais uma disciplina entre tantas outras existentes. “(...) arte-educação, no fundo, nada mais é do que o estímulo para que cada um exprima aquilo que sente e percebe. Com base nessa expressão pessoal, própria, é que se pode vir a aprender qualquer tipo de conhecimento construído por outros” (DUARTE JR, 2012, p.75).

Como explicado anteriormente sobre a "abordagem triangular" (BARBOSA, 1997), destacamos que o objetivo da abordagem triangular é estimular uma conexão da Arte com outras disciplinas, desta forma interconectando aos objetivos da presente pesquisa.

O estudo da interdisciplinaridade como abordagem pedagógica é central para o ensino de arte. A arte contemporânea é caracterizada pelo rompimento de barreiras entre o visual, o gestual e o sonoro. O happening, a performance, a body art, a arte sociológica e ambiental, o conceitualismo e a própria vídeo art são algumas das manifestações artísticas que comprovam uma tendência atual para o inter-relacionamento de diversas linguagens representativas e expressivas. Portanto, pelo isomorfismo organizacional, a interdisciplinaridade deve ser o meio através do qual se elaborem os currículos e a práxis pedagógica da arte. (BARBOSA, 1984, p.68).

Para Marcílio (2012) o conhecer e refletir o tempo que o professor vive representa sua própria profissão, que é ser professor, e para isto deve sempre estudar: “O professor de Arte, portanto, deverá ser um eterno estudioso destas muitas culturas, das novas TIC, da História da Arte e estar sempre refletindo sempre sobre os próprios saberes, sua formação e renovação” (MARCÍLIO, 2012, p.53).

Para entendermos melhor o Professor de Arte, devemos entender também, mesmo que sem maiores profundidades, o processo histórico do ensino de Arte, no Brasil.

Ainda, segundo Marcílio (2012), no Brasil, o ensino de Arte - a partir de estudos sobre a História da Arte-educação - nos mostra que existem três grandes tendências conceituais:

- ensino de Arte Pré-Modernista – concepção essencialmente técnica;
 - ensino de Arte Modernista – concepção de expressão e atividade;
 - ensino de Arte Pós-Modernista – concepção como conhecimento.
- (MARCÍLIO, 2012, p. 50).

Talvez, estas concepções, apontadas pelo autor nos tragam mais respostas acerca da formação do professor de Arte, para então entendermos o pensamento deste professor na atualidade em que vivemos.

Tentaremos trazer o ensino de Arte entendido por muito tempo como técnica, atividade, habilidade ou dom, muitas vezes colocado como coadjuvante em relação às demais áreas do conhecimento.

Na raiz deste ensinamento, poderemos perceber que “suas influências e desdobramentos permitem considerar o ensino de Arte como um subsistema da educação marcado pelos fenômenos da dependência e da invasão cultural sofrido pelo nosso país” (LELIS, 2004, p.29).

Deste modo, focando nos aspectos cultural e educacional, buscamos historiar o percurso da Arte na escola dentro do contexto nacional, de maneira a nos auxiliar a responder nossa questão maior: Como os professores de Arte do Ensino Fundamental entendem o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, em seu trabalho profissional?

Neste sentido, traremos (TABELA 3) uma linha do tempo do ensino de Arte no Brasil, um breve olhar sobre esta história para podermos nos aproximar de nosso objeto de estudo.

QUADRO 3 - LINHA DO TEMPO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL¹⁰

Ano	Breve histórico
1816	Durante o governo de dom João VI, chega ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa e é criada a Academia Imperial de Belas Artes. Seguindo modelos europeus, é instalado oficialmente o ensino de Arte nas escolas.
1900	Até o início do século 20, o ensino do desenho é visto como uma preparação para o trabalho em fábricas e serviços artesanais. São valorizados o traço, a repetição de modelos e o desenho geométrico.

¹⁰ QUADRO 3 - Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais / *Metodologia do Ensino da Arte*, Maria Heloísa C. de T. Ferraz e Maria. F. de Rezende e Fusari / *Para gostar de aprender Arte: Sala de aula e formação de professores*, Rosa Lavelberg / Revista Nova Escola – Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=4> / LEI 13.278/2016 – Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm

QUADRO 3 - LINHA DO TEMPO DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL¹¹

conclusão

Ano	Breve histórico
1922	Apesar da efervescência das manifestações da Semana de Arte Moderna, o ensino segue as tendências da escola tradicional, que defende a necessidade de copiar modelos para treinar habilidades manuais.
1930	O compositor Heitor Villa-Lobos, no governo de Getúlio Vargas, institui o projeto de canto orfeônico nas escolas. São formados corais, que se desenvolvem pela memorização de letras de músicas de caráter folclórico e cívico.
1935	O escritor Mario de Andrade, então diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo, promove um concurso de desenho para crianças com tema livre. O ganhador recebe uma quantia em dinheiro.
1948	É criada no Rio de Janeiro a primeira "Escolinha de Arte", com a intenção de propor atividades para o aluno desenvolver a autoexpressão e a prática. Em 1971, chega a 32 o número de instituições particulares desse tipo no país.
1960	As experimentações que marcam a sociedade, como o movimento da Bossa Nova, influenciam o ensino de Arte nas escolas de todo o país. É a época da tendência da livre expressão se expandir pelas redes de ensino.
1971	Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Educação Artística (que inclui artes plásticas, educação musical e artes cênicas) passa a fazer parte do currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio.
1973	Criação dos primeiros cursos de licenciatura em Arte, com dois anos de duração e voltados à formação de professores capazes de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico.
1989	Desde 1982 desenvolvendo pesquisas sobre três ideias (fazer, ler imagens e estudar a história da arte), Ana Mae Barbosa cria a proposta triangular, que inova ao colocar obras como referência para os alunos.
1996	A LDB passa a considerar a Arte como disciplina obrigatória da Educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais definem que ela é composta de quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro.
1997/98	Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), são propostos em 1997/98, pelo Ministério da Educação (MEC) colocando a Arte em seu lugar dentro do currículo escolar, com a mesma importância e tratamento que as demais áreas do conhecimento.
2016	Lei 13.278/2016, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9.394/1996) e inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica. Estabelecendo prazo de cinco anos para que os sistemas de ensino promovam a formação de professores para implantar esses componentes curriculares no ensino infantil, fundamental e médio.

QUADRO 3 - FONTE: Revista Nova Escola

Conhecendo brevemente a história do ensino de Arte no Brasil, podemos perceber que foram muitas as transformações ao longo da história. Na sequência conheceremos as principais tendências (TABELA 4) desta área.

¹¹ QUADRO 3 - Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais / *Metodologia do Ensino da Arte*, Maria Heloísa C. de T. Ferraz e Maria. F. de Rezende e Fusari / *Para gostar de aprender Arte: Sala de aula e formação de professores*, Rosa Lavelberg / Revista Nova Escola – Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=4> / LEI 13.278/2016 – Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm

QUADRO 4 – PRINCIPAIS METODOLOGIAS NO ENSINO DE ARTE¹²

Tendência	Foco	Estratégia de ensino
TRADICIONAL Unânime na maneira de ensinar desde o fim do século 19 até a década de 1950. Ainda está presente em muitas escolas.	Aprendizado de técnicas e desenvolvimento de habilidades manuais, coordenação motora e precisão de movimentos para o preparo de um produto final.	Repetição de atividades, cópia de modelos e memorização. O professor adota a postura de transmissor do conhecimento. Ao aluno, basta absorver o que é ensinado sem espaço para a contestação. A turma era bem avaliada quando conseguia reproduzir com rigor as obras de artistas consagrados.
LIVRE EXPRESSÃO Nasceu por volta de 1960 sob a influência das ideias do movimento da Escola Nova.	O que importa não é o resultado, mas o processo e, principalmente, a experiência. Há a valorização do desenvolvimento criador e da iniciativa do aluno durante as atividades em classe.	Desenho livre e uso variado de materiais. Não há certo ou errado na maneira de fazer de cada estudante. Ao professor, não cabe corrigir ou orientar os trabalhos nem mesmo utilizar outras produções artísticas para influenciar a turma. A ideia é que o estudante exponha suas inspirações internas.
SOCIOINTERACIONISTA É a tendência atual para o ensino da disciplina. A ideia de considerar a relação da cultura com os conhecimentos do aluno e as produções artísticas surgiu na década de 1980.	Favorecer a formação do aluno por meio do ensino das quatro linguagens de Arte: dança, artes visuais, música e teatro.	A experiência do aluno e o saber trazido de fora da escola são considerados importantes e o professor deve fazer a intermediação entre eles. O ensino é baseado em três eixos interligados: produção (fazer e desenvolver um percurso de criação), apreciação (interpretar obras artísticas) e reflexão sobre a arte (contextualizar e pesquisar). Apesar dessa divisão, não deve haver uma ordem rígida ou uma priorização desses elementos ao longo do ano letivo.

FONTE: Revista Nova Escola

Portanto, conhecemos brevemente o histórico do ensino da Arte, sua trajetória dentro do ambiente escolar e as tendências mais comuns em seu ensino, que nos permite aproximar de nosso objeto de estudo.

Contudo, buscando situar esta pesquisa na atualidade, relacionando a Arte com as tecnologias, citamos Bueno (1999) que destaca o olhar como elemento

¹² QUADRO 4 - Fonte: Revista Nova Escola – Acesso em :

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=5>

constituente da arte contemporânea e aponta duas razões principais para esta transformação: uma relacionada à necessidade dos artistas de compor com a tecnologia para o processo de criação de seus objetos artísticos, aliando-se com outras áreas do conhecimento para melhor formar sua pesquisa artística. E o outro aspecto apontado por Bueno (1999) diz respeito ao fato de que os artistas criaram a possibilidade do fazer em um trabalho coletivo. “Na medida em que são incluídas outras pessoas, técnicos, especialistas, para fazer parte da execução do objeto artístico, a aura do artista como “predestinado” e da obra única é quebrada” (ROSA, 2005, p.43).

Desta forma, se essas duas razões apresentadas pelo autor envolve o artista, também deve envolver o professor de Arte, quanto ao uso das tecnologias, o contato com outras áreas, produções coletivas, em aprender junto. Assim, como nos afirma Camas:

O professor que se apropria do uso das tecnologias em sua prática tem a oportunidade de romper com o paradigma de ser o possuidor de conhecimentos para uma situação que preze pela relação de compartilhar com os outros professores e com os alunos. (2013, p.186).

Em defesa disso, temos a Proposta Triangular, já citada anteriormente que “preocupa-se com a formação estética e artística, com base na produção já existente, utilizando-se dos meios tecnológicos à disposição da tarefa pedagógica (ROSA, 2005, p.52)”.

A centralidade da Proposta Triangular é utilizar obras de arte no ensino, com o uso de vídeo cassete, projetor de slides, visitas a museus e outras atividades que possam dar acesso ao conhecimento da obra de arte, superando um enfoque de ensino que apele unicamente à livre-expressão e a não diretividade no ensino da arte. O programa é estruturado especialmente sob a leitura da imagem, com auxílio da história da arte, para uma melhor compreensão do contexto e também do fazer artístico como possibilidade do aprendizado da arte, sendo que a aplicação da proposta não necessita exatamente desta ordem: leitura, história da arte e fazer artístico (ROSA, 2005, p.51).

No entanto, a proposta triangular poderia ter tido maior êxito se os professores de Arte tivessem mais fundamentos estéticos. “A formação existente entre os professores de arte enfatizava o fazer em detrimento do refletir sobre o objeto artístico, isso de certa forma ocasionou uma superficialidade no conhecimento dos conteúdos artísticos e teorias da Arte” (ROSA, 2005, p.51).

A formação do professor de artes, seus hábitos, suas condições de trabalho, seu reduzido consumo cultural e o desprestígio dos campos (escolar e artístico) em relação ao ensino nos quais atua são fatores importantes de fragilização frente à nova proposta: o professor não está preparado, não se sente seguro nem para utilizar, nem para criticar (COELHO, 1996, p.149).

Pimenta (2002) nos mostra que, para que haja um processo reflexivo, o professor tem que ter o desejo de construir sua trajetória de formação, pois, não existe a possibilidade de impor um processo reflexivo.

Demo (2000a) traz uma discussão que:

Revela o quanto o processo de formação dos professores, em todos os níveis, é deficiente, ou porque ignora este tipo de interdisciplinaridade complexa, ou porque se distancia dos padrões reconstrutivos da aprendizagem; de uma parte, para dar conta da aprendizagem é mister dedicação muito mais ampla e recorrente, do que os cursos de pedagogia e similares supõem, e, de outra, é preciso fazer do professor o lúdico profissional da aprendizagem, para não incidir na contradição performativa; a maior pecha do professor é não saber aprender, porque, com isso, pode constituir-se no fator mais comprometedor em termos de coibir a aprendizagem do aluno; por outra, o aluno terá sua melhor chance, se puder desenvolver-se sob os olhos atentos de um professor que é a própria imagem de quem sabe pensar e aprende a aprender, em particular quando se conjuga adequadamente qualidade formal e política (2000a, p.114).

Gatti (2010, p.1359) também apresenta as preocupações e deficiências existentes nos cursos de licenciatura:

As licenciaturas são cursos que, pela legislação, têm por objetivo formar professores para a educação básica. (...) Hoje, em função dos graves problemas que enfrentamos no que respeita às aprendizagens escolares em nossa sociedade, a qual se complexifica a cada dia, avoluma-se a preocupação com as licenciaturas, seja quanto às estruturas institucionais que as abrigam, seja quanto aos seus currículos e conteúdos formativos.

A autora apresenta um estudo onde analisa currículos e ementas curriculares de cursos de formação de professores em três licenciaturas: letras, matemática e ciências biológicas, e um dos aspectos apresentados é o fato dos “saberes relacionados a tecnologias no ensino estão praticamente ausentes” (Gatti, 2010, p.1374).

Para verificar esta teoria no ensino de Arte, buscamos verificar o currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais, em seis diferentes e grandes instituições de ensino superior da cidade de Curitiba.

No entanto, conseguimos acessar a matriz curricular em apenas três das instituições acessadas, nas quais destacamos em anexo: a Faculdade de Artes do Paraná (FAP – ANEXO 1), Universidade Federal do Paraná (UFPR – ANEXO 2) e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP – ANEXO 3). Escolhemos apenas as licenciaturas nesta linguagem artística, por ser o mesmo curso de formação acadêmica da pesquisadora.

Analisando a matriz curricular deste curso nas instituições descritas acima, podemos constatar que realmente os saberes relacionados a tecnologias na prática pedagógica são praticamente ausentes, ou pelo menos não é especificado uma disciplina para tecnologias com foco na prática pedagógica.

As três instituições oferecem a disciplina de fotografia entre o 1º e 3º ano, duas delas oferecem a disciplina de multimeios, com foco em fotografia e computação gráfica e uma das instituições oferece como optativa a disciplina de cinema.

Com isso, sobre a inserção das novas tecnologias na formação do professor Scheibe (2010, p.993) comenta:

É desejável a inserção cada vez maior das novas tecnologias da informação e do seu conhecimento nos processos formativos de docentes como ação integrada a um conjunto de ações formativas presenciais, para contribuir com a democratização do acesso a novos espaços e ações de formação, proporcionando mais flexibilidade na organização e desenvolvimento dos estudos. Assim, requerem-se locais formativos dotados de equipamentos de informática, sem descuidar, no entanto, da ampliação das suas bibliotecas, laboratórios e salas de aula.

As inovações educacionais, tecnológicas, as mídias e suas relações, é um aspecto bastante ressaltado nas resoluções, que não é específico da área de Arte. Rosa (2004) e Cunha (2008) são duas teses que apontam para a importância das tecnologias na formação de professores de Arte, estas no caso seguem uma abordagem no campo da teoria crítica.

Ressaltamos que ambos os estudos identificam a importância do uso e da inserção das Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC's) e de uma reflexão crítica para uma fruição qualificada do material produzido no contexto da Rede Mundial de Computadores (WEB). Essa perspectiva também vai de certa forma alterar os processos de formação de professores de arte, tanto pela aprendizagem a partir das tecnologias, quanto pelo que os estudantes nas escolas vão manifestar de interesse e de inserção no mundo da Internet e demais elementos de interatividade, as chamadas TiC's (SILVA, 2010, p.10)

Contudo, encontramos diversos autores que buscam a qualidade da formação do professor de Arte, citamos Barbosa (1998), Mason (2001), Richter (2003), Rosa (2004), McLaren (1997, 1999, 2000 e 2002). “O ensino de Arte na contemporaneidade convive com esta complexidade e com uma diversidade de proposições que se constituem como desafios na formação de professores” (ROSA, 2005, p.61).

Destacamos a importância do professor em se preocupar em como ensinar Arte, como desenvolver a sensibilidade de seus alunos, em ouvir, ver, gesticular, apreciar e conhecer a Arte e o mundo ao redor, principalmente no mundo conectado em que vivemos. Interagir com outras áreas e fazer uso das TIC como aliada nesse processo.

Contudo, no próximo tópico, focaremos o ensino de Arte no Ensino Fundamental, que é o nível de ensino que nos interessa entender nesta pesquisa.

2.2 ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

*“a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência,
que é preciso mudar referências a cada momento,
ser flexível”.*
(Parâmetros Curriculares Nacionais)

Para levar o aluno à compreensão de cada uma das áreas do conhecimento, é necessária a organização de uma série de atividades didáticas para ensiná-lo. “Mas, para se educar, torna-se necessária a integração de muitas dimensões da vida ao ensino: percepção, reflexão e ação do todo e não somente das partes” (MARCÍLIO, 2012, p.49).

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender (BRASIL, 1997a, p.19).

E para que o aluno desenvolva esta flexibilidade, é importante levá-lo a desenvolver progressivamente um caminho de criação próprio para aprender Arte, por meio de interações que sejam significativas.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas (BRASIL, 1997a, p.15).

No Brasil, como já vimos, temos no ensino de Arte, as diretrizes necessárias para um educar, visando à ampliação das percepções do mundo, “tanto de acordo com a perspectiva do próprio sujeito observador, quanto pelo ângulo dos espectadores das suas relações sociais; visando à construção da autonomia e da cidadania dos educandos” (MARCÍLIO, 2012, p.49).

Com relação ao Ensino Fundamental, os PCN (1997) destacam sua importância:

O Ensino Fundamental configura-se como um momento escolar especial na vida dos alunos, porque é nesse momento de seu desenvolvimento que eles tendem a se aproximar mais das questões do universo do adulto e tentam compreendê-las dentro de suas possibilidades. Ficam curiosas sobre temas como a dinâmica das relações sociais, as relações de trabalho, como e por quem as coisas são produzidas (BRASIL, 1997a, p.35).

Com relação à Arte, “o aluno pode tornar-se consciente da existência de uma produção social concreta e observar que essa produção tem história” (BRASIL, 1997a, p.35).

Os PCN nos colocam ainda as diferenças de vivências da Arte entre os anos iniciais e os anos posteriores do Ensino Fundamental:

O aluno de primeira a quarta série do Ensino Fundamental busca se aproximar da produção cultural de arte. Entretanto, tais interesses não podem ser confundidos com submissão aos padrões adultos de arte. A vivência integral desse momento autorizará o jovem a estruturar trabalhos próprios, com marca individual, inaugurando proposições poéticas autônomas que assimilam influências e transformam o trabalho que desenvolvem dentro do seu percurso de criação nas diversas formas da arte. No período posterior, de quinta a oitava séries, essa vivência propiciará criar poéticas próprias, concretizadas com intencionalidade (BRASIL, 1997a, p.37).

Como já vimos anteriormente temos quatro linguagens com conteúdos específicos que colaboram com a formação do cidadão, que são eles: artes visuais, música, dança e teatro. Segundo os PCN:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam o ensino e a aprendizagem de conteúdos que colaboram para a formação do cidadão, buscando igualdade de participação e compreensão sobre a produção nacional e internacional de arte. A seleção e a ordenação de conteúdos gerais de Arte têm como pressupostos a clarificação de alguns critérios, que também encaminham a elaboração dos conteúdos de Artes Visuais, Música, Teatro e Dança e, no conjunto, procuram promover a formação artística e estética do aprendiz e a sua participação na sociedade. (BRASIL, 1997a, p.41)

Desta forma

cabe ao ensino da arte a tarefa de proporcionar ao estudante o conhecimento dos códigos das diferentes linguagens artísticas, no sentido de instrumentalizá-lo para a leitura e a interpretação, e o desenvolvimento da capacidade criadora ou criatividade estética para a autoexpressão (CURITIBA, 2006, p.89).

Portanto, como podemos perceber o período do Ensino Fundamental é um momento importante na vida do aluno. Em Arte, é o momento em que ele vai perceber conscientemente a produção social, e perceber que essa produção tem história, ao mesmo tempo em que pouco a pouco, nas diferentes formas de Arte, vai criando autonomia e características próprias em suas produções artísticas.

O componente curricular Arte engloba quatro diferentes subcomponentes: artes visuais, dança, teatro e música, bem como de suas práticas integradas (como, por exemplo, a performance, a instalação, a vídeo arte, o circo, a vídeo dança, a ópera, etc.). Cada subcomponente tem seu próprio contexto, objeto e estatuto, constituindo-se em um campo que, ao mesmo tempo em que compõe transdisciplinarmente a área da Arte, tem uma singularidade que exige abordagens específicas e especializadas. Sua presença, como conteúdo obrigatório nas diferentes etapas da Educação Básica, está assegurada pelo disposto na Lei 11.769/ 2008 (música) e no Projeto de Lei7032/ 2010 (demais subcomponentes), que alteram a redação dos parágrafos 2º e 6º do Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (BRASIL, 2016, p.82)

Partindo disso, na sequência falaremos brevemente de cada uma dessas linguagens artísticas, apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o ensino da Arte, pois julgamos importante para esta pesquisa, pelo fato de os

professores de Arte, muitas vezes terem formação em apenas uma dessas linguagens, e terem que atuar de forma polivalente.

2.3 LINGUAGENS ARTÍSTICAS

“a função da Arte na Educação é essa, desenvolver as diferentes inteligências”.
(Ana Mae Barbosa)

O homem cria objetos artísticos ou tem no próprio corpo a Arte fazendo uso de diferentes técnicas e materiais, que pode resultar em uma coreografia, uma música, uma fotografia, um desenho, uma pintura, uma encenação, entre outros. Para produzir uma dessas composições, ele vai trabalhar com o objeto de estudo e com elementos fundamentais e específicos da linguagem escolhida.

Segundo os PCN, a BNC, as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná e também das Diretrizes Curriculares para Educação Municipal de Curitiba, além do Caderno Pedagógico deste mesmo município, devemos contemplar em Arte suas quatro linguagens, no ambiente escolar: a dança, as artes visuais, o teatro e a música são linguagens artísticas, podendo oportunizar aos alunos ao se ter contato, não apenas conhecimento, mas uma fonte de inspiração e desenvolvimento da sensibilidade para a expressão da criança, que:

(...) têm na música, na dança, no teatro e nas artes visuais uma forma de expressão inigualável. Estimular a prática artística deve ser um dos objetivos de todo professor, tendo em vista os conhecidos benefícios que isso traz para o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. (ZAGONEL, 2011, p.x)

Por isso, a importância de oportunizar ao estudante a vivência com diferentes formas de Arte, buscando desenvolver e aprofundar cada modalidade artística descrita a seguir (QUADRO 5).

QUADRO 5 – LINGUAGENS ARTÍSTICAS¹³

Linguagem Artística	Descrição	Conclusão
---------------------	-----------	-----------

¹³ QUADRO 5 - Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais / *Metodologia do Ensino de Arte*, Zagonel, B. (Org.); Onuki, G.M.; Dória, L.F.; Diaz, M.V.

QUADRO 5 – LINGUAGENS ARTÍSTICAS¹⁴

continua

Linguagem Artística	Descrição	Conclusão
Artes Visuais	O objeto de estudo das Artes Visuais é a imagem, trabalhada pelo homem de algum modo, seja de forma tradicional (pintada, esculpida, desenhada, colada, etc...), e “modalidades provenientes dos avanços tecnológicos e estéticos são parte integrante das artes visuais” (DIAZ; ZAGONEL (Org.), 2011, p.221).	Vivemos em um mundo rodeado por imagens, por isso se faz importante e necessário ensinar o aluno a olhar, a adquirir a sensibilidade de observar detalhes, a saber ver uma obra de arte.
Música	O som é o objeto de estudo da Música, que pode ser trabalhada a partir do som de vozes, de instrumentos musicais, de sons da natureza ou da combinação de todos esses elementos sonoros. “Música é música, seja ela de boa qualidade ou não, seja ela antiga, popular, contemporânea, clássica ou comercial. Pode ser cantada, tocada, pode usar os sons mais estranhos, dos ruídos aos sintetizados, pode parecer alegre ou triste, não importa. Música é sempre música” (ZAGONEL (Org.), 2011, p.21).	Como professores de Arte, devemos ampliar o repertório, apresentando uma diversidade musical maior aos nossos alunos, procurando formar apreciadores exigentes, conscientes com um gosto apurado e crítico.
Dança	O objeto de estudo da dança é o movimento, mais especificamente o movimento expressivo, que são aqueles que atendem às necessidades estéticas do ser humano. O ensino da dança pode reelaborar o movimento existente na vida cotidiana, levando a um autoconhecimento sobre seu próprio corpo e do outro, levando a “um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade” (BRASIL, 1997, p.49).	Por meio da dança é possível também educar os alunos para a mídia, não trazendo algo que já conhecem, reproduzindo coreografias, mas sim, partindo disso, buscar ampliar o seu repertório cultural, “promover o ensino da dança de modo crítico e transformador, abarcando tanto a formação artística e estética do aluno como a sua participação na sociedade” (ONUKE; ZAGONEL(Org.), 2011, p.197). A autora nos afirma ainda que “(...) a dança precisa ser estudada, compreendida, vivenciada e não pode restringir-se ao mero entretenimento” (ONUKE; ZAGONEL (Org.), 2011, p.185).

¹⁴ QUADRO 5 - Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais / *Metodologia do Ensino de Arte*, Zagonel, B. (Org.); Onuki, G.M.; Dória, L.F.; Diaz, M.V.

Linguagem Artística	Descrição	conclusão Conclusão
Teatro	A representação é o objeto de estudo do Teatro, ou seja, deixar de ser si próprio para representar um personagem, tornar-se, em um faz de conta, um outro ser. “A criança, ao começar a frequentar a escola, possui a capacidade da teatralidade como um potencial e como uma prática espontânea vivenciada nos jogos de faz-de-conta. Cabe à escola estar atenta ao desenvolvimento no jogo dramatizado oferecendo condições para o exercício consciente e eficaz, para aquisição e ordenação progressiva da linguagem dramática. Deve tornar consciente as suas possibilidades, sem a perda da espontaneidade lúdica e criativa que é característica da criança ao ingressar na escola.” (BRASIL, 1997, p.57).	O teatro é uma linguagem artística que mistura imagem, palavra, som, ação, luz, poesia e dramaticidade, por isso é uma das formas de expressões mais completas.

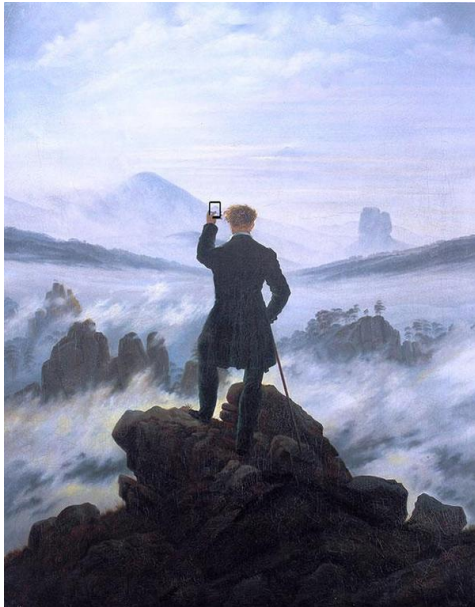
FONTE: Adaptado de PCN; ZAGONEL(2011).

Desta maneira:

Ao considerar que a formação em Arte acontece em licenciaturas específicas (artes visuais, dança, teatro e música), é necessário garantir professores habilitados em cada um dos subcomponentes, para todas as etapas da Educação Básica. Igualmente, é fundamental assegurar espaços físicos e materiais adequados para a prática de cada subcomponente, bem como tempo apropriado para o desenvolvimento do trabalho. (BRASIL, 2016, p.82)

Após essa contextualização que vimos da Arte, seu ensino, histórico e suas linguagens no Ensino Fundamental. Traremos no próximo capítulo a Arte Multiconectada, ou seja, traremos a Arte com as conexões que buscamos fazer nesta pesquisa, que são eles: as diferentes formas de Letramento e as TIC, interconectado com o professor de Arte, para analisarmos posteriormente seu entendimento sobre o uso das TIC em sala de aula.

3 ARTE MULTICONECTADA



15

Neste capítulo, aborda-se a Arte Multiconectada propriamente dita, apresentando as conexões com os diferentes conhecimentos que pretendemos realizar com o ensino de Arte. Traremos o referencial teórico para a busca dessas conexões que será sobre Letramento, seu conceito, as diferentes formas de Letramento e sua relação com a Arte. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e suas interfaces com o ensino de Arte e o Professor de Arte e sua relação com as TIC em sala de aula.

“Posso falar da escrita e da leitura como também uma forma de arte, onde a educação estética seja usada não apenas como meio.”
(Vygotsky)

Neste segundo capítulo, traremos a Arte Multiconectada, que são conexões que pretendemos realizar com o ensino de Arte. Chamamos de Arte Multiconectada, justamente por fazer várias, mais de uma conexão da Arte, com o pensamento do Professor de Arte, com as TIC, com as diferentes formas de Letramento e com a Educação.

Com isso, o referencial teórico trazido para a busca dessas conexões será sobre o Letramento e As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), seus conceitos, diferenças, sua relação com a Arte, tudo de forma conectada com o Professor de Arte e a Educação.

Para entendermos melhor o porquê das conexões realizadas em nossa pesquisa, tentando responder nossa questão maior, que é: Como os professores de Arte entendem o uso das TIC em sala de aula? Ou seja, como entendem esse uso

¹⁵ Figura 3 - O Viajante sobre o Mar de Névoa, de Caspar David Friedrich
- Fonte: <http://www.oversodoinverso.com.br/a-tecnologia-invade-obras-de-arte-historicas>

para levar em forma de conhecimento para sua prática pedagógica. Buscamos, então, referencial teórico que nos subsidie a responder tal questão.

O tema desta pesquisa Arte Multiconectada, nos traz uma reflexão acerca da interação da Arte, atendendo as quatro linguagens artísticas – música, dança, teatro e artes visuais, os quais já vimos no capítulo anterior, com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), possibilitando o acesso a diferentes letramentos.

Para isso, na sequência, traremos referencial teórico em nossa Arte Multiconectada: Letramento será a nossa primeira conexão, na qual discutiremos brevemente seu conceito, os tipos de letramentos existentes e sua relação com a Arte. Em seguida, em nossa segunda conexão, falaremos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), trazendo também seus conceitos e importância de seu uso em sala de aula e nas aulas de Arte. Por fim, falaremos sobre o professor de Arte e sua relação com as TIC.

3.1 LETRAMENTO: Conceito, as diferentes formas de letramentos e sua relação com a Arte

*“Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser”.*
(McLAUGHIN.;VOGT)

O Letramento, nesta pesquisa estará relacionado à Arte, com isso, por que não fazer uso da Arte para defini-lo? Letramento em um poema:

O que é Letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
 Uma lista de compras, recados colados na geladeira,
 um bilhete de amor,
 telegrama de parabéns e cartas
 de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
 sem deixar sua cama,
 é rir e chorar
 com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
 sinais de trânsito, caças ao tesouro,
 manuais, instruções, guias,
 e orientações em bulas de remédios,
 para que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,
 um mapa do coração do homem,
 um mapa de quem você é,
 e de tudo que você pode ser.

(McLAUGHIN,M.;VOGT, M.E., 1996)

Podemos perceber com este poema, que Letramento é muito mais que alfabetização. Ele expressa que o Letramento é um estado, uma condição, ou seja, estado ou condição de quem interage com diferentes meios, com diferentes tipos e gêneros de leitura e escrita, com as diferentes funções desempenhadas pela leitura e escrita em nossas vidas. É descobrir-se, entender-se, lendo ou escrevendo, encontrando possibilidades, alternativas, descobrir o que você pode ser. “Enfim, letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES, 2009, p.44).

Citamos estudiosos que tem se preocupado em conceituar o Letramento, como Kleiman (1995), Soares (2009) e Ribeiro (1999; 2001).

De acordo com Kleiman (1995), podemos compreender o Letramento como “uma prática discursiva de um determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa a interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler e de escrever” (KLEIMAN, 1995, p.18). Por isso, podemos dizer que o Letramento é uma combinação de práticas ligadas ao uso, função e o contato social da escrita.

Buscando conceituar o Letramento, da língua inglesa *literacy*, que etimologicamente, vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser. *Literacy* é o estado ou condição que

assume aquele que aprende a ler e escrever. (SOARES, 2009, p.17). A autora completa:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2009, p.18)

O Letramento pode ser considerado como resultado do processo de aprendizagem da escrita, ou seja, a capacidade de ler e escrever permitindo que o indivíduo interprete o que está lendo.

Podemos entender o Letramento como uma ação criada dentro da sociedade com aspectos de aprendizagem da leitura e da escrita por um grupo social.

O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócios históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema de escrita de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas letradas em sociedades ágrafas. Desse modo, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado, e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social (TFOUNI, 1995, p. 09).

Deste modo, concordamos com Kleiman (1995) e Soares (2009) que mais do que ao conhecimento de um código simbólico, o termo faz referência ao domínio de um conjunto de práticas sociais centradas na escrita.

Considerando tais afirmações é possível verificar que o processo de Letramento pode ocorrer a partir de alguns suportes além do material didático que geralmente é utilizado pelo professor em sala de aula. Como exemplo, pode-se citar a utilização e exploração de jornais, revistas, aparelhos eletrônicos que são ricos em imagens e textos e que auxiliam na formação do processo de Letramento.

De acordo com Luizato:

O letramento representa os diversos meios da prática social em que a escrita se faz presente, e, se pensarmos sobre essa perspectiva, de que as crianças vivem em uma sociedade letrada, percebemos que é quase impossível imaginar que durante muito tempo aprenderam decorando e formando palavras desconexas do contexto em que vivem (2003, p.72).

Assim sendo, podemos considerar na sociedade moderna, os diferentes usos e suportes, feitos e utilizados com a escrita, fornecendo possibilidades aos sujeitos de participar ativamente em práticas sociais diversas, ou seja, tornando-se um sujeito letrado. Por isso, o termo no plural – Letramentos – se torna cada vez mais comum, o que pode nos mostrar “as diferenças entre as práticas de leitura, derivadas de seus múltiplos objetivos, formas e objetos, na diversidade também de contextos e suportes em que vivemos” (PAULINO, 2001, p. 56).

Portanto, nesta pesquisa entendemos por Letramento, que mais do que aprender a ler e escrever é obter a competência para incorporar, e interagir com essas práticas de leitura e escrita socialmente, em seus diferentes suportes, interpretando o mundo ao seu redor.

Podemos dizer que o Letramento faz parte da prática social, cultural e histórica de um cidadão. Permitindo ao sujeito fazer uso de seus benefícios e participar ativamente das decisões do grupo social em que vive.

Assim como afirma o autor americano David Barton (1998), citado por Xavier:

(...) antes de constituir um conjunto de habilidades intelectuais, o letramento é uma prática cultural, sócio e historicamente estabelecido, que permite ao indivíduo apoderar-se das suas vantagens e assim participar efetivamente e decidir, como cidadão do seu tempo, os destinos da comunidade à qual pertence e as tradições, hábitos e costumes com os quais se identifica. A capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vinculá-las à sua realidade histórica, social e política são características de um indivíduo plenamente letrado. (XAVIER, s/ano, p.2).

Destacamos a citação de Takaki; Maciel, que apresentam segundo as OCEM (BRASIL, 2006) “o projeto de letramentos está ligado a modos culturais de usar a linguagem” de forma a interagir a produção e a compreensão de textos “em práticas socioculturais contextualizadas” (2015, p.64).

As autoras nos apresentam ainda outras teorias onde concluem que “a noção de texto segundo essas teorias já não se limitava à palavra, oral ou escrita, mas envolve outras formas de expressão, como a visual, a sonora e a digital, intensificadas pelo surgimento das novas mídias” (TAKAKI; MACIEL, 2015, p.65).

Com isso, não podemos negar que com o aumento do uso das novas ferramentas tecnológicas em nosso cotidiano, tais como caixas eletrônicos, cartões

magnéticos, celulares, tablets, notebooks, entre outros, faz-se necessária a formação de professores para novas aprendizagens do sujeito.

Consequentemente, acaba exigindo dos cidadãos, também um processo de aprendizagem digital, para poder participar de certa forma ativamente do grupo social em que está inserido. Por este motivo, surge um novo tipo de Letramento, que alguns estudiosos chamam de Letramento Digital. Como afirma Camas (2013, p.181), o digital é parte do cotidiano das pessoas, quer seja pela necessidade do uso ou pela cultura do uso.

(...) alguns estudiosos começam a falar no surgimento de um novo tipo, paradigma ou modalidade de letramento, que têm chamado de letramento digital. Esse novo letramento, segundo eles, considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas com urgência pelas instituições de ensino, a fim de capacitar o mais rápido possível os alunos a viverem como verdadeiros cidadãos neste novo milênio cada vez mais cercado por máquinas eletrônicas e digitais. (XAVIER, s/ano, p.1)

Entretanto, o que é o Letramento digital? Soares define Letramento digital como “certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferentes do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (2002, p.151).

Gilster (1997) define o Letramento digital como uma habilidade em usar e entender a informação, em múltiplas formas e fontes de acesso, quando apresentada via computadores. O que ampliaríamos hoje para outras ferramentas e dispositivos digitais, como celulares, tablets, câmeras digitais, TV digital entre outros sistemas que possam surgir.

Buzato define Letramentos digitais como:

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais, geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente (BUZATO, 2006, p. 16).

Concordamos com Souza (2007), que o Letramento digital é potencialmente o uso significativo, do que se denominam de ferramentas, criadas pelo homem, que servem para informar, comunicar, gerenciar, integrar, avaliar e potencialmente criar

por meios digitais informações. Para adquirir o Letramento digital, é necessário adquirir algumas habilidades na formação, assim como algumas competências.

Desta maneira, pode acontecer de um sujeito ser letrado, ou seja, dominar a leitura e a escrita e fazer uso deste Letramento em seu contexto social, porém ser ainda um “analfabeto digital”. Assim como nos afirma Xavier:

O Letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, s/ano, p.2)

Além do Letramento digital, podemos afirmar ainda, que existem outros tipos de Letramentos, partindo do estudo de Camas (2012) em que, atualmente, são considerados para a formação do professor, vários Letramentos.

Em 2008, a UNESCO faz um estudo teórico para o desenvolvimento da formação de professores no uso dos Letramentos. Tal estudo, denominado de “Maîtrise de l’information” (HORTON JR., UNESCO, 2008), é explicado por Camas (idem) como ciclo de aquisição do conhecimento.

É importante notar que a autora apenas assume a expressão “Letramento e Letramentos” em 2014, por esse motivo trazemos neste trabalho a expressão “literacia” que era ainda usada, mas que tem o mesmo significado por nos exposto de Letramento.

No estudo de Camas (2012), o professor ao ser formado deve ter em mente a evolução da ciência e da sociedade. Neste sentido, incluem-se as tecnologias digitais na formação do professor, seja na ativa, seja na sua formação inicial. Faz-nos entender que os Letramentos se dividem em seis categorias e delimita-os a partir dos estudos da UNESCO (2008):

QUADRO 6 ¹⁶: CICLO DA AQUISIÇÃO DO CONHECIMENTO BASEADO NA “MAÎTRISE DE L’INFORMATION” E NO DOMÍNIO DAS LITERACIAS ÀS MUDANÇAS PEDAGÓGICAS

Categoria	Domínio	Ação
Literacia	Ter domínio do letramento.	Entender e saber ler, escrever, contar, falar, ouvir.

¹⁶ QUADRO 6: Fonte: Camas, 2013, p. Estudo Baseado na leitura de “Maîtrise de l’information” de Horton Jr., UNESCO 2008.

conclusão

Categoria	Domínio	Ação
Literacia informática	Ter domínio do conhecimento da informática.	Entender e saber usar softwares, aplicativos de informática (<i>word, excel, powerpoint, paint</i> etc. entre outros Mac e linux) e a internet, os dispositivos móveis como celulares, tablets e notebooks e seus derivados.
Literacia midiática ou mídia literacia	Ter domínio dos meios de informação e comunicação	Ter um conjunto de habilidades, atitudes e conhecimentos necessários para compreender e utilizar vários tipos de mídia e formatos que servem para transmitir informação a partir de um emissor para um destinatário, imagem, som e vídeo. Saber quando e como usar jornais e revistas impressos, revistas online, rádio, televisão, televisão a cabo, CD-ROMs, DVDs, telefones celulares, formatos PDF ou HTML e outros editores de texto, gráficos e fotos como JPEG etc., métodos interativos com teclado e sem teclado etc.
Literacia Digital	Ter domínio dos meios digitais de aprendizagem, da cibercultura e do ensino a distância e uso de ferramentas digitais para o ensino e a aprendizagem.	Fazer uso da internet, web, redes sociais, blogs, wikis, ambientes virtuais de aprendizagem (Moodle, Teleduc, Blackboard, Redu etc), dispositivos móveis etc. Dominar o uso da Web com fins educativos.
Literacia científica	Ter domínio da compreensão da influência de fatores culturais nos processos de informação	Saber conectar fatos, conceitos, teorias, livros, artigos científicos, jornais, revistas, livros didáticos etc., impressos, eletrônicos e online.
Literacia da Informação	Ter domínio da informação	Desenvolver todas as habilidades, atitudes e conhecimentos necessários para a resolução de um problema. Saber decidir entre as informações encontradas qual poderá ser usada; como expressar as informações em palavras e períodos que permitam novas pesquisas e partilha de informações; pesquisar e recuperar as informações de forma eficaz, interpretar, compreender, organizar, avaliar a credibilidade e autenticidade de uma informação, determinar sua relevância, comunicá-la aos outros, usá-lo em diferentes mídias e meios para atingir o propósito inicial.

FONTE: Adaptado de CAMAS (2013).

A autora nos diz que a escola deve ser um espaço em que se ofereça o acesso, o uso significativo e a oportunidade de contato com diferentes tipos de Letramentos. E a função do professor é ensinar, e ensinar é possibilitar e potencializar caminhos aos alunos e ao próprio professor na intenção maior do aprender.

Podemos compreender, partindo do que foi exposto, que o Letramento digital é o conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e saiba usar a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio digitais.

A partir disso, percebemos como se faz necessário formar os professores para os diferentes Letramentos, de modo que possam desenvolver estratégias pedagógicas criativas, envolvendo as tecnologias digitais nos diferentes espaços educacionais, como exemplos: salas de aula, laboratório de informática, bibliotecas, entre outros. Para assim, oportunizar a todos os seus aprendizes o contato e a possibilidade de adquirir os diferentes Letramentos, preparando-os para atuar na sociedade em que vivem.

A escola não pode se distanciar da realidade e das necessidades da sociedade. Neste sentido, para podermos entender como o professor de Arte é formado para o uso das tecnologias e tentarmos descobrir como usa ou se usa as TIC em suas aulas, se faz necessário aprofundarmo-nos no entendimento de Arte e Letramentos necessários.

Podemos destacar, como mostrado em nosso quadro de pesquisas junto ao Banco de teses da CAPES, a ausência de pesquisas encontradas quando relacionamos as palavras Arte e Letramento. Porém, como não citado anteriormente, mas foram realizadas outras pesquisas com outras combinações de palavras, envolvendo as quatro linguagens artísticas, Ensino Fundamental e Letramento, até que localizamos uma única dissertação do ano de 2007, da autora Selma Botton, justamente falando sobre Arte e Letramento, porém com foco na Educação de jovens e adultos e as artes visuais, que separamos para termos como base para a escrita deste subcapítulo.

Como descrito na introdução, essa relação da Arte contribuindo de forma positiva com o processo de Letramento dos alunos sempre foi uma busca profissional, mas de forma pessoal e informal.

Podemos considerar a possibilidade do contato com a Arte em suas diferentes linguagens ampliar o Letramento do aluno de Ensino Fundamental, não apenas no processo de saber ler e escrever, mas no sentido da leitura e escrita de mundo, definidas por Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1988, p. 43).

Não podemos negar a necessidade de interpretação de uma obra de arte, seja visual, sonora, ou audiovisual, muitas vezes é pela fala que manifestamos a nossa sensação diante de uma obra de Arte. E é por meio de diferentes formas de expressão, que demonstramos nosso prazer, nossa impressão em uma obra de Arte. “Essa acessibilidade da arte poderia ser também um facilitador para que os alunos expressassem, a princípio oralmente, e depois por escrito, a compreensão da arte, as sensações e questionamentos que ela provoca, as discussões e conclusões suscitadas pelas imagens artísticas” (BOTTON, 2007, p. 16).

O conteúdo expressivo das obras de arte não se articula de maneira verbal, através de palavras, e sim de maneira formal, através de formas... Mas é justamente o caráter não-verbal da comunicação artística que constitui o motivo concreto da arte ser tão acessível e não exigir a erudição das pessoas para ser entendida (OSTROWER, 1984, p.23).

Isso com relação à linguagem das artes visuais, pois na linguagem do teatro a criança convive na prática, por meio de jogos teatrais, como destacado em capítulo anterior, com a possibilidade de se expressar, se comunicar, atendendo sua condição de ser social, como nos explica Franchi:

Nesses jogos, assumindo os mais diferentes papéis, intensifica-se a descentração em relação a si mesmas e a abstração e conceituação em relação ao mundo, que as fazem crescer em direção à expressão e à comunicação. Nesse processo de transformação, partindo dos limites entre o real e o imaginário, a criança atuante extrai conscientemente, mergulhada no processo criativo, a compreensão essencial e necessária para trabalhar sua condição de ser social e de ser “falante” (FRANCHI, 2012, p.45).

Segundo Botton (2007, p.16), Fayga Ostrower e Paulo Freire, têm como características em comum que o aprendizado deve partir da própria experiência do aluno, apesar de perceberem de formas diferentes a Educação.

Não é possível separar, numa experiência vital, o prático, o emocional e o intelectual uns dos outros. O aspecto emocional liga as partes num único todo; 'intelectual' simplesmente nomeia o fato de que a experiência tem significado; 'prático' indica que o organismo está em interação com eventos e objetos que o rodeiam (DEWEY, 1974, p. 262).

Deste modo, podemos considerar a experiência artística completa, seja por meio de apreciação ou produção. Propicia ao aluno a criação de um repertório próprio, por meio de suas ideias, seus sentimentos e sensações diante de uma obra de Arte.

O diálogo que a leitura de uma obra de Arte, uma imagem, no caso nas artes visuais, oferta é um momento de oportunidade de expressão dos sentimentos e pensamentos dos alunos.

Por que, então, não privilegiar desde o início a atividade oral espontânea das crianças? Nela é que se pode dar sentido, e mais facilmente, aos pedacinhos de escrita das crianças, sem recorrer a expressões mais longas. Contextualizando oralmente sua escrita, mesmo as palavras mais simples e aparentemente soltas, as crianças conseguem um resultado satisfatório pela simples razão de que são elas mesmas que constroem a significação e o conhecimento (FRANCHI, 2012, p.119).

Oportunizar aos alunos, falar sobre uma obra de Arte, a relacionando com o seu contexto, sem julgamento é uma forma de auxiliar a superação de constrangimento, inibição, medo de falar por aqueles alunos mais tímidos, e também quanto à expressão oral da maioria dos alunos, desenvolvendo uma melhor clareza na fala, na articulação e coerência de ideias. Paulo Freire já destacava a importância do diálogo:

O diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem (FREIRE, 2003, p.74).

O diálogo com o corpo, por exemplo, é uma forma de expressão na linguagem da dança. Na linguagem teatral, o trabalho no coletivo pode levar os

alunos a uma maior criatividade, na forma de se expressar, que nasce de uma troca de opiniões, de uma interação. Franchi destaca esta importância:

É preciso destacar a importância do trabalho conjunto, seja nos episódios de dramatização, seja na composição coletiva, para o desenvolvimento da criatividade verbal nas crianças. Não se trata de uma noção de criatividade que se baseie no comportamento “divergente” ou em uma “originalidade” pessoal, mas convergente, que consiste na habilidade de tratar e discutir conjuntamente as experiências, organizando-as e estruturando-as no discurso ou no texto. Criatividade que depende do diálogo, da crítica, das objeções e ajustes recíprocos na interação social (FRANCHI, 2012, p.48).

Participando destes momentos de diálogo em sala de aula, auxiliará o aluno a não ter medo de falar, de se expor, de se expressar de diferentes formas, crescendo deste modo com a consciência de seu direito de “dizer a palavra”. Citamos novamente Paulo Freire:

o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão porque não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Se é dizendo a palavra com que, 'pronunciando' o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens (FREIRE, 1981, p. 79).

Destacamos a importância do saber ouvir, habilidade essa que pode ser desenvolvida por meio da linguagem musical, na apreciação de músicas e também teatral, na leitura de textos para dramatização. Colocamos aqui não somente o aprender ouvir do aluno, mas também a do professor. Remetemos a outra obra de Freire (1996) para fundamentar tal posicionamento:

Não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*, (...), mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil tarefa de transformar o seu discurso, às vezes, necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 1996, p.43).

Com isso, podemos considerar que partindo do ouvir o aluno, conhecendo seus gostos musicais, seus filmes preferidos, o estilo de dança que gosta, os artistas que conhece, é possível, respeitando a leitura de mundo do aluno, por meio da Arte auxiliar o processo de diferentes formas de Letramentos, pois afinal a Arte faz parte da leitura de mundo de todas as pessoas, mesmo que não se deem conta disso. Paulo Freire (1996) nos fala sobre o significado de respeitar a leitura de mundo do aluno:

Respeitar a leitura de mundo do educando não é também um jogo tático com que o educador ou educadora procura tornar-se simpático ao educando. É a maneira correta que tem o educador de, com o educando e não sobre ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo. Respeitar a leitura de mundo do educando significa torná-lo como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento... A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo (FREIRE, 1996, p.46).

Ampliar a leitura de mundo do aluno de forma que perceba a presença da Arte em sua vida, em seu cotidiano, ao seu redor, em sua cultura é uma forma de oportunizar a aquisição do Letramento.

Uma função essencial da arte é a de provocar um deslocamento no olhar do leitor e do espectador, permitindo o estranhamento, a pergunta, a possibilidade de ver as mesmas coisas de todos os dias com outros olhos, mais abertos à surpresa e à interpretação (GRINSPUN e JAFFE, 2003, p. 35).

Deste modo, destacamos a contribuição da Arte ao processo de Letramento. A Arte, como a aprendizagem, seria transformação, segundo Vygotsky, indica que “a arte recolhe da vida o material, mas produz algo que está acima desse material: a arte está para a vida como o vinho para a uva” (2001a, p.307).

Partindo disso, podemos dizer que a Arte faz parte da vida, de nosso cotidiano, é uma constante. E é a inquietação trazida pela Arte, a curiosidade que leva a um conhecimento de forma significativa. A relação da Arte com a aprendizagem pode ser apresentada com uma frase de Vygotsky:

... a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor,

aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implica algo a mais daquilo que nelas está contido (VYGOTSKY, 2001a, p.307).

Para Vygotsky (2001b, p. 332) a ação de se notar uma obra de Arte seria “uma atividade interior sumamente complexa, no qual o contemplar e o ouvir são apenas o primeiro momento, o primeiro impulso, o impulso básico”. A percepção da Arte não ocorre somente pelos sentidos, mas “se baseia em um modelo preciso de reação comum, que pressupõe necessariamente a existência de três momentos: uma estimulação, uma elaboração e uma resposta” (Vygotsky, 2001b, p.333), ou seja, passa por um processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a Arte pode facilitar a construção de conhecimentos de outras áreas, por meio das experiências artísticas, que podem levar a leitura e escrita significativas e criadoras.

De acordo com Ana Mae Barbosa:

não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte (1991, p.5).

Com isso, buscando uma educação humanizadora, é indispensável em qualquer área do conhecimento tais pensamentos.

Devemos levar em consideração, o fato de a leitura e a escrita fazerem parte do cotidiano, da cultura, da vida humana, da sua arte, o que coloca a Arte a favor do processo de Letramento. Segundo Duarte Jr. “pode-se afirmar que educar significa colocar o indivíduo em contato com os sentidos que circulam em sua cultura, para que os assimilando, ele possa viver” (1981, p.55).

Ana Mae Barbosa, fala que “a arte na educação afeta a invenção, a inovação e a difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador” (1991, p. 2).

Pois, a “arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, Arte representa o melhor trabalho do ser humano (1991, p.4)”.

Botton (2007, p.44), destaca “ainda segundo Ana Mae, o desenvolvimento da capacidade criadora se dá também no ato de entender, compreender e

decodificar a arte. Na decodificação estão envolvidos processos mentais como flexibilidade, fluência, elaboração.” Neste caso, competências essas essenciais para o processo de Letramento.

Logo, finalizamos, destacando a importância de uma relação da Arte com o processo de Letramento, visando uma Educação mais completa, mais humana, acontecendo por meio da Arte Multiconectada com outras áreas do conhecimento, seguindo em busca do “desenvolvimento de um letramento baseado em percepções e produções estéticas tenderia a acontecer globalmente, levando a uma totalização do conhecimento e não a uma compartimentação deste” (BOTTON, 2007, p. 45).

Convém entender a definição das Tecnologias de Informação e Comunicação e de que forma isto pode ser utilizado pelo Professor de Arte para enriquecer o processo de Letramento dos alunos.

3.2 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) : Interfaces com o ensino de Arte

*O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias,
mas nas nossas mentes”.
(Moran).*

A espécie humana tem como uma de suas características principais a sua capacidade de criar. Dos primórdios aos dias atuais, o homem cria tecnologias, motivado por seus desejos e necessidades, que transformam o mundo e a forma como o homem se relaciona com ele. Podemos conceituar tecnologia como tudo aquilo que pode levar alguém a melhorar, evoluir. É todo processo de aperfeiçoamento.

Mas o que são as chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)? De acordo com Belloni (2009, p. 21), as TIC são tecnologias informatizadas, mídias comunicacionais que evoluem constantemente, sendo o resultado da fusão de três grandes vertentes técnicas: a informática, as telecomunicações e as mídias eletrônicas.

Na atualidade, temos tantas tecnologias incorporadas em nossa vida cotidiana que, muitas vezes, deixamos de percebê-las.

É curioso perguntar às pessoas sobre como as tecnologias estão afetando suas vidas e refletir sobre como elas estão afetando a nossa própria vida.

Perceberemos que, nem todas as pessoas se dão conta do quanto são dependentes das tecnologias (MARCÍLIO, 2012, p.43).

Outras, conhecidas como as “novas tecnologias”, quando aparecem são percebidas com receio, como se uma tecnologia, por si só, pudesse ser boa ou ruim. Podemos dizer que tudo depende do uso que se faz dela. Kampfff comenta:

A tecnologia nuclear pode ser utilizada para gerar energia que sustente uma região ou para criar mísseis que a devastem; a internet como fonte de informação e comunicação, pode divulgar valores universais de respeito à diversidade cultural rumo a uma solidariedade planetária, ou veicular material de grupos terroristas que semeiam a discórdia... Que uso se quer? É preciso conhecer e, conscientemente, optar pelo uso de tecnologias e suas abordagens – não é possível ignorá-las ou omitir-se! (KAMPFF, 2006, p.09).

Podemos levar em consideração também outro aspecto apresentado por Moran (2009), que é a importância da interação, esta que deve estar na mente das pessoas ao utilizar as tecnologias:

Faremos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, as utilizaremos para comunicar-nos mais, para interagir melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, para aumentar o nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas nas nossas mentes (MORAN, 2009, p.63).

Com relação à Educação, as novas tecnologias:

compreendem máquinas constituídas por dispositivos e circuitos eletrônicos quase sempre com partes móveis delicadas, produtos da mecânica fina. As ‘velhas’ são objetos técnicos que sempre fizeram parte da escola, lápis e outros instrumentos manuais que não necessitam de baterias ou rede elétrica para funcionar; livros, cadernos, quadros de giz e pincel e outros suportes de memória individual ou coletiva (CYSNEIROS, 2003, p.99).

As leituras das teses e dissertações que trouxemos a esta pesquisa nos permitem dizer que existem duas posturas perante o uso das tecnologias ao processo de ensino e aprendizagem: o de ficar parado, encantado, só imaginando como seria, ou adquirir outra postura, a da inovação, mas a da inovação fundamentada no compromisso com a qualidade da Educação, reconhecendo a necessidade de mudanças (Bess, 2011; Betker, 2012; Bosco, 2011; Botton, 2007;

Castro, 2008; lung, 2012; Lelis, 2004; Marcílio, 2012; Paes, 2012; Pontes, 2013; Santana, 2009; Silva, 2012).

Uma pesquisa elaborada em parceria com o Instituto para o Desenvolvimento e a Inovação Educativa (IDIE), da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura (OEI), citada na revista “Caminhos para inovar”, em outubro de 2012, identificou que um requisito para que a inovação flua nas instituições de ensino é a existência de um ambiente aberto a novas maneiras de pensar e fazer.

Algumas condições favoráveis a esse ambiente são a possibilidade de troca de conhecimento não formalizado, aquele ligado às práticas cotidianas e às experiências pessoais, e a confiança entre os envolvidos, garantindo relações de cooperação e interação. (REVISTA CAMINHOS PARA INOVAR, 14ªed. Out/2012).

É necessário estarmos abertos ao universo lúdico que as tecnologias nos trazem, preparados para o erro e o acerto, para a troca de conhecimentos e o hábito de fazer juntos, de forma colaborativa, ou seja, “utilizar mídias e ambientes digitais para se comunicar e para trabalhar, para apoiar sua aprendizagem individual e para contribuir com o aprendizado dos outros. Com base nessas interações ter consciência e compreensão de valores de outras culturas” (REVISTA CAMINHOS PARA INOVAR, 14ªed. Out/2012, p.5). Pois as tecnologias são uma inesgotável fonte de aprendizagem, basta sabermos como, quando e de que forma utilizá-las.

Entretanto, sabemos que apenas a inovação, no processo de ensino e aprendizagem, não é o maior foco do professor, mas a partir do uso das TIC melhorar aquilo que fazia bem em sala de aula. Portanto, “entendemos a qualidade como um processo de ensino que propicie ao aluno e ao professor a oportunidade de melhor aprender algo, de dar novos caminhos e ferramentas para o aluno poder aprender” (CAMAS, 2014, s.p.).

Ao conhecermos a história do homem e a história da comunicação podemos perceber que a partir do momento que o homem adquiriu consciência da importância do conhecimento e da comunicação, “ambos são utilizados como instrumentos de poder e controle social” (RIBEIRO, 2014, p.12). Em contradição, cada nova tecnologia inventada significa uma possibilidade de liberdade, de independência do sujeito e de novas formas de acesso ao conhecimento.

Como vimos anteriormente, vivemos em uma sociedade da informação e da comunicação, na qual os meios de comunicação de massa, muitas vezes “ditam opiniões, costumes, necessidades de consumo e modelos de felicidade e de prazer” (RIBEIRO, 2014, p.13).

Assim, por mais que possamos tecer críticas ao atual modelo de comunicações de massa, não podemos desprezar o fato de que é através dele que milhões de pessoas de todo o planeta se inteiram dos principais acontecimentos do mundo e, de certa forma, se sentem fazendo parte dele (RIBEIRO, 2014, p.12).

Por conseguinte, para entendermos um pouco melhor esse mundo complexo e contraditório entre comunicação e Educação. Vamos conhecer brevemente o histórico das TIC (TABELA 7).

QUADRO 7 – RESUMO DA HISTÓRIA DAS TIC¹⁷

TIC	LINHA DO TEMPO/ CITAÇÃO	RESUMO
ESCRITA	- “A escrita representava a primeira técnica de comunicação a permitir o ingresso de um indivíduo na sociedade” (RIBEIRO, 2014, p.14).	A escrita, a partir do momento que analisamos a história da humanidade, pode-se perceber que ela somente foi inventada a partir da evolução intelectual do homem. No início da Idade Média, os livros manuscritos, por serem verdadeiros objetos de veneração, ficaram restritos a uma pequena minoria do clero, ficando guardados/trancados nos mosteiros religiosos. No entanto, ainda na Idade Média, a partir do século XV, surgem as principais invenções que revolucionaram a sociedade da época, a primeira dessas invenções é a imprensa.

¹⁷ QUADRO 7 - BRIGGS, A.; BURKE, P. Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet /RIBEIRO, R. R. (Coord.) A leitura e o uso dos meios de comunicação como recurso pedagógico.

continua

TIC	LINHA DO TEMPO/ CITAÇÃO	RESUMO
IMPrensa/ JORNAIS	<ul style="list-style-type: none"> - 1445 - Imprensa, criada por Gutenberg, que inicia o processo industrial de produção. - “Os escribas, cujo negócio era ameaçado pela nova tecnologia, deploraram desde o início a chegada da impressão gráfica. Para os homens da Igreja, o problema básico era que os impressos permitiam aos leitores que ocupavam uma posição baixa na hierarquia social e cultural estudar os textos religiosos por conta própria, em vez de confiar no que as autoridades contavam (BRIGGS, 2004, p.28). - Século XVII – Surgimento de jornais - “É apenas no século XVII que a sociedade passa a ter a necessidade da instituição “Imprensa”, responsável pela divulgação de informações que garantam a transparência democrática e, claro, incrementem as transações comerciais além das fronteiras nacionais” (RIBEIRO, 2014, p.17). - Século XIX - jornais diários fazem mercadorias das informações. - 1789 - Revolução Francesa, a comunicação passa a ter um novo sentido na sociedade. - “Ainda que cada vez mais industrializada e capitalista, a imprensa representa uma possibilidade de democratização da informação e do conhecimento muito maior do que se tinha tido até então” (RIBEIRO, 2014, p.17). 	<p>A imprensa, criada por Gutenberg. O texto escrito passa a ser mercadoria, visando o lucro e interesse dos que tinham condições de produzi-los, e consequentemente sendo adquiridos por um número cada vez maior de pessoas. Essa invenção somente foi apropriada pela sociedade, dois séculos depois, com o surgimento de jornais no século XVII, que “aumentou a ansiedade sobre os efeitos da nova tecnologia” (BRIGGS, 2004, p.29). No século XIX, os jornais diários fazem das informações, mercadorias, pelas empresas de comunicação. Com isso, mesmo restritos a parte alfabetizada da população, as ideias da democracia e dos direitos iguais para todos se propagam a partir da Revolução Francesa de 1789. “Capitalismo e imprensa se tornam indissociáveis. Os avanços tecnológicos impulsionam um e outro ao mesmo tempo. O telégrafo e o telefone são incorporados às redações, que passam a assinar serviços de agências de informações que alimentam a curiosidade de empresários sobre negócios distantes e acabam por aproximar países e até mesmo continentes. Descobertas científicas nas áreas de química e física permitem o aprimoramento das técnicas de registro e reprodução da imagem fixa e em movimento assim como do registro e transmissão do som. Era o anúncio das grandes invenções eletrônicas que revolucionam a sociedade do século XX (RIBEIRO, 2014, p.17-18)”.</p>

TIC	LINHA DO TEMPO/ CITAÇÃO	continuação RESUMO
RÁDIO/ TELEVISÃO	<ul style="list-style-type: none"> - Século XIX/XX, surge primeiro o rádio e posteriormente a televisão. - Somente após a Primeira Guerra Mundial, “que começam a surgir às primeiras rádios comerciais, através das quais eram transmitidas informações e entretenimento para as grandes massas urbanas” (RIBEIRO, 2014, p.18). - 1945 - que surge a televisão, na qual “a sociedade teve acesso à invenção do mais abrangente meio de comunicação já existente” (RIBEIRO, 2014, p.19). - “Novamente o paradoxo: a televisão aproxima os povos sejam eles de continentes ou de regiões diferentes dentro de um mesmo país. Ao mesmo tempo, reforça suas diferenças e desigualdades à medida em que para uns é apenas mais uma fonte de informação e lazer e para outros a única e incontestável fonte de informação dos principais fatos do mundo, superando inclusive a ação de outras instituições democráticas como a escola, a família ou o Estado (RIBEIRO, 2014, p19). 	<p>No final do século XIX, começo do século XX, surge primeiro o rádio e posteriormente a televisão, e novamente a sociedade demora um tempo para se apropriar dessas invenções eletrônicas de comunicação. O rádio permaneceu por pelo menos 30 anos, restrito como forma de comunicação pelas forças militares ou a grupos e associações culturais. Somente após a Primeira Guerra Mundial, “que começam a surgir às primeiras rádios comerciais. Foi a partir de 1945, que surge a televisão, e por meio dela, o mundo se conectou e se transformou. De acordo com Dalla Costa (1999) no final da década de 90, foi realizada uma pesquisa, que mostrou que para 70 % da população brasileira a televisão é a única fonte de informação dos fatos do Brasil e do mundo e a única forma de participação dessa população, mesmo que de forma imaginária no que acontece ao seu redor.</p> <p>E não podemos deixar de destacar, que essa mesma população vive no mesmo país, na qual outra minoria de pessoas “tem acesso a mais atual das invenções de comunicação: a Internet” (RIBEIRO, 2014, p.20).</p>

		conclusão
TIC	LINHA DO TEMPO/ CITAÇÃO	RESUMO
INTERNET	<p>-“Desenvolvida a partir dos avanços de pesquisas iniciadas já durante a Segunda Guerra mundial, a Internet revoluciona de vez os sistemas até então existentes de comunicação humana. Além disso, é um dos marcos de uma nova era denominada de pós-industrial” (RIBEIRO, 2014, p.20).</p> <p>- “a rede de computadores e a Internet trazem a possibilidade nova de interação emissor- mensagem-receptor” (RIBEIRO, 2014, p.20).</p> <p>- “ A tecnologia da informação e da comunicação, da mais arcaica forma de escrita a mais sofisticada mensagem digital, continua representando uma esperança de engrandecimento e libertação humana. A comunicação não pode ser reduzida à sua dimensão técnica e à educação cabe o papel cada vez mais desafiador de desenvolver os conhecimentos necessários para relativizar essa ideologia técnica que tão bem tem servido aos propósitos daqueles que desde o início da história souberam identificar e preservar o poder da informação e do conhecimento”. (RIBEIRO, 2014, p.23).</p>	<p>Mais uma invenção de comunicação diretamente ligada às condições de produção da sociedade, surge a Internet e assim, se tornam defasadas as outras formas de acesso à informação e ao conhecimento.</p>

FONTE: Adaptado de BRIGGS;BURKE (2004), RIBEIRO(2014)

Partindo desse histórico, Ribeiro (2014) destaca o paradoxo evidente na história dos meios de comunicação:

cada novo meio representa uma nova forma de persuasão e convencimento das massas ao mesmo tempo em que cria um espaço mais democrático de produção e circulação de informação. A cada nova tecnologia da informação e da comunicação a sociedade adquiriu formas diferenciadas de perceber, interpretar e representar o mundo em que vive. As condições políticas, sociais e econômicas dos povos, foram por sua vez, condicionando e determinando a maneira como tais tecnologias foram sendo utilizadas. Do desenvolvimento da fala ao dos modernos meios eletrônicos de comunicação, a humanidade percorreu um caminho marcado pela desigualdade social e pela concentração de riquezas, poder e conhecimento nas mãos de poucos. A trama dos meios de comunicação de massa é significado e significante deste processo. Portanto, a relação comunicação- educação é mais do que nunca necessária. Não se educa o indivíduo para a sociedade sem educá-lo para compreender o sentido social dos meios de comunicação de massa na sociedade (RIBEIRO, 2014, p.23).

Ribeiro (2014) exemplifica alguns passos a serem inseridos no ambiente escolar para educar o sujeito para as mídias

- O primeiro passo é o da inserção da discussão desse papel social dos meios na própria formação dos professores.
- O segundo e talvez um dos mais importantes, é buscar separar essa análise dos preconceitos com que a escola sempre olhou para a mídia e esquecer de uma vez por todas o juízo maniqueísta segundo o qual a escola é sempre boa e a mídia sempre muito ruim. Não se trata de julgar a

mídia, mas sim compreender suas características e suas implicações objetivas e subjetivas na vida de pessoas que são reais e se inserem em determinadas realidades (...).

- Finalmente, é preciso que se trabalhem as características próprias dos meios, suas linguagens e especificidades, as características da imagem e as possibilidades e limitações que esses meios oferecem (RIBEIRO, 2014, p.23-24).

Sendo assim, de acordo com a autora, se forem contemplados esses aspectos citados, a educação para os meios incluirá os elementos indispensáveis para a compreensão do sentido dos meios na sociedade atual: “a análise do contexto objetivo no qual estão inseridos, as características de sua linguagem e as condições e características de sua recepção. A escola é o lugar por excelência para que esse processo possa ser realizado” (RIBEIRO, 2014, p.24).

Esse processo de “desvendar a trama da mídia na sociedade” deve ser ele próprio dialógico – no mais pleno sentido freiriano – e democrático. O aluno/indivíduo deve ser preparado para ter o seu próprio senso crítico a respeito da mídia e não a repetir o senso crítico de seus professores. Ensinar a ser crítico é também ensinar o aluno a respeitar seus gostos e opiniões, a defendê-los se for preciso (RIBEIRO, 2014, p.24).

Contudo, ao observarmos tanto a história do ensino da Arte, visto anteriormente, como a história das TIC, podemos perceber uma forma de manipulação infiltrada pelas classes dominantes, o que destaca ainda mais a importância de uma Educação para as mídias, e por que não dizer, para e pelas mídias? Pois, como já apresentado, buscamos nesta pesquisa justamente, diferentes conexões.

Toda a sociedade está cercada pela tecnologia, não apenas os computadores, mas nas facilidades que a vida e a evolução tecnológica geram, são importantes utilizar isto como fator positivo também, utilizando maneira que facilite e contribua para o processo educacional das crianças.

A escola deve favorecer ao aluno a aprendizagem, de forma criativa e competente, fazendo o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Deste jeito, como podemos transformar a informação em conhecimento, fazendo o uso das tecnologias dentro do espaço escolar e assim auxiliar o aluno no processo de diferentes letramentos?

Cooll (2010) reflete sobre essas inquietações a respeito das TIC e Educação:

A educação é obrigada a enfrentar essa situação e fala-se em escolas inclusivas (que tentam satisfazer a diversidade de necessidades educacionais de seus alunos), de educação não formal e informal (para aproveitar as oportunidades que a sociedade atual oferece para a educação e formação das pessoas) e de aprendizado colaborativo e cooperativo (com a finalidade de tirar proveito dos conhecimentos e habilidades dos diversos membros de um grupo para satisfazer objetivos comuns). As TIC em geral, e suas aplicações e usos educacionais em particular, logicamente refletem essas inquietações. (COLL, 2010, p.26)

Trazer o contato virtual para dentro da sala de aula é como diminuir a diferença que existe entre o que acontece fora da escola, e dentro dela. Pois, do lado de fora os alunos já se encontram conectados, e dentro da escola, muitas vezes uma visão tradicional de ensino sempre da mesma forma, acaba afastando os estudantes.

Deste modo, devemos pensar novas maneiras dentro do ambiente escolar de orientar nossos alunos quanto ao uso das TIC em sua aprendizagem, estimulando a sua natural competência, pois como podemos perceber, nossos alunos nasceram na era digital, “é uma perspectiva muito mais ambiciosa, mas também muito mais exigente para o professor, uma vez que implica sair da sua zona de conforto e enfrentar as inevitáveis mudanças ao nível dos modos como habitualmente se trabalha” (COSTA, 2012, p.31).

Sabemos que em nossa sociedade, principalmente nas redes públicas de ensino, encontramos alunos que não tem o privilégio de pertencerem a famílias letradas. E com isso, o único contato com uma orientação adequada, quanto ao uso das tecnologias em seu processo de Letramento, é a escola. Por isso, o papel dos integrantes da escola, é de relevante responsabilidade no processo de preparar estes alunos para vida futura, pessoal e profissional.

O professor deverá ter em mente, que ele é um promotor do questionamento, do pensamento crítico, do sentimento de autonomia do aprender do aluno. O diálogo, a negociação e a colaboração deverão ser assumidos como atividades constantes do ser professor. Desta forma, contribuirá para o desenvolvimento da interação, das relações interpessoais de forma a criar condições de circular o saber, a análise e a síntese na partilhada pelo grupo na construção de uma comunidade colaborativa educacional (CAMAS, 2012a, p.26).

Por isso, parte desta responsabilidade está na mudança de postura do professor, assim como nos afirma Coll (2010, p.31), “a imagem de um professor

transmissor de informação, protagonista central das trocas entre seus alunos e guardião do currículo começa a entrar em crise em um mundo conectado por telas de computador”.

Como podemos transformar a informação em conhecimento, fazendo o uso das tecnologias em sala de aula e auxiliando o aluno no processo Letramento? Quais os atributos são precisos para que o professor inclua em suas aulas as TIC, cumprindo o seu papel de educador? Como as TIC podem mediar a Educação? São várias as questões que surgem neste momento.

Ser mediador entre o aprendiz e o conhecimento tornando ensinável, no sentido de ajudar na mobilização de aprendizagem cultural da Arte, é encontrar estas brechas de acesso. Tangenciando assim os desejos, os interesses e as necessidades desses aprendizes, antenados aos saberes, aos sentimentos e às informações que eles também trazem consigo, participando do complexo processo de comunicação que são as aulas de Arte. (MARTINS, 2003, p.57).

Mônica Fantim fala da relação e interação entre comunicação e Educação:

A relação entre educação e comunicação na sociedade contemporânea configura-se como um território de grandes desafios, sendo um campo decisivo para a transformação da cultura e da educação. As novas linguagens que estão sendo construídas a partir das relações com Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) sugerem novas formas de interagir com o conhecimento e, conseqüentemente, novas mediações fazem-se necessárias (FANTIM, 2007, p.261).

A Revista Caminhos para inovar, nos mostra ideias para inspirar e refletir sobre as dimensões da inovação, em uma pesquisa que aponta os aspectos que caracterizam a inovação tecnoeducativa, conceito este que leva em conta o uso da tecnologia a favor da qualidade da Educação. Foram sintetizados em quatro pontos interligados:

- **Ambiente favorável:** Contexto em que a criatividade vem da troca de conhecimentos não formalizados entre professores e alunos, criando condições propícias à interação e ao surgimento de novas maneiras de pensar e de fazer.
- **Integração das TIC:** Disponibilidade de equipamentos, atenção à formação de todos os envolvidos e à organização da gestão administrativa e pedagógica para garantir que o uso da tecnologia se desdobre em inovação e qualidade.
- **Tendências tecnológicas:** Recursos que podem potencializar ou alterar práticas pedagógicas e ser adotados em larga escala em curto, médio ou longo prazo, de maneira a permitir novas formas de construção do conhecimento.

- **Qualidade educativa:** Envolve a incorporação de novos espaços e mais pessoas ao processo, a definição de um currículo alinhado à diversidade e relacionado com a vida cotidiana, e o estímulo à colaboração, respeitando direitos e saberes individuais. (REVISTA CAMINHOS PARA INOVAR, 14ªed. Out/2012).

Cysneiros (2003) considera importante que a escola reconheça as diferenças entre técnica, objeto técnico e tecnologia. Marcílio comenta:

O objeto técnico, como todo material, é algo ambíguo, ou seja, pessoas de diferentes sociedades podem perceber, sem o prévio conhecimento do objeto. Essa percepção sobre tecnologia pode parecer insignificante, porém faz muita diferença para os educadores, pois pessoas com olhares diferentes, que ignoram o ambiente escolar e tratam da informática na educação, podem travar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, daí a necessidade de uma visão pedagógica sobre a visão tecnológica (MARCÍLIO, 2012, p.32).

Desta maneira, podemos encontrar profissionais com grandes conhecimentos no uso de informática, e aqueles que desprezam as novas tecnologias. Ou seja, fazer uso das novas tecnologias é diferente de saber usar em benefício do processo de ensino-aprendizagem. Contudo:

O que merece destaque aqui é a importância do profissional da educação, que deve definir qual estratégia ou metodologia deverá aplicar com o uso das TIC, seja na condução dos novos instrumentos tratando velhos conteúdos, seja no cumprimento de seu papel quanto à formação de cidadãos (MARCÍLIO, 2012, p.33).

Portanto, a metodologia utilizada pelo professor é muitas vezes o que fará a diferença em sua prática com o uso das TIC.

Podemos dizer também, que se faz necessário ter programas que deem um suporte e formação para os professores, fornecendo orientações de como fazer o uso do computador ao trabalho pedagógico. Pois, de pouco adiantaria ter diferentes tecnologias na escola, se o professor continuar a ensinar da mesma maneira.

O maior desafio da educação diante das novas tecnologias ainda é integrá-las na prática educativa. (...). Os educadores precisam repensar a relação comunicacional com seus educandos, a fim de promover condições de que eles se hegemonizem nos diferentes ambientes da sociedade em que vivem. As tecnologias educacionais precisam estar sempre acompanhadas de uma escolha criteriosa por parte dos educadores, buscando otimizar a apresentação dos conteúdos programáticos, o entendimento dos seus significados. (MARCÍLIO, 2012, p.43).

Orientar o professor a refletir sobre sua prática, fazendo de sua prática uma fonte de conhecimento, ter autonomia para inovar e experimentar. Segundo Schon (2000), este é um ponto interessante que refere-se à reflexão na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação, constituindo-se o professor como um profissional autônomo.

Concordamos com Camas (2012), a respeito da mudança sobre o entender a Educação para mudarmos o seu fazer.

A ideia de mudar o entender a educação para mudarmos o fazer a educação é pertinente. A dificuldade maior do professor, na maior parte das vezes, reside nele próprio em não entender esta modalidade de processo educacional, seguir manuais de comportamento, desde técnico até o social da educação, sem observar em que realidade vive e, conseqüentemente, exige diferentes estratégias educacionais, sendo assim, um profissional reflexivo e crítico de sua ação, deixa de imitar e reproduzir o já feito para criar a sua própria prática (CAMAS, 2012a, p.31).

Contudo, para refletirmos sobre como a tecnologia pode mediar à educação, devemos primeiramente mudar o entender a educação, para então, refletir sobre a nossa prática e nosso papel como professor na educação atual.

Neste sentido, para podermos entender como o professor de Arte entende o uso das TIC em sala de aula, buscaremos as interfaces da Arte e as TIC.

As TIC, como TV e internet, entre outros, passou a ser utilizada, de acordo com Barbosa (2004, p.16) “para falar das mídias que modelam nossa mente, nos ensinam sobre arte e comandam a nossa educação, embora já a viéssemos trabalhando criticamente como imagem e como significação”, somente nos anos 90 como nos avisa a autora.

Ainda em Barbosa (2004), a tecnologia é responsável atualmente, pela percepção, memória, mimeses, história, política, identidade, experiência, cognição, entre outros. Assim sendo, a interação do ensino da Arte com as TIC, pode auxiliar a criação de novas “formas de educar, pois a arte objetiva ser criativa, além de representar o mundo que a cerca”(MARCÍLIO, 2012, p.37).

É papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional, compreendendo criticamente também aquelas produzidas pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno.(BRASIL, 1997a, p.35).

Pois, afinal, a Arte está presente em todos os lugares, em diferentes formas de manifestações, presentes em nossa cultura, desde a cultura popular a erudita, aos meios de comunicação e novas tecnologias. E se faz necessário ensinar o aluno a valorizar a sua própria cultura e respeitar a diversidade cultural. “A maioria é desrespeitada até por membros do próprio meio, fruto da política de dominação e alienação na qual o oprimido é levado a discriminar a si próprio, por meio da ideologia veiculada no seu contexto” (ROSA, 2005, p.57).

Diante deste cenário, até certo ponto perigoso, dada a não neutralidade das tecnologias e as redes de comunicação e informação existentes, urge a necessidade de se construir uma concepção de Educação baseada em uma pedagogia contemporânea que tenha como princípio: estimular por meio de atividades desafiadoras, o protagonismo juvenil; propiciar oportunidades de buscar respostas para questões complexas com o desenvolvimento de trabalhos em equipe; privilegiar atividades a partir de aprendizagem baseada em projetos, com avaliação permanente e feedback; usar tecnologia para pesquisa, interação, colaboração e produção de conhecimento, entre outros. (CAMAS, 2013, p.20)

Na contemporaneidade, podemos destacar a necessidade de mudança no ensino/aprendizagem das imagens por conta das TIC. Castro (2008), nos avisa que as TIC colocou a disposição de sujeitos comum as máquinas digitais, tais como fotográficas, computadores, celulares, câmaras de vídeos, bem como os meios de difusão, como *YouTube*, *e-mail*, *fotologs*, blogs e redes sociais como *facebook*. Com isso

As imagens que circulam aos milhares na rede mundial de computadores tem um potencial educacional para o ensino/aprendizagem da arte/educação que precisa ser urgentemente explorado. Um modelo de ensino em que se proponha considerar a imagem e a visualidade como potenciais produtoras de cidadãos críticos, que possam contribuir com os valores sociais, morais e políticos do país, não pode continuar limitado ao modelo moderno. Estamos diante da construção de um contexto, que entre muitas outras características, seja multicultural. Mudanças são necessárias para que possamos atingir essa meta (CASTRO, 2008, p.44).

Com isso, uma das primeiras mudanças que devem ocorrer, diz respeito a metodologia utilizada, pois “a prática pedagógica, não se dá somente sobre bases teóricas, a metodologia é igualmente essencial no processo” (CASTRO, 2008, p.44).

3.3 O PROFESSOR DE ARTE E SUA RELAÇÃO COM AS TIC EM SALA DE AULA

*“(...) arte não se ‘ensina’: arte se faz, vive-se.
A criança não apreende senão aquilo que constrói, aquilo que faz.
E é somente quando o outro se torna autor
que podemos acreditar na tarefa da educação”.
(Richter)*

No primeiro capítulo, falamos sobre a Arte, seu ensino e história, as aulas de Arte no Ensino Fundamental e as linguagens artísticas: música, dança, teatro e artes visuais. Neste segundo capítulo, buscando subsidiar teoricamente a Arte Multiconectada, conhecemos até então, os conceitos e as diferentes formas de Letramento, os conceitos, tipos e histórico das TIC, e a relação destes com a Arte.

Neste tópico, abordaremos o Professor, especificamente o de Arte e sua relação com o uso das TIC em sala de aula. Para que, desta forma, apresentar referencial teórico para tentar responder a nossa questão maior: Como o professor de Arte entende o uso das TIC em sala de aula?

É indiscutível a importância do Professor de Arte na formação humana e artística. E a sala de aula é o espaço onde acontece a relação professor/conteúdo/aluno no processo de ensino-aprendizagem. Como explica Biasoli:

A sala de aula - espaço cênico - é o local onde o trabalho do professor se torna mais evidente, ou seja, é ali que se realiza uma situação de ensino formal e sistematizado, que o professor, numa relação conjunta de ação e reação com os alunos – relação pedagógica -, concretiza a maneira de ser dessa relação. É nesse espaço que o professor se mostra em seu papel de educador e se posiciona quanto à suas concepções, estabelece seus objetivos, desenvolve os conteúdos de sua disciplina, criando e recriando, à sua maneira, uma forma de executar e avaliar seu ensino (1999, s/p).

Desta forma, buscar novas estratégias, uma inovação na metodologia, visando à qualidade do ensino, em especial o de Arte, que como já vimos traz um histórico de desvalorização em nosso país, devem ser colocadas como objetivos pelo Professor de Arte em sua prática pedagógica. Martins fala sobre a importância de revermos nossas atitudes como Professores de Arte, e “quanto aos saberes que sabemos que sabemos e que ainda temos de saber” (2003, p.52). E completa:

Como professores de Arte temos de conhecer desde os conceitos fundamentais da linguagem da Arte até os meandros da linguagem artística

em que se trabalha. Temos de saber como ela se produz – seus elementos, seus códigos – e também como foi e é sua presença na cultura humana, o que implica numa visão multicultural, na valorização da diversidade cultural. É preciso, ainda, conhecer seu modo específico de percepção, como se estabelece um contato mais sensível, como são construídos os sentidos a partir das leituras, como aprimorar o olhar, o ouvido, o corpo. (MARTINS, 2003, p.52).

Assim, é preciso traçar caminhos para uma aprendizagem estética e artística, e assim adquirir o conhecimento da Arte, visto que em sua aprendizagem, “o estético é a compreensão sensível-cognitiva do objeto artístico em estudo, contextualizado no tempo-espço e sócio-culturalmente” (LELIS, 2004, p.87).

Perrenoud (1993) nos faz refletir sobre nosso papel, enquanto mediadores entre objeto de conhecimento e aluno, fala sobre o cuidado que devemos ter para não fragmentar a ação docente e frisa que é necessário ir além, por que “ensinar é, antes de mais nada, fabricar artesanalmente os saberes tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho”(PERRENOUD, 1993, p.25).

Martins complementa:

É preciso ter em vista este aprendiz dentro do quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho para elaborar situações em que a aprendizagem e o ensino possam de fato acontecer, possam ser avaliados e refletidos. Não bastam informações acabadas sobre o conteúdo da matéria, pois o processo de ensino/aprendizagem só será de fato possível se os conteúdos trazidos pelos aprendizes puderem estabelecer pontes para a construção do conhecimento fabricado artesanalmente, por professores e alunos (MARTINS, 2003, p.53).

Martins (2003) questiona ainda sobre como nós professores de Arte temos fabricado esses saberes, sobre como estamos abrindo o espaço para a obra de Arte na escola, “com leitura e releituras?”. Questionamentos esses que nos fazem refletir:

Mas, a Arte entrou mesmo na escola? Ou seria melhor perguntar: que Arte entrou na escola? Ou ainda, qual o olhar sobre a Arte que está na escola? Miró, Van Gogh, Picasso, Monet, Tarsila e Volpi? Pensariam os alunos que Arte é apenas pintura e que todos os artistas já estão mortos?(MARTINS, 2003, p.54)

Esses questionamentos instigam a mostrar que é possível levar a Arte de forma significativa a escola, de forma que:

os alunos possam perceber e conhecer como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes puderam falar de seus sonhos e de seus desejos, de sua cultura, de sua realidade e de suas esperanças e desesperanças, de seu modo singular de pesquisar a materialidade por intermédio da linguagem da Arte (MARTINS, 2003, p.57).

Para isso, é importante romper com as práticas reprodutivistas e repetitivas.

Nesse acesso à Arte, que é muito bem-vindo, o sentido da Arte no processo de ensino/aprendizagem parece estar restrito à proposta criativa do professor ou da instituição cultural, que sempre procura um jeito novo de trabalhar – inventando, copiando, recriando e, à obediência do aluno que executa com melhor ou pior performance a solicitação do mestre. Muitas vezes mostra-se o artista e sobre ele é preciso criar para depois saber a sua biografia. Desculpem a caricatura, nem todos fazem esse percurso, mas o que tenho visto é uma maquiagem do ensinar-aprender Arte e não o seu sentido. Por que cor não existe para ser fria ou quente, primária ou secundária, mas para expressar estados da alma, para construir sutis mutações ou explodir com a sua materialidade...Linha não existe para ser sinuosa, reta ou quebrada, mas para expressar tensão, fluência, devaneio, rigor...Temas não existem para registrar a história, para serem encomendas da Igreja, da nobreza ou da escola, mas para expressar a vida, interpretando-a e ressignificando-a sob a ótica pessoal, crítica e única de seu criador. A perspectiva não existe para o exercício geométrico ou de linhas de horizonte, mas para dar a ilusão de profundidade e burlar o compreensível na tridimensionalidade também surrealista ou na economia minimalista. A técnica não existe para ser experimentada apenas, mas para que sustente e de corpo às ideias que se desvelam pelas linguagens das artes visuais, dança, teatro, música e de outras tantas (MARTINS, 2003, p.54).

Deve-se ter o cuidado de oferecer ao aluno a oportunidade de poder trazer a sua individualidade em suas produções artísticas, a oportunidade de exercitar “a expressão pessoal e única de sujeitos que têm algo a dizer” (MARTINS, 2003, p.54).

“É necessário uma arte e um ensino de arte autêntico, uma práxis verdadeiramente criadora, inovadora, onde o educador, com sede de acertar, possa sentir-se gratificado pela parte que lhe cabe na formação do aluno sob a sua responsabilidade” (LELIS, 2004, p.89).

Para Ferraz (1993, p.19-20):

O trabalho com arte na escola tem uma amplitude limitada, mas ainda assim há possibilidades dessa ação educativa ser quantitativa e qualitativamente bem feita. Para isso, seu professor precisa encontrar condições de aperfeiçoar-se continuamente, tanto em saberes artísticos e sua história, quanto em saberes sobre a organização e o desenvolvimento do trabalho de educação em arte.

E, além disso, o professor deve procurar ser um apreciador e fruidor de Arte. Assim como nos questiona Martins (2003, p.55):

Sabe-se que a construção da área de conhecimento Arte, engloba sua história, seus códigos específicos. Mas, os educadores são fruidores de Arte? Visitam exposições, assistem a espetáculos e a concertos, visitam as feiras populares? Somos contemporâneos de nosso tempo? Os alunos falam de si com seus trabalhos, ou falam apenas do artista que estudam? Qual o espaço de diálogo entre eles? Por que escolho um artista e não outro? Por que elejo um determinado texto dramático, ou determinada música? Ou determinados instrumentos?

“Muito criticado e por vezes incompreendido, o professor carrega os ossos do ofício, onde é mais cobrado do que aprovado em suas ações” (LELIS, 2004, p.90). Porém, o professor de Arte deve ter ciência de sua importância. Sandra Richter nos apresenta o seguinte pressuposto sobre o papel do professor:

Nenhum professor pode constituir conhecimento pelo aluno. Pode apenas sustentar, dar continência (segurar, conter, suportar) às ações de cada um na dinâmica sensível de cooperação social, enquanto ato de reunião e comunhão com o outro, pela capacidade adulta de ser sensível e compreender as dificuldades vividas que cercam o processo de aprender, os obstáculos que cada criança deve superar e ultrapassar, os equívocos necessários e os inúteis, os medos e as alegrias espontâneos frente à novidade que é o desconhecido. O criar passa necessariamente pelo interrogar e pelo fazer, por invenções mais que descobertas: por isso arte não se ‘ensina’: arte se faz, vive-se. A criança não apreende senão aquilo que constrói, aquilo que faz. E é somente quando o outro se torna autor que podemos acreditar na tarefa da educação (RICHTER, 2001, p. 26).

Ema Brandt traz um pensamento aproximado ao dizer que:

É tarefa do docente selecionar as produções artísticas, e é ele que, mediante suas diversas intervenções, guiará seus alunos na ‘leitura’ de cada obra em particular. Enriquecer a apreciação possibilitará um olhar mais pleno sobre o trabalho dos outros, incluindo o respeito e a valorização da produção artística, favorecendo a compreensão sensível e o desfrute estético (BRANDT, 2001, p.35).

Pedro Demo também traz um pensamento sobre a importância do professor aprender, para então ensinar seu aluno a aprender e não apenas “dar aula”.

Um dos resultados mais contundentes é o reconhecimento de que, para o aluno aprender bem, mister se faz que o professor aprenda bem. **Professor não é quem dá aula, mas quem sabe fazer o aluno aprender.** Metodologias básicas da aprendizagem parecem ser pesquisa e elaboração própria, não processos instrucionais de treinamento. Professor como

profissional da aprendizagem, não do ensino, pode significar guinada na teoria e na prática da educação.(DEMO, 2000a, p.58)

Ressaltamos ainda sobre o professor de Arte ser pesquisador de sua prática que:

Para que possa desempenhar com segurança o papel de mediador entre o universo cultural do aluno e o universo dos saberes históricos e culturais sistematizados, o educador do Ensino Fundamental não necessita transformar-se em exímio conhecedor de arte. Precisa apenas tomar gosto pela pesquisa e investir na busca de informações e conceitos (muitas vezes escassos, porque muito atuais) sobre o tema, a obra e o artista em estudo (NARDIN, 2001, p.181).

É importante, com isso, que nos tornemos cada vez mais professores pesquisadores. “Ávidos por descobertas, atentos a tudo o que nos possa abrir horizontes, corajosos e ousados para permitir o caos criador e o estudo que nos leve para o que ainda não sabemos, compromissados com as ressonâncias de nossas ações, desejosos por compartilhar” (MARTINS, 2003, p.55).

Professores pesquisadores capazes de trabalhar em projetos inter ou transdisciplinares, não só com o olhar voltado para as linguagens da Arte, mas para a história, o meio ambiente, a linguagem verbal, os avanços da ciência e da tecnologia, porque tudo está no mundo contemporâneo. Por isso é preciso pesquisar mais a linguagem artística com a qual cada um trabalha, porque os ganchos frequentemente vão ser buscados a partir dela própria, em mergulhos para além da superficialidade, sem esquecer sua abrangência e amplitude (MARTINS, 2003, p.55).

Logo, o professor que pesquisa e busca um ensino inter ou transdisciplinar pode incluir o uso das TIC de forma significativa em suas aulas de Arte, auxiliando assim o processo de letramento dos alunos.

Muito se discute sobre os métodos de ensino, qual é o melhor a ser utilizado pelos professores em sala de aula para que obtenha os resultados esperados na execução de seu trabalho.

Mendonça (2013) aponta em seu trabalho algumas questões relevantes sobre a transformação metodológica na Educação dentro da sociedade atual ao se deparar com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Em relação à utilização de métodos ou ferramentas de ensino, os professores podem utilizar a que melhor se adapta para a realização de seu trabalho. Tradicionalmente o professor era um sujeito ativo em sala de aula, e os

alunos sujeitos passivos, ou seja, meros expectadores atentos ao conteúdo que o professor ministrava.

De acordo com Almeida (2001, p. 25).

O professor atua como mediador, facilitador, incentivador, desafiador, investigador do conhecimento, da própria prática e da aprendizagem individual e grupal. Ao mesmo tempo em que exerce sua autoria, o professor coloca-se como parceiro dos alunos, respeita-lhes o estilo de trabalho, coautoria e os caminhos adotados em seu processo evolutivo. Os alunos constroem o conhecimento por meio da exploração, navegação, comunicação, troca, representação, ligação / religação, organização / reorganização, transformação, elaboração / reelaboração e criação / recriação.

Nos dias atuais a forma de ensino foi mudando e os alunos são sujeitos ativos, o professor apenas conduz o trabalho permitindo que os alunos assimilem novos conhecimentos a partir daqueles que já possuem. Assim, o contato dos alunos com as tecnologias pode e deve ser utilizados nas salas de aula de forma que enriqueça o processo de aprendizagem.

Em Oliveira (1995) a constatação do papel do professor é que ele precisa ser ativo e que os processos da aprendizagem devem impulsionar o desenvolvimento do indivíduo, de forma a entender que se vive um processo de transformação do papel do professor tradicional.

Com isso, podemos considerar em observação na atuação de diversos profissionais da educação, a existência da vontade de mudar, de inovar sua forma de ensinar, mas persiste a atuação com atitudes do professor tradicional. Falta ainda para o professor, perder a mentalidade de que ele necessita saber de tudo.

Segundo Moran (2009) a internet pode ser considerada como uma âncora é para uma embarcação, peça indispensável considerando grande importância. Ele afirma que a internet apresenta saídas para o professor como exemplo cita saber de que maneira o professor pode gerenciar a quantidade de informação com qualidade.

Para isso é preciso aproveitar a tecnologia como parceira. É comum encontrar professores e alunos com níveis tecnológicos diferenciados, onde os alunos estão à frente dos professores, é preciso que o educador esteja atento a isso de forma a evitar o distanciamento com seus alunos.

De acordo com Pozo (2000) com a informatização ocorre uma explosão de saberes, sendo necessário à atenção do educador para isto, visto que é preciso

educar para a vida, voltando uma atenção à significação, de maneira que o aluno possa encontrar um sentido no que realiza.

O professor como peça de fundamental importância dentro do processo de ensino e aprendizagem, por exercer a função de condutor do processo, precisa estar preparado e saber fazer uso destas ferramentas os potenciais que favorece a assimilação de conhecimento. Talvez alguns professores, sintam-se inseguros dentro deste processo de inserção da tecnologia, por ter a impressão de que as crianças entendem mais de certas tecnologias do que os adultos, mas na verdade a criança descobre os potenciais destas ferramentas, porém, é o professor em sala de aula que sabe como os instrumentos podem fazer sentido no processo de aprendizagem de um determinado conteúdo.

O professor deve buscar no seu dia-a-dia, por meio de pesquisas e investigações, uma melhor maneira de inserir a tecnologia em sua prática. Lawrence Stenhouse (1926-1982), considerado como "o defensor da pesquisa no dia-a-dia", foi um educador inglês que considerou a necessidade de utilizar a investigação como recurso didático, afirmando que todo professor tinha de assumir seu lado experimentador no cotidiano e transformar a sala de aula em laboratório, ou seja, Stenhouse defendia a figura do professor-pesquisador, julgando necessário que este tivesse domínio da prática pedagógica e, que a investigação, é o único caminho para isso.

Inovar, refletir sobre a prática docente, pesquisar, investigar sobre sua prática, este seria um bom começo para uma mudança, para uma investigação de como inserir as tecnologias a favor da qualidade da educação.

[...] considerar a prática reflexiva do professor como uma atividade com as qualidades e características que Schön atribui a esse termo possui algumas semelhanças com a concepção do "professor como investigador" de Stenhouse. Ambos os enfoques propõem um processo de formação que capacite os professores para o desenvolvimento de profissionais práticos reflexivos investigadores, que tenham condições de aprender a interpretar, compreender e reflexionar sobre o ensino (LORENCINI JÚNIOR, 2009,p.35)

Não podemos negar que surgiram novos espaços para serem explorados, no sentido de ampliar o que já podia ser feito na sala de aula. Assim:

Ensinar e aprender estão sendo desafiados como nunca antes. Há informações demais, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo. Educar hoje é mais complexo porque a sociedade também é mais complexa e

também o são as competências necessárias. As tecnologias começam a estar um pouco mais ao alcance do estudante e do professor. Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados. (MORAN, 2004, p. 245).

Por isso, para formarmos cidadãos com postura democrática, atuantes da sociedade que o rodeia, que recebem criticamente as informações e sabem analisar os fatos, se faz necessário trabalhar o “conhecimento como um todo complexo”(MORIN, 2000), respeitando as particularidades de cada um, porém, construindo interações deste sujeito com outros sujeitos e com o meio em que vive.

Cunha (1989, p.135) constata que “é o professor a principal fonte da informação sistematizada”, e acrescenta:

a grande inspiração dos docentes é a sua própria prática escolar e ele tende a repetir comportamentos que considerou positivos nos seus ex-professores.(...) Tenho a impressão até de que os professores criam um certo sentimento de culpa se não são eles que estão “em ação”, isto é, ocupando espaço com a palavra na sala de aula. Tudo indica que foi assim que aprenderam a ensinar.

Destaca ainda o comportamento dos alunos, que também acontece de forma passiva, apenas ouvindo o professor durante a aula e interferindo apenas quando quer. Sendo assim, podemos perceber que a metodologia utilizada, talvez seja o caminho para uma aula significativa, inclusive com o uso das TIC. “É provável que professores e alunos assim se comportem por falta de vivência em outro tipo de abordagem metodológica” (CUNHA, 1989, p.136).

Para Vygotsky (1984):

Na instituição chamada escola, ensinar e aprender é fruto de um trabalho coletivo. Aprendiz e mestre celebram o conhecimento a cada dia, quando ensinam e quando aprendem. A aula é uma celebração, um banquete, uma confraternização amorosa, uma comunhão da inteligência, quando o educador é consciente da interação social que gerou a cultura humana, o nosso próprio modo de ser e habitar o mundo.

Deste modo, o professor deve buscar uma nova metodologia, não a de apenas transmitir o conhecimento, mas a de aprender em conjunto, se tornar o mediador do conhecimento adquirido, principalmente no mundo conectado e se tratando de alunos considerados nativos digitais, torná-los também responsáveis pelo seu próprio conhecimento. Fica a cargo do professor pesquisar, organizar,

planejar e executar caminhos que incentive seus alunos a descobrir o conhecimento com autonomia.

Castanho complementa que “o aluno tem necessidade de que um caminho tenha sido desbravado entre o que ele já sabe, sente, aquilo de que tem necessidades para sua própria busca, e as novas contribuições” (2001, p.154).

No entanto, primeiramente, o professor deve conhecer a si próprio, assim como considera Nóvoa que antes de conhecer a disciplina em que leciona a educação do educador deve se fazer mais pelo conhecimento de si próprio, e afirma:

(...) eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 1995, p.17)

Portanto, podemos perceber como é importante o professor conhecer bem a área do conhecimento em que atua e buscar constantemente novos conhecimentos e aprendizagens, buscando relacionar a teoria com a sua prática. Ou seja, desenvolver “o exercício da pesquisa e a capacidade que o professor pode desenvolver de tornar sua prática profissional e a sua sala de aula como permanente objeto de investigação” (CUNHA, 1989, p.143).

Dentro de seu material de análise, Cunha (1989, p.144) destaca a quarta categoria de habilidades dos bons professores, que seria a competência na variação de estímulos.

Nesta encaixa-se o uso adequado de recursos de ensino, no qual a autora comenta que “o fazer bem e com cuidado o material didático que se apresenta em classe é valorizar o ato docente em influir no comportamento que o aluno desenvolve frente ao estudo e frente ao mundo” (CUNHA, 1989, p.144).

Podemos citar Castanho (2001), para confirmar esta habilidade ao afirmar que

o professor lembrado como marcante geralmente trabalha com variadas técnicas em sala de aula. Não da exclusividade às aulas expositivas, embora também delas se utilize. Promove várias atividades diferentes e propicia interação grupal (2001,p.158).

Podemos desta forma, relacionar essa evidência quanto ao uso das TIC em sala de aula que seria uma forma de valorizar “o uso adequado e correto dos meios de ensino, até como uma forma de respeito à pessoa do aluno” (CUNHA, 1989, p.144). Segundo Oliveira “professores que aceitam o desafio de enfrentar os preconceitos e os processo de dominação fazem o seu melhor nas escolas por onde passam e nas quais atuam” (2009, p.22).

Autores como Castanho (2001), Costa (1998), Cunha(1989), nos apresentam características de um bom professor que não são inatingíveis, impossíveis de obter, desde que não nos esqueçamos de que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino” (NÓVOA, 1995, p.17)

Em resumo, amplia os horizontes próprios e dos alunos, faz-se seguro e incute segurança, busca a verdade a despeito de todas as dificuldades e contingências. Mas, no meio de tudo isso, não é um super-homem ou uma supermulher: tem anseios, dúvidas, medos, inseguranças, sonhos, esperanças e desesperanças (CASTANHO, 2001, p.162).

E como nos diz Cunha, uma das características presentes nos bons professores é “uma tentativa de compromisso e seriedade com a sua tarefa profissional” (CUNHA. 1989, p.148).

Deste modo, acreditamos que muitos professores de Arte tem esse compromisso e seriedade com a educação, mesmo tendo uma formação muitas vezes falha, destacando de início a formação em uma linguagem artística específica e tendo que atuar com as outras linguagens, de forma polivalente.

No entanto, acreditamos que muitos dos professores de Arte, mesmo os não formados em linguagens específicas, como é o caso de muitos professores atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas que gostam e entendem a importância desta disciplina, reconhecem a sua importância como professor de Arte e o seu papel na formação humana do sujeito.

Por isso, buscam constantemente um aperfeiçoamento em sua prática pedagógica, buscam novas formas para o seu modo de ensinar e interação de forma interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, buscando inclusive o uso de novas ferramentas e encontrando nas TIC uma nova forma de ensino.

Contudo, após finalizarmos a busca de nosso referencial teórico, a Arte e educação, seu histórico, suas linguagens, a Arte Multiconectada que buscamos

realizar com os letramentos, as TIC e o professor de Arte e sua relação com as TIC, partimos para a parte prática e para respondermos nossa questão: “Como os professores de Arte entendem o uso das TIC em sala de aula?” Traremos no próximo capítulo os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa.

4 OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA



18

Neste capítulo, abordaremos os objetivos da pesquisa e como a mesma foi traçada por meio da descrição dos procedimentos metodológicos utilizados para sua aplicação. Além de apresentar a justificativa pelo uso da pesquisa qualitativa, o contexto e os sujeitos desta pesquisa e os instrumentos utilizados para coleta dos dados e posterior análise.

Quando vou por um caminho, é por dois que eu vou: um é por onde me encaminho; o outro, a verdade onde estou.

(Fernando Pessoa)

Retomando nossos objetivos, no intuito de responder a questão trazida: Como os professores de Arte entendem o uso das TIC em sua prática pedagógica?

4.1 OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.
(Cora Coralina)

Traçamos como objetivo geral:

- Analisar o entendimento do uso das TIC pelos professores de Arte do Ensino Fundamental.

De modo a cumprirmos o objetivo geral, traçaram-se como objetivos específicos:

¹⁸ Figura 4 - O quarto, de Van Gogh

- Fonte: <http://www.oversodoinverso.com.br/a-tecnologia-invade-obras-de-arte-historicas>

- Buscar referencial teórico que subsidie o tema do trabalho (Conceitos de Arte e suas linguagens, Letramento e diferentes Letramentos, Tecnologia da Informação e Comunicação);
- Desenvolver um questionário fechado com uma questão aberta para conhecer o Professor de Arte.
- Selecionar dois dos professores que tenham respondido ao questionário e entrevistar verificando como eles pensam sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nas aulas de Arte.

Os objetivos desta pesquisa nos nortearam na busca metodológica e dos métodos que serão esclarecidos nas próximas subseções: a natureza, o contexto e os sujeitos envolvidos nesta investigação e, por fim como se delineou a pesquisa.

4.2 NATUREZA DA PESQUISA

“Normalmente, a gente não produz conhecimento totalmente novo, no sentido de uma construção nova. Nós partimos do que já está construído, do que já está disponível, do conhecimento que está aí diante de nós e o refazemos, reelaboramos”.
(Pedro Demo)

De acordo com André e Ludke (2013), “para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele” (2013, p.2-3). Isso parte do estudo de um problema.

Sendo assim, para atingirmos os objetivos citados, colocamos como questão maior a ser respondida, é: Como os professores de Arte entendem o uso das TIC em sua prática pedagógica?

Para responder a esta questão, buscamos primeiramente referencial teórico, que nos subsidiou quanto ao tema do trabalho (Conceitos de Arte e suas linguagens, e sua relação com a Educação, Letramento e tipos de letramentos existentes, Tecnologia da Informação e Comunicação e as interfaces com o ensino de Arte e o professor de Arte e sua relação com as TIC em sala de aula).

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 2013). Nossa preocupação está na relação estabelecida entre a teoria e a prática dos professores de Arte de escolas públicas e privadas da cidade de Curitiba/PR.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.(CHIZZOTTI, 2013, p.29)

Uma vez que a pesquisa oferece caminhos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os fatores sociais e sua situação, como também uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas, em contextos específicos (BAUER; GASKEL, 2007), ela assume o caráter qualitativo.

De acordo com Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa assume que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se faz e refaz constantemente. Assim sendo, sempre se buscarão novas respostas e novas indagações ao longo do desenvolvimento do processo de pesquisa.

4.3 CONTEXTO E SUJEITOS DA PESQUISA

*“o respeito à autonomia e à dignidade de cada um
é um imperativo ético,
e não um favor que podemos ou não
conceder uns aos outros”
(Paulo Freire)*

O contexto desta pesquisa foi o aprofundar-se na ação pedagógica exercida quanto ao uso das TIC pelos Professores de Arte do Ensino Fundamental da Rede Pública e Privada da cidade de Curitiba/PR.

Participaram, como sujeitos da pesquisa, 20 Professores de Arte, do Ensino Fundamental, de Escolas Municipais, Estaduais e Particulares. Inicialmente, partindo de indicações de outros professores e pedagogos. Foram convidados a participar deste estudo 25 Professores de Arte, independentemente do uso das TIC em suas aulas. No entanto, aceitaram a participar desta pesquisa, somente 20 docentes da área de Arte.

Estes participantes foram convidados a responder, inicialmente um questionário fechado, com uma questão aberta, analisados sob três dimensões: conhecendo os sujeitos de pesquisa, profissional e das linguagens artísticas. E a partir dos dados que foram colhidos neste questionário, 2 Professores de Arte foram selecionados para entrevista.

4.4 OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

*“Me movo como educador, porque, primeiro,
me movo como gente”.*
(Paulo Freire)

Na coleta de dados, um dos instrumentos utilizados foi o questionário (APÊNDICE 1) agrupado com questões fechadas e uma aberta. Sua utilização teve como finalidade diagnosticar o perfil dos participantes da pesquisa.

Para isso, organizamos o questionário em três dimensões: pessoal - para conhecer o sujeito da pesquisa, profissional – para conhecer a formação e prática do participante e dimensão das linguagens, para conhecer a prática do professor com relação às TIC em cada uma das linguagens artísticas (música, dança, teatro e arte visuais).

Utilizamos o formulário do Google Drive (GD) para a coleta de dados do questionário. O GD propicia ao usuário um software que realiza questionários de forma gratuita e permite à seleção dos dados, facilitando ao pesquisador o encontrar, no discurso do pesquisador e nas questões fechadas as categorias reais e emergentes para a devida análise dos dados.

Com relação ao perfil, buscamos retratar a faixa etária, a escolaridade, tempo de experiência como professor de Arte, sua fruição de Arte, conhecimentos tecnológicos para uso pessoal e profissional, experiência com as diferentes linguagens artísticas, entre outras informações consideradas úteis para compor a caracterização dos sujeitos aqui mencionados.

De acordo com Goddard III e Villanova, justificamos o uso deste instrumento nesta pesquisa:

Os questionários consistem em instrumentos compostos de um conjunto de perguntas elaboradas em geral, com o intuito de reunir informações sobre as percepções, crenças e opiniões dos indivíduos a respeito deles próprios

e dos objetos, pessoas, eventos presentes em seu meio ambiente (GODDARD III; VILLANOVA apud MOURA; FERREIRA; PAINE, 1998, p.81).

E a confirmamos com Chizzotti (2000, p.55):

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada.

A entrevista também foi adotada como um dos instrumentos para coleta dos dados (APÊNDICE 2), “na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p.39). Ainda de acordo com as autoras, também justificamos o uso deste instrumento, pois:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bemfeita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário.

Portanto, para aprofundarmos os pontos que foram levantados pelo questionário, fizemos uso também como instrumento a entrevista, que “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p.40).

Fizemos a escolha de dois professores de Arte, formado em uma das linguagens artísticas, que responderam ao questionário, para entrevistarmos. Por meio de contato telefônico, fizemos com o entrevistado um prévio agendamento para a entrevista, respeitando a sua disponibilidade, quanto ao dia e horário para participar de nossa pesquisa. Além de antecipadamente, fazer a confirmação para a entrevista, lembrando o horário, deste modo evitando desencontros. Na intenção de obter maiores detalhes, as entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente.

Para o momento da entrevista, procurou-se um ambiente adequado, tranquilo, para que os sujeitos entrevistados possam se sentir à vontade. Lüdke e

André (1986, p.35) comentam sobre o clima de confiança que deve ser gerado para que o entrevistado se sinta à vontade para se expressar.

Ao lado do respeito pela cultura e pelos valores de entrevistado, o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado. Essa estimulação não deve, entretanto, forçar o rumo das respostas para determinada direção. Deve apenas garantir um clima de confiança, para que o informante se sinta à vontade para se expressar livremente.

Pretendeu-se com as entrevistas que foram realizadas identificar alguns dos saberes que não devem faltar e a serem desenvolvidos para a articulação do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação como recursos para uso nas aulas de Arte.

Mais adiante, obtermos informações que nos permitam identificar nossas dificuldades, inquietações, vantagens e aspectos positivos no uso das TIC por professores de Arte, contribuindo para diferentes letramentos de seus alunos.

4.5 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

*“A linguagem serve para comunicar e para não comunicar.
As relações de linguagem são relações de sujeito e de sentidos
e seus efeitos são múltiplos e variados.
Daí a definição de discurso:
o discurso é efeito de sentidos entre locutores.
(Eni P. Orlandi)*

Posterior à coleta de dados, os mesmos foram organizados e analisados:

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa (...). A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p. 53).

Com isso, após coleta, seleção e organização dos dados, fizemos a análise a partir da Análise do Discurso (AD) (ORLANDI, 1999; 2004) que se aplica a qualquer tipo de texto. Não é exclusividade de estudantes e pesquisadores em Letras e não é mera técnica de comentário de texto.

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema na ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeito e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2003, p.21)

A linguagem não é mero código que se aprende e aplica, de modo mecânico e/ou automático. Não pode, portanto, ser considerada segundo uma visão mecanicista, que leva a uma produção discursiva acrítica e/ou limitada em suas possibilidades. A boa prática discursiva, ao contrário, implica compreender que a linguagem não pode ser estudada independentemente de seu contexto sócio-histórico, isto é porque traz em si os valores e a história social de diferentes grupos.

Partindo do princípio que a AD trabalha com o sentido, sendo o discurso heterogêneo marcado pela história e ideologia, a AD entende que não irá descobrir nada novo, apenas fará uma nova interpretação ou uma releitura; outro aspecto a ressaltar é que a AD mostra como o discurso funciona não tendo a pretensão de dizer o que é certo, porque isso não está em julgamento.

Na interpretação é importante lembrar que o analista é um intérprete, que faz uma leitura também discursiva influenciada pelo seu afeto, sua posição, suas crenças, suas experiências e vivências; portanto, a interpretação nunca será absoluta e única, pois também produzirá seu sentido.

4.5.1 Da escolha dos dois sujeitos para a AD

Entendemos que o questionário, tal qual planejado, nos proporcionou o diagnóstico inicial dos professores usuários de TIC em suas aulas de Arte, e se usuários deveriam ser também letrados. Partimos desta premissa, entretanto será

neste momento de pesquisa que poderemos adentrar e nos aprofundar na questão de como este professor entende este uso na sua prática.

O número 2 foi uma questão de escolha pessoal, para se ter uma relação de comparação, entre os discursos apresentados na entrevista, de maneira a poder verificar e certificar as respostas do questionário.

Contudo, realizamos o questionário e a entrevista, como já dito utilizado como instrumentos na coleta de dados para esta pesquisa e na sequência apresentará os resultados obtidos com o questionário.

4.6 DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO ÀS RESPOSTAS QUE OBTEMOS

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo”.
(Paulo Freire)*

Com os dados do questionário coletados e organizados, fizemos a análise que apresentaremos na sequência.

Na última questão deste questionário, optamos por transcrever aqui as respostas sem identificarmos os sujeitos respondentes, conforme o Termo de Consentimento Esclarecido, portanto, identificamos como Professor 1, Professor 2 e assim sucessivamente.

Como já descrito, o questionário foi dividido em três dimensões: Conhecendo os sujeitos de pesquisa, Profissional e da Linguagens artísticas, na qual apresentaremos as análises de acordo com cada uma das dimensões.

Na Dimensão – Conhecendo os sujeitos de pesquisa, são apresentadas, na Tabela 8, informações referentes ao perfil desses participantes.

QUADRO 8 – PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Caracterização dos Participantes ¹⁹		
Participante	Idade aproximada	Escolaridade
Professor 1	31 – 40	Mestrado
Professor 2	31 – 40	Especialização
Professor 3	41 – 50	Especialização
Professor 4	31 – 40	Especialização

¹⁹ QUADRO 8 - Fonte: Dados trabalhados pela autora (2016).

conclusão

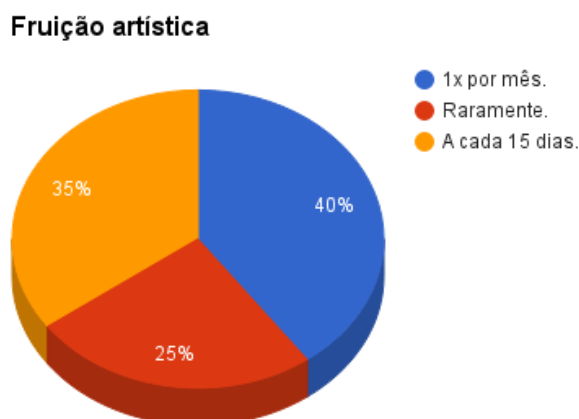
Participante	Idade aproximada	Escolaridade
Professor 5	31 – 40	Licenciatura
Professor 6	41 – 50	Licenciatura
Professor 7	31 – 40	Licenciatura
Professor 8	41 – 50	Especialização
Professor 9	41 – 50	Especialização
Professor 10	41 – 50	Especialização
Professor 11	31 – 40	Mestrado
Professor 12	31 – 40	Mestrado
Professor 13	31 – 40	Licenciatura
Professor 14	41 – 50	Especialização
Professor 15	31 – 40	Especialização
Professor 16	31 – 40	Especialização
Professor 17	31 – 40	Especialização
Professor 18	51 – 60	Especialização
Professor 19	31 – 40	Especialização
Professor 20	20- 30	Especialização

FONTE: A autora (2016)

A tabela acima demonstra que dos 20 sujeitos participantes do questionário, um participante apresenta idade compreendida de 20 a 30 anos; doze participantes se enquadram na faixa etária de 31 a 40 anos; seis participantes entre 41 a 50 anos e um sujeito com faixa etária entre 51 a 60 anos. No que diz respeito à formação dos participantes, três com mestrado, quatorze com especialização e quatro com licenciatura.

O Gráfico 1, a seguir, se refere à fruição artística dos Professores de Arte participantes da pesquisa.

GRÁFICO 1 – FRUIÇÃO ARTÍSTICA

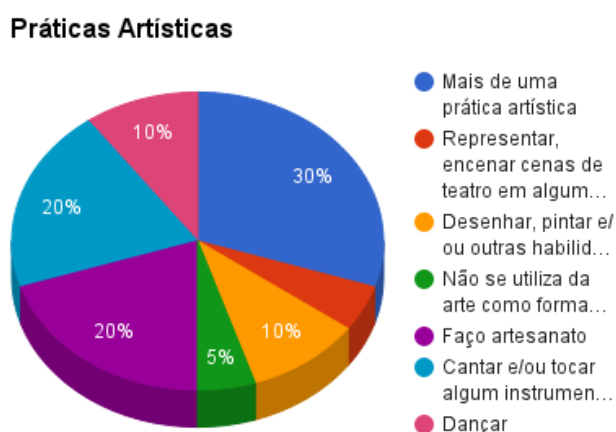


FONTE: A autora (2016)

De acordo com este item, 40% dos participantes frequentam museu, cinema, teatro, musicais e/ou espetáculos de dança, pelo menos uma vez por mês, 35% tem esse momento de fruição a cada quinze dias e 25% responderam ter raramente um momento de fruição artística. Conforme aponta o gráfico, verifica-se que a maioria dos sujeitos que compõe a pesquisa são fruidores de Arte.

O Gráfico 2, apresenta as diferentes práticas artísticas realizadas pelos participantes desta pesquisa.

GRÁFICO 2 – PRÁTICAS ARTÍSTICA



FONTE: A autora (2016)

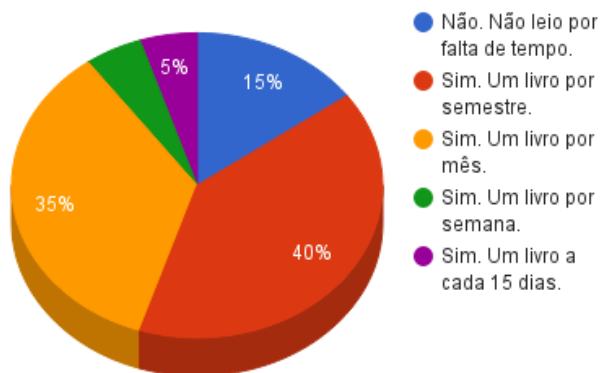
Neste item, pode-se perceber práticas artísticas bem divididas, sendo, no entanto, que 30% responderam realizar com frequência ou ter habilidade em mais de uma prática artística. Dos participantes, 20% responderam fazer artesanato e 20% costumam cantar e/ou tocam algum instrumento musical. Outros 10% responderam ter como prática artística, o ato de dançar e 10% desenhar, pintar ou outras habilidades visuais. Apenas 5% disseram não se utilizar da Arte como forma de se expressar e menos de 5% alegaram ter a representação como preferência de prática artística.

O gráfico 3, demonstra o hábito de leitura dos Professores de Arte participantes deste estudo, também considerado nesta pesquisa, importante como

prática de fruição artística, ou seja, a leitura pelo prazer de leitura, a fruição literária dos Professores de Arte, participantes desta pesquisa.

GRÁFICO 3 – FRUIÇÃO DE LITERATURA

Hábito de leitura



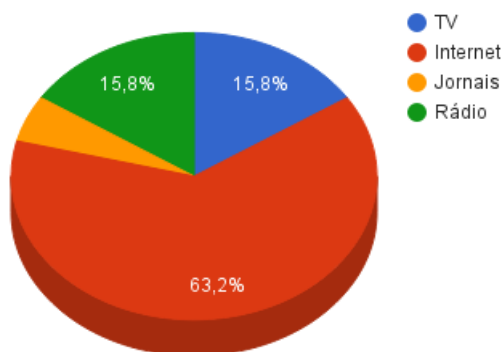
FONTE: A autora (2016)

No gráfico acima, percebe-se que grande parte dos participantes tem o hábito de leitura, pois 40% responderam ler um livro por semestre, 35% um livro por mês, 5% um livro a cada quinze dias e menos de 5% responderam ler um livro por semana, já os que disseram não ler, por falta de tempo, corresponde a 15% das respostas dos participantes.

No gráfico 4, apresenta-se a média de preferência dos Professores de Arte, participantes ao buscar informações cotidianas.

GRÁFICO 4 – MÍDIA DE PREFERÊNCIA

Mídia em que busca informações cotidianas

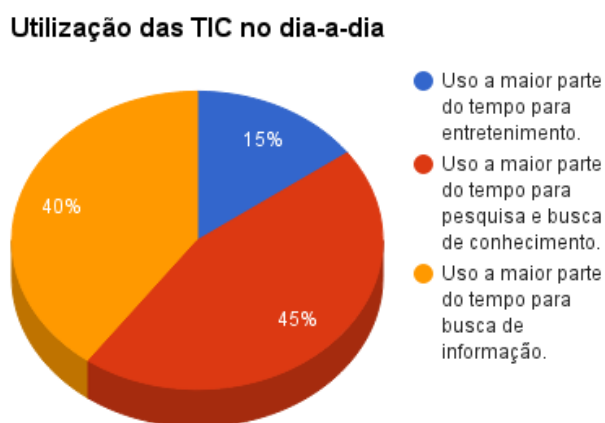


FONTE: A autora (2016)

No item acima, pode-se perceber, que mais da metade dos participantes, ou seja, 63,2% dos Professores de Arte buscam informações cotidianas por meio da internet. Outros responderam, de forma dividida, 15,8% cada, utilizar a televisão e o rádio para busca de informações e menos de 5% colocaram o jornal como mídia utilizada para busca de informação cotidiana.

Quanto a utilização de celular, *tablet*, *notebook*, computador, rádio e televisão no dia-a-dia, o gráfico 5, demonstra:

GRÁFICO 5 – UTILIZAÇÃO DAS TIC NO DIA A DIA:

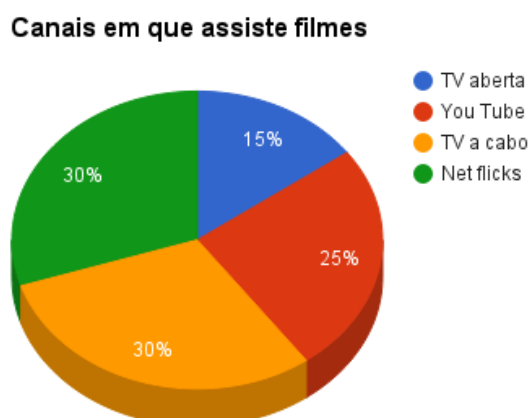


FONTE: A autora (2016)

Quanto ao uso das TIC no dia- a- dia, no gráfico acima, percebe-se que grande parte dos participantes, especificamente 45%, utilizam celular, *tablet*, *notebook*, computador, rádio e televisão para pesquisa e busca de conhecimento, 40% para busca de informação e 15% para entretenimento.

Quanto aos canais que os professores de Arte participantes costumam assistir filmes, o gráfico 6 apresenta:

GRÁFICO 6 – CANAIS EM QUE ASSISTE FILMES:



FONTE: A autora (2016)

O gráfico 6, nos mostra os canais escolhidos pelos participantes para assistir filmes. Observamos um gráfico bem dividido, na qual encontramos 30% que assistem filmes por meio do Net flicks, 30% por TV a cabo, 25% por meio do You Tube e apenas 15% escolhem a TV aberta como canal de preferência para assistir filmes.

Na Dimensão – Profissional, na Tabela 9, são apresentadas informações referentes ao perfil profissional dos participantes desta pesquisa.

QUADRO 9 – PERFIL PROFISSIONAL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Caracterização Profissional dos Participantes ²⁰					
Participante	Tempo como professor de Arte	Habilitação	Atuação em escola (pública/privada)	Horas-aulas ministradas por semana	Horas utilizadas para preparar aula.
Professor 1	6 – 10 anos	Artes Visuais	Pública	21- 40 horas	10 horas
Professor 2	0 – 5 anos	Atua na área de arte, sem formação.	Pública	10- 20 horas	4 horas
Professor 3	Mais de 21 anos	Artes Visuais	Pública	21- 40 horas	10 horas
Professor 4	0 – 5 anos	Artes Visuais	Pública	10- 20 horas	7 horas
Professor 5	6 – 10 anos	Atua na área de arte, sem formação.	Pública	10- 20 horas	7 horas

²⁰ QUADRO 9 - Fonte: Dados trabalhados pela autora (2016).

Participante	Tempo como professor de Arte	Habilitação	Atuação em escola (pública/privada)	Horas-aulas ministradas por semana	conclusão
					Horas utilizadas para preparar aula.
Professor 6	6 – 10 anos	Artes Visuais	Pública	21- 40 horas	7 horas
Professor 7	0 – 5 anos	Atua na área de arte, sem formação.	Pública	Sem resposta	7 horas
Professor 8	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta
Professor 9	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta	Sem resposta
Professor 10	11 – 15 anos	Artes Visuais	Pública	10- 20 horas	7 horas
Professor 11	6 – 10 anos	Artes Visuais	Pública	10- 20 horas	10 horas
Professor 12	6 – 10 anos	Artes Visuais	Pública	Mais de 40 horas	10 horas
Professor 13	0 – 5 anos	Atua na área de arte, sem formação.	Pública	21- 40 horas	20 horas
Professor 14	11 – 15 anos	Artes Visuais	Pública	21- 40 horas	7 horas
Professor 15	16 – 20 anos	Artes Visuais	Pública	21- 40 horas	10 horas
Professor 16	6 – 10 anos	Artes Visuais	Pública	21- 40 horas	10 horas
Professor 17	0 – 5 anos	Artes Visuais	Pública	10- 20 horas	7 horas
Professor 18	Mais de 21 anos	Artes Visuais	Privada	10- 20 horas	20 horas
Professor 19	0 – 5 anos	Teatro	Privada	10- 20 horas	Mais de 20 horas
Professor 20	0 – 5 anos	Artes Visuais	Privada	21- 40 horas	7 horas

FONTE: A autora (2016)

A tabela apresentada acima, nos mostra o perfil profissional dos 20 sujeitos que responderam ao questionário. Quanto a questão do tempo de atuação como professor (a) de arte, tivemos sete participantes que responderam atuar no tempo de 0 a 5 anos como professor de Arte; seis no tempo de 6 a 10 anos; dois participantes de 11 a 15 anos, um de 16 a 20 anos, dois há mais de 21 anos e dois participantes que não responderam a esta questão.

Quanto à formação específica em umas das quatro linguagens artísticas, treze participantes responderam ter habilitação específica na linguagem de artes visuais, um em Teatro, quatro atuam na área de Arte, sem formação específica e dois participantes que não responderam a esta questão.

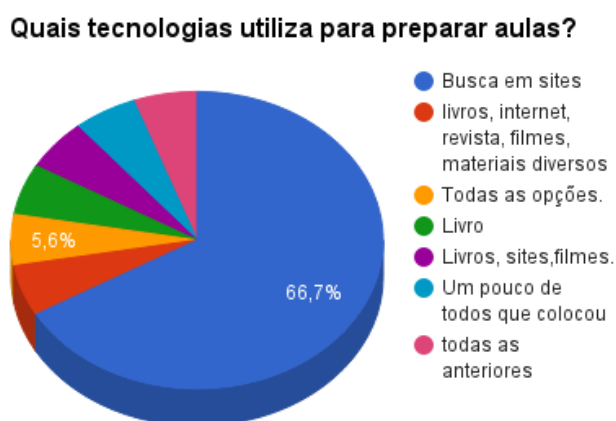
Quanto à atuação em escola pública ou privada, quinze dos sujeitos participantes ao questionário responderam atuar em escola pública, três em escolas da rede privada e dois que não responderam a questão.

A questão relacionada à quantidade de horas de aulas ministradas por semana, oito participantes responderam ministrar de 10 a 20 horas de aulas por semana, oito responderam de 21 a 40 horas de aula, um participante ministra mais de 40 horas de aula por semana e três participantes, não responderam a esta questão.

Na quantidade de horas utilizadas para preparar aulas, um participante respondeu usar 4 horas, oito responderam utilizar 7 horas, seis participantes responderam utilizar 10 horas, dois responderam 20 horas, um mais de 20 horas e dois ficaram sem responder.

O Gráfico 7, a seguir, nos mostra quais tecnologias os professores de Arte, segundo os participantes deste questionário, utilizam para preparar suas aulas.

GRÁFICO 7 – TECNOLOGIAS UTILIZADAS PARA PREPARAR AULAS:

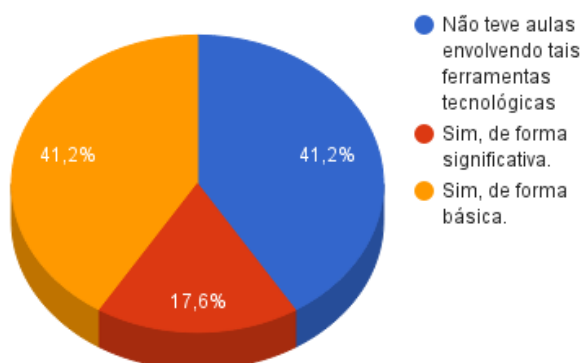


FONTE: A autora (2016)

O gráfico 7, apresenta que a grande maioria dos participantes desta pesquisa, 66,7% utilizam a busca em sites para preparar suas aulas, 5,6% responderam utilizar todas as opções, e menos de 5% em cada uma das outras cinco opções oferecidas.

Questionado aos Professores de Arte participantes, se na formação acadêmica tiveram aulas envolvendo, o uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outras ferramentas para uso na prática pedagógica, conforme verificamos no gráfico 8:

GRÁFICO 8 – FORMAÇÃO ACADÊMICA PARA USOS DAS TIC

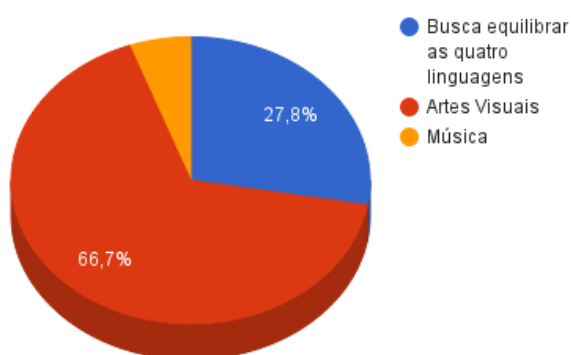
Formação acadêmica e o uso das TIC

FONTE: A autora (2016)

No gráfico acima, percebe-se dividido com 41,2% dos participantes que responderam que não tiveram aulas envolvendo tais ferramentas tecnológicas em sua formação acadêmica, outros 41,2% responderam que tiveram, no entanto de forma básica, e apenas 17,6% responderam que tiveram sim e de forma significativa em sua formação acadêmica, aulas envolvendo o uso das TIC.

O Gráfico 9, apresenta qual das linguagens artísticas é dada uma maior ênfase nas aulas de Arte, de acordo com os participantes.

GRÁFICO 9 – ÊNFASE NAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Linguagem artística com maior ênfase

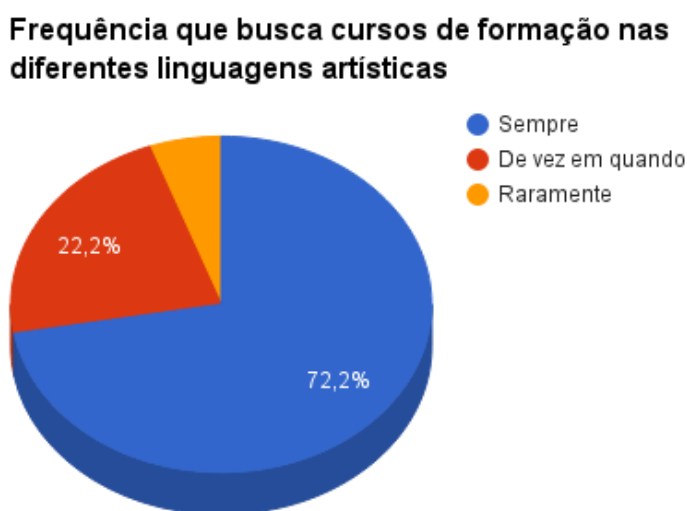
FONTE: A autora (2016)

No item acima, pode-se perceber, que mais da metade dos participantes, ou seja, 66,7% dos Professores de Arte dão maior ênfase em suas aulas, na linguagem de Artes Visuais. Outros 27,8% buscam equilibrar as quatro linguagens e menos de

5% dão uma maior ênfase na linguagem de música. As outras duas linguagens dança e teatro não foram citadas.

O Gráfico 10, na sequência, nos mostra a frequência com que os professores de Arte, buscam conhecer e/ou cursos de formação nas outras linguagens artísticas, em que não tem formação acadêmica.

GRÁFICO 10 – CURSOS DE FORMAÇÃO - LINGUAGENS ARTÍSTICAS



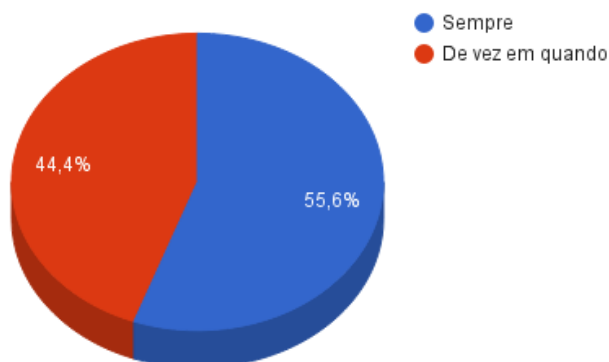
FONTE: A autora (2016)

O gráfico acima, nos apresenta que a grande maioria dos professores de Arte participantes desta pesquisa, especificamente 72,2% sempre busca se aperfeiçoar nas linguagens artísticas que não dominam, outros 22,2% responderam que procuram de vez em quando e menos de 5% raramente.

O gráfico abaixo, nos apresenta se os participantes costumam fazer relações do ensino da arte com outras áreas do conhecimento.

GRÁFICO 11 – RELAÇÃO DO ENSINO DA ARTE COM OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

Relaciona o ensino de Arte com outras áreas do conhecimento



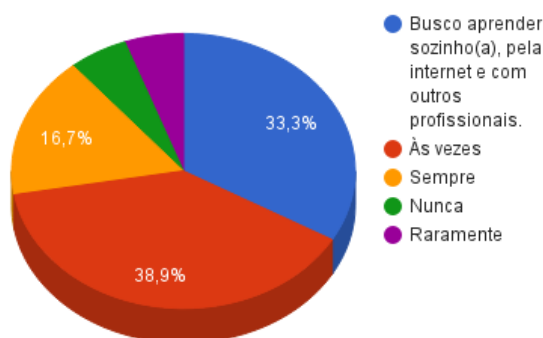
FONTE: A autora (2016)

O gráfico 11, apresenta que 55,6% dos participantes buscam relacionar o ensino de Arte com outras áreas do conhecimento e 44,4% responderam somente de vez em quando.

O gráfico 12, nos apresenta com que frequência os Professores de Arte, participantes desta pesquisa, buscam conhecer e/ou cursos de formação para o uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outros em sala de aula.

GRÁFICO 12 – CURSOS PARA USO DAS TIC

Frequência com que busca cursos para uso das TIC em sala de aula



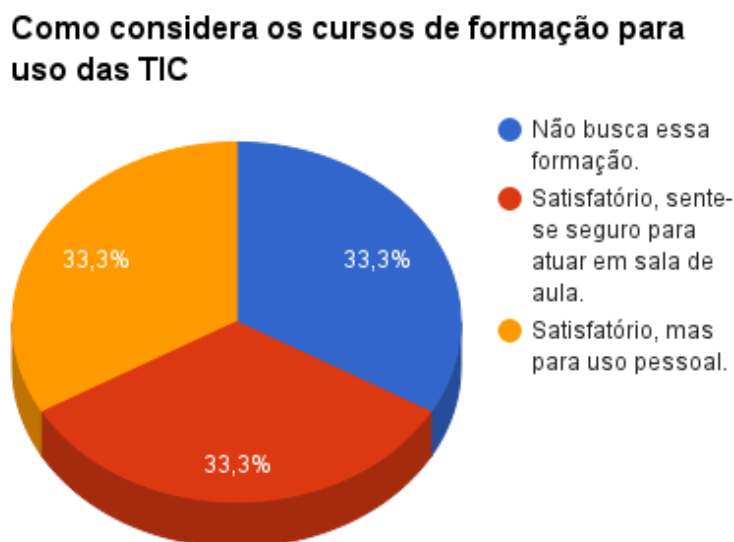
FONTE: A autora (2016)

Acima, no gráfico apresentado pode-se perceber, que a maioria dos participantes, 38,9% responderam que buscam tais cursos de vez em quando,

33,3% responderam que buscam aprender sozinhos, pela internet ou com outros profissionais. Outros 16,7%, responderam que sempre buscam a formação para uso das TIC em sala de aula, e menos de 5% dividiram as respostas entre raramente e nunca.

No gráfico 13, mostra-se como esses professores de Arte consideram esses cursos de formação para uso das TIC em sala de aula.

GRÁFICO 13 – OS CURSOS DE FORMAÇÃO PARA USO DAS TIC



FONTE: A autora (2016)

No gráfico acima, podemos observar de forma bem dividido, 33,3% não buscam essa formação, 33,3% consideram esses cursos satisfatório, mas para uso pessoal e 33,3% disseram que esses cursos são satisfatório e sentem - se seguro para atuar em sala de aula com o uso da TIC.

Na sequência, o gráfico abaixo, nos apresenta como os professores de Arte, organizam a prática pedagógica.

GRÁFICO 14 – ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA



FONTE: A autora (2016)

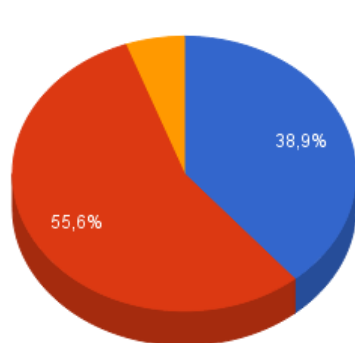
O gráfico 14, apresenta que a grande maioria dos participantes desta pesquisa, exatamente 94,4% buscam uma prática pedagógica baseada em aula teórica, produções individuais, discussão crítica e reflexiva, e produção coletiva, e menos de 5% organizam sua prática pedagógica, em aula teórica, produções individuais, com pouca discussão e produção coletiva de vez em quando.

Na Dimensão – Das linguagens, foram realizadas quatro questões fechadas e uma aberta, sendo as mesmas para cada uma das linguagens artísticas: música, dança, teatro e artes visuais. Os gráficos foram organizados juntos para uma melhor comparação.

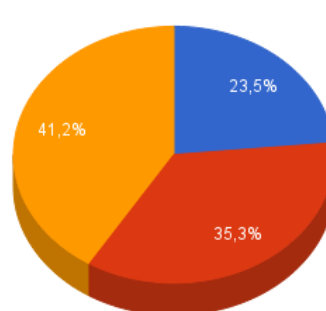
A primeira questão foi a respeito das condições escolares que o professor de Arte vivencia, o que este docente precisa desenvolver e aprofundar para fazer uso de computadores, celulares, *tablets*, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outras ferramentas tecnológicas, de forma significativa para o ensino da linguagem específica.

Nos gráficos abaixo, mostra-se as respostas a esta questão em cada uma das linguagens artísticas: música, dança, teatro e artes visuais.

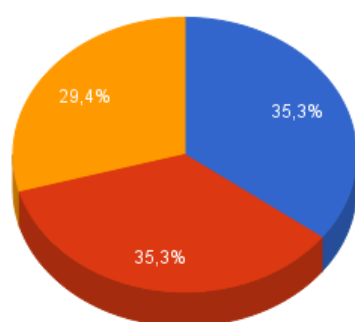
GRÁFICOS 15 – LINGUAGENS ARTÍSTICAS
O PROFESSOR DE ARTE PRECISA DESENVOLVER E APROFUNDAR PARA FAZER USO DAS
TIC DE FORMA SIGNIFICATIVA EM SALA DE AULA

Música

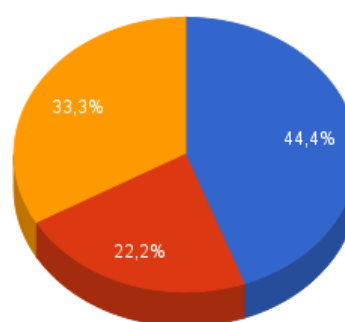
- Uma postura e metodologia inovadora.
- Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular, tablet, notebook,...
- Vivenciar mais a música e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imagi...

Dança

- Uma postura e metodologia inovadora.
- Vivenciar mais a dança e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imaginação.
- Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular,...

Teatro

- Uma postura e metodologia inovadora.
- Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular, tablet, notebook,...
- Vivenciar mais o teatro e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imagi...

Artes visuais

- Uma postura e metodologia inovadora.
- Vivenciar mais as artes visuais e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imaginação.
- Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular,...

FONTE: A autora (2016)

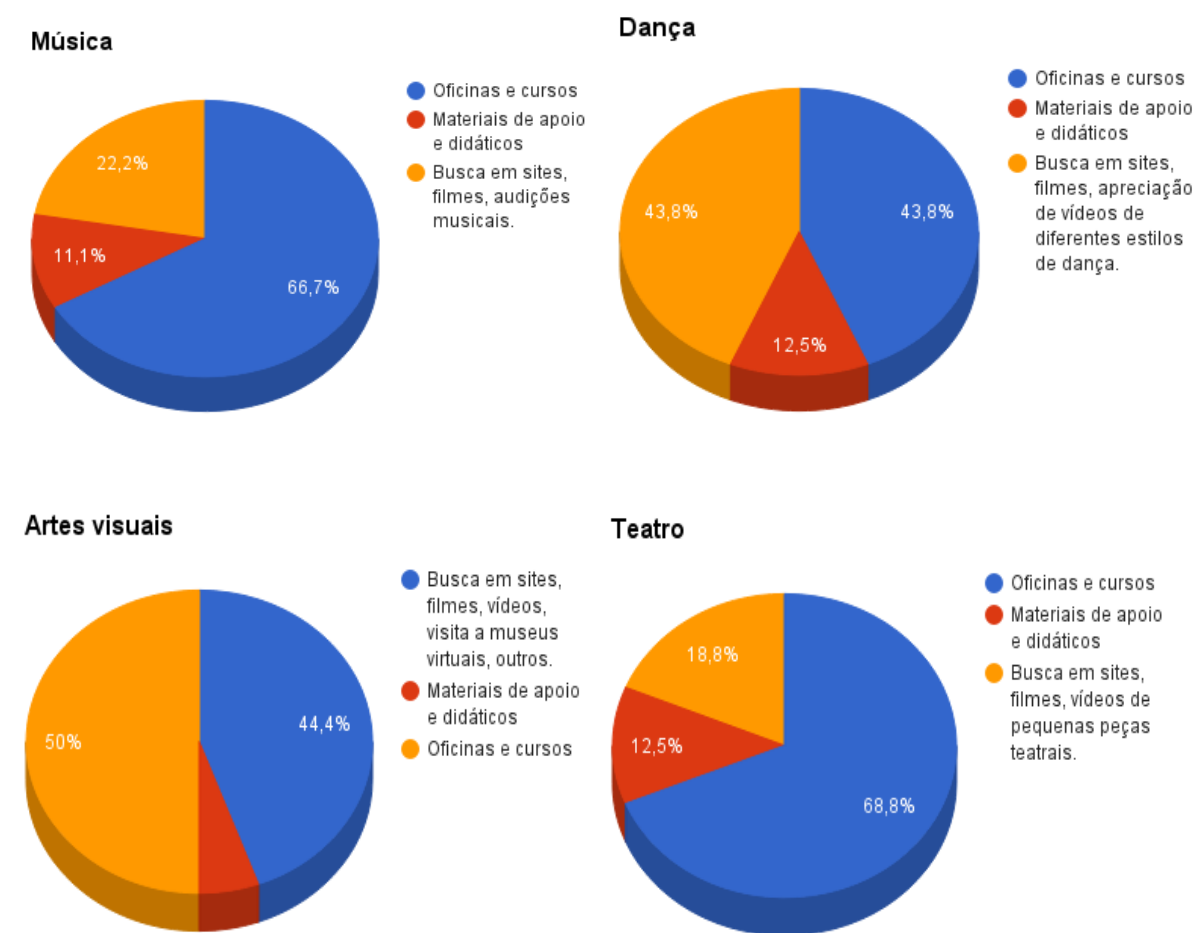
Observando os gráficos, segundo os participantes o professor de Arte precisa desenvolver e aprofundar para fazer uso das TIC de forma significativa em sala de aula, a maioria das respostas foram, na linguagem de música 55,6%, em dança, 41,2%, responderam que é necessário a formação continuada, para aprender a fazer uso de diferentes ferramentas.

Na linguagem de teatro as respostas foram divididas em maior parte entre, uma postura e metodologia inovadora e formação continuada, para aprender a fazer uso das TIC em sala de aula.

E em artes visuais 44,4%, responderam que o professor necessita desenvolver e aprofunda uma postura e metodologia inovadora.

A segunda questão foi como os professores de Arte participantes tem buscado uma formação continuada na linguagem específica.

GRÁFICO 16 – LINGUAGENS ARTÍSTICAS
BUSCA DE FORMAÇÃO CONTINUADA

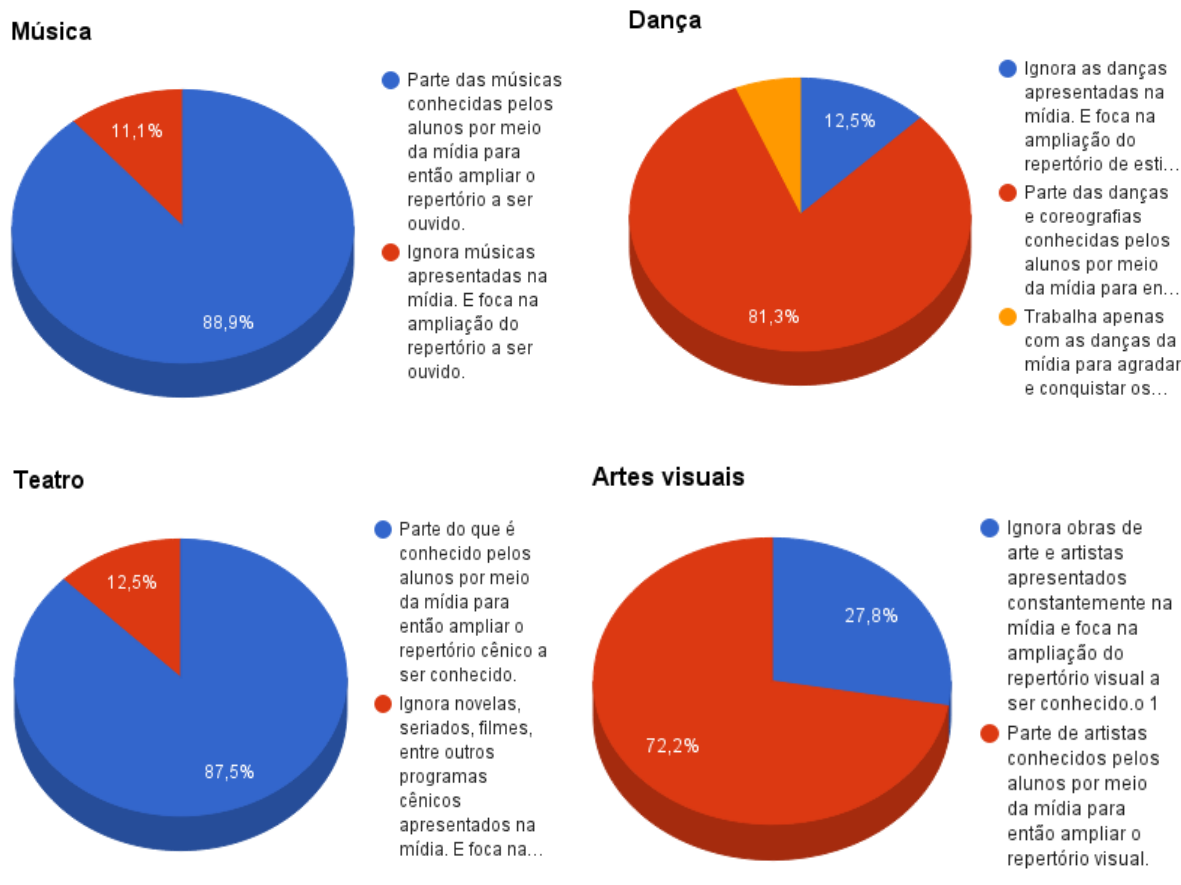


FONTE: A autora (2016)

Segundo as respostas dos participantes em cada uma das linguagens, os professores de Arte tem buscado formação continuada, na grande maioria na linguagem de música 66,7%, em teatro 68,8%, buscando em sites, filmes, entre outros. Na linguagem de dança também, se dividindo em 43,8% de cada com materiais de apoio e didáticos. E na linguagem de artes visuais, 50% dos participantes tem buscado formação continuada por meio de oficinas e cursos.

A terceira questão foi a respeito da postura dos professores de Arte participantes da pesquisa diante da influência da mídia trazida pelos alunos em cada uma das linguagens.

GRÁFICO 17 – CONJUNTO DE GRÁFICOS DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS
POSTURA DIANTE DA INFLUÊNCIA DA MÍDIA TRAZIDA PELOS ALUNOS

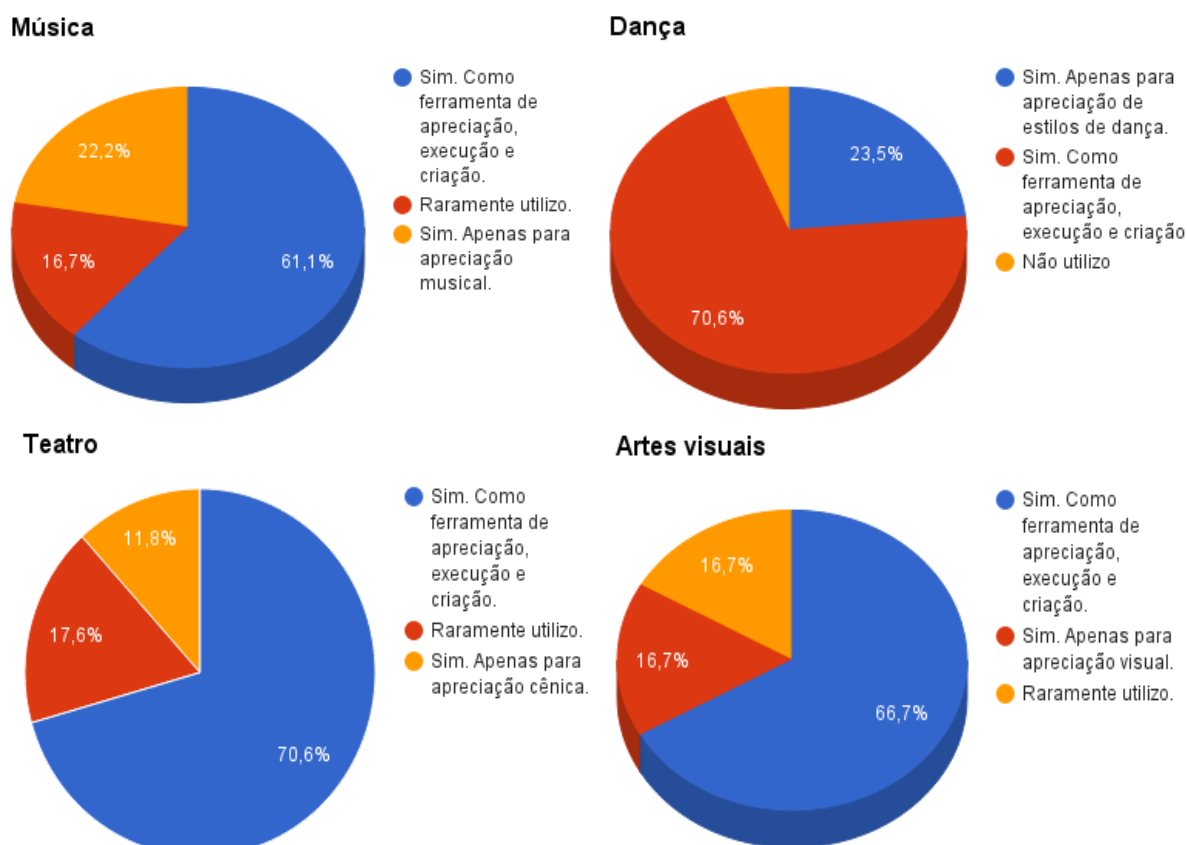


FONTE: A autora (2016)

Observando os gráficos, podemos perceber que nas quatro linguagens artísticas, a postura do professor de Arte diante da influência da mídia trazida pelos alunos (músicas tocadas no rádio, coreografias de danças apresentadas na TV, artistas conhecidos, novelas, entre outras), as respostas foram as mesmas para cada linguagem, em que os participantes partem do que é conhecido/trazido pelos alunos por meio da mídia para então ampliar o repertório a ser ouvido, nos deram esta resposta em música 88,9% dos participantes, 81,03% em dança, 87,5% em teatro e 72,2% em artes visuais.

A quarta questão na dimensão das linguagens artísticas, foi para saber se os professores de Arte utilizam de rádio, gravador, celular, tablet, notebook, câmera fotográfica, multimídia entre outras ferramentas em suas aulas com cada uma das linguagens artísticas.

GRÁFICO 18 – CONJUNTO DE GRÁFICOS DAS LINGUAGENS ARTÍSTICAS
UTILIZAÇÃO DAS TIC EM CADA UMA DAS LINGUAGENS



FONTE: A autora (2016)

Verificando os gráficos, percebemos que nas quatro linguagens artísticas, os professores de Arte participantes desta pesquisa, utilizam as TIC, como ferramenta de apreciação, execução e criação. Foram a maioria que responderam desta forma, em música 61,1%, em dança 70,6%, em teatro 70,6% e artes visuais 66,7%.

E na quinta e última questão, que foi aberta, foi questionado se os professores de Arte participantes desta pesquisa utiliza na prática pedagógica, em pelo menos uma das linguagens artísticas, rádio, gravador, celular, tablet, notebook, computador, multimídia, câmeras digitais, entre outros, para o momento de criação dos alunos, e foi solicitado para citar exemplos. Sendo assim, tivemos as seguintes respostas, conforme verificamos (TABELA 10):

QUADRO 10 – RESPOSTA ABERTA AO QUESTIONÁRIO²¹

Participante	Resposta
Professor 1	Sim
Professor 2	Sempre faço o uso de recursos de mídias. Fazendo uso de tais tecnologias, acrescenta muito mais o conhecimento do estudante, facilitando assim a aprendizagem. Dessa forma, as aulas de tornam muito mais prazerosas.
Professor 3	Sim pois, auxilia muito.
Professor 4	Em varias aulas utilizo o rádio, para ouvir musicas diversas, tiro muitas fotos com câmera digital e celular e uso o notebook e computador para fazer diversas pesquisas.
Professor 5	Geralmente usamos o caderno de desenho, pois trabalho na prefeitura de Curitiba e não tenho muitos recursos pra utilizar em sala.
Professor 6	Utilizou com os alunos o meu rádio e o meu notebook apenas para apreciação. Não sei como trabalhar na criação e produção dos alunos. Precisaria de cursos.
Professor 7	Faço uso maior nas aulas de dança e música. Nas aulas de Artes Visuais, para apreciação de imagens e obras.
Professor 8	Sem resposta
Professor 9	Sem resposta
Professor 10	A questão do uso de tecnologias na escola ainda é bastante complicada. Em minha sala tem um computador que procuro usar sempre, porém, há problemas diversos com o aparelho em si, com internet, etc, o que dificulta e desanima o uso. Não temos um aparelho se som de qualidade para uso nas aulas, o próprio computador que poderia ser usado para este fim, apresenta o som muito baixo o que praticamente inviabiliza o uso. A escola possui netbooks que poderiam ser usados, porém todo o processo para conseguir o material é tão complicado que acabo optando pelo uso de materiais que tenho acesso com maior facilidade. Acredito que o uso das tecnologias como ferramenta para o professor e como material para investigação e aprendizagem dos alunos e fundamental nos dias de hj, mas infelizmente a escola ainda está bastante distante disso. Sinto-me até envergonhada por não fazer mais usos destes recursos, mas a realidade na escola nos deixa enfraquecidos e continuamos trabalhando de forma a ignorar avanços tão importantes com as tecnologias. Uma pena...
Professor 11	Nas aulas de Artes Visuais utilizamos o celular, o tablet e as câmeras digitais quando trabalhamos com a técnica fotografia. Nas aulas de Teatro utilizamos o computador para desenvolver a sonoplastia da peça de teatro. Nas aulas de música utilizamos o computador, o rádio e o multimídia para apreciação das músicas e danças. Esses são apenas alguns exemplos.

²¹ QUADRO 10 - Fonte: Dados trabalhados pela autora (2016).

conclusão

Participante	Resposta
Professor 12	Os alunos podem utilizar seus celulares com cameras fotograficas digitais inseridas para realizar atividade de stop motion, cujo filme é montado no seu computador ou no da escola (caso esta tenha). As produções são passadas aos colegas por meio de aparelho multimídia para análise e discussão entre o grupo.
Professor 13	Uso com certeza, pois enriquece a aula, nos dá um grande apoio, ao meu ver é um excelente recurso. Abraços!!
Professor 14	Sim, Como ferramenta de apreciação, execução e criação.
Professor 15	Sim, Como ferramenta de apreciação, execução e criação.
Professor 16	Sim, Utilizo TV, computador, celular e tablets, principalmente nas aulas de dança, música e teatro.
Professor 17	Sim, para atividades artísticas de criação e para inserir o aluno dentro do contexto da história da arte.
Professor 18	Sim utilizo celular, tablet, computador. Tem total liberdade de criação, única interferência é o uso da técnica e o objetivo a ser alcançado.
Professor 19	Não, pois não faz parte da minha proposta. Tenho pouco tempo com os meus alunos e foco este tempo na produção artística com materiais simples os quais eles ainda não dominam. Acredito que devemos reviver com as crianças o processo evolutivo da humanidade, sendo assim primeiro aprendemos a fazer só com o corpo, para depois aprendermos a trabalhar com ferramentas simples até chegar no tecnológico... Como so trabalho com pequenos fico na fase da simplicidade.
Professor 20	Sim. Exemplifico, na linguagem de dança, quando levo o rádio para sala de aula, para os movimentos serem criados, partindo dos estímulos sonoros.

FONTE: A autora (2016)

Com isso, podemos perceber que as TIC ainda são pouca usada pelos professores de Arte, ficando, quando utilizada, apenas como instrumento de apreciação. No entanto, percebemos também, alguns professores motivados, que fazem a sua parte, tentam realizar, acrescentar as TIC em suas aulas, mesmo com pouco conhecimento, preparação, incentivo e recursos disponíveis.

Sendo assim, na sequência, tentando responder ao nosso problema de pesquisa: Como os professores de Arte entendem o uso das TIC em sua prática pedagógica? Faremos a apresentação e discussão dos resultados de nossa análise de pesquisa.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS



22

Nesta seção, apresentam-se os dados obtidos na entrevista, organizada e sistematizada, de acordo com a abordagem de Análise do Discurso (AD). Na sequência, a análise é construída a partir dos discursos.

(...) Uma lâmpada para iluminar os caminhos à medida que se apaga a luz do dia. É desse jeito que a teoria ilumina e conduz a prática, mas só quando a própria prática a deslocou para a situação a que deve servir e produzir é adequada. Por isso, de saída, não se pode saber quais são nossos interlocutores. Surgirão eles durante a caminhada. Isso faz parte da aventura. .

(Mario Osório Marques)

No estudo da presente pesquisa Arte Multiconectada, pretende-se analisar como os professores de Arte entendem os uso das TIC em sala de aula. Sendo assim, serão apresentados na sequência, os dados obtidos na entrevista, como aconteceu à organização e sistematização dos dados, bem como a análise a partir dos discursos, seguindo a Análise do Discurso (AD).

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2003, P.15)

A AD é de natureza interpretativa. Não é um saber, que pretende achar a verdade. Em suma, a Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto

²² Figura 6 - Alphonsine Fournaise, de Auguste Renoir

- Fonte: <http://www.oversodoinverso.com.br/a-tecnologia-invade-obras-de-arte-historicas>

simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos (ORLANDI, 2003, p.26).

Foram realizadas entrevistas a duas professoras de Arte, que responderam ao questionário, e disseram neste, utilizar as TIC em suas práticas pedagógicas. Ambas da Rede Pública de Ensino, porém, uma professora de Arte da Rede Estadual de Ensino do Paraná, e a outra atuante em paralelo, como professora de Arte da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e na Rede Privada de Ensino.

O interesse na escolha das entrevistadas partiu, em um primeiro momento, do critério da utilização das TIC em seu trabalho em sala de aula nas aulas de Arte, visando um discurso com mais conteúdo para análise. E depois, procuramos professores atuantes em diferentes instituições públicas (municipal e estadual) e/ou privada.

Partindo deste primeiro passo, tivemos os nomes e contatos (basicamente as escolas atuantes e telefone), por meio do qual foi possível entrar em contato, fazer uma breve apresentação, e mostrar os objetivos pretendidos e solicitar a concessão de uma entrevista (que seria gravada), mantendo, no entanto, a confidencialidade.

Combinadas, então, as entrevistas, aconteceram no ambiente de trabalho das entrevistadas, em um momento em que estiveram fora da sala de aula, em permanência, ou hora-atividade, possibilitando, desta forma uma conversação tranquila.

Um roteiro foi pré-elaborado para a entrevista, pois como afirmam Ludke; André (2013, p.42), será preferível e mesmo aconselhável o uso de um roteiro que guie a entrevista através dos tópicos principais a serem cobertos. No entanto, em alguns momentos, certas questões colocadas, geraram outras questões, desta forma, a entrevistadora intervinha na conversação, de forma espontânea.

No entanto, os assuntos que se pretendia abordar diziam respeito, a três grandes temas: Relação com a Arte e trajetória pessoal de formação, as percepções sobre o uso das TIC em sala de aula e a Arte Multiconectada.

A análise do discurso realizada baseou-se na análise das transcrições totais das duas entrevistas realizadas. Em uma análise deste tipo, o primeiro passo é uma leitura calma do material, uma leitura detalhada, ou seja, leitura e releitura do material. “Em muitos casos implica fazer paragens e voltar a reler os mesmos textos,

passado algum tempo, para tentar testar alguma interpretação, ou detectar algum significado que possa ter escapado” (NOGUEIRA, 2001, p.40).

Durante essa fase de leituras contínuas, procuram-se temas repetitivos, frases que pareçam representar situações de forma mais ou menos coerente e de significado similar, metáforas que possam implicar imagens específicas ou mesmo palavras com significados particulares. Isto implica sublinhar e passar para outro papel essas frases, de forma a facilitar a sua organização posterior. Procuram-se, como já se referiu, semelhanças, diferenças, pensando-se em simultâneo que tipo de efeitos discursivos poderão estar implicados (NOGUEIRA, 2001, p.40).

Desta forma, após as leituras e releituras das transcrições das entrevistas, foram identificados diferentes Discursos. Que seguimos com a organização e sistematização dos dados para posterior Análise do Discurso.

5.1 OS DISCURSOS DOS PROFESSORES DE ARTE

*Que é que eu posso escrever?
Como recomendar a anotar frases? [...]
Devemos modelar nossas palavras
até se tornarem o mais fino invólucro
dos nossos pensamentos.
Sempre achei que o traço de um escultor
é identificável por uma extrema simplicidade de linhas.
Todas as palavras que digo –
é por esconderem outras palavras.
(Clarice Lispector)*

O roteiro para entrevista apresentado neste estudo como instrumento para a coleta dos dados contribuiu de forma significativa na busca de impressões, sentimentos e demais percepções dos Professores de Arte, considerados sujeitos desta pesquisa, acerca do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em suas práticas pedagógicas.

Tais percepções são provenientes da seleção e organização dos dados emitidos pelos sujeitos, por meio desse roteiro da entrevista.

A Tabela 11, apresenta as questões abordadas no roteiro. Para facilitar a Análise do Discurso, foram divididos os assuntos, como já dito anteriormente, em três grandes temas: relação com a Arte e trajetória pessoal de formação, as percepções sobre o uso das TIC em sala de aula e a Arte Multiconectada.

QUADRO 11: TEMAS DE ANÁLISE²³

Questões Abordadas no Roteiro da entrevista	Temas de Análise
<ul style="list-style-type: none"> - Para você, o que é Arte? E qual a relação da Arte com a Educação? - Como professora da área, você se considera fruidora de Arte? - Como foi se deparar em ser um professor de Arte polivalente?- Como foi sua formação em Arte? Em qual linguagem é formado? - Quando se formou, que foi para sala de aula, você teve necessidade de buscar formação além da acadêmica? 	Relação com a Arte e trajetória pessoal de formação
<ul style="list-style-type: none"> - Com relação às TIC como foi sua formação? - Como você vê o uso das TIC em sala de aula? - O que você faz de diferente nas aulas de Arte usando as TIC? - O que te motiva a fazer uso dessas ferramentas tecnológicas? - Como o aluno reage sobre o usos das TIC durante as aulas? - Como os professores reagem quando você faz uso das TIC em suas aulas? - Que influências no ensino de Arte as tecnologias podem aprimorar? - Como você percebe o uso das TIC em sala de aula? 	Percepções sobre o uso das TIC em sala de aula
<ul style="list-style-type: none"> - Como você acha que as TIC podem contribuir com a produção artística em sala de aula? - E com o processo de diferentes formas de letramentos? - O que para você significa letramento? - Como você acha que a Arte e as TIC, podem se conectar ao processo de letramentos? - O que é um professor inovador? 	Arte Multiconetada

FONTE: A autora (2016)

Foram dez questões elaboradas como roteiro para a entrevista, no entanto, outras questões foram surgindo e acrescentadas durante a entrevista. O quadro apresentado evidencia essas questões abordadas, bem como a organização dentro dos três temas centrais.

Contudo a entrevista articulada a uma AD possibilitou o surgimento de discursos, sob os quais se evidenciou diferentes aspectos relacionados ao uso das TIC nas aulas de Arte no Ensino Fundamental. Na sequência, apresenta-se cada um

²³ QUADRO 11 - Fonte: Dados trabalhados pela autora (2016).

dos temas e suas respectivas AD. Para cada AD apresentado, faz-se a devida discussão, articulando teorias e estudos já realizados na área.

5.1.1 Relação com a Arte e trajetória pessoal de formação

Na **Relação com a Arte e trajetória pessoal de formação**, parece que encontramos nos Discursos uma dificuldade de explicar a Arte.

(Entrevistada 1)

{...} **Arte...é...** *É tudo de bom.*

{...} *É o que permite você **sair do normal, do institucional.***

(Entrevistada.2)

{...} **Arte é...** *a manifestação da **expressão das pessoas***

{...} *o ser humano desde sempre, **quis deixar seu registro**, sua marca, **por meio da arte**, desde lá na pré-história*

Quando nos Discursos das entrevistas 1 e 2, encontramos, essas pausas presentes, podemos perceber um sentir, um pensar, antes de materializar o seu conceito, o não-dito.

Vale lembrar que há outra forma de se trabalhar o não-dito na análise de discurso. Trata-se do silêncio. Este pode ser pensado como a respiração da significação, lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. É o silêncio como horizonte, como iminência de sentido. Esta é uma das formas de silêncio, a que chamamos silêncio fundador: silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro. Mas há outras formas de silêncio que atravessam as palavras, que “falam” por elas, que as calam (ORLANDI, 2003, p.83).

E de acordo com Duarte Jr.(2012), inicialmente sentimos, depois elaboramos racionalmente os nossos sentimentos. “A Arte não procura transmitir significados conceituais, mas dar expressão ao sentir” (DUARTE JR, 2012, p.44).

O processo do conhecimento humano compreende um jogo entre o vivenciar e o simbolizar (as vivências). Entre o que é sentido e o que é pensado. Chamo de sentir, aí, a nossa apreensão primeira da situação em que estamos. A nossa “primeira impressão” das coisas. Porque a colocação humana no mundo é, primeiramente, emocional, sensitiva; a razão (o pensamento) é uma operação mental posterior (DUARTE JR, 2012, p.42).

A entrevistada 2, fala em seu Discurso sobre a Arte como uma forma de manifestação cultural, de uma forma do ser humano deixar registrado a sua marca, a

sua história, desde a época primitiva – da pré-história. Discurso que se confirma com Duarte Jr:

Um fenômeno comum a todas as culturas – desde as mais “primitivas” às mais “civilizadas”, desde as mais antigas às mais atuais – é a *arte*. A arte do homem pré-histórico, inclusive, é tudo o que restou, integralmente, desses nossos antepassados. Qualquer cultura sempre produziu arte, seja em suas formas mais simples, como enfeitar o corpo com tinturas, seja nas formas mais sofisticadas, como o cinema em terceira dimensão, na nossa civilização. A arte nos acompanha desde as cavernas. (DUARTE JR., 2012, p.38)

Tanto a entrevistada 1, quanto a entrevistada 2, colocam a Arte como uma forma de “expressão”, de liberdade, uma forma de sair “do normal”. Duarte Jr (2012, p.41) também nos fala sobre a expressão:

(...) esta diz respeito à *manifestação de sentimentos* (através de diferentes sinais ou signos). Na expressão, não se transmite um significado explícito, mas se *indicam* sensações e sentimentos. A expressão é ambígua e depende da *interpretação* daquele que a percebe.

Por isso, a Arte, como colocado nos Discursos pelas entrevistadas, deve ser algo que precisamos vivenciar para poder compreender, para poder dar forma a este sentir.

A arte é sempre a criação de uma forma. Toda arte se dá através de formas, sejam elas estáticas ou dinâmicas. Como exemplo de formas estáticas temos : o desenho, a pintura, a escultura, etc. E como exemplos de dinâmicas: a dança (o corpo descreve formas no espaço), a música (as notas compõem formas sonoras), o cinema, etc.(DUARTE JR, 2012, p.44)

Quando questionadas sobre a relação da Arte com a Educação, os Discursos foram os seguintes:

(Entrevistada 1)

{...}Agora, a relação com a educação, eu acho que **é... Arte é bem complicado.**

{...} Você tenta institucionalizar uma área, acaba sendo **uma disciplina...**

{...}, o próprio nome já diz: **dis-ci-pli-na.**

{...} **Que vai contra o que a Arte propõe**

{...} que é, a criatividade, a liberdade, é romper paradigmas, limites...Não tem limites para a arte.

(Entrevista.2)

{...} e nos dias de hoje, eu percebo a **arte como área do conhecimento mesmo**, assim como as outras áreas do conhecimento que a gente tem no currículo

Podemos verificar, analisando os Discursos anteriores sobre a Arte e comparando com os Discursos sobre a relação da Arte com a Educação, uma diferença, o oposto podemos assim dizer. Pois enquanto, a Arte é vista como algo libertador, sem limites, uma forma de se expressar, em sua relação com a Educação, é o contrário, como verificamos nos Discursos, pois ela acaba se tornando “complicada”, seria como aprisionar uma área do conhecimento.

Marco Silva (2000), nos apresenta a “Pedagogia do Parangolé”, inspirado na obra: O “parangolé”, do artista plástico Hélio Oiticica, que nos traz teoricamente uma solução para essa separação, essa desunião entre Arte e Educação apresentada nos Discursos.

Essa pedagogia apresentada pelo autor tem algo a sugerir ao professor, pois mesmo estando este diante de seus alunos com base em conteúdos e conhecimentos específicos, o autor propõe a aprendizagem na mesma perspectiva que caracteriza o parangolé, que é a coautoria. “O professor propõe o conhecimento. Não o transmite. Não o oferece à distância para a recepção audiovisual ou “bancária” (sedentária, passiva), como criticava o educador Paulo Freire” (SILVA, 2000). O autor completa:

Inspirado no parangolé, o professor propõe o conhecimento aos estudantes, como o artista propõe sua obra potencial ao público. (...). A participação do aluno se inscreve nos estados potenciais do conhecimento arquitetados pelo professor de modo que evoluam em torno do núcleo preconcebido com coerência e continuidade. O aluno não está mais reduzido a olhar, ouvir, copiar e prestar contas. Ele cria, modifica, constrói, aumenta e, assim, torna-se coautor. Exatamente como no parangolé, em vez de se ter obra acabada, têm-se apenas seus elementos dispostos à manipulação. (SILVA, 2000,s/p.)

Desta maneira, o professor propõe o conhecimento seguindo a Pedagogia do Parangolé, ou seja, deixando de lado sua postura de emissor, transmissor e adquirindo uma nova postura, da interatividade, permitindo a participação ativa do aluno, o colocando como coautor de sua produção e processo de aprendizagem.

Com isso, a relação da Arte com a educação passa a ter uma relação de parceria, de conexão, interação, não colocada apenas como forma de se expressar, de despertar a criatividade, de libertar a emoção, mas Arte, como dito em dos Discursos, como “área do conhecimento mesmo”. Pois como completa Barbosa:

Aqueles que defendem a arte na escola meramente para libertar a emoção devem lembrar que podemos aprender muito pouco sobre nossas emoções se não formos capazes de refletir sobre elas. Na educação, o subjetivo, a vida interior e a vida emocional devem progredir, mas não ao acaso. Se a arte não é tratada como um conhecimento, mas somente como um "grito da alma", não estamos oferecendo nem educação cognitiva, nem educação emocional (BARBOSA, 2002, p.21)

Nos Discursos relacionados à formação acadêmica, percebemos uma formação ligada ao “fazer” artístico. Questionados sobre sua formação, tivemos as seguintes respostas dos professores de Arte entrevistados:

(Entrevistada 1)

{...} eu adorava **fazer**.

{...} tive bons professores, que me mostraram, **o ensinar Arte, o trabalhar com Arte**.

(Entrevistada 2)

{...} meus professores... **eram artistas**.

{...} **essa parte artística** aflorou muito

{...} **a parte didática, ficou um pouquinho a desejar**

Na entrevistada 1, existe uma contradição em sua fala, como veremos adiante, quando a mesma fala sobre a dificuldade encontrada em sua prática após a formação. Com isso, podemos perceber, neste primeiro Discurso que o “fazer” artístico, foi algo marcante em sua formação.

A entrevistada afirma que teve bons professores, que lhe ensinaram “o trabalhar” com Arte, ou seja, Arte na prática. No entanto, não percebemos na fala da entrevistada, uma reflexão sobre essa prática, o apreciar, o contextualizar, um direcionamento sobre o que ensinar, como ensinar e por que ensinar.

Como professores de Arte temos de conhecer desde os conceitos fundamentais da linguagem da Arte até os meandros da linguagem artística em que se trabalha. Temos de saber como ela se produz – seus elementos, seus códigos – e também como foi e é sua presença na cultura humana, o que implica numa visão multicultural, na valorização da diversidade cultural. É preciso, ainda, conhecer seu modo específico de percepção, como se estabelece um contato mais sensível, como são construídos os sentidos a partir das leituras, como aprimorar o olhar, o ouvido, o corpo. (BARBOSA, 2002, p.52)

Na entrevistada 2, percebe-se que, o fato de “artistas”, estarem ministrando aulas, em cursos de licenciatura, visando apenas essa formação, “essa parte artística”, do futuro docente em Arte, e não a uma compreensão da Arte como um todo, sobre a sua importância na formação humana, na sua relação com o Ensino.

Sem discutir “o que, como e por que ensinar” (DUARTE, 2012, p.85), gera uma deficiência na formação do professor de Arte.

Com isso

Os professores de arte conseguem os seus diplomas, mas eles são incapazes de prover uma educação artística e estética que forneça informação histórica, compreensão de uma gramática visual e compreensão do fazer artístico como autoexpressão. Muito aprendizado seria necessário além do que a universidade vem dando até agora. (BARBOSA, 1989, p.181)

A autora conclui o pensamento acima dizendo que, “os professores reagem contra o que não estão preparados para ensinar.” (1989, p. 181). Mesmo se tratando de um artigo mais antigo, é possível trazê-lo a atualidade, relacionando inclusive aos Discursos seguintes.

Gatti (2010, p.1371), nos traz uma constatação sobre os cursos de licenciaturas, “há uma insuficiência formativa evidente para o desenvolvimento desse trabalho”.

Mesmo com ajustes parciais em razão das novas diretrizes, verifica-se nas licenciaturas dos professores especialistas a prevalência da histórica ideia de oferecimento de formação com foco na área disciplinar específica, com pequeno espaço para a formação pedagógica (GATTI, 2010, p.1357).

Este fato acaba por gerar um distanciamento da Arte e o seu Ensino. E o professor formado em Arte se vê sem saber como atuar em sala de aula, entra em conflito com a sua formação, se frustrando com a própria escolha acadêmica e profissional. Eis as respostas dos professores de Arte, quando questionados sobre o seu primeiro contato com a sala de aula, após a formação acadêmica:

(Entrevistada 1)

{...} Quando eu fui pra sala de aula, **eu não queria dar aula.**
 {...} **me traumatizei**, falei não quero.
 {...} **o ideal** que eu tinha de escola, quando me deparei com a realidade, **não era nada daquilo**
 {...} mas depois de um ano **eu insisti**.

(Entrevistada 2)

{...} dentro da escola, **a realidade é outra.**
 {...} fiz faculdade de artes, **eu não consegui dar aula**
 {...} tentar integrar o conhecimento que eu tinha, **pra realidade da escola.**
 {...} eu não consegui transportar uma coisa **para outra realidade.**
 {...} um conteúdo, um assunto, um tema, **para aquela realidade que eu estava.**
 {...} tudo foi **se adaptando, sendo construído** mesmo.

Nesses Discursos, percebemos o quanto é, muitas vezes, difícil a profissão: professor. Tão difícil, que pode “traumatizar”. E o professor pode dizer a si mesmo: “não consigo dar aula”. “Na verdade, a aprendizagem sempre começa com a prática, que logo é teoricamente confrontada” (DEMO, 2004, p.82).

Libâneo (1986, p.20) salienta, ainda, que:

(...) os conteúdos dos cursos de licenciatura, ou não incluem o estudo das correntes pedagógicas, ou giram em torno de teorias de aprendizagem e ensino que quase nunca têm correspondência com as situações concretas de sala de aula, não ajudando os professores a formar um quadro de referência para orientar sua prática (LIBÂNEO, 1986, P.20).

Unir teoria à prática, o sonho à realidade, se destituir deste sonho e enfrentar o desafio do cotidiano escolar, não é tarefa fácil. É necessário, como nos diz Paulo Freire (2000), ousar para permanecermos na educação:

É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais. (FREIRE, 2000, p.10)

Por isso, analisando o Discurso: “insistir”, se “adaptando”, “construindo”, é que o professor vai se encontrando como profissional, considerando que o professor aprende, ensinando; ensina aprendendo (FREIRE, 1999). Em Arte, especificamente, é importante termos:

Noções de como a arte vem sendo ensinada, suas relações com educação escolar e com o processo histórico-social são essenciais para o encaminhamento de um trabalho de educação em Arte mais realista e crítico, que objetive um compromisso efetivo com a melhoria da qualidade desse trabalho e consequentemente com a educação escolar. (COSTA, 2003, p.207)

No entanto, além de tudo, o professor de Arte se depara, como já vimos anteriormente, com outro grande problema em sua prática pedagógica, que é, pela legislação em vigor, as aulas de Arte, compreenderem quatro linguagens artísticas, que são: música, dança, teatro e artes visuais.

(Entrevistada.1)

{...} **Eu defendia**, você separar assim, o teatro e tal, **hoje** em dia eu **fico** meio **na dúvida** sabe... .

{...} Mas, eu vejo, que **está tudo tão ligado** hoje em dia.

{...} **Não sei** se há uma necessidade de **separar isso em sala de aula**, em **caixinhas, gavetinhas**

{...} **A formação nossa, separada**, até que ponto **isso é bom enquanto Arte**.

(Entrevistada.2)

{...} Você se sente mais **a vontade, com aquela linguagem** pela qual você **se formou**

{...} **do que nas outras que você não tem tanto conhecimento**.

{...} Você precisa **ir atrás**, e tentar **trazer da melhor forma possível** estas linguagens...

Percebemos Discursos opostos, a entrevistada 1 defende a não fragmentação, uma junção das linguagens e questiona isso, já na formação do professor de Arte, talvez, como uma tentativa de aceitação, compreensão, de renovação de conceito, que de acordo com Morin (2000, p.46) “trata-se de entender o pensamento que separa e que reduz, no lugar do pensamento que distingue e une. Não se trata de abandonar o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese; é preciso conjugá-las”.

Já no outro Discurso, a entrevistada 2, defende a sua formação específica em determinada linguagem, no entanto, não nega a importância de aprender, de conhecer, de pesquisar as outras linguagens, pois tem a consciência desta importância aos seus aprendizes.

Duarte Jr (2012) já afirmou que é impossível formar um professor que domine integralmente as quatro linguagens, gerando deficiência no trabalho efetivamente desenvolvido. “O ideal seria, certamente, a constituição de uma equipe de professores em que cada um se responsabilizasse por uma área específica. Ideal talvez impraticável” (DUARTE JR, 2012, p.82).

Pois, mesmo com alguns professores formados na área, ainda muitos professores leigos na área, vem ocupando o cargo de professor de Arte. “Quer dizer: o próprio Estado dá um jeito de burlar a legislação em vigor, criada por ele mesmo” (DUARTE JR, 2012, p.82).

Deste modo, como percebemos nos Discursos, se já é difícil à prática em Arte, para um professor formado em uma das linguagens artísticas, que teoricamente tem um embasamento estético em sua linguagem de formação, o que facilita a compreensão das demais linguagens, imagine para um professor leigo na área.

Durante a entrevista, em uma das questões trazidas no roteiro, a entrevistada 1, desabafou e nos deixou os Discursos a seguir, que couberam dentro do tema de análise da trajetória pessoal de formação.

(Entrevistada 1)

{...} **Arte pra quê?** E até eu **me questionei**, na minha vida sobre isso

{...} **O que eu escolhi?** O que, que foi,

Talvez, os questionamentos presentes neste Discurso, “Arte pra quê?”, “O que eu escolhi?”, tenha sido algo presente na prática profissional de muitos professores de Arte. Podemos voltar no início desta dissertação e encontraremos questões muito parecidas, pois como já dito anteriormente, sempre temos que explicar, valorizar, justificar, quando falamos em Arte e seu ensino na escola.

Podemos encontrar até mesmo em livros, tais questionamentos: “Para quê?”, “Como?”, “Por quê?”. Canton (2004, p.13), traz estes questionamentos e afirma que “vale a pena refletir sobre a validade e a importância do ensino da Arte visando à formação de seres humanos mais capacitados para a vida e seus percursos”. E conclui:

Aguçar os sentidos, expandir nossa visão de mundo e nosso espírito crítico para as coisas, situar-nos como pessoas humanas pertencentes a uma determinada história legitimada culturalmente no tempo e no espaço, eis elementos fundamentais para sustentar a validade do ensino da arte hoje. (CANTON, 2004, p.14)

E estes questionamentos da entrevistada 1, traz um significado parecido com o Discurso já apresentado da entrevistada 2, no qual se percebe uma deficiência no conhecimento de Didática na formação do Professor de Arte.

(Entrevistada 2)

{...} **a parte didática**, ficou um pouquinho **a desejar**

Pois, de acordo com Farias (2011, p.10), “Saber *o que* fazer e *como* fazer tem seu sentido vinculado ao *para que* fazer. Este conhecimento, que caracteriza a Didática, é fundamental ao exercício da docência”.

A entrevistada 1, lembrou-se de sua relação com a Arte na infância:

(Entrevistada 1)

{...} desde pequena, minha mãe, **me enfiou em tudo o que o quanto é coisa de Arte**, pra não encher o saco em casa

{...} aquilo pra mim **foi maravilhoso**

As lembranças das aulas de Arte na infância, trazidas no Discurso, como “maravilhoso”, e também já trazidas no início desta pesquisa fundamentadas por Duarte Jr (2012, p.10), em que diz ser possível, recordarmos das aulas de arte, “com um sorriso nos lábios”, e conclui: “as aulas de arte serviam mesmo é para divertir, para aliviar a tensão provocada por todos aqueles outros professores sisudos e suas exigências intermináveis”.

Entretanto, a entrevistada traz sua recordação, não apenas como aluna, mas a sua percepção como professora, o envolvimento de seus alunos e o seu não entendimento:

(Entrevistada 1)

*{...} quando eu cheguei **em sala de aula**, eu também percebi isso, que **eles gostavam muito** {...} eu vi que eu **tocava** de uma maneira que **nem eu entendia**, e eles grudavam em mim, e **gostavam tanto daquela aula**, e eu não sabia responder aquilo, então, eu vi, que era **o meu interesse** naquela história da arte, **de viver aquilo e gostar daquilo**, que fazia com **que os alunos gostassem também**, então, eu fui atrás disso*

Neste Discurso, percebemos que como a entrevistada teve uma boa experiência com seus professores de Arte, em seu Discurso, algo assim “maravilhoso”, provavelmente ela repetiu essa experiência com os seus alunos, gerando um envolvimento inexplicável ao seu próprio ver. É como nos afirma Cunha (1989, p.136) que “a grande inspiração dos docentes é a sua própria prática escolar e ele tende a repetir comportamentos que considerou positivos nos seus ex-professores” (CUNHA, 1989, p.136).

Para Vygotsky (1984)

Na instituição chamada escola, ensinar e aprender é fruto de um trabalho coletivo. Aprendiz e mestre celebram o conhecimento a cada dia, quando ensinam e quando aprendem. A aula é uma celebração, um banquete, uma confraternização amorosa, uma comunhão da inteligência, quando o educador é consciente da interação social que gerou a cultura humana, o nosso próprio modo de ser e habitar o mundo.

Castanho complementa que “o aluno tem necessidade de que um caminho tenha sido desbravado entre o que ele já sabe, sente, aquilo de que tem necessidades para sua própria busca, e as novas contribuições” (2001, p.154). Ou seja, vai de acordo com o Discurso da entrevistada em que afirma que foi o próprio “interesse”, “de viver aquilo e gostar daquilo”, que permitiu compreender o envolvimento de sua prática com seus alunos.

Para trabalhar bem a matéria de ensino, o professor tem de ter profundo conhecimento do que se propõe a ensinar. (...) o professor que tem domínio do conteúdo é aquele que trabalha com a dúvida, que analisa a estrutura de sua matéria de ensino e é profundamente estudioso naquilo que lhe diz respeito (CUNHA, 1989, p.143).

Porém, primeiramente, o professor deve conhecer a si próprio, assim como considera Nóvoa que antes de conhecer a disciplina em que leciona a educação do educador deve se fazer mais pelo conhecimento de si próprio, e afirma:

(...) eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 1995, p.17)

Portanto, podemos perceber como é importante o professor conhecer bem a área do conhecimento em que atua e buscar constantemente novos conhecimentos e aprendizagens, buscando relacionar a teoria com a sua prática. Ou seja, desenvolver “o exercício da pesquisa e a capacidade que o professor pode desenvolver de tornar sua prática profissional e a sua sala de aula como permanente objeto de investigação” (CUNHA, 1989, p.143).

De acordo com isto, a entrevistada também nos disse que:

(Entrevistada 1)

{...} a **Arte** pra mim, na **faculdade**, sempre foi **algo científico**, aí eu fui buscar **arte-terapia**.

Ou seja, a entrevistada buscou um complemento em sua formação, ao ver-se inquieta, na dúvida em sua própria prática, na relação com os seus alunos. Mas, ao mesmo tempo, mostra contradições em seu Discurso, quanto a sua trajetória pessoal de formação, pelo o que já destacamos até aqui.

Esse Discurso, nos mostra o conflito existente entre Arte e Ciência, entre o que é considerado como fruto do pensamento racional e o da sensibilidade humana. De acordo com os PCN:

Na verdade, nunca foi possível existir ciência sem imaginação, nem arte sem conhecimento. Tanto uma como a outra são ações criadoras na construção do devir humano. O próprio conceito de verdade científica cria

mobilidade, torna-se verdade provisória, o que muito aproxima estruturalmente os produtos da ciência e da arte. (BRASIL, 1997a, p.27)

Com isso, neste primeiro tema, referente à relação com a Arte e trajetória pessoal de formação, conhecemos um pouco dos Discursos e foram apresentadas algumas AD, fazendo as devidas discussões e articulando com as teorias e estudos já realizados, na qual podemos perceber nos Discursos uma formação em Arte, ligada mais ao “fazer artístico”, sem uma preocupação com a didática de ensino, o que dificulta relacionar a teoria aprendida na formação, com a realidade da prática pedagógica, gerando assim questionamentos ao Professor de Arte, sobre sua profissão e sobre o que é Arte.

Na sequência, será apresentado as AD referente ao segundo tema percepções sobre o uso das TIC em sala de aula.

5.1.2 As percepções sobre o uso das TIC em sala de aula.

Dentro do segundo tema da AD, **as percepções sobre o uso das TIC em sala de aula**, quando questionamos as entrevistadas com relação a sua formação com base nas TIC tivemos as seguintes respostas:

(Entrevistada 1)

{...} **Debilitada...**

{...} Eu **não tive** ênfase no uso das TIC.

(Entrevistada 2)

{...} Essa formação das tecnologias **foi autodidata**

{...} Foi buscando se apropriar deste conceito e **aprendendo** mesmo, **sozinha**.

{...} **Buscar, pesquisar, ler e tentar aprender** da melhor forma possível.

Nestes Discursos, pode-se perceber como o professor não tem sido formado em suas graduações para o uso significativo das TIC em sala de aula. “Na grande maioria, os currículos de formação não contemplam as expectativas de um novo mercado de trabalho para o futuro professor, incorporando metodologicamente as TIC” (CAMAS, 2006b, p.1)

Sabe-se, como já vimos anteriormente, que as TIC é algo presente em nosso cotidiano. Camas (2013, p.188) afirma que é necessário formar o professor no acesso e uso significativo destas ferramentas que estão presentes no dia-a-dia e na rotina de vida de grande parcela da população.

Questionadas sobre como veem o uso das TIC em sala de aula, as Professoras de Arte entrevistadas responderam:

(Entrevistada.1)

{...}Nossa, eu acho que **é excelente!**

{...}**E, eu, nossa! Pra mim, pra Arte pelo menos, bem melhor do que você trazer uma reprodução A3 de uma obra**

{...}**"Ah! Vou passar o trecho do filme...** Nossa excelente!

{...} Minhas aulas **só enriqueceram**

{...} **eu planejo tudo** em cima disso, eu **vou baixando os vídeos**, já escalo meu marido, pra me ajudar

{...} **Vou baixando**, já faço como arquivo, tenho um monte nossa

{...} Tenho um monte de CD, um monte de coisa e, mando bala,

(Entrevistada 2)

{...} Eu acho **importantíssimo, fundamental**, sem dúvida nenhuma

{...} não posso nem dizer que não é, pois **está no nosso dia-a-dia**

{...} e **em arte é muito amplo...** Você entra na internet, **você tem o vídeo** do artista, um vídeo do espetáculo, um vídeo da orquestra sinfônica

{...} e você falar não é a mesma coisa do que você visualizar

{...} você **vivenciar** aquela situação **de uma outra forma**

Percebemos nos Discursos, tanto da entrevistada 1, quanto da entrevistada 2, que ambas fazem uso das TIC em suas aulas, e consideram como algo que só tem a somar, a enriquecer a prática pedagógica, existindo muitas possibilidades de usos, em destaque o ensino de Arte. Costa (2012, p.77), aponta para “a necessidade de se equacionar o contributo das tecnologias não como um meio de expansão de técnicas, mas antes como um meio com potencial para ampliar o pensamento e a capacidade de expressão humana para ler, reler, criar e recriar o mundo”.

Estes Discursos nos mostram também sobre a importância da postura ativa, de uma postura educadora do Professor, de querer fazer, de ter a vontade fazer uso das TIC em sala de aula, pois o Professor que quer fazer uso, não fica parado esperando as mudanças acontecerem, o próprio professor faz acontecer, dentro de suas possibilidades. Pois, “apesar de serem múltiplos os fatores envolvidos na criação de condições necessárias à utilização educativa das tecnologias, é, em nosso entender, a decisão individual de cada professor ou educador o fator mais determinante desse processo” (COSTA, 2012, p.23).

Isso fica claro nos Discursos a seguir:

(Entrevistada.1)

{...} **uso tudo que eles pode...** quem tem tablet, quem não tem, ou a gente se vira né, bem legal!

{...} *É bom estar todo mundo junto, com uma tela boa...num data show...**comprei um data show**, um retroprojektor multimídia elevado.*

(Entrevistada 2)

{...} *eu **tô me sentindo presa** assim, por que eu tô com imagem impressa na impressora e, como era antigamente sabe...livrinho, imagem... **eu to presa***

{...} ***Eu preciso comprar um data show**, é sério, **eu não sei trabalhar sem data show**.*

{...} ***Mas eu vou comprar meu data show**, eu **vou comprar**, calma...*

A entrevistada 1 deixa claro em seu Discurso, que se virá com seus alunos com o que tem na escola, e com o que os alunos tem, por se tratar de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. E não satisfeita, afirma que já adquiriu seu próprio equipamento para uso em sala de aula.

Já a entrevistada 2, nos contou sobre um roubo de equipamentos que aconteceu na Escola Municipal em que atua e sobre as dificuldades que vem enfrentando em sala de aula, neste momento, por não ter ferramentas tecnológicas para uso em sua prática nas aulas de Arte. A Professora demonstra em seu Discurso a sua relação ativa com o uso das TIC em sala de aula, por falar várias vezes em seu Discurso que está “sentindo-se presa”, e por estar atuando como antigamente com imagens impressas, livros, mas que não deixam de ser tecnologias na qual ela pesquisa, imprime e traz para seus alunos.

Ainda sobre como o Professor vê o uso das TIC em sala de aula, a entrevistada 1, acrescenta ao seu Discurso:

(Entrevistada.1)

{...} ***“Não traz celular. É proibido!”***

{...} ***não se pensa, como usar** essa ferramenta então?*

{...} ***Como usar** um tablet, **como fazer** um trabalho no face*

{...} *nossa o pessoal é muito **resistente** a isso*

{...} *eu **sempre gostei, sempre fiz**, o que eu **podia fazer, eu fiz**.*

O Discurso acima, nos mostra a falta de metodologia dos professores quanto ao uso das TIC em sala de aula. Brito (2011) já falava sobre essa discussão existente dentro do ambiente escolar:

Na escola, esse sentimento de ambivalência entre os professores permanece entre querer mudar ou não mudar, desejar o novo e teme-lo, situando-os sempre às voltas com esse conflito, quase nunca explícito, mas passível de ser percebido nas mais diferentes situações no dia a dia das escolas (2011, p.88).

A entrevistada nos fala sobre a discussão que acontece dentro da escola quanto ao uso do celular em sala de aula, porém, sendo a minoria, colocando em discussão suas possibilidades de uso para o processo de aprendizagem, e nos deixa claro, a presença da “resistência” de seus colegas de trabalho, na qual mesmo estando em condições parecidas e dentro do mesmo contexto escolar, sabemos que, pessoas diferentes tem maneiras também diferentes de pensar e agir, por isso remetemos novamente “para o indivíduo a responsabilidade de decidir usar ou não as tecnologias nas suas práticas educativas” (COSTA, 2012, p.24).

Neste Discurso, podemos perceber que o problema da escola muitas vezes não é a falta de equipamentos ou de ferramentas tecnológicas, mas sim a falta de conhecimento dos professores, quanto à metodologia para uso das TIC em sua prática pedagógica. E a grande questão seria a de, a Rede Pública investir nos cursos de formação continuada em mais metodologias do uso das TIC em sala de aula, pois um dos grandes desafios da educação, “está em formar os futuros professores e os já atuantes na educação a entenderem e fazerem uso significativo das potencialidades tecnológicas na realização de suas aulas” (CAMAS, 2013, p.186).

Entretanto, neste mesmo Discurso, a entrevistada, novamente, deixa claro, a postura do professor, de gostar, de pesquisar, de procurar fazer dentro de suas possibilidades existentes. O professor apresentar uma postura educadora, de seriedade e comprometimento com a sua profissão. “O importante é a postura educadora do professor, vindo em cada momento, uma possibilidade de interagir e propiciar o crescimento do aluno” (CASTANHO, 2001, p.157).

Ao serem questionadas sobre o que fazem de diferente nas aulas de Arte usando as TIC, as entrevistadas nos apresentaram os seguintes Discursos:

(Entrevistada 1)

{...} acaba sendo diferente por que vai do quanto você pode se dispor pra fazer uma aula, **se planejar**
 {...} **os celulares tem câmeras melhores** que as próprias câmeras digitais, então, eles podem tirar fotos tudo, **mas, eu fazia isso.**

{...} eu pegava **todas as fotos** dos alunos e **levava para minha casa e fazia a montagem lá**

{...} ou **fazendo esqueminha**, para eles fazerem no Windows,

{...} de diferente, eu acho que é, por que realmente as condições é...

{...} não vejo como diferente assim, mas, na minha possibilidade, então, **como eu gosto muito e posso fazer, eu faço**

{...} mas eu sei que tem professores que, **não tem como exigir isso também.**

(Entrevistada 2)

{...} Você **oportuniza a criança a ver**

{...} como é que eu posso te dizer...**é...é...imediata a visualização**

{...} **é diferente de você falar e mostrar**, ele está usando tanto a audição, como o visual, como tá percebendo a situação acontecendo
 {...} **isso agiliza o processo**, sem dúvida nenhuma...**ele vivencia**.
 {...} O que ele poderia estar **vivenciando num teatro (...)**, **ele está vivenciando e assistindo em sala de aula**
 {...} estar num teatro é uma coisa, estar numa sala de aula assistindo numa TV é outra, porém, **é... muito mais dinâmico**
 {...} **o visual, a audição, o ver, o vivenciar, isso facilita muito o trabalho**

No Discurso da entrevistada 1, encontramos como algo essencial para o professor em sua prática pedagógica, o planejar, principalmente com o uso das TIC em sala de aula, que dependem de equipamentos, ferramentas e uma organização didática. “Compreender o planejamento como instrumento de organização da lida docente apresenta-se como passo necessário para ressignificar esse fazer junto ao coletivo dos professores” (FARIAS, 2011, p.111). A autora completa:

O planejamento é ato; é uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo.(...). o planejamento é uma ação reflexiva, viva, contínua. Uma atividade constante, permeada por um processo de avaliação e revisão sobre o que somos, fazemos e precisamos realizar para atingir nossos objetivos (FARIAS, 2011, p.111).

E com relação às TIC, “o processo de implantação de qualquer projeto que envolva as tecnologias educacionais tem de ser planejado e não improvisado; se a improvisação acontecer no início do processo, com certeza esse projeto não se efetivará” (BRITO, 2011, p.119)

E de acordo com Valente, o ato de se planejar tem uma importância a mais, devido à especificidade de cada tecnologia na ação pedagógica:

O educador deve conhecer o que cada uma dessas facilidades tecnológicas tem a oferecer e como pode ser explorada em diferentes situações educacionais. Em uma determinada situação, a TV pode ser mais apropriada do que o computador. Mesmo com relação ao computador, existem diferentes aplicações que podem ser exploradas, dependendo do que está sendo estudado ou dos objetivos que o professor pretende atingir (VALENTE, 2005a, p.23)

Neste mesmo Discurso, apesar de nossa entrevistada, afirmar fazer uso e percebermos em suas falas o uso das TIC em sua prática pedagógica, encontramos, de certa forma, uma contradição em sua fala e falta de formação para o uso das TIC na prática em seu Discurso.

Pensar as tecnologias numa lógica transformadora das práticas atuais significa em primeiro lugar a decisão profissional, individual, de querer mudar em direção a um modelo em que seja assumida a centralidade do aluno, ou seja, do que o aluno é chamado a fazer, e não do que é feito para ele (COSTA, 2012, p.30)

No momento em que ela afirma fazer pelo aluno, levar para casa as fotos dos alunos e montar para eles, ou fazendo “esquemas” para que eles façam sozinhos, seguindo desta forma um ensino tradicional, ou como Valente(1996) nos diz a informatização do ensino tradicional, que se baseia na transmissão de conhecimento, e completa:

Nesse caso, tanto o professor, quanto o computador são proprietários do saber e assume-se que o aluno é um recipiente que deve ser preenchido. O resultado dessa abordagem é o aluno passivo, sem capacidade crítica e com uma visão de mundo de acordo com a que lhe foi transmitida. (VALENTE, 1996, p.47)

Demonstra ainda a necessidade de possuir o conhecimento. Em que momento o aluno é um participante ativo de seu processo de aprendizagem? Como fica o processo de conhecimento deste aluno e a sua produção?

E no caso da Arte, não atinge os três pilares da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa: ver, contextualizar e produzir, pois, “para ampliar os limites da tecnologia e de seu uso, é preciso pensar as relações entre tecnologia e processo de conhecimento, tecnologia e processo criador” (BARBOSA, 2005a, p. 111).

Desta forma, substituindo o lugar de ser um possuidor do conhecimento, o professor deve ser um sujeito com a capacidade de:

Instrumentalizar os alunos para que participem de processos coletivos, convivam e discutam com pessoas, defendam seus argumentos, inter-relacionem-se e integrem-se aos grupos (coletivos) para a reconstrução ou a construção de novos conhecimentos (BEHRENS, 1996, p. 41).

E assim, abandonar a visão de um ser superior, que transmite conhecimentos, “um ser superior que ensina ignorantes” (BRITO, 2011, p.46)

Isso forma uma consciência “bancária” – o aluno recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do professor. Apontamos como caminho para o docente, que ele recupere o seu lugar na formação continuada, entendida aqui como ações tanto na direção de busca de conhecimento formal quanto, principalmente, de tomada de consciência de seu próprio fazer pedagógico (BRITO, 2011, p.47)

Quanto a entrevistada 2, em seu Discurso, destaca muito a importância do aluno “vivenciar”. Percebemos que as TIC é algo presente, comum em seu dia-a-dia, e a mesma tem a consciência, dentro das aulas de Arte, da importância, das possibilidades, dos benefícios e das diferenças do aluno vivenciar algo no real e por meio das possibilidades das TIC.

Desta forma:

os resultados da aprendizagem se devem ao envolvimento conjunto e colaborativo do professor e dos alunos em atividades de ensino, por meio das quais, e através das quais, vão construindo significados compartilhados sobre os conteúdos e as tarefas escolares (COLL, 2010, p.124).

Quando questionadas sobre a motivação para uso das TIC, eis os Discursos:

(Entrevistada 1)

{...} Só **enriquecem a sala de aula**, uma imagem com (...) com as excelentes definições

{...} Você tá antenado, **o mundo é tecnológico**

{...} “Ah! Vamos pra natureza” e coisa e tal, também **adoro a natureza, com um i-phone junto** (risos)...

(Entrevistada.2)

{...} É a possibilidade que você coloca, **promove pra criança, pra ela conhecer o mundo.**

{...} derrepente na casa dela, **ela tem esta possibilidade**, mas ela **não tem esse direcionamento**

{...} Ela usa a tecnologia, quando esta no celular, quando esta assistindo TV, quando está assistindo um vídeo, porém, **ela não tem este direcionamento que a gente usa quando vai trabalhar na sala de aula**

{...} **você tem uma intenção**, por que quando você usa a tecnologia em sala, **você tem a intenção “de”**

{...} Você tem seus **conteúdos**, você **tem seu planejamento** e **você usa por que você tem a intenção de promover a criança este olhar diferenciado mesmo.**

A entrevistada 1, afirma em seu Discurso que a sua motivação é a tecnologia fazer parte do mundo. Não adianta querer separar, ignorar. Uma coisa não exclui a outra, tem que juntar, somar e aproveitar as possibilidades que as TIC trazem para uso em sala de aula. Brito, confirma o Discurso, afirmando que as tecnologias estão ligadas ao cotidiano, assim como à Educação:

Devemos observar também que vivemos e uma sociedade “tecnologizada”. No cotidiano do indivíduo do campo ou do urbano, ocorrem situações em que a tecnologia se faz presente e necessária. Assumimos, então, educação e tecnologia como ferramentas que podem proporcionar ao sujeito a construção de conhecimento, preparando-o para que tenha condições de criar artefatos tecnológicos, operacionaliza-los e desenvolvê-los. (BRITO, 2011, p.23)

A motivação da entrevistada 2 em seu Discurso, é o fato de poder ampliar, possibilitar aos seus alunos conhecer o mundo de um modo diferente, de oportunizar a seus alunos um contato com as TIC de uma forma dirigida, orientada para uma aprendizagem. Sua motivação é o intuito de promover uma aprendizagem significativa de seus alunos, com uma intencionalidade específica, por meio das tecnologias.

Almeida (2005) confirma e vai de acordo com o Discurso em questão, na qual coloca a intenção do professor como o responsável pela aprendizagem de se aluno.

O professor que atua nessa perspectiva tem uma intencionalidade como responsável pela aprendizagem de seus alunos, e esta constitui seu projeto de atuação, elaborado com vistas a respeitar os diferentes estilos e ritmos de trabalho dos alunos, incentivar o trabalho colaborativo em sala de aula no que se refere ao planejamento, escolha do tema e respectiva problemática a ser investigada e registrada em termos do processo e respectivas produções, orientar o emprego de distintas tecnologias incorporadas aos projetos dos alunos, trazendo significativas contribuições (ALMEIDA, 2005a, p.43).

Ao perguntar sobre como o aluno reage, apresentaremos na sequência alguns Discursos analisados, apresentados por partes:

(Entrevistada 1)

{...} *you não tem problema de **indisciplina***

{...} *o aluno **percebe o esforço que você fez.***

Neste Discurso da entrevistada 1, podemos encontrar as TIC com a função de disciplinar, ou seja, fazer uso das TIC em sala de aula para tornar o aluno ainda mais passivo em seu processo de aprendizagem. Não nos é apresentado, no Discurso, uma reflexão sobre a forma de explorar “o potencial do uso educativo crítico, criativo e intencional das TIC” (COSTA, 2012, p.12).

E contrariando o que a Arte propõe, em contradição inclusive, com os primeiros Discursos da entrevistada quando questionada sobre o que seria a Arte em sua opinião. Percebemos deste modo, uma distância, entre o que se fala e o que se faz, entre teoria e prática. É um conflito, na qual o Professor de Arte vive constantemente.

Mas é preciso, sempre e sempre, denunciar essa educação voltada à submissão, à docilidade. Lembremo-nos: o ato criador é rebelde e

subversivo – é, sobretudo, um ato de coragem. Coragem de não se aceitar o estabelecido, propondo uma nova visão, uma nova ordem, uma nova correlação de forças (DUARTE JR, 2012, p.86).

É sair da zona de conforto e pensar em uma nova forma de se trabalhar, de mudar a prática pedagógica, de buscar novas e diferentes formas de realizar as aulas. Colocando o aluno como participativo e contribuinte neste processo, nesta sociedade da informação e conhecimento.

Trata-se, no fundo, de pensar num aluno com capacidade de analisar, avaliar e decidir sobre os problemas com que se defronta; um aluno que utiliza as tecnologias digitais para aceder à informação de que necessita, selecionando-a em função de critérios previamente estabelecidos; um aluno capaz de refletir sobre o que está a aprender e como está a aprender, de forma a desenvolver estratégias de aprendizagem autónoma e de autorregulação; um aluno que é capaz de usar as tecnologias para comunicar, interagir e colaborar com os outros; um aluno que consegue expressar-se a si próprio, imaginar e criar com recursos às diferentes formas de representação e respectivas combinações que as tecnologias digitais hoje permitem. Enfim, um aluno para quem as tecnologias, que já usa de forma corrente e tão competente, passam a fazer sentido também no seio das atividades e dos fins escolares (COSTA, 2012, p32)

O Discurso também traz a espera de uma recompensa sobre as ações realizadas com o uso das TIC, que na verdade são funções da ação docente, fazendo parte do processo de ensino-aprendizagem. "É no trabalho e pelo trabalho que o professor se define como um profissional" (FARIAS, 2011, p.70).

A entrevistada acrescenta

(Entrevistada 1)

{...} **por que você não quer formar o aluno artista, eu não tenho essa intenção**

{...} **eles veem o meu fascínio pela Arte, o meu interesse**

{...} **Como dizia Paulo Freire, não é mesmo? "Você não ensina o que você não é".**

Sobre o Discurso de ser um Professor de Arte e não ter a intenção de formar um aluno artista, é questionável, é como se não acreditasse no que é ensinado. Pois de acordo com os PCN:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas (BRASIL, 1997a, p.15).

É o conflito existente entre a Arte e a Educação. “Como realizar uma educação de maneira lúdica e estética em instituições fundadas sobre o utilitarismo?” (DUARTE JR, 2012, p.75). Sendo assim, se a necessidade é a de uma função utilitária, como a Arte poderia auxiliar o aluno em seu futuro profissional, buscamos nos PCN uma justificativa:

A arte também está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades; o conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos (BRASIL, 1997a, p.19).

Em contradição, e de encontro com o Discurso da entrevistada, temos o Caderno Pedagógico de Artes, da Rede Municipal de Ensino, que diz que, “a arte na escola não prevê a formação profissional de artistas, mas tem, como objetivo principal, o desenvolvimento do pensamento estético através da experiência estética, âmagos do ensino de artes em todas as suas formas” (CURITIBA, 2008, p.09).

A entrevistada, em seu Discurso, fala sobre o seu interesse, o seu fascínio pela Arte, até citando Paulo Freire, uma frase, que não localizamos referência e confirmação de ser de fato do autor em questão. Mas a questão é, por que não permitir aos seus educandos esse mesmo fascínio, permitindo aos que tiverem o mesmo interesse, despertar esta mesma paixão, o pensamento artístico e quem sabe a possibilidade de se tornar um artista profissional, mas se isso não acontecer, ao menos, “a arte coloca-o frente a frente com a questão da criação: a criação de um sentido pessoal que oriente sua ação no mundo” (DUARTE JR, 2012, p.73)

(Entrevistada 1)

{...} **usou tecnologia, você enriquece. Se fica só no giz ali, não tem como**

{...} **Você tem professores ainda, que usam só, no caso de Arte, ainda tem os desenhos, para pintar, pra colorir.**

{...} **Aqui não temos mais o mimeógrafo, a não ser um guardado como peça de museu ali, mas eu sei que não é a realidade das escolas**

{...} **bom, você pode fazer muitas coisas com o mimeógrafo, o problema não é o mimeógrafo**

Quanto ao Discurso sobre professores que ainda utilizam em Arte, os desenhos para colorir, Duarte Jr (2012), nos fala sobre essas situações:

(...) a entrega de desenhos e contornos já prontos para o aluno colorir ou recortar. Nessa atividade esconde-se uma sutil imposição de valores e sentidos. A mensagem subliminar que ela encerra, e que é transmitida ao aluno é: “você é incapaz de desenhar por si próprio, de criar qualquer coisa; você deve se restringir aos limites impostos pelos mais capazes” (DUARTE JR, 2012, p.83).

Nestes Discursos percebemos uma relação com a Modernidade (neoliberal), ligada ao consumismo, na qual tudo é utilizado a “curto prazo”, de forma descartável. Pois, para fazer uso de um recurso das TIC não é necessário abandonar outras tecnologias. De acordo com Bauman, a "síndrome consumista é uma questão de velocidade, excesso e desperdício" (BAUMAN, 2007, p.111).

E a Arte pode abranger este mundo tecnológico, que está inserido no cotidiano, de forma a buscar, recriar outras formas de estar no mundo.

Desconstruir para construir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano (BARBOSA, 2002, p.18).

No Discurso, a entrevistada, entra em contradição, ao dizer diz que o fato de o professor ficar apenas utilizando o giz, não dá, em seu Discurso, não tem como enriquecer a aula deste modo. Mas ao mesmo tempo, afirma que o problema não é com determinada tecnologia, mas sim a forma como esta é utilizada pelo Professor em sala de aula, para qual finalidade.

Camas (2012), de acordo com o Discurso de nossa entrevistada, nos fala sobre como a tecnologia enriquece a atividade:

A tecnologia enriquece a atividade e permite que os estudantes demonstrem o que sabem de novas e criativas maneiras, aprimorando sempre o entender e o dominar as diferentes literacias. Por isso, é importante destacar a necessidade de propiciar a vivência dos professores, não somente no uso operacional das tecnológicas, mas na reflexão crítica de sua integração na prática pedagógica e curricular, na aplicação das literacias. Oportunizar ao professor a experiência em uma situação de aprendizagem que permita construir e reconstruir sua prática com o uso dessas tecnologias e mídias em seus domínios (CAMAS, 2012b, p.63).

Brito (2011), nos fala sobre a necessidade de “pensarmos em: Professor+ computador+ recursos pedagógicos+ livros+ quadro de giz= professor que age, planeja e integra conhecimentos” (BRITO, 2011, p.120).

Confirmando deste modo o Discurso de que o problema realmente não são as TIC, e sim a postura, a metodologia do professor. A entrevistada acrescenta ao seu Discurso sobre como os alunos reagem a utilização das TIC nas aulas de Arte:

(Entrevistada 1)

{...} parece que, sabe, você **está tolindo os alunos** de um mundo que tem por aí, {...} hoje em dia é o mundo, dessa geração, a nossa ainda

{...} **faz parte do mundo deles**, nossa eles estão totalmente nele

{...} eu acho **muito cruel** assim, **não discutir sobre isso** com eles, mostrar isso e eles mostrarem também

{...} **eles trazem muita coisa**, que vai de você **pegar e trabalhar junto com eles** {...} nessas discussões, então, **eles trazem muita coisa interessante**

{...} **Crueldade, você, não discutir, não trazer isso pra escola**

{...} é muito **cômodo**... Você ficar no mesmo e no livro didático.

No Discurso, a entrevistada traz também mais uma vez a realidade tecnológica em que vivemos, fala sobre uma aprendizagem colaborativa, em fazer os alunos aprender, e aprender com os alunos. Em não ficar na comodidade, parado, só esperando. Camas (2013), fala a respeito deste cenário:

(...) urge a necessidade de se construir uma concepção de Educação baseada em uma pedagogia contemporânea que tenha como princípio: estimular por meio de atividades desafiadoras, o protagonismo juvenil; propiciar oportunidades de buscar respostas para questões complexas com o desenvolvimento de trabalhos em equipe; privilegiar atividades a partir de aprendizagem baseada em projetos, com avaliação permanente e *feedback*; usar tecnologia para pesquisa, interação, colaboração e produção de conhecimento, entre outros (CAMAS, 2013, p.182).

A autora fala ainda que, “para que este processo de torne realidade, além do acesso às TIC, há a necessidade de que o professor atue como estimulador do diálogo e mediador para o acesso à informação qualificada” (Camas, 2013, p.182). Ou seja, transformar a informação em conhecimento.

A entrevistada fala várias vezes em seu Discurso, sobre achar uma “crueldade” não trazer as TIC para sala de aula, que é algo que faz parte da vida dos alunos, da realidade deles. A entrevistada fala também, da importância de discutir sobre o tema, mostrar e deixar os alunos mostrar, ou seja, aprender junto com os alunos.

Essa mudança implica em uma alteração de postura dos profissionais em geral e, portanto, requer o repensar dos processos educacionais. A educação não pode mais ser baseada na instrução que o professor passa ao aluno, mas na construção do conhecimento pelo aluno e no desenvolvimento de competências como aprender a buscar a informação,

compreendê-la e saber utilizá-la na resolução de problemas (VALENTE, 1996, p.41).

Behrens (2005), também fala sobre a importância de professores e alunos aprenderem juntos, a aprender a aprender:

Em parceria, professores e alunos precisam buscar um processo de auto-organização para produzir conhecimento significativo e relevante. O volume de informações acumulado nestas últimas décadas não permite abarcar todos os conteúdos que caracterizam uma área do conhecimento, portanto, professores e alunos precisam aprender a aprender como acessar a informação, onde buscá-la, como depurá-la e transformá-la em produção de conhecimento. O profissional, para ser competente, precisa ser um investigador intermitente, um cidadão crítico, autônomo e criativo que saiba solucionar problemas, utilizar a tecnologia com propriedade e ter iniciativa própria para questionar e transformar a sociedade. (BEHRENS, 2005, p.76)

A entrevistada 1, nos fala em seu Discurso, a sua opinião sobre os livros didáticos e a Base Nacional Curricular Comum (BNC):

(Entrevistada 1)

{...} **eu queria o livro didático pra Arte, eu queria o currículo a Base Nacional Comum, hoje em dia eu não quero mais, hoje em dia eu acho que é dar um tiro no pé, o livro didático ele auxilia, mas a gente sabe que muita gente depende.**

Quando a entrevistada fala em seu Discurso que queria o livro didático, que queria a BNC podemos considerar que provavelmente, ela tenha desejado estes recursos, no início de sua formação acadêmica, que como vimos em seus Discursos anteriores lhe fez falta, no início de sua prática pedagógica, nas aulas de Arte.

Ainda assim, a prática a obrigou a pesquisar para e pela prática em Arte, pois como nos diz Freire:

Enquanto ensino continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.14)

E realmente, os livros didáticos, nas mãos de professores dependentes destes, principalmente em Arte, podem vir a atrapalhar de certa forma o seu ensino. Pois os livros, assim como as TIC, não são ruins, o ruim é o uso que se faz de tais recursos.

E quanto a BNC, não podemos negar a sua importância, mas dizer até que ponto irá influenciar a prática dos Professores de Arte se será bom ou ruim, é algo incerto.

De acordo com a BNC, os objetivos de aprendizagem em Arte foram organizados:

(...) considerando sua adequação à etapa de escolarização em que se encontram os estudantes e sua faixa etária. Sua seleção e apropriação pela escola deve considerar o contexto social e cultural dos estudantes, levando-se em conta sua experiência e saberes prévios. Esses fatores, em combinação com a interação e interlocução com outros campos de saber, vão exigir diferentes abordagens e graus de complexidade nas práticas de conhecer, sentir, perceber, fruir, apreciar, imaginar, expressar, criar, refletir, criticar, e relacionar na arte e na cultura. (BRASIL,2016,p.85)

Respondendo a mesma pergunta sobre como o aluno reage sobre o uso das TIC em sala de aula, tivemos o seguinte Discurso da entrevistada 2:

(Entrevistada 2)

{...}Tudo que é **novidade**, tudo que é **diferente**, é...

{...}.tudo o que você **pode trazer pra somar**, pra que ele possa ter **uma experiência diferente no dia-a-dia**

{...} **é formidável assim, é muito claro isso.**

{...} **Você ficar num trabalho normal, comum do dia-a-dia e trazer uma novidade, transforma seu trabalho em sala de aula.**

Neste Discurso, podemos perceber como o uso das TIC em sala de aula, ainda não é uma constante, ou pelo menos, não percebida. Pois, enquanto nos Discursos anteriores, tivemos afirmações de que vivemos em um mundo tecnológico, de que a tecnologia faz parte do cotidiano, que está no dia-a-dia. Em sala de aula, pelo Discurso, o seu uso ainda é o diferente, a novidade, uma forma de transformar a prática pedagógica.

Brito (2011), comenta:

Infelizmente, uma parte dos educadores adota uma tecnologia apenas num momento determinado de sua carreira, ou seja, não incorporando-a ao seu ofício: a televisão, o rádio, o retroprojeto, o projetor de *slides* e, mais recentemente, o computador, recursos que acabam sendo “parafernália eletrônica” que o professor utiliza apenas para não ser considerado um “quadrado”, ou para ter maior segurança, ou para obter *status* perante seus colegas. E a outra parte lamenta-se por não ter em sua escola tecnologias disponíveis: “eu quero me atualizar, mas não me dão condições...” (BRITO, 2011, p.41)

Questionamos nossas entrevistadas sobre como os outros professores reagem, quando estas fazem uso das TIC em suas aulas de Arte:

(Entrevistada 1)

{...} O pessoal se interessa muitas vezes **a gente troca coisas**, mas a maioria permanece na sua **metodologia**

{...} **tem professores** que eu **consigo trocar**, “ah, eu tenho tal vídeo”, “ah, eu tenho tal coisa”, “tenho essa atividade que pode ser feita, usando tal aplicativo, tal não sei o que”,

{...} tem um pessoal, vários professores que **inovam** mesmo.

Novamente, percebemos nestes Discursos a falta de formação pedagógica, falta de formação quanto à metodologia no uso das TIC em sala de aula. Pois, de nada adianta, ter material, ferramentas, recursos e continuar a ensinar da mesma maneira, como exemplo citado no Discurso de trocar um material, como se troca uma atividade em papel, um exercício, a metodologia continua a mesma, só que com a diferença do uso de recursos tecnológicos.

Valente(1996) nos fala sobre a necessidade de capacitação do professor:

O professor também precisa ser capacitado para assumir o papel de facilitador da construção do conhecimento pelo aluno e não mais o de “entregador” da informação. Para isso ele deve ser capacitado tanto no aspecto computacional, de domínio do computador e dos diferentes softwares, quanto no aspecto de interação do computador nas atividades da sua disciplina. O professor deve ter muito claro quando e como usar o computador como ferramenta para estimular a aprendizagem (VALENTE, 1996, p.48).

Questionamos posteriormente as nossas entrevistadas, como uma complementação de nossa entrevista, sobre o que é ser um professor inovador, tivemos as seguintes respostas:

(Entrevistada 1)

{...}Eu considero um professor inovador aquele que **transforma o seu meio**

{...} que **busca os recursos disponíveis, não só tecnológicos, mas sim significativos**, para trabalhar na escola junto com seus alunos.

{...} Que **prioriza o conhecimento destes** e que, a partir de então, **planeja suas ações**.

(Entrevistada 2)

{...} *penso que professor inovador é aquele que **faz uso de recursos diversos para transformar suas aulas em momentos únicos**.*

{...} Promove aos alunos uma **aprendizagem significativa**

{...} **trás a eles diversas possibilidades** de construção deste **conhecimento...**

{...} Oportunizando ao dia-a-dia de sala de aula **momentos ricos e únicos**

Pelos Discursos apresentados, o professor inovador seria aquele que modifica o seu meio, planeja suas aulas, priorizando o conhecimento de seus alunos de forma significativa, disponibilizando diversas possibilidades e recursos para realizar no dia-a-dia momentos ricos e únicos de aprendizagem em sala de aula.

Para Freire (1992, p.81), “ensinar é assim a forma que toma o ato do conhecimento que o (a) professor (a) necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar nos alunos o seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico”. Ou seja, os alunos vão se tornando sujeitos críticos, a partir da atuação do professor em sua prática cognoscente.

Behrens (2013) afirma que é esse encontro dialógico entre alunos e professores que nos permite entender a reflexão de Paulo Freire, quando afirma que “uns ensinam e, ao fazê-lo, aprendem. Outros aprendem e, ao fazê-lo, ensinam” (FREIRE, 1992, p.112). Sendo assim, professor e aluno juntos, no processo de produção do conhecimento, “possam construir uma sociedade mais justa e igualitária” (BEHRENS, 2013, p.80)

Para identificarmos as características do Professor Inovador, partiremos das definições dada pelo paradigmas inovadores na Educação, na qual é dividida em três abordagens: Progressista, Holística e Ensino com Pesquisa.

Segundo estas abordagens, temos como professor inovador: na abordagem Progressista, o professor é colocado como um elemento no processo que estabelece a relação de diálogo, atuando como líder, é mediador e lidera pela competência, é autêntico, ético e democrático. Preocupa-se com a consciência crítica, respeita os alunos e acredita neles. Na abordagem Holística o professor constrói um papel de amigo, parceiro e colaborador. Atua com visão interdisciplinar, encorajando a participação nos trabalhos educativos. Na abordagem de Ensino com Pesquisa a ideia essencial é do “aprender a aprender” e coloca o professor como vanguardista do desenvolvimento, articulador, crítico e criativo.

A entrevistada 2, nos apresentou os seguintes Discursos, quando questionada sobre como os outros professores reagem sobre o uso das TIC em suas aulas de Arte:

(Entrevistada 2)

{...} Tem pessoas que acham isso **super interessante**

{...} tem outros que olham com olhos, assim, **nem tão felizes**, digamos assim, por que, querendo ou não, você **promove um diferencial** dentro da escola
 {...} e isso, **pode vir a somar, ou não**, né... e acaba sendo mesmo **o diferente**
 {...} na verdade, você **tem que saber lhe dar** com isso
 {...} **não deixar de fazer**, em função de opinião positiva, negativa
 {...} na verdade **é saber da importância** mesmo, **ter consciência** desta importância e trabalhar
 {...} Aqui na minha escola especificamente, **a grande maioria faz uso**
 {...} Até, agora **a gente briga por causa do laboratório** (risos)

Neste Discurso, também percebemos a falta de formação pedagógica quanto ao uso das TIC e o seu uso como “o diferente”, causando situações não muito agradáveis dentro do ambiente de trabalho.

Cada professor, na prática, deve procurar se questionar sobre o uso das TIC em sala de aula de uma forma mais aprofundada, verificando as possibilidades, o que fazer e quais seus objetivos dentro de sua disciplina, então, verificar a capacitação necessária, o investimento pessoal e profissional, que de acordo com Costa (2012), terá que fazer para ser capaz de proporcionar aos seus alunos a vivência de ambientes de aprendizagem que os computadores e a internet podem tornar mais ricos, estimulantes e eficazes.

A reflexão sobre as competências atuais e o posicionamento esclarecido e crítico relativamente ao conjunto de competências necessárias para poder criar contextos de aprendizagem significativa com tecnologias é algo absolutamente essencial e que tem de fazer parte das preocupações de cada professor enquanto profissional. É isso que se passa em todas as outras profissões em que o potencial transformador das tecnologias de informação e comunicação é reconhecido e é isso que tem de passar a acontecer também, por maioria de razão, no seio da própria escola e dos seus principais agentes – os professores. (COSTA, 2012, p.107)

Assim sendo, o importante dentro do ambiente escolar, como descrito no Discurso é o professor ter a “consciência” da importância do uso das TIC em sala de aula e trabalhar, fazer a sua parte mesmo. Pois, quando a escola toda está envolvida, não existe tais posturas. “Isso implica em uma transformação da escola que é muito mais profunda do que simplesmente implementar o computador como mais um recurso pedagógico” (VALENTE, 1996, p.47). O autor completa:

A transformação da escola é cada vez mais necessária e a nova realidade está exigindo que isso aconteça. Ela parece bastante difícil de ser feita, mas se contar com o uso adequado da tecnologia da informática, essa transformação não só acontecerá como tornará o papel do professor muito mais efetivo. No entanto, se a função do computador não for compreendida e ele for implementado na escola como um virador de páginas de um livro eletrônico ou um recurso para fixar conteúdo, corremos o risco de

informatizar uma educação obsoleta, fossilizando-a definitivamente.
(VALENTE, 1996, p.48)

Quando questionadas sobre as influências no ensino de Arte que podem ser aprimoradas com as tecnologias, percebemos que as professoras de Arte entrevistadas, não souberam responderam:

(Entrevistada 1)

{...} *Que influências? **Sei lá...** Nem pensei nisso*

(Entrevistada 2)

{...} ***Ela aproxima eu acho***

{...} ***Ela aproxima** os conceitos, os conteúdos, ela atrai*

Nestes Discursos, podemos considerar a não utilização das tecnologias de forma transformadora, integrante ao processo de aprendizagem dos alunos em Arte. De acordo com Almeida:

O professor que associa a TIC aos métodos ativos de aprendizagem desenvolve a habilidade técnica relacionada ao domínio da tecnologia e, sobretudo, articula esse domínio com a prática pedagógica e com as teorias educacionais que o auxiliem a refletir sobre a própria prática e a transformá-la, visando explorar as potencialidades pedagógicas da TIC em relação à aprendizagem e à consequente constituição de redes de conhecimentos (ALMEIDA, 2005b, p.72).

Quanto à percepção no uso das TIC em sala de aula, os Discursos foram os seguintes:

(Entrevistada 1)

{...} ***é outra linguagem** assim, e **a parte ruim**, é isso, de você **usar como muleta**,*

{...} *você tira o quadro, **mas você usa a mesma coisa no data show***

{...} *acredito que **as TIC são muito mais do que isso***

{...} ***usar a tecnologia é mais do que isso**, então, é isso... ´*

(Entrevistada 2)

{...} *Eu acho que **o uso das tecnologias tem tudo de prós**, nada de contra*

{...} ***O uso da tecnologia vem contra o trabalho**, o de arte especificamente, **quando o professor não sabe o que vai fazer com aquilo, aí atrapalha***

{...} *se ele **tem consciência**, que ele **vai levar para sala de aula**, é... **um... conhecimento**, que ele **pesquisou, que ele elaborou***

{...} *que aquele vídeo, que aquele site, que os alunos vão poder ver e vivenciar, que ele tem conhecimento daquilo, **só tem a vir a acrescentar***

No Discurso da entrevistada 1, percebemos uma falta de compreensão sobre o que realmente significa as TIC para uso em sala de aula, não se trata de uma outra linguagem, mas de possíveis ferramentas que o professor pode trazer

para sua prática em um processo de construção de conhecimento com seus alunos, de forma colaborativa, não como meio para passar o tempo, como descrito como “muleta” no Discurso..

No próprio Discurso, identificamos que de nada adianta fazer uso das TIC e continuar a ensinar da mesma maneira, como mero transmissor de conhecimento, apenas substituindo os recursos. O Discurso nos diz que usar as TIC é muito mais do que isso, é adquirir uma outra postura como professor, é ter o aluno como participante ativo de seu processo de conhecimento.

5.1.3 Arte Multiconectada

Por Arte Multiconectada, como já definido anteriormente, entendemos a conexão da Arte com outros conhecimentos. Neste sentido, buscar uma interação da Arte e suas quatro linguagens artísticas (música, dança, teatro e artes visuais), com as TIC e os diferentes letramentos.

Com isso, neste terceiro tema **Arte Multiconectada**, perguntamos as entrevistadas sobre as possíveis interações que buscamos fazer com a Arte.

A primeira questão trazida é sobre o que significa letramento para as entrevistadas, os Discursos que tivemos:

(Entrevistada 1)

*{...} Letramento, segundo o que eu tenho conhecimento, é o **resultado do processo de ensino da escrita e da leitura** desenvolvido na escola.*

(Entrevistada 2)

*{...} Letramento...é você **saber ler o mundo***

*{...} **Independente de ser uma leitura de escrita**, como no caso da arte, da leitura de uma imagem*

*{...} Quando você vê uma imagem, e **você percebe** naquela imagem, **outras questões presentes** do que você está vendo, significa que, **você está mais letrado** do que uma pessoa que passa pela imagem e **não percebe algumas questões***

*{...} o letramento, ele **não acontece só na leitura de texto**, mas de uma forma geral de **leitura de mundo**, eu penso que deve ser assim.*

A entrevistada 1 no traz em seu Discurso, o conceito de Letramento, dentro do que já vimos em nossa fundamentação teórica, que é como o Letramento é considerado, e entendido, como o resultado do processo de aprendizagem da escrita, ou seja, a capacidade de ler e escrever permitindo que o indivíduo interprete o que está lendo.

Que de acordo com Souza (2008, p. 01) Letramento “é o processo de aprendizado do uso da tecnologia da língua escrita”. Isto é, a criança pode utilizar recursos da língua escrita em momentos de fala, mesmo antes de ser alfabetizada”.

Desta forma, o processo de Letramento não se desenvolve apenas na escola, “o letramento representa os diversos meios da prática social em que a escrita se faz presente” (LUIZATO, 2003 p.72).

Já a entrevistada 2, nos traz em seu conceito, algo mais amplo, o Letramento como uma leitura de mundo, colocando como trazemos nesta pesquisa, que é mais do que aprender a ler e escrever, é buscando adquirir a competência para interagir, incorporar com as práticas de leitura e escrita socialmente, em diferentes suportes, interpretando o mundo ao seu redor. Pois, “é pelo mundo que eu entendo a palavra do mundo e posso transformá-lo, sem que a palavra se torne o limite de meu mundo” (CAMAS, 2012, p.49).

Com isso, dentro do contexto de cada sujeito e conforme o Discurso da entrevista 2, pode-se estar letrado, conforme as experiências e leitura de mundo de cada um e reafirmando nossa percepção sobre diferentes formas de letramentos existentes.

O letramento é algo homogêneo, é o sujeito que tem que ter capacidade para usar esse letramento. Acho, então, que é mais aí essa posição polêmica de letramento: uma perspectiva redutora, que eu chamo redutora, pois representa um conjunto de capacidades, só situado no sujeito. Diferente de o outro olhar, que é o das práticas sociais em que os sujeitos se envolvem. Essa concepção abre as portas para olhar o letramento no plural e não termos mais letramento, mas letramentos (DIONÍSIO, 2007, p.211).

Quando questionadas, as entrevistadas, sobre como as TIC podem contribuir com a produção artística e com o processo de diferentes formas de letramentos em sala de aula, tivemos as seguintes respostas:

(Entrevistada 1)

{...} Que contribui, eu acho isso é fato, a questão é a aplicabilidade disso

*{...} **na realidade da escola pública** a gente sabe que, **é complicado**, por que, o custo disso, pra gente né, fazer independentemente*

*{...} por que **o Estado não se importa em fazer isso pela escola**, esse **não é nem o projeto***

*{...} Para **o Estado**, então... **quando fala em tecnologia, da até uma coceira**, por que, de...não ter*

*{...} **você não visualiza isso** né, muitas vezes, **é o esforço que é da escola mesmo***

*{...} tem **os professores**, que **vão fazendo as capacitações, a formação continuada** deles, **eles trazem, fazem curso**, por que tudo também é muito tecnológico, eles **trazem e tentam aplicar**, mas **da questão de um tempo, eles voltam para o tradicional**.*

(Entrevistada 2)

{...} É por que **amplia o olhar**.

{...} **amplia a visão de mundo**, então, é diferente de você ver num livro e você visualizar num ambiente que você poderia estar.

{...} Só que, a gente, também **tem que ter consciência**, tem que **saber**, tem que **pesquisar**, tem que **ir atrás** para poder dar esta informação.

Com a entrevistada 1 e 2, em seus Discursos, é claro a contribuição das TIC para a produção artística e para o processo de diferentes letramentos, possibilitando ao aluno ampliar sua visão de mundo, vivenciar virtualmente uma determinada situação.

Bertoletti (2011), nos fala sobre essa integração da Arte com as TIC, de forma a abrir novas possibilidades ao ensino de Arte:

A integração da arte com as tecnologias digitais abre novas possibilidades para o ensino da arte na escola, tornando-se um importante instrumento de mediação nos processos de ensino/aprendizagem. Tanto nas relações com as proposições artísticas específicas das tecnologias digitais, como na possibilidade de pesquisas no âmbito da história da arte ou da cultura visual emergente deste meio, bem como na produção e tratamento de imagens que possam ser construídos por projetos educacionais. Também mantêm relações fecundas para propostas colaborativas de construções, proposições em conjunto entre alunos, professores, instituições e comunidade. É primordial, por parte dos professores e das instituições educacionais a busca de novos caminhos para a construção de conhecimentos enredados com a realidade em que vivemos. (BERTOLETTI, 2011, p.2)

No entanto, a entrevistada 1, coloca a questão da aplicabilidade na Rede Pública de Ensino, e percebemos um forte Discurso colocando o Estado como “o grande vilão”, sem o mínimo de interesse e investimento nesta área na educação.

É claro que é possível perceber, os esforços de muitas escolas da Rede Pública, buscando de forma independente, trazer novos recursos para utilização em sala de aula pelo professor. No entanto, afirmar, que as dificuldades encontradas para utilização das tecnologias em sala de aula, deve-se por falta de investimento e/ou preocupação por parte da instituição mantenedora apenas, é algo muito forte e também preocupante, pois é apenas o Estado, ou o profissional também, responsável por esse uso?

Brito (2011) comenta conforme o Discurso de nossa entrevistada:

Notamos, na maioria dos casos em que esses equipamentos são adquiridos, que acabam sendo jogados em um depósito, onde, por fim, deterioram-se. Frequentemente, lamenta-se pela sorte dessa aparelhagem eletrônica “tão generosamente cedida pelo Estado” ou “adquirida com

tantos sacrifícios pelas associações de pais e mestres”. Fala-se em desperdício, mas raramente se pergunta sobre o porquê desse destino. (BRITO, 2011,p.41).

Seria uma folha de mão dupla, pois muitas vezes o Estado propicia algumas ferramentas das TIC, oferece formação, como descrito no próprio Discurso, no entanto, não são aproveitadas. E Brito, novamente, comenta sobre a má utilização das tecnologias educacionais:

Grande parte da má utilização das tecnologias educacionais, ao nosso ver, deve-se ao fato de muitos professores ainda estarem presos à preocupação com equipamentos e materiais em detrimento de suas implicações na aprendizagem. De um lado, as inovações – referentes a novos métodos de ensino ou ao emprego da televisão, de slide, de vídeo e, agora, do computador – tem esse apelo de deslumbramento; de outro, elas não são integradas facilmente ao cotidiano escolar. (BRITO, 2011, p.41)

Werneck (2008) fala a respeito de se ter equipamentos na escola, sem uma prévia formação dos professores:

A reação normal dos professores obedece à formação de nosso pensamento: ele é cartesiano. O cartesianismo está atrasado, porém, muitos ainda pensam desse modo. Primeiro seria necessário preparar a pessoa e, somente depois, colocá-la em contato com o computador (WERNECK, 2008, p.1).

Pois, não podemos negar o fato de que muitos dos professores da atualidade, em sua época como alunos foram ensinados, conforme nos diz Paulo Freire, por métodos “bancários”, com uma metodologia repetitiva e mecânica, seguindo a prática pedagógica, amparada em quatro pilares: escute, leia, decore e repita. Consequentemente, é muito provável que muitos destes, repassem essa metodologia a seus aprendizes.

Daí a impossibilidade de vir a se tornar um professor crítico, se mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação com o que leu e o que vem ocorrendo em seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo. (FREIRE, 1996, p.14).

Contudo, pode-se dizer que esta rápida evolução exige que as práticas conservadoras atuais, sejam revistas, para que o professor deixe de ser o único transmissor de conteúdos aos alunos, o dono da verdade e do saber e passe a ser um mediador no processo de ensino-aprendizagem, de forma, no caso em Arte, a instigar o olhar, o ouvir, o falar, o gesticular, respeitando as interpretações, as produções artísticas e estimulando a autonomia de seus alunos.

As denúncias contundentes de que o professor está desautorizado a ser o único dono da verdade e que precisa repelir atitudes de memorização e repetição de conteúdos em sala de aula provocam um novo orquestramento para a prática pedagógica docente, no qual o docente se caracteriza como mediador, um investigador, criativo e competente entre o conhecimento elaborado e a produção do aluno (BEHRENS, 2013, p.87)

Deste modo, deve-se primeiramente preparar o professor, investir em metodologias do uso das TIC em sala de aula, e assim deixar de se ter equipamentos abandonados e largados a poeira nas escolas, utilizando assim tais equipamentos, como ferramentas em contribuição ao processo de diferentes letramentos e a produção artística, aqui em destaque. Camas (2012) no fala sobre o caminhar nesta construção integradora do uso das TIC.

De modo que caminhemos na construção integradora do uso das tecnologias. Isto significa que os professores devem entender que as tecnologias não apenas suportam, mas estendem os objetivos curriculares. Devem envolver os alunos e o fazer a aula, naquilo que se entende como a aprendizagem crítica. O domínio das literacias não é algo que se faz separadamente. Professor e aluno devem ter acesso permanente às tecnologias e às informações. As tecnologias devem ser parte das atividades diárias da sala de aula, por esta razão equipar-se a escola e o professor é necessário e urgente, não para maquiagem políticas oportunistas, mas para o desenvolvimento pleno de nossos jovens (CAMAS, 2012b, p.62).

Confrontando o Discurso 1, com o Discurso da entrevistada 2, percebemos que o papel do professor com o uso das TIC em sala de aula, não depende apenas do Estado, da Prefeitura, ou da instituição Particular, o profissional também tem que ter consciência da importância deste uso para os alunos, tem que muitas vezes querer, saber buscar, pesquisar para fazer das TIC algo presente em sua prática pedagógica.

Camas (2012b), como já citado anteriormente, nos fala sobre a necessidade de oportunizar aos professores uma vivência com o uso das TIC, não apenas em

seu uso operacional, mas de forma a refletir de forma crítica em sua integração na prática pedagógica, e na aplicação dos diferentes Letramentos, (pela autora citada como literacias).

Perguntado as entrevistadas sobre como acham que a Arte e as TIC, poderiam contribuir com o processo de diferentes letramentos, eis as respostas:

(Entrevistada 1)

{...} Olha! Eu **acho que...**

{...} A **Arte é uma linguagem própria** né, ela **não precisa casar**

{...} eu **faço vários trabalhos com os professores**, “ah, vamos fazer a fotografia”, vou trabalhar as cores na física, a fotografia com a química, tem de tudo, por isso que **as áreas estão todas interligadas...**

{...} E eu volto a dizer, **acho muita crueldade, separar.**

{...} **Auxilia o letramento, é claro que auxilia**, mas, eu acho **injusto** assim, você **ter que colocar um objetivo para um ensino da Arte**, só que **a lei exige** isso, **o dia- a- dia exige** isso, e **o que você vai fazer?!**

{...} Mas sem dúvida, **a tecnologia vai ajudar a mudar, sei lá...**

{...} Mas também, se a professora de **matemática, usar a tecnologia, nossa!** A aula dela...Visualizar né, o processo todo, que **não seja, só ali no quadro**

{...} sei lá...tivesse...**mais apoio...do governo...mas, depende da gente também (risos)...**

(Entrevistada 2)

{...} **Aproximando** mesmo

{...} porém, **a gente tem que estar pesquisando** e vendo realmente, se aquilo que a gente ta trabalhando, e trazendo para as crianças tem uma...é...tem conceito verdadeiro, tem o conceito real

{...} a gente **não tem como fugir hoje da tecnologia**, a tecnologia, **a gente não tem como fugir, ela está...** de manhã cedo, quando a gente acorda, já olha o celular e ve quantas mensagens a gente recebeu, não tem como, **ela já é...ela já é.**

No Discurso da entrevistada 1, podemos identificar, até mesmo no seu silêncio, no pensar no que acha, a certeza de ter a Arte como o próprio letramento. A professora em questão tem em sua prática uma postura interdisciplinar, por isso reforça tanto o Discurso de “crueldade” em separar o conhecimento em partes, em gavetinhas, é algo, intrínseco na entrevistada, faz parte de sua postura, de sua atitude como professora de Arte, pois é essa junção, a união das partes que vai se construindo o processo de diferentes formas de aprendizagens, de leitura de mundo, de diferentes letramentos.

Desta maneira, esse Discurso nos traz alguns questionamentos a respeito da metodologia tradicional de ensino e um repensar sobre o papel do professor.

(...) é um fato incontestável que no momento contemporâneo a vida se alimenta das tecnologias e configura estreitas interfaces criativas e técnicas, num contexto transdisciplinar baseado em conceitos fundamentais da ciência, da arte, da filosofia, da comunicação, da educação, dos negócios, em âmbito privado e institucional, atendendo aos desafios da revolução numérica, com a presença de sistemas artificiais que provocam mudanças e

modelam outras formas de viver marcadas por relações sociais que subvertem princípios vigentes em sociedades anteriores (DOMINGUES, 2003, p.13)

Sendo assim, a sociedade atual pede uma nova postura do professor, novas propostas educacionais, baseadas na participação e na colaboração.

A ação pedagógica que leve à produção do conhecimento e que busque formar um sujeito crítico e inovador precisa enfocar o conhecimento como provisório e relativo, preocupando-se com a localização histórica de sua produção. Precisa estimular a análise, a capacidade de compor e recompor dados, informações e argumentos. (BEHRENS, 2013, p.55)

Em Arte, as tecnologias oportunizam a interação, a criação em propostas artísticas, envolvendo ambientes virtuais, sendo mais um espaço em que o aluno pode vivenciar novas experiências. “A interatividade favorece a construção de conhecimento em arte, amplia o campo de recursos pedagógicos, propicia novas formas de percepção do mundo, bem como de expressão e comunicação” (BERTOLETTI, 2011, p.3).

A entrevistada 1, em seu Discurso, também fala sobre o fato de a Arte e as TIC auxiliar o processo de letramento, que em sua concepção, como vimos anteriormente, diz respeito ao processo de leitura e escrita, e esse tipo de letramento realmente não é o objetivo da Arte, e como a entrevistada disse, chega até ser injusto utilizar a Arte com esse propósito, como muitas vezes são cobrado os professores de Arte, com a intenção de servir ao processo de leitura e escrita. Arte tem suas características próprias, e em suas diferentes linguagens, tem o seu próprio processo em suas diferentes formas de letramentos.

Colocando como exemplo, no que diz respeito à linguagem de artes visuais, “a área que busca entender as imagens como possibilidades pedagógicas e que estuda as formas pelas quais as imagens produzem interpretações e transformam seus espectadores é a área do letramento visual” (FERRAZ, TAKAKI, 2015, p.262).

Portanto, a Arte é o próprio Letramento, que traz em seu ensino a relação e o contato com diferentes saberes e conseqüentemente com diferentes formas de letramentos.

O que é importante na atualidade, tal qual nos diz Ana Mae, é levar o aluno, a saber, ler as imagens, as quais recebemos diariamente, a todo o momento e em

diferentes formas de estímulos imagéticos, as quais recebemos muitas dessas imagens de forma inconsciente e acrítica.

Barbosa (1998) disse que

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, *slogans* políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998b, p. 17).

Com a industrialização e com o sistema capitalista, em que vivemos, baseado no consumo, a relação da publicidade, das TIC e das imagens se tornaram muito intensa, por isso se faz necessário o saber ler imagens para uma reflexão crítica da realidade. Nesse processo destacamos novamente a Abordagem Triangular, que no processo de ensino-aprendizagem se destaca, como já vimos, a leitura da imagem, a contextualização e a prática artística.

Agora se a tecnologia vai ajudar neste processo de diferentes letramentos, primeiro o Discurso nos diz que sim, mas na sequência se contradiz, mostra uma incerteza, uma dúvida sobre realmente acreditar no que defende. Isso demonstra que a professora entrevistada, não encontra-se formada para usos das TIC em sala de aula, necessita ainda adquirir certas competências para este uso, que segundo Camas:

As competências do uso das tecnologias digitais, em sala de aula e fora dela, residem na aprendizagem que desenvolva a colaboração, a negociação, a reflexão, a crítica construtiva, a seleção e a análise das informações que se encontram nas diferentes mídias e tecnologias transmissoras de mensagens (CAMAS, 2012b, p.52).

Não adianta olharmos para o outro professor, colega de trabalho, de outra disciplina e imaginar como ele poderia utilizar as TIC em suas aulas. Devemos refletir primeiramente sobre a própria prática, sobre como podemos utilizar as TIC, o quadro negro, e todos os outros recursos que temos, desde as tecnologias mais antigas, as que temos na atualidade, e oferecer uma aprendizagem significativa aos nossos estudantes. E isso é possível, desde que a nossa postura se inove.

Deve-se compreender que o objetivo principal não é a tecnologia, mas envolver os alunos na aprendizagem significativa e avaliar a sua compreensão, sendo possibilitadas na sua reflexão e registro pelas tecnologias (CAMAS, 2012b, p.63).

Segundo Demo (2004, p.80 - 90), o professor do futuro apresenta o seguinte perfil:

1) Professor é, necessariamente, pesquisador, ou seja, profissional da reconstrução do conhecimento, tanto no horizonte da pesquisa como princípio científico, quanto sobretudo, como princípio educativo.(...). 2) Professor precisa ser formulador de proposta própria, ou seja, precisa saber elaborar com autonomia. (...). 3) Professor moderno não valoriza somente o legado teórico, mas sabe fazer da prática trajetória de reconstrução do conhecimento, desde que a saiba teorizar.(...). 4) Professor precisa compor-se com a atualização permanente, porquanto, se o conhecimento, de um lado, é aquilo que a tudo inova, do outro lado da mesma moeda é aquilo que a tudo envelhece. (...). 5) Professor precisa afeiçoar-se com a instrumentação eletrônica...6) Professor atualizado carece tornar-se interdisciplinar.(...) 8) Quanto ao professor básico, em termos estratégicos detém posição altamente sensível, porque está ainda mais próximo da cidadania popular.(...). 9) O “professor do futuro” é aquele que sabe fazer o futuro”.

No Discurso da entrevistada 2, percebemos claramente como a tecnologia, é e está presente em nosso cotidiano, e cabe ao professor pesquisar sobre sua prática, sobre o que serve e o que não serve para uso no dia-a-dia.

Para sermos coerentes com o conceito de competência, não cabe jamais produzir receitas prontas. Cada professor precisa saber propor seu modo próprio e criativo de teorizar e praticar a pesquisa, renovando-a constantemente e mantendo-a como fonte principal de sua capacidade inventiva (DEMO, 1996, p.97)

Como já descrito, uma das entrevistadas atua como professora de Arte pela Rede Estadual de Ensino e a outra como professora de Arte, em paralelo na Rede Municipal e Particular de Ensino. Ambas colocam em seu Discurso as diferenças que visualizam na Rede Pública e Privada:

(Entrevistada 1)

{...} eu **nunca trabalhei em escola particular** né, mas eu sei que **da pública**, eu já rodei por aí, no **município tudo**, e sei que **não depende muito do professor ser criativo**
{...} **são condições mesmo**, que, as vezes que eu fiquei em duas ou três escolas e **tendo muitos alunos**, ainda mais Arte que são só duas aulinhas

(Entrevistada 2)

{...} A **grande diferença é o acesso**, disponibilidade, **o acesso**.

{...} **Na particular... eu tenho o recurso em sala de aula**, então, surgiu uma questão em sala, que eu preciso reforçar, **eu tenho conhecimento de como fazer isso**, posso ligar o equipamento e imediatamente eles podem verificar isso, né...então, assim, **a facilidade de acesso, de recurso tecnológico**, digamos assim.

{...}Eu acho, que **neste sentido, que difere**

A entrevistada 1, afirma que nunca trabalhou na Rede Particular, e em seu Discurso, diz que na Rede Pública, tanto Estadual, quanto Municipal não depende “muito” do professor fazer uso da criatividade, inovar em sua forma de ensinar, e sim de condições, excesso de alunos, pouco tempo de aula, mas nesse “não depende muito”, podemos dizer que depende também do professor querer fazer a diferença em sua prática, repensar sua metodologia na prática pedagógica.

O que podemos confirmar com o Discurso da Entrevistada 2, que traz a experiência da prática da Rede Pública e Privada, e em sua fala deixa claro que a única diferença, entre uma rede e outra, é a facilidade de acesso aos recursos tecnológicos, de que nada adianta se o professor não estiver preparado, não tiver uma formação pedagógica para fazer uso das TIC em sua prática.

Brito (2011), também nos fala sobre as diferenças das Escolas Particulares e Públicas, quanto ao uso das TIC:

Escolas particulares já ostentam um grau significativo de informatização, muitas vezes escolhendo um modelo prático e rápido para montagem desses laboratórios: feito o investimento em equipamento, contrata-se uma assessoria especializada para cuidar do laboratório e não se pensa mais nisso. Em contrapartida, as escolas públicas estão se informatizando devagar: as que já tem o laboratório conseguiram-no por meio de doações de empresas, parcerias com outros segmentos da sociedade e, principalmente, arrecadações feitas pelas Associações de Pais e Mestres (APMs), além do programa ProInfo. No entanto, verificamos que a fórmula de colocar computadores nas escolas não conseguiu integrar, de modo satisfatório, a informática às práticas de ensino nem obteve avanços em termos de novas metodologias (BRITO, 2011, p.89).

Assim, baseando-nos pelos Discursos apresentados e confirmando com a autora, podemos concluir que realmente a grande diferença existente, entre Escolas Particulares e Públicas é o acesso aos equipamentos, pois não existe uma renovação de metodologia em nenhuma das duas. E o que falta é uma formação pedagógica aos professores, quanto ao uso das TIC em sala de aula.

Ambas as entrevistadas, citaram a prática do tour virtual, como forma de aproximar o mundo ao aluno:

(Entrevistada 1)

{...} Você **pode fazer um tour virtual, no Louvre, sei lá, ou aqui perto**, aqui mesmo, no museu Andersen. O Andersen tem, ou tiveram uma época também, o tour virtual

(Entrevistada 2)

{...} **ela aproxima** de forma que... é...você **não precisa sair de casa**, sair da escola, **para ir visitar um museu**, eu posso estar passeando por um museu, **por meio da tecnologia**, então, **ela aproxima verdadeiramente** mesmo né... **neste sentido**, eu acho que auxilia muito.

{...} eu **posso levar as crianças no laboratório** e pedir pra eles **entrarem no museu do Louvre**. Muitos de **nossas crianças de escola pública**, é assim...**não vão ter essa, essa... este momento na vida...não que eu queira generalizar**, mas assim, **é bem difícil** que... muitas delas, **tenham esta possibilidade de visitar**, então, **neste sentido**, não tem como nem a gente dizer que não é bom...**só é bom**.

Seja em museus em outros países, ou dentro da própria cidade, as TIC traz para perto do aluno uma realidade muitas vezes distante, e para muitos até mesmo inacessível. Neste sentido, as tecnologias é colocada no Discurso da entrevistada 2, como um recurso ótimo para utilização na prática pedagógica, nas aulas de Arte. Costa (2012), confirma:

Além do uso de *software* específico, de ferramentas de recolha e tratamento de imagens, os recursos disponíveis hoje na Internet permitem inúmeras linhas de fuga às práticas tradicionais, como sejam aquelas que resultam, por exemplo, da interação dos alunos com materiais de estudo interativos disponibilizados em variadíssimas galerias de arte e museus virtuais (COSTA, 2012 p.77)

E outro Discurso que destacamos, é da entrevistada 1, que coloca a necessidade de uma revolução no ensino:

(Entrevistada 1)

{...} Tinha que ter uma **revolução no ensino, pra ser diferente**.

{...} tenho que **parar de reclamar** e tenho que **agir**.

{...} **Professores criativos são professores criativos**.

{...} é muito mais do que isso sabe, **a educação tinha que passar por uma mudança geral** mesmo... E aí, a **Arte ta junto ali**, no seu lugar, **conversando com as outra**, sem você **ficar na obrigação** de provar pro pai e pra mãe, pro teu colega, pra sua diretora, pra secretaria da educação de que a **Arte é importante** por causa, disso, disso e disso, **ela é importante, meu Deus do céu!** Mas... Não é isso? **É que tem que sentir** né?! Também **tem que vivenciar**, assim, na minha opinião né, na minha modesta opinião (risos).

Nesse Discurso, percebemos um desabafo, um desejo interno, que talvez seja um desejo de muitos professores de uma mudança no ensino, talvez o que muitos professores esperam para tomar uma atitude, por isso seguem sem mudar. Esperam por uma mudança geral, sempre reclamando, das condições, das possibilidades, materiais, recursos, entre outros. Sem perceber, como descrito no

próprio Discurso, que se deve parar de reclamar e tomar uma atitude, agir, fazer a sua parte para a Educação.

Tem professores que já trazem consigo essa postura, essa atitude de inovar, buscar, pesquisar, de fazer a diferença, outros necessitam de um “empurrãozinho”. É justamente a postura trazida pelo professor, que faz uso das TIC que temos que absorver, não necessariamente as ferramentas e recursos, mas uma educação de forma colaborativa, visando a produção do conhecimento.

“A interação aluno-computador precisa ser mediada por um profissional que tenha conhecimento do significado do processo de aprendizado através da construção do conhecimento” (VALENTE, 1996, p.45).

Como descrito no Discurso acima e como vimos em toda esta dissertação, a Arte é uma área do conhecimento, de fundamental importância para a formação humana, e que dispensa explicações sobre a sua importância, pois para compreendê-la é necessário vivenciá-la e simplesmente senti-la.

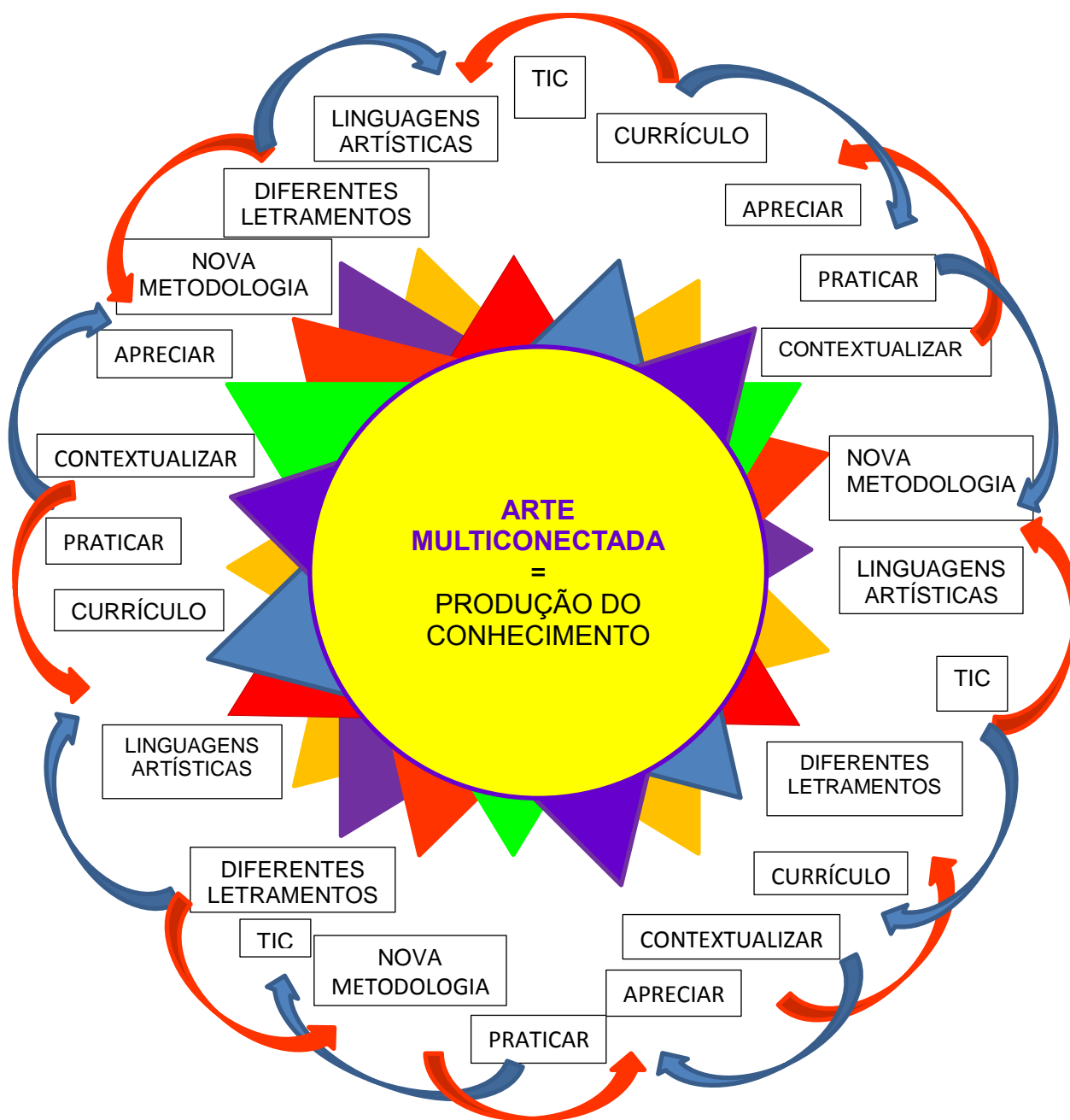
A Arte é o próprio Letramento, cuja finalidade é a expressão dos sentidos pessoais. É necessário se recuperar, no interior das escolas, a *expressão pessoal* – tanto por parte dos alunos quanto dos professores (DUARTE JR, 2012, p.85).

Apresentamos na sequência, a figura abaixo, na qual buscamos representar a Arte Multiconectada no processo de ensino aprendizagem.

Criou-se a figura, baseando-se na abordagem triangular: apreciar, contextualizar e praticar, em interação com outra tríade ao inverso, sendo as linguagens artísticas, as TIC e os diferentes letramentos, auxiliando desta forma o Professor de Arte a buscar o envolvimento dos alunos, por meio de uma nova prática centrada na produção do conhecimento.

Assim como na abordagem triangular não existe uma regra de se seguir uma sequência no desenvolver das etapas, com o processo da Arte Multiconectada também isso não acontece, o processo é contínuo, em ligações, diferentes conexões da Arte, com diferentes saberes, criando-se assim: a Arte Multiconectada.

FIGURA 7 - ARTE MULTICONECTADA



FONTE: A autora (2016)²⁴

Contudo, finalizamos o estudo desta dissertação, na qual apresentamos a conexão da Arte com outros conhecimentos, que denominamos Arte Multiconectada. Na qual, o grande desafio colocado é buscar o envolvimento dos alunos, por meio da Arte em conexão com as TIC, com outras áreas do conhecimento, contribuindo assim com o processo de diferentes formas de Letramentos. Buscando um

²⁴ Fonte: Elaboração de figura demonstrativa pela pesquisadora.

comprometimento humano, pessoal. Valorizando a curiosidade, a criatividade, o questionamento, a reflexão, trazendo uma nova prática centrada na produção do conhecimento.

6 CONCLUSÃO



25

Nesta última seção, apresenta-se a conclusão e nossas considerações finais. Relembramos nosso problema e confirmamos se nossos objetivos de pesquisa foram atingidos. Apresentamos as limitações do estudo, presentes durante o período de pesquisa. As contribuições futuras a própria prática pedagógica e ambiente escolar, nossas conclusões e proposta para estudos futuros.

*"De tudo, ficaram três coisas:
 A certeza de que estamos sempre começando...
 A certeza de que precisamos continuar...
 A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...
 Portanto devemos: Fazer da interrupção, um caminho novo ...
 Da queda, um passo de dança...
 Do medo, uma escada...
 Do sonho, uma ponte...
 Da procura, um encontro..."*
 (Fernando Sabino)

Por Arte Multiconectada, contudo, entendemos a conexão da Arte com outros conhecimentos. O grande desafio colocado com este estudo é buscar o envolvimento dos alunos, por meio da Arte em conexão com outras áreas do conhecimento, com as TIC, contribuindo com o processo de diferentes formas de letramentos, valorizando a curiosidade, a criatividade, o questionamento, a reflexão, trazendo uma nova prática centrada na produção do conhecimento.

Concluir exige relembrar o objeto de estudo, sendo assim, retomando a questão que nos guiou nesta pesquisa foi: Como os Professores de Arte entendem o uso das TIC em sala de aula?

²⁵ Figura 8 – A varanda, de Edouard Manet

- Fonte: <http://www.oversodoinverso.com.br/a-tecnologia-invade-obras-de-arte-historicas>

Para nos auxiliar nesta resposta, faz-se necessário também, retomar os três objetivos específicos que nos guiaram nesta investigação.

O primeiro objetivo, que pretendeu *buscar referencial teórico que subsidiasse o tema desta pesquisa*, o consideramos como alcançado, pois, buscamos os conceitos de Arte, suas diferentes linguagens e sua relação com a Educação, especificamente no Ensino Fundamental. Trouxemos a Arte Multiconectada, propriamente dita, na qual buscamos referencial dentro das conexões que procuramos fazer com a Arte. Destacamos o conceito de Letramento, as diferentes formas de letramentos e sua relação com a Arte. As TIC e as interfaces com o ensino de Arte e o Professor de Arte e sua relação com as TIC em sala de aula.

Deste modo, pudemos perceber como a Arte é uma constante, que se faz presente em todos os momentos da vida do ser humano, fazendo parte da história de todo nós. É uma forma do ser humano expressar suas emoções, sua história, sua cultura. Por isso, o seu ensino é de extrema importância, pensando na formação de seres humanos mais sensíveis, capacitados para a vida e seus acontecimentos.

Conhecemos brevemente a relação da Arte com a educação, resgatando um histórico do ensino de Arte no Brasil e falamos sobre a Arte-Educação, que seria, segundo alguns estudiosos, a educação baseada naquilo que sentimos, superando a ideia de um ensino fragmentado, buscando uma forma de ensinar na qual razão e emoção se desenvolvem juntos, ou seja, se completam.

E a Arte, em suas diferentes linguagens: música, dança, teatro e artes visuais, contribui não somente para o desenvolvimento cognitivo, mas também o afetivo, resgatando valores indispensáveis para a formação de um cidadão crítico. Tendo a Arte, não como auxiliar, mas sendo a produção realizada nas aulas de Arte, um letramento. Pois, a experiência estética que a Arte nos oferece pode acalantar a imaginação e, conseqüentemente, a percepção de mundo.

Mostramos como o período do Ensino Fundamental é um momento importante na vida do aluno, especificamente em Arte, é o momento em que ele vai perceber conscientemente a produção social e perceber que essa produção tem história, ao mesmo tempo em que pouco a pouco, nas diferentes formas de Arte, vai criando autonomia e características próprias em suas produções artísticas.

Destacamos a importância do professor em se preocupar em como ensinar Arte, como desenvolver a sensibilidade de seus alunos, em ouvir, ver, gesticular,

apreciar e conhecer a Arte, e o mundo ao redor, principalmente no mundo conectado em que vivemos. Interagir com outras áreas e fazer uso das TIC como aliada nesse processo.

Pela Arte Multiconectada, o referencial teórico trazido, baseou-se, justamente, nas interações que buscamos fazer com a Arte, ou seja, o pensamento do professor de Arte, a Educação, as TIC e as diferentes formas de Letramentos.

Sendo assim, temos que o Letramento é um estado ou condição de quem interage com diferentes meios, com diferentes tipos e gêneros de leitura e escrita, com diferentes funções desempenhadas pela leitura e escrita. É descobrir-se, entender-se, lendo ou escrevendo, encontrando possibilidades, alternativas, descobrindo o que se pode ser.

Considerando ainda, na sociedade moderna, os diferentes usos e suportes, feitos e utilizados com a escrita, fornecendo possibilidades aos sujeitos de participar ativamente em práticas sociais diversas, ou seja, tornando-se um sujeito letrado. Sendo assim, o termo no plural – letramentos – se torna cada vez mais comum.

Por isso, nesta pesquisa entendemos por Letramento, que mais do que aprender a ler e escrever é obter a competência para incorporar, e interagir com essas práticas de leitura e escrita socialmente, em seus diferentes suportes, interpretando o mundo ao seu redor.

E com relação à Arte em suas diferentes linguagens, consideramos ampliar o Letramento do aluno de Ensino Fundamental, não apenas no processo de saber ler e escrever, mas no sentido da leitura de mundo.

Ampliar a leitura do mundo do aluno de forma que perceba a presença da Arte em sua vida, em seu cotidiano, ao seu redor, em sua cultura é uma forma de oportunizar a aquisição do Letramento.

Em relação às Tecnologias da Informação e Letramento (TIC), percebemos que a metodologia utilizada pelo professor é muitas vezes o que fará a diferença em sua prática com o uso das TIC. Podemos dizer também, que se faz necessário ter programas que deem um suporte e formação para os professores, fornecendo orientações de como fazer o uso do computador ao trabalho pedagógico. Pois, de pouco adianta ter diferentes tecnologias na escola se o professor continuar a ensinar da mesma maneira.

Com relação à Arte, que como já dissemos está presente em todos os lugares, em diferentes formas de manifestações, presentes em nossa cultura, desde

a cultura popular a erudita, aos meios de comunicação e novas tecnologias. E se faz necessário ensinar o aluno a valorizar a sua própria cultura e respeitar a diversidade cultural, por isso é indiscutível a importância do professor de Arte na formação humana e artística. E a sala de aula é o espaço onde acontece a relação professor/conteúdo/aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Então, buscar novas estratégias, uma inovação na metodologia, visando à qualidade do ensino, em especial o de Arte, que como já vimos traz um histórico de desvalorização em nosso país, devem ser colocadas como objetivos pelo professor de Arte em sua prática pedagógica. É importante se faz que nos tornemos cada vez mais professores pesquisadores de nossa prática.

Com isso, o professor que pesquisa e busca um ensino inter ou transdisciplinar pode incluir o uso das TIC de forma significativa em suas aulas de Arte, auxiliando assim o processo de diferentes letramentos, não somente dos alunos, mas do próprio professor.

Considerando, como vimos no desenvolver desta pesquisa, que nos dias atuais a forma de ensino foi mudando e os alunos são sujeitos ativos, o professor apenas conduz o trabalho permitindo que os alunos assimilem novos conhecimentos a partir daqueles que já possuem. Assim, o contato dos alunos com as tecnologias pode e deve ser utilizados nas salas de aula de forma que enriqueça o processo de aprendizagem. No entanto, falta ainda para o professor perder a mentalidade de que ele necessita saber de tudo.

O professor como peça de fundamental importância dentro do processo de ensino e aprendizagem, por exercer a função de condutor do processo, precisa estar preparado e saber fazer uso destas ferramentas, resgatar os potenciais que favorece a assimilação de conhecimento. Talvez alguns professores, sintam-se inseguros dentro deste processo de inserção da tecnologia por ter a impressão de que as crianças entendem mais de certas tecnologias do que os adultos, mas na verdade a criança descobre os potenciais destas ferramentas, porém, é o professor em sala de aula que sabe como os instrumentos podem fazer sentido no processo de aprendizagem de um determinado conteúdo.

Inovar, refletir sobre a prática docente, pesquisar, investigar sobre sua prática, este seria um bom começo para uma mudança, para uma investigação de como inserir as tecnologias a favor da qualidade da educação.

Desta maneira, o professor deve buscar uma nova metodologia, não a de apenas transmitir o conhecimento, mas a de aprender em conjunto, se tornar o mediador do conhecimento adquirido, principalmente no mundo conectado e se tratando de alunos considerados nativos digitais, torná-los também responsáveis pelo seu próprio conhecimento. Fica a encargo de o professor pesquisar, organizar, planejar e executar caminhos que incentive seus alunos a descobrir o conhecimento com autonomia.

O segundo objetivo que *desenvolveu um questionário fechado com uma questão aberta para conhecer o professor de Arte*, teve no contexto desta pesquisa o aprofundar-se na ação pedagógica exercida quanto ao uso das TIC pelos Professores de Arte do Ensino Fundamental da Rede Pública e Privada da cidade de Curitiba/PR.

Tiveram-se como participantes 20 Professores de Arte do Ensino Fundamental, sujeitos da pesquisa, de Escolas Municipais, Estaduais e Particulares. Estes participantes foram convidados a responder, inicialmente um questionário fechado, com uma questão aberta, sob três dimensões: conhecendo os sujeitos de pesquisa, profissional e das linguagens artísticas. Sendo analisados posteriormente.

Logo, após análise das respostas ao questionário, pudemos perceber que os professores de Arte fazem uso das TIC para uso pessoal, mas, que, no entanto, sendo esses recursos ainda pouco usados pelos professores de Arte em sua prática pedagógica, ficando, quando utilizada, apenas como instrumento de apreciação. Porém, percebemos também, alguns professores motivados, que fazem a sua parte, tentam realizar, acrescentar as TIC em suas aulas, mesmo com pouco conhecimento, preparação, incentivo e recursos disponíveis.

Pode-se concluir que o terceiro e último objetivo específico também foi atingido, pois, foram *selecionados dois professores que responderam ao questionário para realizar uma entrevista*, na qual verificamos como acontece o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nas aulas de Arte.

As entrevistas foram realizadas, a duas professoras de Arte, que responderam ao questionário, e disseram neste, utilizar as TIC em suas práticas pedagógicas. Ambas da Rede Pública de Ensino, porém, uma professora de Arte da Rede Estadual de Ensino do Paraná, e a outra atuante em paralelo, como professora de Arte da Rede Municipal de Ensino de Curitiba e na Rede Privada de Ensino.

Foram abordados nas entrevistas, três grandes temas: Relação com a Arte e trajetória pessoal de formação, as percepções sobre o uso das TIC em sala de aula e a Arte Multiconectada. Após, fizemos a Análise do Discurso, que se baseou na análise das transcrições totais das duas entrevistas realizadas.

Portanto, tendo estes três objetivos específicos alcançados, nos levou a alcançar nosso objetivo geral, que *analisou o entendimento do uso das TIC pelos Professores de Arte do Ensino Fundamental*.

Antes de apresentar os resultados desta análise, apresentam-se aqui nossas limitações de estudo, pois como professora de Arte, ao ingressar no Mestrado, não era da área de Tecnologias. Isso limitou o estudo, devido à falta de experiência, de conhecimento sobre esta área, que teve de ser construído pouco a pouco. Destaca-se a curiosidade, a vontade de conhecer, vivenciar, de aprender e o interesse mesmo por esta área, que foi o que motivou a este estudo. E, neste momento, de conclusão desta dissertação, sente-se ainda, como pesquisadora, que se tem muito que aprender sobre esta área.

Outra limitação presente foi a Rede Municipal de Ensino de Curitiba, da qual faço parte do grupo de profissionais docentes, e na qual devo primeiramente agradecer pela liberação de licença para estudo, que veio a facilitar esse momento de aprendizagem e formação, no entanto, existiram alguns impedimentos, que se tornaram limitações para a realização desta pesquisa.

A primeira limitação foi à forma como ocorreu a liberação de licença para estudo, não sendo de cem por cento no primeiro ano do curso, sendo que, a liberação de forma parcial, acabou por tumultuar este momento de aprendizagem, mexendo inclusive com a rotina da escola, pela opção e escolha pessoal em estudar. Deve-se, preparar os profissionais antecipadamente, para que possam compreender essa situação.

Inclusive alguns profissionais do setor de Recursos Humanos, também devem ser preparados de forma que compreendam o Mestrado Profissional com o mesmo valor de formação do Mestrado Acadêmico, ou seja, resultando ao título de Mestre em Educação aos profissionais docentes.

A segunda limitação de estudo, por parte RMEC, se tratou da dificuldade em liberar o projeto para pesquisa junto à Prefeitura. Sendo que dentro da Universidade, já existem várias etapas a serem concluídas (as disciplinas, teste de proficiência,

produção de artigo, muitas leituras e a própria produção da dissertação) que exigem muita dedicação, para se concluir o curso.

No entanto, algumas dessas etapas, em alguns momentos, tiveram que ser paradas, para se refazer o projeto para liberação com a RMEC, por pequenos detalhes, contrariando até mesmo indicações da orientadora. Como se desconfiassem da produção, da pesquisa que se encontrava em construção. E em um pesquisador deve-se confiar, pelo aprofundamento ético e moral. Deve-se dar um voto de confiança aqueles que no afã de cumprir uma das condições acadêmicas, possam oferecer com seu trabalho, possíveis respostas ao desenvolvimento da educação pública. Por esse motivo, deve-se repensar a situação, para os futuros professores da RMEC, que optarem por cursar o Mestrado Profissional em Educação.

Retornando ao nosso objetivo geral, que *analisou o uso das TIC pelos professores de Arte do Ensino Fundamental*, visando responder ao nosso problema de pesquisa: *Como os Professores de Arte entendem o uso das TIC em sala de aula?*

Concluimos que o Professor de Arte, muitas vezes recebe uma formação ligada mais ao fazer artístico nas licenciaturas, sem uma preocupação com a didática de ensino, o que dificulta relacionar a teoria aprendida na formação, com a realidade da prática pedagógica, gerando assim questionamentos ao Professor de Arte, sobre sua profissão e sobre o que é Arte. Além de se deparar com outro grande problema em sua prática pedagógica, que é, pela legislação em vigor, as aulas de Arte, compreenderem quatro linguagens artísticas, que são: música, dança, teatro e artes visuais. E ainda encontramos nas escolas professores sem nenhuma habilitação em Arte, ministrando aulas.

Com relação às TIC, o Professor de Arte, em suas graduações, também não tem recebido uma formação para o uso significativo das TIC em sala de aula e, o resultado disso, é a falta de metodologia quanto ao uso das TIC em sua prática. O que percebemos é que o problema da escola muitas vezes não são a falta de equipamentos ou de ferramentas tecnológicas, mas sim a falta de conhecimento dos professores, quanto à metodologia para uso das TIC em sua prática pedagógica.

Percebemos que o uso das TIC em sala de aula ainda não é uma constante, ou pelo menos, não percebida. Pois, os Professores de Arte reconhecem que vivemos em um mundo tecnológico, que a tecnologia faz parte do cotidiano, no dia a

dia. No entanto, em sala de aula o seu uso, no entendimento do Professor de Arte ainda é, o diferente, a novidade, uma forma de transformar a prática pedagógica.

Com isso, analisando o uso das TIC pelos Professores de Arte, percebemos a falta de formação pedagógica, falta de formação quanto à metodologia no uso das TIC em sala de aula. Pois, de nada adianta ter material, ferramentas, recursos e continuar a ensinar da mesma maneira, a metodologia continua a mesma, só que com a diferença do uso de recursos tecnológicos.

Os Professores de Arte compreendem que usar as TIC é muito mais do que isso, é adquirir outra postura como professor, é ter o aluno como participante ativo de seu processo de conhecimento. E percebem a contribuição das TIC para a produção artística e para o processo de diferentes letramentos, possibilitando ao aluno ampliar sua visão de mundo, mas não tem conhecimento, formação para o seu uso.

Os Professores de Arte, também, percebem que parte da responsabilidade quanto ao uso das TIC é do próprio profissional, que também tem que ter consciência da importância deste uso para os alunos. Tem que, muitas vezes, querer, saber buscar, pesquisar para fazer das TIC algo presente em sua prática pedagógica. Pois muitas vezes, a Prefeitura, o Estado propicia algumas ferramentas das TIC, muitas instituições particulares também oferecem formação que, no entanto, não são aproveitadas.

Durante o desenvolvimento desta, observou-se que algumas barreiras precisam ser superadas pelos Professores de Arte e seus formadores, entre elas: a) a desunião na relação Arte e Educação; b) deficiência na formação do Professor de Arte; c) a ideia da fragmentação do conhecimento; d) metodologia repetitiva e mecânica; e) falta de reflexão sobre a própria prática; f) falta de formação pedagógica quanto à metodologia no uso das TIC em sala de aula; g) resistência ao novo; h) falta de uma postura educadora do Professor de Arte.

Assim sendo, deve-se primeiramente preparar o professor. O professor é o mais importante, investir em metodologias quanto ao uso das TIC em sala de aula e assim deixar de se ter equipamentos abandonados nas escolas.

A sociedade atual pede uma nova postura do professor, novas propostas educacionais, baseadas na participação e na colaboração. De nada adianta se ter recursos tecnológicos se, o professor não estiver preparado, não tiver uma formação pedagógica para fazer uso das TIC em sua prática.

Contudo, com a conclusão do Mestrado, muitas dúvidas começam a surgir, pois sente-se que a profissional que se ausentou da escola para estudar, não é a mesma que retornará. Mas, como será este retorno? A escola estará preparada para me receber? Existirá uma compreensão? Os profissionais estarão abertos a me receber, trocar, contribuir? Como será o meu olhar, ao me afastar da prática em busca da teoria e agora retornar à prática? Será que conseguirei aprender a aprender com os meus alunos e trocar com os demais profissionais o que foi conhecido e aprendido até aqui? Essas questões, só poderão ser respondidas, com o retorno a prática.

No entanto, sabe-se que o retorno à prática, após este tempo, de estudo da teoria, de reflexão sobre a prática, resultará em muitas contribuições ao ambiente escolar da qual faço parte, tal como entender definitivamente a Arte como o próprio letramento, explorar diferentes formas para o aluno se expressar, buscar o grande desafio proposto na teoria desta pesquisa, que é o envolvimento dos alunos, por meio da Arte em conexão com as TIC, com outras áreas do conhecimento, contribuindo assim com o processo de diferentes formas de letramentos.

Valorizando a abordagem triangular do apreciar, contextualizar e produzir. Destacando a curiosidade, a criatividade, o questionamento, a reflexão. Trazendo uma nova prática centrada na produção do conhecimento. Reconfigurando assim, a minha própria prática. Pois, uma pessoa, um profissional, se conhece pela prática e não pela fala, pela teoria.

Tendo neste estudo, obtido a percepção e entendimento do Professor de Arte quanto ao uso das TIC em sala de aula, uma proposta para estudos futuros seria buscar o outro lado, ou seja, investigar como os alunos aprendem por meio das tecnologias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. de C. Concepções e Práticas Artísticas na Escola. In: FERREIRA, S. (Org.) **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

ALMEIDA, M. E. B. de. **Inclusão digital do professor: formação e prática pedagógica**. São Paulo: Editora Articulação, 2004.

ALMEIDA, M. E. B. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: _____.; MORAN, J. M. (orgs). **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o Futuro. Secretaria de Educação a Distância: Brasília, Seed, 2005a. p.39-45. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em: 05 novembro 2015.

ALMEIDA, M. E. B. Tecnologia na Escola: criação de redes de conhecimentos. In: _____.; MORAN, J. M. (orgs). **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o Futuro. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, Seed, 2005b. p. 71-73. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 05 novembro 2015.

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 2004.

AMADEU, M.S.U.dos S.;MENGATO, A.P.de F.;STROPARO, E.M.;ASSIS, T.T.S.de. **Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT**. Curitiba: Ed.UFPR, 2015.

BARBOSA, A. M. **Arte-educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva: 1978.

BARBOSA, A. M. **Arte-educação: conflitos e acertos**. São Paulo: Max Limond, 1984.

BARBOSA, A. M. **História da arte-educação**. São Paulo: Max Limonad, 1986.

BARBOSA, A.M. Arte-educação: realidade hoje e expectativas futuras. **Revista USP: Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182. 1989. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536/10087>>. Acesso em: 10 janeiro 2016.

BARBOSA, A. M. **Imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, A. M. Entrevista. **Revista Educação**. São Paulo: Editora Segmento. n. 97, 1997. Disponível em: http://www.abt-br.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=69&Itemid=2. Acesso em: 16 jun.2011

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998a.

BARBOSA, A.M. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998b.

BARBOSA, A. M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, A.M.(Org.). **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2004.

BARBOSA, A. M. Dilemas da arte-educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: _____. **Arte-educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005a. p. 98-112

BARBOSA, A.M. Depoimento. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 30, n. 2, p.291- 301, julho-dez.2005b. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/viewFile/12478/7395>> Acesso em: 10 janeiro 2016.

BARTON, D & HAMILTON, M. **Local Literacies: Reading and writing in one community**. London, Routledge,1998.

BAUER, M. W.; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, Imagem e som: um manual prático**. 6. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BEHRENS, M.A. **A formação continuada do professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.

BEHRENS, M. A. Tecnologia interativa a serviço da aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (orgs). **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o Futuro. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, Seed, 2005. p. 74-79. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/2sf.pdf>>. Acesso em: 05 novembro 2015.

BEHRENS, M. A.; FLACH, C. R.C. **Paradigmas educacionais e sua influência na prática pedagógica**. Curitiba: Educere, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/541_365.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2015.

BEHRENS, M. A. Docência universitária no paradigma da complexidade: caminho para a visão transdisciplinar. In: MAGALHÃES, S.M.O.; RUTH, C.C.R.de (Orgs.). **Formação de professores: elos da dimensão complexa e transdisciplinar**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2012.

BEHRENS, M.A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. 3 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BERTOLETTI, A. **Tecnologia digital no ensino da arte: perspectivas e desafios**. In: Encontro do NatFap: Núcleo de Arte e Tecnologia da Faculdade de Artes do Paraná . Curitiba: FAP, 2011. Disponível em: < http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao_2012/Pesquisa_e_PosGraduacao/Anais_Conexaol/AndreaBertoletti_Tecnologia_Digital_no_Ensino_da_Arte_Perspectivas_e_Desafios.pdf >. Acesso em: 8 mar. 2016.

BESS, M.L. **Diretrizes para o desenvolvimento de ambientes virtuais de aprendizagem colaborativos voltados para produção e elaboração de projetos de aprendizagem em arte-educação**. 165 f. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Gráfica) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011

BETKER, C. **Ensino contemporâneo da arte: teorias e práticas**. 156 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Programa de pós-graduação em educação, Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2012.

BIASOLI, C. L. **A Formação do professor de arte: do ensaio... à encenação**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1999.

BOAL, A. **200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

BOSCO, M.C. **O ensino da arte contemporânea**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – Área de Metodologia e Epistemologia da Arte, Univesidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BOTTON, S. **A arte e o letramento em educação de jovens e adultos**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de pós-graduação em artes, Universidade Estadual Paulista UNESP, São Paulo, 2007.

BRANDT, E. Para um mundo com seres humanos mais criativos. In: Projeto - **Revista de Educação: Artes Plásticas**. Porto Alegre: v.3, nº 5, 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília : MEC. 2016.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, vol.6. 1997a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais e ética**. 1ª a 4ª séries. Brasília: MEC / SFE, vol. 8, 1997b.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 1ª a 4ª séries. Brasília: MEC / SFE, vol. 10, 1997c.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, 1998.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRITO, G. da S. **Educação e novas tecnologias:** um (re)pensar. Curitiba: Ibpx, 2011.

BUENO, J. G. S. Crianças com Necessidades Educativas Especiais, Política Educacional e a Formação de Professores: generalistas ou especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v.3, n.5, p.7-25, set., 1999.

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores.** In: III Congresso Ibero-Americano EducaRede: Educação, Internet e Oportunidades, São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.academia.edu/1540437/Letramentos_Digitais_e_Forma%C3%A7%C3%A3o_de_Professores . Acesso em: 15 setembro 2015.

CAMAS, N. P. V. A Educação a distância em realidades virtuais: a postura do professor ante as novas tecnologias facilitadoras da formação continuada. In: ANPED- Sudeste, 2002, Aguas de Lindóia. Pós-graduação e pesquisa em Educação no Brasil - Tendências e desafios, 2002.

CAMAS, N. P. V. Educação e o uso de tecnologias: "quem sabe faz, quem compreende ensina". **Revista online Pantákulo**, Curitiba, 10 jun. 2006a.

CAMAS, N. P. V. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas Licenciaturas. In: Reunião Anual ANPED, 29, 2006b, Caxambu/MG. Disponível em: < <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/posteres/GT16-1968--Int.pdf> >. Acesso em: 16 maio 2015.

CAMAS, N.P.V. **Revista e-Curriculum:** origem e evolução de uma revista científica eletrônica na área de Educação e Currículo contruída na colaboração pedagógica. São Paulo: PUC – SP, 2008.

CAMAS, N.P.V. Revisão Teórica da Ação Pedagógica Virtual. **Revista EducaOnline**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan./abr. 2012a. LATERJ/UFRJ. Disponível em: <<http://www.latec.ufrj.br/revistas/index.php?journal=educaonline&page=article&p=view&path%5B%5D=287&path%5B%5D=411>>. Acesso em: 13 maio 2015.

CAMAS, N.P. V. A literacia da Informação na Formação de Professores. In: TONUS, M.; _____. (Org.). **TECENDO FIOS NA EDUCAÇÃO:** da informação nas redes à construção do conhecimento mediada pelo professor. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2012b, p. 47-62.

CAMAS, N.P.V.; MANDAJI, M.; RIBEIRO R.A.; MENGALLI, N.M. Professor e cultura digital: Reflexão teórica acerca dos novos desafios na ação formadora para nosso século. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.2, p. 179 – 198. jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3834/3085>>. Acesso em: 08 maio 2015.

CAMAS, N.P.V. Apontamentos de aula de Mestrado. UFPR, Tecnologias e Educação, Curitiba, 18 de out. 2014. Informação verbal.

CAMAS, N. P. V. Nóvoa e o percurso da pedagogia para um trabalho cooperativo em nosso século. **Revista Expressão**, Curitiba, v.4, n.1, p. 14-17, 2015. Disponível em:<<http://apps.unibrasil.com.br/revistaexpressao/index.php/REVEXP4/article/view/151/126>>. Acesso em: 10 maio 2016.

CANTON, K. **Para quê? Como? Por quê? Algumas considerações sobre o meio da arte e a educação**. Trabalho apresentado no Seminário Estadual Arte na Educação. Canoinhas, SC: Editora da UnC, 2004.

CAPRA, F. **As conexões ocultas**. Ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARDOSO, C. **A canção da Inteiraza**. Uma visão holística da educação. São Paulo: Summus, 1995.

CASTANHO, M.E. Sobre professores marcantes. In: _____ (org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papirus, 2001, p.153-163.

CASTRO, R.A.C. de. **Tecnologias de informação e comunicação**: implicações da imagem digital para arte/educação contemporânea. 106 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-graduação do Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4ªed. São Paulo: Cortez, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 5ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COELHO, R. M. **A Difusão do Projeto Arte na Escola**. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

COOL,C.; MONEREO, C. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CORREIA, R. L.; SANTOS, J. G. A importância da tecnologia da informação e comunicação (TIC) na educação a distância (EaD) do Ensino Superior (IES). **Revista Aprendizagem em EAD**, Taguatinga, v. 2, p. 1-16, nov. 2013.

COSTA, F.C.B. **Escolinha de Arte de Florianópolis**: 25 anos de atividade arte-educativa. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1990.

COSTA, F.C.B.; CAMPOS, N.P.de (Orgs.). **Artes visuais e escola**: para aprender e ensinar com imagens. Florianópolis, SC: UFSC, 2003.

COSTA, F., RODRIGUEZ, C., CRUZ, E., & FRADÃO, S. **Repensar as TIC na Educação**. O Professor como Agente Transformador. Lisboa: Santillana, 2012.

COSTA, N. O professor ideal. In DORIA, F. A. (coord.). **A crise da universidade**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

COUTO, R.C. **A escolarização da linguagem visual**: uma leitura dos documentos ao professor. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2000.

CRAVO, C. de S.R. **A criança, a Dança e a sociabilidade na escola**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2011.

CUNHA, F. P. da. **Cultura digital na E-arte/educação**: educação digital crítica. 277 f. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CUNHA, M.I. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

CUNHA, M. I. Aula Universitária: Inovação e Pesquisa. In: MOROSINI, Marília; Leite, Denise. **Universidade Futurante**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

CURITIBA, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Diretrizes Curriculares**: para a educação municipal de Curitiba. v.3. Ensino Fundamental. Curitiba: SME, 2006.

CURITIBA, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Caderno pedagógico**: artes. Curitiba: SME, 2008.

CYSNEIROS, P.G. Fenomenologia das novas tecnologias na Educação. **Revista da Faced**, n.7, 2003. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/rudisantos/files/339/1742/novas%20tics%20na%20educacao.pdf>> .Acesso em: 12 novembro 2015.

DELIBÓRIO, A. **O ambiente virtual de aprendizagem no curso de enfermagem**: ressignificando as práticas e os saberes docentes. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, Presidente Prudente, SP, 2016.

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores associados, 1996.

DEMO, P. **Educação e conhecimento**: relação necessária, insuficiente e controversa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000b.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. São Paulo: Nacional, 1971.

DEWEY, J. **A arte como experiência**. São Paulo: Editora Abril, 1974.

DIONÍSIO, M. de L. Educação e os estudos atuais sobre letramento. **Perspectiva**, Florianópolis, v.25m n.1, p.209 – 224. jan./jun. 2007. Entrevista. Disponível em: < <http://www.perspectiva.ufsc.br> >. Acesso em: 05 maio 2016.

DOMINGUES, D. (org). **Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividades**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

DUARTE JR, J.F.. **Fundamentos estéticos da educação**. São Paulo: Cortez: Autores associados; Uberlândia, MG: Universidade de Uberlândia, 1981.

DUARTE JÚNIOR, J.F. **Fundamentos estéticos da educação**. 2ªed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

DUARTE JÚNIOR, J.F. **Por que arte-educação?** 22ªed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

FANTIN, M. Mídia, educação e formação de professores. In: NASCIMENTO, A.D.; FILHO, N.H.; HETKOWSKI, T. M. **Desenvolvimento sustentável e Tecnologias da Informação e Comunicação**. Salvador: EUFBA, 2007. p. 261-290.

FARIA, Í.R. **A dança a dois: processos de criação em dança contemporânea**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, SP, 2011.

FARIAS, I.M.S. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3.ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

FERGUSON, M. Ver e voar: Caminhos para o aprendizado. In: **Conspiração Aquariana**. Trad. Costa, Evaristo, 7ªed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

FERRAZ, M.H.C. de T.; FUSARI, M.F. de R. **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRAZ, D.M. Letramento visual: as imagens e as aulas de inglês. In: TAKAKI, N.H. **Letramentos em Terra de Paulo Freire**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

FRANCHI, E. **Pedagogia do alfabetizar letrando: da oralidade à escrita**. 9.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANGE, L.B. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In: BARBOSA, A.M. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Da leitura da palavra à leitura de mundo**. Campinas, 1982.

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: < http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf >

FREIRE, P. **Professora, sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. 10 ed. São Paulo: Editora Olho D' água, 2000.

FREIRE, P. **Medo e ousadia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.335-352, dez. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17> >. Acesso em: 15 janeiro 2016.

GADOTTI, M. e colaboradores. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Artmédicas Sul, 2000.

GARCIA, A.N.C. **Experiências de vida e formação continuada de arte-educadores**. 221 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, SP, 2008.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v.31, n.113, p.1355-1379, out./ dez. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf> >. Acesso em: 14 agosto 2014.

GILSTER, P. **Digital literacy**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997. Disponível em: <<https://www.ncsu.edu/meridian/jul99/downloads/diglit.pdf>>.

GRINSPUN, D. e JAFFE, N. **Ver palavras, ver imagens**: literatura e arte. São Paulo: Global: Ação educativa, 2003.

GUIMARÃES, L. **Políticas públicas educacionais**: prática musical na escola pública paulista . 164 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Mestrado em Música do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, SP, 2008.

HORTON Jr., F. W. **Understanding Information Literacy**: A Primer, Paris: UNESCO (United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization), 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001570/157020E.pdf>>.

INFOESCOLA: navegando e aprendendo. Disponível em:
<<http://www.infoescola.com/artes/o-que-e-arte/>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

IUNG, E.J. Oficina- Escola de Artes de Nova Friburgo (recurso eletrônico): práticas interdisciplinares em uma escola pública de artes.f. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

JORDÃO, T.C. A formação do professor para a educação em um mundo Digital. In **Tecnologias digitais na educação**. Rio de Janeiro: TV escola/ Salto para o futuro. Ano XIX . Nov.-dez./2009. Disponível em
<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012178.pdf>>. Acesso em: 09 novembro 2015.

KAMPFF, A. J. C. **Tecnologia da informática e comunicação na educação**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2006.

KHUN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 1993.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LANGER, S. K. **Filosofia em Nova Chave**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

LANIER, V. Devolvendo arte à arte-educação. In: BARBOSA, A.M. **Arte- Educação**: leituras no subsolo. São Paulo: Cortez, 1997.

LELIS, S.C.C. **Poéticas visuais em construção**: o fazer artístico e a educação (do) sensível no contexto escolar. 227 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública**: A Pedagogia Histórico-Crítico Social dos Conteúdos. São Paulo: Loiola, 1986.

LORENCINI JÚNIOR, Á. As demandas formativas do professor de Ciências. In: CAINELLI, M. R.; SILVA, I. F. (orgs). **O estágio na licenciatura**: a formação de professores e a experiência interdisciplinar na Universidade Estadual de Londrina. Londrina: UEL, 2009.

LOWENFELD, V.; BRITTAIN, W.L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ªed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

LUIZATO, C. Contexto de letramento: é possível trabalhar com produção de texto na Educação Infantil. **Leopoldianum – revista de estudo e comunicação**, v. 28, n. 78, p. 71-73, jun. 2003.

MARCÍLIO, E.C.F. **Web & arte: desafios comunicacionais na educação**. 140 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Mestrado em Comunicação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2012.

MARTINS, M. C. Conceitos e terminologia – aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de arte. In: BARBOSA, A. M. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 49-60.

MASETTO, M.T.(Org.). **Docência na universidade**. 9.ed. Campinas: Papirus, 2008.

McLAUGHLIN, M. & VOGT, M.E. **Portfolios in Teacher Educacion**. Newark: Internacional Reading Association, 1996.

MIRANDA, P.C.C. **Jogos e brincadeiras na cultura escolar: uma perspectiva complexa e sistêmica da prática musical em escola de São Paulo**. 171 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-graduação em em Música do Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.

MIZUKAMI, M.da G.N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, M.C. **Paradigma educacional emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MORAN, J. M. Os novos espaços de atuação do educador com as tecnologias In: Anais do 12º Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, v.2. Curitiba: Champagnat, 2004, p. 245-253. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/nucleoad/documentos/moranOsnovos.htm>>. Acesso em: 13 maio 2015.

MORAN, J. M. **A integração das tecnologias na educação**. Não paginado. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/integracao.pdf>. Acesso em: 13 maio 2015.

MORAN, J. M. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. In: _____. ; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009.

MOURA, M. L. S.; FERREIRA, M. C.; PAINE, P. A. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: Brasília, D.F. UNESCO, 2000.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 4. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MUNARI, B. **Design e comunicação visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

NARDIN, H. O.; FERRARO, M. R. Artes Visuais na contemporaneidade: marcando presença na Escola. In: FERREIRA, S. (Org.). **O ensino das artes, construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001. pp. 181- 224.

NEVES, M, de L.C. **Afetividade e expressão artística na escola**: como os arte-educadores encaram o papel da arte. 126 f. Dissertação (Mestrado em educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre, 2009.

NOGUEIRA, C. Análise do Discurso. In: ALMEIDA, L.; FERNANDES, E. (Orgs). **Métodos e técnicas de avaliação**: novos contributos para a prática e investigação. Braga:CEEP, 2001, p.1-51. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%20do%20discurso_final1.pdf>.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: _____ (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. Dilemas actuais dos professores: A comunidade, a autonomia, o conhecimento. In: ARAÚJO, D.S.; BRAGA, M. D. A.; CAPUZZO, Y. C. (Orgs.). **Perspectivas para a formação de professores**. Goiânia: Editora da UCG, 2002, pp. 11- 28.

NUCCI, E. P. Di. Alfabetizar letrando... um desafio para o professor. In: LEITE, S.A.da S. **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, SP: Komedi, 2008.

OLIVEIRA, I.B. de. Docência na Educação Básica: saberes, desafios e perspectivas. **Revista Contrapontos**, Itajaí, v.9, n.3, p.18-31, set./dez.2009.

OLIVEIRA, K.A.S e. **O ponto e o pixel**: novas mídias, novas linguagens. 124 f. Dissertação (Mestrado Design e arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ONUKE, G. NASCIMENTO, F. **Perfil da Dança nas Escolas Municipais de Curitiba**. 2005. Disponível em: <<http://www.conexaodanca.art.br>>. Acesso em: 28 ago. 2015

ORLANDI, E.P. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso**. 5ªed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

OSTROWER, F. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro: Campus, 1984.

PAES, B.T. **A Prática Docente dos Professores de Arte do Ensino Público e seus possíveis diálogos com os PCN de arte**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa De Pós-Graduação Em Educação – PPGE, Universidade Do Estado De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

PARANÁ, Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Diretrizes Curriculares**: para a educação municipal de Curitiba. v.3. Ensino Fundamental. Curitiba: SME, 2006.

PAULINO, M.G.R. Letramento literário: por vielas e alamedas. **Revista da Faced**, Salvador, n.5, p.117-125, 2001.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PILLAR, A. D.(Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (Orgs). **Professor Reflexivo no Brasil**: Gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PONTES, G.M.D.de. **Arte na educação da infância**: saberes e práticas da dimensão estética. 329 f. Tese (Doutor em educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

POZO, J I. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. In **Revista Pátio**. Ano 8. Ago./out.2004. Disponível em: < <http://www.udemo.org.br/A%20sociedade.pdf> >. Acesso em: 1 janeiro 2015.

READ, H. **Educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

READ, H. **A redenção do robô**: meu encontro com a educação através da arte. São Paulo: Summus, 1986.

REVISTA. **Caminhos para inovar**. Editora abril, São Paulo, edição especial, n. 14, out. 2012. Disponível em: < http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/pdfs/51_caminhos_para_inovar.pdf >. Acesso em: 13 set. 2014.

REVISTA. **Nova Escola** . Disponível em: <<http://novaescola.org.br/formacao/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=4> >. Acesso em: 28 fev. 2016.

RIBEIRO, R. R. et al. **A leitura e o uso dos meios de comunicação como recurso pedagógico**. Apostila de apoio ao projeto de curso de extensão aos professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Edupesquisa, Curitiba: PMC, 2014.

RIBEIRO, V.M. **Alfabetismo e atitudes**. Campinas: Papirus, 1999.

RIBEIRO, V. M. A promoção do alfabetismo em programas de educação de jovens e adultos. In: _____. **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

RICHTER, I. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

RICHTER, S. A arte e a dimensão poética do conhecer na infância. **Revista de Educação: Artes Plásticas**, Porto Alegre: Ed. Projeto, v. 3, n. 5, p. 26, 2001.

RIZZI, M. C.S. Caminhos Metodológicos. In: BARBOSA, A.M.(Org.) **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, A. O movimento das escolinhas de arte e suas perspectivas. **Jornal Arte e Educação**, Ano I, n. 12, p. 3, julho, 1972.

RODRIGUES, M.S. **Desenvolvimento Estético: Entre as Expectativas do Professor e as Possibilidades dos Alunos**. 264 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

ROSA, M. A. Entrevista com Lydia Hortélio. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Artmed, ano 1, n. 3, p. 21-24, dez.2003/ mar. 2004.

ROSA, M. C.da. **A formação de professores de Arte: Diversidade e complexidade pedagógica**. Florianópolis: Insular, 2005.

RUZZA, J.A.P. **Professores de Artes: formação continuada e os reflexos na sala de aula das séries iniciais**. 195 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2008.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTANA, S.O.C. **Ensino de arte: entre a imagem e a ação**. 141f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. 2.ed.São Paulo: Ed.UNESP, 2011.

SCHEIBE, L. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v.31, n.112, p.981-1000, jul./ set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/17>>. Acesso em: 14 agosto 2014.

SCHLICHTA, C. A. B. D. ; TAVARES, I. M. **Artes visuais e música**. Curitiba: IESDE, 2004.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2000.

SILVA, M. Sala de aula interativa, 2000. Não paginado. Disponível em: < http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0004.htm >. Acesso em: 11 abr. 2016.

SILVA, M.C. da R.F.da. Formação de professores de arte e perspectivas de atuação política. In: Simpósio da Licenciatura em Artes Visuais da FAP (3. : Curitiba, PR). **Anais / III Simpósio da Licenciatura em Artes Visuais da FAP**, Curitiba, 23 a 27 de agosto de 2010. – Curitiba : Faculdade de Artes do Paraná, 2010. Disponível em: < http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/2-ENREFAEB_3-Simposio-AV/02MariaCristinadaRosa.pdf >. Acesso em: 15 mar. 2016.

SILVA, E.F.F.; SANTOS, A.de L. C. dos. Letramento cultural em seu eixo oficina musical: hibridismo entre conhecimento científico-midiático e a arte do som. In: 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, redes sócias e aprendizagem, 10., 2010, Pernambuco. **Anais Simpósio Hipertexto**. Pernambuco: UFP, 2010. p. 1-10. Disponível em: < <https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/simposio2010.html> >. Acesso em: 11 abr. 2016.

SILVA, J.F.Q.S. da. **Crônicas pedagógicas**: revivências, arte e educação . 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, comunicação e artes - Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SLADE, P. **O jogo dramático infantil**. São Paulo: Summus, 1978.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUZA, A. R. M. de et. Al. **Tecnologia, Informação e Comunicação – TICs**. Centro de Ciências Sociais e Educação –CCSE Curso de Licenciatura Plena em ciências naturais, 2008.

BLOG LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO. Souza,V. Não Paginado. Disponível em: <<http://letramentoealfabetizacao.blogspot.com/2008/08/letramento-e-alfabetizacao.html>>. Acesso em: 4 jun. 2015

SOUZA, V. V. S. Letramento digital e formação de professores. **Revista Língua Escrita**, n. 2, p. 55-69, dez. 2007.

SPOLIN, V. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2ªed, 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TAVARES, I. M. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: IESDE, 2004.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

VALENTE, Armando. Informática na educação: conformar ou transformar a escola. **Perspectiva**, n.24, p.41 – 49. Florianópolis: CED/UFSC, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10703/10207>>. Acesso em: 05 fevereiro 2016.

VALENTE, J.A. Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador. O papel do computador no processo ensino-aprendizagem. In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (orgs). **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o Futuro. Secretaria de Educação a Distância: Brasília, Seed, 2005. p.23-31. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf> .Acesso em: 05 novembro 2015.

VALENTE, J.A. A Espiral da Espiral de Aprendizagem: o processo de compreensão do papel das tecnologias de informação e comunicação na educação. 238 f. Tese (Doutorado em Livre Docência) - Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação, Instituto de Artes (IA), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2005.

VIEIRA, L.P. **Entre o Real e o Virtual: A Educação a Distância (Ead) Como espaço para o educar (Aprender E Ensinar) pela Pesquisa**. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

WERNECK, H. Computador para os professores: revolução, medos e alegrias. **Jornal Virtual Profissão Mestre**. Ano 6. nº 68, 21/05/2008

XAVIER, A.C. dos S. **Letramento digital e ensino** . Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2015.

ZAGONEL, B.(Org.); ONUKI, G. M.; DÓRIA, L.F.; DIAZ, M.V. **Metodologia do ensino de arte**. Curitiba: Ibpex, 2011.

APENDICE 1 – QUESTIONÁRIO

1. DIMENSÃO - CONHECENDO O SUJEITO DE PESQUISA

1.1 Idade:

- ☐ 20 – 30 anos
- ☐ 31 – 40 anos
- ☐ 41 – 50 anos
- ☐ 51 – 60 anos
- ☐ 61 – 70 anos

1.2 Escolaridade:

- ☐ Licenciatura
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Outro _____

1.3 Frequenta museu, cinema, teatro, musicais e/ou espetáculos de dança quantas vezes por mês:

- ☐ 1x por semana.
- ☐ A cada 15 dias.
- ☐ 1x por mês.
- ☐ Raramente.

1.4 Que prática artística tem habilidade e/ou realiza com frequência?

- ☐ Dançar
- ☐ Cantar e/ou tocar algum instrumento musical
- ☐ Representar, encenar
- ☐ Desenhar, pintar e/ou outras habilidades visuais.
- ☐ Mais de uma prática artística.
- ☐ Não se utiliza da arte como forma de se expressar.

1.5 Costuma ler pelo prazer da leitura com que frequência?

- ☐ Sim. Um livro por semana.
- ☐ Sim. Um livro a cada 15 dias.
- ☐ Sim. Um livro por mês.
- ☐ Sim. Um livro por semestre.
- ☐ Sim. Um livro por ano.
- ☐ Não. Não leio por falta de tempo.
- ☐ Não gosto de ler.

1.6 Qual mídia tem preferência ao buscar informações cotidianas:

- ☐ Rádio
- ☐ Jornais
- ☐ TV
- ☐ Internet

1.7 Como você utiliza o celular, tablet, notebook, computador, rádio e TV em seu dia a dia:

- ☐ Uso a maior parte do tempo para entretenimento.
- ☐ Uso a maior parte do tempo para busca de informação.
- ☐ Uso a maior parte do tempo para pesquisa e busca de conhecimento.

1.8 Costuma assistir filmes por meio de quais canais:

- ☐ You Tube
- ☐ TV a cabo
- ☐ Net flicks
- ☐ Net virtua
- ☐ Antena Parabólica
- ☐ TV aberta

2. DIMENSÃO - PROFISSIONAL

2.1 Há quantos anos atua como professor (a) de arte?

- ☐ 0 – 5 anos
- ☐ 6 – 10 anos
- ☐ 11- 15 anos
- ☐ 16 – 20 anos
- ☐ Mais de 21 anos

2.2 Tem habilitação em qual linguagem artística?

- ☐ Música
- ☐ Dança
- ☐ Teatro
- ☐ Artes Visuais
- ☐ Atua na área de arte, mas não tem formação específica

2.3 Leciona em escola pública ou privada?

- ☐ Pública
- ☐ Privada

2.4 Ministra quantas horas de aula por semana?

- ☐ 10 - 20 horas
- ☐ 21- 40 horas
- ☐ Mais de 40 horas

2.5 Quantas horas usa para preparar suas aulas?

- ☐ 4 horas
- ☐ 7 horas
- ☐ 10 horas
- ☐ 20 horas
- ☐ Mais de 20 horas

2.6 Quais tecnologias utiliza para preparar suas aulas?

- ☐ Livro
- ☐ Busca em sites
- ☐ Filmes
- ☐ Passeios virtuais
- ☐ Outros

2.7 Em sua formação acadêmica teve aulas envolvendo, o uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outras ferramentas para uso em sua prática pedagógica?

- ☐ Sim, de forma significativa.
- ☐ Sim, de forma básica.
- ☐ Sim, de forma básica, mas não para uso em sala de aula.

☐ Não teve aulas envolvendo tais ferramentas tecnológicas.

2.8 Qual das linguagens artísticas da maior ênfase em suas aulas?

- ☐ Música
- ☐ Dança
- ☐ Teatro
- ☐ Artes Visuais
- ☐ Busca equilibrar as quatro linguagens

2.9 Busca conhecer e/ou cursos de formação nas outras linguagens artísticas?

- ☐ Sempre
- ☐ De vez em quando
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

2.10 Costuma fazer relações do ensino da arte com outras áreas do conhecimento?

- ☐ Sempre
- ☐ De vez em quando
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

2.11 Busca conhecer e/ou cursos de formação para o uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outros em sala de aula?

- ☐ Sempre
- ☐ De vez em quando
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca
- ☐ Busco aprender sozinho(a), pela internet e outros profissionais.
- ☐ Não faz uso dessas ferramentas em sala de aula.

2.12 Como considera esses cursos de formação para o uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outros em sala de aula?

- ☐ Satisfatório, sente-se seguro para atuar em sala de aula.
- ☐ Satisfatório, mas para uso pessoal.
- ☐ Não busca essa formação.

2.13 Como costuma organizar sua prática pedagógica?

- ☐ Apenas aula teórica
- ☐ Aula teórica e produções individuais
- ☐ Aula teórica, produções individuais, discussão crítica e reflexiva, e produção coletiva.
- ☐ Aula teórica, produções individuais, com pouca discussão e produção coletiva de vez em quando.
- ☐ Aula teórica, produções individuais, sem discussões e produções coletivas raramente

3 DIMENSÃO DAS LINGUAGENS

3.1 MÚSICA

3.1.1 Nas condições escolares que vivencia, em sua opinião, o que o professor de arte precisa desenvolver e aprofundar para fazer uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outras ferramentas tecnológicas, de forma significativa para o ensino de música?

- ☐ Vivenciar mais a música e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imaginação.

- () Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas como ferramenta de apreciação, execução e criação.
- () Uma postura e metodologia inovadora.

3.1.2 Como você tem buscado uma formação continuada em música? Por meio de:

- () Oficinas e cursos
- () Materiais de apoio e didáticos
- () Busca em sites, filmes, audição musicais.

3.1.3 Qual a sua postura diante da influência musical da mídia trazida pelos alunos?

- () Ignora músicas apresentadas na mídia. E foca na ampliação do repertório a ser ouvido.
- () Trabalha apenas com as músicas da mídia para agradar e conquistar os alunos.
- () Parte das músicas conhecidas pelos alunos por meio da mídia para então ampliar o repertório a ser ouvido.

3.1.4 Utiliza-se de rádio, gravador, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas com linguagem musical?

- () Sim. Apenas para apreciação musical.
- () Sim. Como ferramenta de apreciação, execução e criação.
- () Raramente utilizo.
- () Não utilizo

3.2 DANÇA

3.2.1 Nas condições escolares que vivencia, em sua opinião, o que o professor de arte precisa desenvolver e aprofundar para fazer uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outras ferramentas tecnológicas, de forma significativa para o ensino de dança?

- () Vivenciar mais a dança e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imaginação.
- () Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas como ferramenta de apreciação, execução e criação.
- () Uma postura e metodologia inovadora.

3.2.2 Como você tem buscado uma formação continuada em dança? Por meio de:

- () Oficinas e cursos
- () Materiais de apoio e didáticos
- () Busca em sites, filmes, apreciação de vídeos de diferentes estilos de dança.

3.2.3 Qual a sua postura diante da influência da mídia trazida pelos alunos no ensino da dança?

- () Ignora as danças apresentadas na mídia. E foca na ampliação do repertório de estilos de dança a ser conhecido.
- () Trabalha apenas com as danças da mídia para agradar e conquistar os alunos.
- () Parte das danças e coreografias conhecidas pelos alunos por meio da mídia para então ampliar o repertório dos diferentes estilos de dança existentes.

3.2.4 Utiliza-se de rádio, gravador, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas com a linguagem da dança?

- () Sim. Apenas para apreciação de estilos de dança.
- () Sim. Como ferramenta de apreciação, execução e criação.
- () Raramente utilizo.
- () Não utilizo

3.3 TEATRO

3.3.1 Nas condições escolares que vivencia, em sua opinião, o que o professor de arte precisa desenvolver e aprofundar para fazer uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outras ferramentas tecnológicas, de forma significativa para o ensino do teatro?

- ☐ Vivenciar mais o teatro e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imaginação.
- ☐ Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas como ferramenta de apreciação, execução e criação.
- ☐ Uma postura e metodologia inovadora.

3.3.2 Como você tem buscado uma formação continuada na linguagem cênica? Por meio de:

- ☐ Oficinas e cursos
- ☐ Materiais de apoio e didáticos
- ☐ Busca em sites, filmes, vídeos de pequenas peças teatrais.

3.3.3 Qual a sua postura diante da influência da mídia no ensino do teatro?

- ☐ Ignora novelas, seriados, filmes, entre outros programas cênicos apresentados na mídia. E foca na ampliação do repertório teatral a ser conhecido.
- ☐ Trabalha apenas com o repertório cênico apresentado na mídia para agradar e conquistar os alunos.
- ☐ Parte do que é conhecido pelos alunos por meio da mídia para então ampliar o repertório cênico a ser conhecido.

3.3.4 Utiliza-se de rádio, filmadora, gravador, câmera digital, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas com a linguagem teatral?

- ☐ Sim. Apenas para apreciação cênica.
- ☐ Sim. Como ferramenta de apreciação, execução e criação.
- ☐ Raramente utilizo.
- ☐ Não utilizo

3.4 ARTES VISUAIS

3.4.1 Nas condições escolares que vivencia, em sua opinião, o que o professor de arte precisa desenvolver e aprofundar para fazer uso de computadores, celulares, tablets, televisão, rádio, câmeras digitais, entre outras ferramentas tecnológicas, de forma significativa para o ensino de artes visuais?

- ☐ Vivenciar mais as artes visuais e desenvolver seu potencial criativo, sensível e imaginação.
- ☐ Formação continuada, para aprender a fazer uso de rádio, gravador, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas como ferramenta de apreciação, execução e criação.
- ☐ Uma postura e metodologia inovadora.

3.4.2 Como você tem buscado uma formação continuada em artes visuais? Por meio de:

- ☐ Oficinas e cursos
- ☐ Materiais de apoio e didáticos
- ☐ Busca em sites, filmes, vídeos, visita a museus virtuais, outros.

3.4.3 Qual a sua postura diante da influência da mídia no ensino das artes visuais?

- ☐ Ignora obras de arte e artistas apresentados constantemente na mídia e foca na ampliação do repertório visual a ser conhecido.
- ☐ Trabalha apenas com obras e artistas conhecidos na mídia para agradar e conquistar os alunos.

() Parte de artistas conhecidos pelos alunos por meio da mídia para então ampliar o repertório visual.

3.4.4 Utiliza-se de rádio, câmeras digitais, filmadora, celular, tablet, notebook, multimídia em suas aulas com a linguagem visual?

() Sim. Apenas para apreciação visual.

() Sim. Como ferramenta de apreciação, execução e criação.

() Raramente utilizo.

() Não utilizo

4 Você utiliza em sua prática pedagógica, em pelo menos uma das linguagens artísticas, rádio, gravador, celular, tablet, notebook, computador, multimídia, câmeras digitais, entre outros, para o momento de criação de seus alunos. Cite exemplos.

APENDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
MESTRADO EM EDUCAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO
SETOR DE EDUCAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA DE MESTRADO

Convidamos o/a Sr (a) para participar da Pesquisa que está sendo realizada pela mestrand Viviane Cristina Carmo Maciel, sob orientação da Profa. Doutora Nuria Pons Vilardell Camas. A pesquisa se realiza para podermos analisar como os professores de Arte do Ensino Fundamental entendem as Tecnologias da Informação e Comunicação, em seu trabalho profissional.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de responder a este questionário/entrevista que será analisado para a pesquisa.

Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a pesquisa de mestrado em Educação; Teoria e Prática de Ensino do Setor de educação da Universidade Federal do Paraná, UFPR.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço Rua Domarino Dal Negro, 130 – Jardim Santo Antônio/ São José dos Pinhais - PR, pelo telefone (41) 9631-6170.

(Nome completo)

APÊNDICE 3 – ENTREVISTA TRANSCRITA²⁶/PROFESSOR DE ARTE 1

1. Para você, o que é Arte? E qual a relação da Arte com a Educação?

Pra mim a Arte... é... É tudo de bom né (risos)... É o que permite você sair do normal, do institucional. Agora, a relação com a educação, eu acho que é... A Arte é bem complicado, por que pra Arte, por que, você tenta institucionalizar uma área, acaba sendo uma disciplina, o próprio nome já diz: dis-ci-pli-na né... que vai contra o que a Arte propõe né...que é, a criatividade, a liberdade, é romper paradigmas, limites...não tem limites para a Arte. E na educação ela é ótima, por que dentro da escola, ela permite ao aluno se ver como sujeito e não como um objeto do sistema, do processo educacional. Não todos os professores, conseguem, acho ver desta forma, mas, quando permite que a Arte, entre na escola de uma maneira, que eu posso dizer, como assim, autêntica, sincera, ela faz com que, dentro da escola o aluno realmente possa se colocar, se perceber, através do trabalho do outro, indo a museu, enfim, que não seja só cópia né, ou só, um conhecimento mecânico da história da Arte, mas que o aluno possa vivenciar tudo isso, aí onde ele coloca sua vida na educação, daí ele vê sentido naquilo, entendeu, eu via isso em sala de aula, então, essa é a relação.

2. Como professora da área, você se considera fruidora de Arte?

Ah, considero! Eu adoro, eu amo, eu vou a tudo quanto é lugar, eu gosto mesmo, e eu sinto falta... Sinto falta quando eu não vou tirar uma foto, quando não pinto um quadro, isso, por que sou da área de visuais, mas também sinto falta de não ir num show, ou de não encontrar o pessoal para ir num teatro, ou alguma coisa...

3. Como foi sua formação em Arte? Em qual linguagem é formado (a)?

Da faculdade? Acadêmica? A minha formação... Eu entrei na Faculdade de Artes do Paraná e fiz a Belas Artes. Na Belas, eu fiz gravura, e, na FAP, eu fiz Educação Artística na época, com habilitação em artes plásticas. Minha formação foi bem boa, eu adorava fazer... Fazia as duas ao mesmo tempo e, eu tinha os professores, o contato com a produção artística né, e a licenciatura, eu tive também na licenciatura, tive bons professores, que me mostraram, os estágios, o ensinar Arte, o trabalhar com Arte, foi bem bom também.

4. Quando você se formou, que foi pra sala de aula, você teve necessidade de buscar formação além da acadêmica?

Ah, sim, sempre! Quando eu fui pra sala de aula, eu não queria dar aula, de jeito nenhum, me traumatizei, falei não quero... Meu Deus! Vou trabalhar de balconista na loja, mas eu não quero dar aula... Foi um ano muito difícil pra mim, por que todo o ideal que eu tinha de escola, quando eu me deparei com a realidade, não era nada daquilo, mas depois de um ano eu insisti, e não sei fazer outra coisa hoje em dia.

5. Como foi se deparar em ser um professor de Arte polivalente?

Isso é horrível! Na verdade o que é bom, por que na verdade, assim, as linguagens hoje em dia, elas estão todas misturadas né, durante muito tempo eu defendia, você separar assim, o teatro e tal, hoje em dia eu fico meio na dúvida sabe... Mas, eu vejo que tá tudo tão ligado hoje em dia que... Não sei se há uma necessidade de separar isso em sala de aula, sabe em caixinhas, em gavetinhas, assim... Teatro, Música, não fragmentando tudo... Lógico, que não é essa visão que o Estado tem de há... Que acaba sendo minimizar todas as questões da Arte, não é esse o objetivo da junção, o objetivo é ver que as linguagens são integradas mesmo, e a formação nossa... Separada... Até que ponto isso é bom enquanto Arte, não sei isso é complicado pra mim ainda, tenho que pensar...

6. E com relação às TIC como foi sua formação?

²⁶ As entrevistas, foram aqui transcritas, de forma fiel a fala das entrevistadas.

Olha... foi... Assim, debilitada, eu não tive ênfase no uso das TIC durante a faculdade. Mesmo com os recursos da época, nem a própria faculdade conseguia ter estes equipamentos, ficando difícil o contato com as TIC.

7. Como você vê o uso das TIC em sala de aula?

Nossa, eu acho que é excelente! É difícil o professor que usa isso como uma muleta né... "Ai, vamos no laboratório de informática", só pra matar o tempo. Não, o pessoal, não mente, que eu vejo assim bem... E, eu, nossa! Eu adorava, pra mim, pra Arte pelo menos, bem melhor do que você trazer uma reprodução A3 de uma obra né, ou, "Ah! Vou passar um trecho do filme do Caldear lá", nossa excelente, minhas aulas só enriqueceram, daí eu planejo tudo em cima disso, daí eu vou baixando os vídeos, já escalo meu marido né, pra me ajudar, e aí, vou baixando, já faço como arquivo, tenho um monte, nossa! Tenho um monte de CD, um monte de coisa e, mando bala, uso tudo que eles podem quem tem tablet, quem não tem, ou a gente se vira né, bem legal!

Por que... em sala de aula, quando você entra numa sala, dependendo da escola e da realidade, o que você vai fazer né... Então, uma vez eu queria mostrar um trabalho de stop motion, ou queria mesmo passar um vídeo, alguma coisa do you tube para eles, só que não adianta você mostrar em uma telinha de notebook, por que não é a mesma coisa, ou mandar o link pra eles: "Ó, pesquisa em casa..." É bom estar todo mundo junto ali, com uma tela boa, num data show, alguma coisa, então, muitas vezes, eu tinha que comprar, comprei um data show, um multimídia né, retroprojeto multimídia elevado, e hoje eu entendo de mídia né, das dificuldades de uma escola eu entendo muito bem, sobre essa questão de comprar assim um aparelho e tal, mas,... A TV pen drive, eu lembro, quando a gente ganhou a TV pen drive do estado, que recebemos o pen drive e tudo, para trabalhar com essa TV, foi uma ferramenta que ajudou na época, mas a gente sabe que é... (puts) Meu Deus do céu!! É irrisório né, deveria ter muito mais assim, e os alunos estão além né, de tudo, estão aí buscando, e eu acho que é injusto com eles, quando a gente não tem essa possibilidade de trabalhar tudo isso com eles, e ainda fica nessa história da escola fazer a discussão: "Não traz celular. É proibido!" Mas assim, não se pensa como usar essa ferramenta então? Alguns professores ainda pensam assim, se preocupam, não ó: "Usei o celular pra isso, ou pra aquilo...", mas, é bem... A discussão em torno disso, é bem pequena, e... Como usar um tablet, como fazer um trabalho no face, nossa o pessoal é muito resistente a isso ainda, eu sempre gostei, sempre fiz, o que eu podia fazer, eu fiz.

8. O que você faz de diferente nas aulas de Arte usando as TIC?

Nas aulas de Arte o que eu faço de diferente, acho que nada de diferente dos outros assim... eu não vejo... É que, é uma atividade que a gente sabe que, acaba sendo diferente por que vai do quanto você pode se dispor pra fazer uma aula, se planejar né, então, por exemplo, se eu vou fazer um stop motion, eu sei que a câmera, sou eu que vou levar, a minha câmera, que eu comprei dificilmente a escola tem uma câmera, se bem que hoje em dia, eles fazem né,... E hoje em dia é bem mais fácil, os celulares tem câmeras melhores que as próprias câmeras digitais, então, eles podem tirar fotos tudo, mas, eu fazia isso... Material, como rodar no computador, eu pegava todas as fotos dos alunos e levava para minha casa e fazia a montagem lá, ou fazendo esqueminha, para eles fazerem no Windows, mas, de diferente, eu acho que é, por que realmente as condições é..., eu nunca trabalhei em escola particular né, mas eu sei que da pública, eu já rodei por aí, no município tudo, e sei que não depende muito do professor ser criativo, são condições mesmo, que, as vezes que eu fiquei em duas ou três escolas e tendo muitos alunos, ainda mais Arte que são só duas aulinhas ali, então, não vejo como diferente assim, mas, na minha possibilidade, então, como eu gosto muito e posso fazer, eu vou, mas eu sei que tem professores que, não tem como exigir isso também.

9. O que te motiva a fazer uso dessas ferramentas tecnológicas?

Ah, por que elas são ótimas né! Só enriquecem a sala de aula, uma imagem com, hoje em dia, com as excelentes definições, você vai pra... Você pode fazer um tour virtual, no Louvre, sei lá, ou aqui perto, aqui mesmo, no museu Andersen. O Andersen tem, ou tiveram uma época também, o tour virtual, e, por que, pô! Você tá antenado, o mundo é tecnológico, hoje em dia, quem opta por ele, eu acho fascinante né, então... Tem gente que não, tem minhas amigas lá que são mais: "Ah! Vamos pra natureza" e coisa e tal, também adoro a natureza, com um i-phone junto (risos)...

10. Como o aluno reage sobre o uso das TIC durante as aulas?

Ah, eles adoram! Tenho retorno imediato. Por que assim, se não é usado como muleta, o aluno vê que tem um sentido naquele uso, eles contribuem na hora, eles dão um retorno na hora, então, você não tem problema de indisciplina né, por que daí o aluno percebe o esforço que você fez a preocupação que você teve de mandar aquilo ali, por que você não quer formar o aluno artista né, eu não tenho essa intenção, mas com eles eu sempre conversei, eles veem o meu fascínio pela Arte, o meu interesse né, então, você acaba passando por que... Como dizia Paulo Freire, não é mesmo? “Você não ensina o que você não é”, então, eles percebem e é muito bom, usou tecnologia, você enriquece. Fica-se só no giz ali, não tem como... Você tem professores ainda, que usam só, no caso de Arte, ainda tem os desenhos, para pintar, pra colorir. Aqui não temos mais o mimeógrafo, a não ser um guardado como peça de museu ali, mas eu sei que não é a realidade das escolas, tem muita escola ainda com mimeógrafos, e. bom, você pode fazer muitas coisas com o mimeógrafo, o problema não é o mimeógrafo né, mas eu sei que ainda tem profissionais que, infelizmente, usam disso, e é uma pena, por que, daí, parece que, sabe, você está tolino os alunos de um mundo que tem por aí, hoje em dia é o mundo, dessa geração, a nossa ainda, né...faz parte do mundo deles, nossa eles estão totalmente nele, e eu acho muito cruel assim, não discutir sobre isso com eles, mostrar isso e eles mostrarem também, eles trazem muita coisa, que vai de você pegar e trabalhar junto com eles né, nessas discussões, então, eles trazem muita coisa interessante, muita coisa, então, tem coisa que eu vejo assim no face book, eu lembro de um aluno ou de outro e coloco lá: “O Gustavo, essa é pra você”, tá tendo agora o festival de grafite aqui em Curitiba, eu já mandei pra ele, aí ele me responde: “Com uma gíria”, então, você tem essas...eles são muito antenados, eu acho assim uma... Crueldade, você, não discutir, não trazer isso pra escola, é muito cômodo né... Você ficar no mesmo e no livro didático só, agora tem livro didático também com a gente, eu não cheguei a pegar, faz três anos que veio o livro didático de Arte, e muito tempo no começo do meu trabalho, eu queria o livro didático pra Arte, eu queria o currículo a Base Nacional Comum, hoje em dia eu não quero mais, hoje em dia eu acho que é dar um tiro no pé, o livro didático ele auxilia, mas a gente sabe que muita gente depende, né...

11. Como os outros professores reagem quando você faz uso das TIC em suas aulas?

Olha! O pessoal se interessa muitas vezes a gente troca coisas, mas a maioria permanece na sua metodologia, é... tem professores que eu consigo trocar, “ah, eu tenho tal vídeo”, “ah, eu tenho tal coisa”, “tenho essa atividade que pode ser feita, usando tal aplicativo, tal não sei o que”, mas tem outros assim que, “oh, muito legal”, “bacana”, mas permanece, por que a rotina de trabalho dentro da escola, acaba sendo mais forte do que...sei lá, acaba com a criatividade até do professor né, imagine com a criança então, imagine com o aluno. Se com a gente, tem gente se arrastando aí, esperando a aposentadoria, imagine com o aluno também, não são todos né, tem um pessoal, vários professores que inovam mesmo, independente do tempo de serviço, mandam bala... Mas tem uns que, eu entendo mesmo, que é difícil... sobreviver

12. Que influências no ensino de Arte as tecnologias podem aprimorar?

Que influências? Sei lá... Nem pensei nisso. Acho que da, tem coisas que da, outras tem uma distância grande assim né... Eu acho também que nem tudo precisa trazer, pois são universos diferentes, mas se pensar bem, acho que da né...

13. Como você acha que as TIC podem contribuir com a produção artística em sala de aula? E com o processo de diferentes formas de letramentos?

Acho que sim, com certeza, tem tanta coisa para eles fazerem... Que contribui, eu acho isso é fato né, a questão é a aplicabilidade disso, seria muito bom, com certeza, mas, na realidade da escola pública a gente sabe que, é complicado, por que, o custo disso, pra gente né, fazer independentemente, por que o estado não se importa em fazer isso pela escola, esse não é nem o projeto né, o projeto é que a escola seja realmente do jeito que ela é para, que nada se inove pra que vá pro buraco mesmo, a escola do jeito que está ta boa.

Para o Estado, então... quando fala em tecnologia, dá até uma coceira né, por que, de...não ter, você não visualiza isso né, muitas vezes, é o esforço que é da escola mesmo...”ah, vamos fazer uma rifa”, “vamos fazer não sei o que”, pra poder aprimorar, pra poder ter, mas também, lógico, tem os professores, que vão fazendo as capacitações aí, a formação continuada deles, daí eles trazem,

fazem curso, por que tudo também é muito tecnológico, aí eles trazem e tentam aplicar, mas da questão de um tempo, eles voltam para o tradicional, aí não tem muito, é uma luta né... Aí acaba cansando, você vê que cansa...

14. Como você percebe o uso das TIC em sala de aula?

Pra mim, na minha visão, é ótimo, só tem a contribuir e abre vários caminhos, várias possibilidades de dar aula, da escola, de trabalhar com o aluno, pro professor, é outra linguagem assim, e a parte ruim, é isso, de você usar como muleta, você tira o quadro, mas você usa a mesma coisa no data show, então, eu não sei, acredito que as TIC são muito mais do que isso né, usar a tecnologia é mais do que isso, então, é isso... '

15. Para você, o que significa letramento?

Letramento, segundo o que eu tenho conhecimento, é o resultado do processo de ensino da escrita e da leitura desenvolvido na escola.

16. Como você acha que a Arte e as TIC, podem contribuir se conectar ao processo de letramentos?

Olha! Eu acho que... a, eu não sei se a Arte tem que casar com esses outros entendeu?! Por que... É normal, acabou sendo normal, normalizou essa visão óbvia, do pensamento cartesiano, que a matemática, a linguagem, e tal, tal, tal... né... da pura ciência, tudo tem que ser comprovado. A Arte vai contra isso né, então, é óbvio, que você pode pegar e fazer uma coisa bem simples, que... Ah, na matemática, você pega um Escher, né, da vida, que eu adoro o trabalho do Escher, meu Deus! Mas não é essa a questão... A Arte é uma linguagem própria né, ela não precisa casar, e, as pessoas, das outras linguagens, ou enfim, não são todas, claro, mas, é que a gente sabe que é uma cobrança da sociedade né... Arte pra quê? E até eu me questioneei, na minha vida sobre isso né... O que, que eu escolhi o que, que foi, mas eu mesma, desde pequena, minha mãe, me enfiou em tudo o que o quanto é coisa de Arte, pra não encher o saco em casa, então, aquilo pra mim foi maravilhoso né, de tudo, então, pra criança, quando eu cheguei em sala de aula, eu também percebi isso, que eles gostavam muito, e não era daquela aula, da história da arte somente, não era só prática, era o meu envolvimento, e o vínculo que eu criei com eles, e eles se empenhando naquilo, eu me empenhando, que fez... aí, eu fui buscar outros caminhos, fui buscar Arte –terapia pra entender, o que era esse vínculo, que eu nunca tive, sempre foi muito científico a Arte pra mim, na faculdade né, sempre foi algo científico, aí eu fui buscar arte-terapia, por que, eu também nunca fui muito holística e nem nada, mas eu fui procurar, por que era tão profundo isso nos alunos, eu vi que eu tocava de uma maneira que nem eu entendia, e eles grudavam em mim, e gostavam tanto daquela aula, e eu não sabia responder aquilo, então, eu vi, que era o meu interesse naquela história da arte, de viver aquilo e gostar daquilo, que fazia com que os alunos gostassem também, então, eu fui atrás disso... E, então assim, eu faço vários trabalhos com os professores, “ah, vamos fazer a fotografia”, vou trabalhar as cores na física, a fotografia com a química, tem de tudo, por isso que as áreas estão todas interligadas né... E eu volto a dizer, acho muita crueldade, separar, por isso... Mas tinha que ter uma revolução né? Tinha que ter uma revolução no ensino, pra ser diferente. E as pessoas não conseguem muitos não conseguem visualizar, por que é muito radical, e eu também não tenho uma resposta: “Vamos fazer assim, assim vai dar certo”, não... Só sei que do jeito que tá... É por que o... O dia-a-dia é muito difícil mesmo né... então, eu me despus na minha vida, a ser diretora, estava como professora não queria ficar, insisti em ficar e gostei, fiquei professora e tal... E aí, parei de reclamar, falei, eu tenho que parar de reclamar e tenho que agir, então, eu fiquei na direção, por que ou eu iria pra direção, ou desistia também e aí, na direção eu percebi também um monte de coisa, mas eu me despus a vencendo meus limites pra poder entender a educação, e a Arte no meio, enfim... auxilia? Auxilia o letramento, é claro que auxilia, mas, eu acho injusto assim, você ter que colocar um objetivo para um ensino da Arte, só que a lei exige isso, o dia-a-dia exige isso, e o que você vai fazer?! Então, tinha que ter uma mudança pra... Mas sem dúvida, a tecnologia vai ajudar a mudar, sei lá... Mas também, se a professora de matemática, usar a tecnologia, nossa! A aula dela... Visualizar né, o processo todo, que não seja, só ali no quadro. Assim como, sei lá, não precisa nem... Professores criativos são professores criativos. Você pode pegar um pedaço de tijolo na quadra e fazer uma... não é isso que a gente quer né, pois a gente sabe que poderia ter mais, se a gente... sei lá... tivesse... mais apoio... do governo... mas, depende da gente também (risos)... é uma discussão longa daí, né... mas eu acho assim né, nossa, sempre trabalhei, português também trabalha junto, tenta fazer, mas acho que

é mais que a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, a multidisciplinaridade, é muito mais do que isso sabe, a educação tinha que passar por uma mudança geral mesmo...E aí, a Arte tá junto ali, no seu lugar, conversando com as outras sem você ficar na obrigação de provar pro pai e pra mãe, pro teu colega, pra sua diretora, pra secretaria da educação de que a Arte é importante por causa, disso, disso e disso, ela é importante, meu Deus do céu! Mas... Não é isso? É que tem que sentir né?! Também tem que vivenciar, assim, na minha opinião né, na minha modesta opinião (risos).

17.Você falou que tem professores que inovam. O que é ser um professor inovador para você?

Eu considero um professor inovador aquele que transforma o seu meio, que busca os recursos disponíveis, não só tecnológicos, mas sim significativos, para trabalhar na escola junto com seus alunos. Que prioriza o conhecimento destes e que, a partir de então, planeja suas ações.

APÊNDICE 4 – ENTREVISTA TRANSCRITA/PROFESSOR DE ARTE 2

1. Para você, o que é Arte? E qual a relação da Arte com a Educação?

Eu acho que assim... Arte é... a manifestação da expressão das pessoas, na minha concepção né...o ser humano desde sempre, quis deixar seu registro, sua marca, por meio da arte, né, desde lá na pré-história e nos dias de hoje, eu percebo a arte como área do conhecimento mesmo, assim como as outras áreas do conhecimento que a gente tem no currículo comum da escola, a dificuldade é as pessoas perceberem que isso se integra com as outras áreas também, né, então pra mim arte, hoje, é área do conhecimento, tem seus conteúdos próprios, seus objetivos próprios, e que merece ta... sendo trabalhada, tanto quanto as outras áreas do conhecimento são trabalhadas e tem a mesma importância na escola.

2. Como professora da área, você se considera fruidora de Arte?

Sim. Fruidora, no sentido de que... no meu trabalho, especificamente, aqui no cotidiano da escola, a...a... tanto a parte da contextualização, quanto de fruição, na sequência, e da produção das crianças, a gente procuraaa...é...colocar esses trabalhos em exposição, para que eles possam, entre eles, estarem observando, é...fazendo essa fruição mais, é...mais perto, digamos assim, que fique mais próxima deles, é... no outro sentido, é buscando mesmo né, estar pesquisando, aqui próximo da gente, aqui na escola, ou na cidade, no caso, que a gente possa estar observando, interagindo, conhecendo, sabendo cada vez mais sobre, no caso, a arte que está acontecendo no cotidiano.

3. Como foi sua formação em Arte? Em qual linguagem é formado (a)?

Eu sou formada em artes plásticas, e sou formada em desenho. Quando eu fiz faculdade de arte era chamada educação artística na época né, então a gente tinha a possibilidade de escolha, entre três habilitações, entre artes plásticas, desenho e música, daí, na época, eu fiz minha primeira opção, em um primeiro momento em plásticas, depois, na sequência eu dei encaminhamento ao trabalho com desenho também, então eu tenho a formação em desenho.

4. Quando você se formou, que foi pra sala de aula, você teve necessidade de buscar formação além da acadêmica?

A gente sempre tem né. Por que, dentro da escola a realidade é outra... né... até por que, quando eu fiz faculdade de artes, eu não consegui dar aula, é... meus professores na grande maioria, eles eram artistas, e...essa parte artística aflorou muito, porém, a parte didática, ficou um pouquinho a desejar...então, a gente, precisei buscar é...assim, na época, a gente não tinha internet tão facilmente como hoje em dia, né...livros e inclusive conversas com colegas, pra poder tentar integrar o conhecimento que eu tinha, pra realidade da escola, didática mesmo, pedagógica. Eu não consegui transportar uma coisa para outra realidade, um conteúdo, um assunto, um tema praquela realidade que eu estava, eu iniciei na prefeitura, então, era tudo muito novo e as primeiras escolas da prefeitura quando a gente entra, a gente cai nos lugares mais distantes, na época que eu comecei a gente não tinha tanto recurso de material, então, tudo foi se adaptando, sendo construído mesmo.

5. Como foi se deparar em ser um professor de Arte polivalente?

Não é fácil... Não é fácil... é possível, mas assim, quando você tem a formação em uma determinada linguagem, você se sente mais a vontade, com aquela linguagem pela qual você se formou do que nas outras que você não tem tanta...é ...tanto conhecimento mesmo, e até...disponibilidade, habilidade pra linguagem, por que a linguagem de música, ela requer assim uma série de conhecimentos específicos, a do teatro também, a da dança também, pra mim ta muito claro nas artes visuais né, aí você precisa ir atrás, e tentar trazer da melhor forma possível estas linguagens para o cotidiano das crianças, pra que eles não fiquem sem ter estes conteúdos né.

6. E com relação às TIC como foi sua formação?

Não tive. Essa formação das tecnologias foi autodidata... né...as coisas foram aparecendo, foram surgindo e você foi buscando informação, foi buscando se apropriar deste conceito e aprendendo

mesmo sozinha...desde a parte de...computador, programas, registros fotográficos é...sei lá, edição de imagens, que tem mais a ver com a questão da arte né, e é bem isso mesmo de...buscar, e...pesquisar, e...ler, e tentar aprender da melhor forma possível. Mas não fiz nenhum curso.

7. Como você vê o uso das TIC em sala de aula?

Eu acho importantíssimo, fundamental, sem dúvida nenhuma né... não posso nem dizer que não é, pois está no nosso dia-a-dia né...mas, o que eu percebo hoje,é... aqui especificamente na minha escola, a gente sempre teve vários recursos de tecnologia, a gente tem o laboratório que de certa forma a gente se organiza para que eu possa usar também na minha disciplina, e nós tínhamos...as televisões e o data show, que infelizmente, nossa escola foi visitada por algumas pessoas não muito queridas e eles levaram tudo... que dó! E assim, já era uma rotina das crianças, terem aula, não só em arte, mas em outras turmas, e professores e disciplinas, fazendo uso do recurso do data show, fazendo uso do recurso da televisão, do vídeo, mas hoje a gente não tem mais aqui...especificamente, neste momento. Até o ano passado, nós usávamos muito, era muito recorrente o uso, de forma geral, esse ano, tanto é, que eu preciso comprar um data show, é sério, eu não sei trabalhar sem data show, por que pra mim me falta... e em arte é muito amplo né..."Pô! Você entra na internet, você tem o vídeo do artista, um vídeo do espetáculo, um vídeo da orquestra sinfônica e você quer passar, e você falar não é a mesma coisa do que você visualizar, você vivenciar aquela situação de uma outra forma né, então neste momento, em função desta questão, eu tô me sentindo presa assim, por que eu tô com imagem impressa na impressora e, como era antigamente sabe...livrinho, imagem... eu tô presa, mais eu vou comprar meu data show, eu vou comprar, calma... é só pesquisar mais...o preço.

8. O que você faz de diferente nas aulas de Arte usando as TIC?

Ah! Você oportuniza a criança a ver né...é mais...como é que eu posso te dizer...é...é...imediate a visualização, é diferente de você falar e mostrar, ele está usando tanto a audição, como o visual, como tá percebendo a situação acontecendo, então, isso agiliza o processo, sem dúvida nenhuma...ele vivencia. O que ele poderia estar vivenciando num teatro, assistindo uma peça de teatro, ou assistindo partes de uma peça de teatro, ele está vivenciando e assistindo em sala de aula, não tem a mesma relação, por que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, estar num teatro é uma coisa, estar numa sala de aula assistindo numa TV é outra, porém, é... muito mais dinâmico né...o visual, a audição, o ver, o vivenciar, isso facilita muito o trabalho

9. O que te motiva a fazer uso dessas ferramentas tecnológicas?

Ah... É a possibilidade que você coloca, promove pra criança, pra ela conhecer o mundo...né...derrepente na casa dela, ela tem esta possibilidade, mas ela não tem esse direcionamento, né...Ela usa a tecnologia, quando esta no celular, quando esta assistindo TV, quando está assistindo um vídeo, porém, ela não tem este direcionamento que a gente usa quando vai trabalhar na sala de aula, você tem uma intenção, por que quando você usa a tecnologia em sala, você tem a intenção "de"... Você tem seus conteúdos, você tem seu planejamento e você usa por que você tem a intenção de promover a criança este olhar diferenciado mesmo.

10. Como o aluno reage sobre o uso das TIC durante as aulas?

Nossa! Eles adoram né...Tudo que é novidade, tudo que é diferente é...tudo o que você pode trazer pra somar, pra que ele possa ter uma experiência diferente no dia-a-dia, é formidável assim, é muito claro isso. Você ficar num trabalho normal, comum do dia-a-dia e trazer uma novidade, transforma seu trabalho em sala de aula, sem dúvida nenhuma.

11.Como os outros professores reagem quando você faz uso das TIC em suas aulas?

Bom, aí depende muito...Tem pessoas que acham isso super interessante, tem outros que olham com olhos, assim, nem tão felizes, digamos assim, por que, querendo ou não, você promove um diferencial dentro da escola, e isso, pode vir a somar, ou não, né...e acaba sendo mesmo o diferente, e daí, na verdade, você tem que saber lidar com isso né...e não deixar de fazer, em função de opinião positiva, negativa, na verdade é saber da importância mesmo, ter consciência desta importância e trabalhar...Aqui na minha escola especificamente, a grande maioria faz uso, então,

assim, a gente não tem tanto problema de crítica negativa, a grande maioria faz uso, então, já é uma prática mesmo, só não acontece tanto, neste momento atual, em função daquilo que te falei... Até, agora a gente briga por causa do laboratório (risos)...a gente precisa, todo mundo usar o laboratório, né... Antigamente, o laboratório era usado só para as turmas, pelas regentes, tinha um horário de laboratório fixo para eles, aí a gente fez a solicitação, olha a gente precisa usar o laboratório, a gente precisa também nas outras áreas, nas outras áreas utilizar, então, a gente fez uma escala, um momento usa arte, outro educação física, num outro momento ciência, enfim, as outras pessoas que também querem fazer uso né.

12. Que influências no ensino de Arte as tecnologias podem aprimorar?

Ela aproxima eu acho né... Ela aproxima os conceitos, os conteúdos, ela atrai é...é...mais próximo, ela aproxima de forma que... é...você não precisa sair de casa, sair da escola, para ir visitar um museu, eu posso estar passeando por um museu, por meio da tecnologia, então, ela aproxima verdadeiramente mesmo né... neste sentido, eu acho que auxilia muito.

13. Como você acha que as TIC podem contribuir com a produção artística em sala de aula? E com o processo de diferentes formas de letramentos?

É por que amplia o olhar né... amplia a visão de mundo, então, é diferente de você ver num livro e você visualizar num ambiente que você poderia estar, é...eu posso levar as crianças no laboratório e pedir pra eles entrarem no museu do Louvre. Muitos de nossas crianças de escola pública, é assim...não vão ter essa, essa... este momento na vida...não que eu queira generalizar, mas assim, é bem difícil que... muitas delas, tenham esta possibilidade de visitar, então, neste sentido, não tem como nem a gente dizer que não é bom, né...só é bom. Só que, a gente, também tem que ter consciência, tem que saber, tem que pesquisar, tem que ir atrás para poder dar esta informação, por exemplo, hoje em dia, como eu não tenho tanto acesso, por causa desta questão de escala, então, eu pesquiso site, pesquiso vídeo, eu dou, eu sugiro a eles, para verem em casa, pra poder entrar que tem esta condição, principalmente os maiores né, os menores fica meio difícil.

14. Como você percebe o uso das TIC em sala de aula?

Eu acho que o uso das tecnologias tem tudo de prós, nada de contra. O uso da tecnologia vem contra o trabalho, o de arte especificamente, quando o professor não sabe o que vai fazer com aquilo, aí atrapalha... Agora, se ele tem consciência, que ele vai levar para sala de aula, é... um... conhecimento, que ele pesquisou, que ele elaborou, que ele sabe que ele vai... que aquele vídeo, que aquele site, que ele vai, que os alunos vão poder ver e vivenciar, que ele tem conhecimento daquilo, só tem a vir a acrescentar, não vejo que va ser ruim, vai melhorar o trabalho, sem dúvida nenhuma.

15. Para você, o que significa letramento?

Letramento...é você saber ler o mundo, né... Independente de ser uma leitura de escrita, como no caso da arte, da leitura de uma imagem. Quando você vê uma imagem, e você percebe naquela imagem, outras questões presentes do que você está vendo, significa que, você está mais letrado do que uma pessoa que passa pela imagem e não percebe algumas questões. Exemplificando, uma criança de primeiro ano tá...entrou agora na escola, a gente está fazendo um trabalho de arte visual, na outra semana, ela me diz assim: "- Professora, você sabia que na casa da minha avó, também tem obra de arte?" Ela já está vendo o mundo com outros olhos. De repente, se ela não tivesse percebido nas imagens que ela viu, nos conceitos que ela ouviu, na forma como você contextualizou, e como foi, que permitiu essa fala entre eles e as produções entre eles também, poderia ser, que ele passasse por esta imagem na casa da avó, e nunca tivesse percebido, né...então, o letramento, ele não acontece só na leitura de texto, mas de uma forma geral de leitura de mundo, eu penso que deve ser assim, né...

16. Como você acha que a Arte e as TIC, podem contribuir se conectar ao processo de letramentos?

Aproximando mesmo, trazendo isso que te disse, esse...essa inúmeras informações que a gente tem, hoje em dia, e que é possível da gente, estar, percebendo, porém, a gente tem que estar pesquisando e vendo realmente, se aquilo que a gente tá trabalhando, e trazendo para as crianças tem

uma...é...tem conceito verdadeiro, tem o conceito real, é de acordo com o que se está trabalhando, com o conteúdo, né...a gente não tem como fugir hoje da tecnologia, a tecnologia, a gente não tem como fugir, ela está... de manhã cedo, quando a gente acorda, já olha o celular e ve quantas mensagens a gente recebeu, não tem como, ela já é...ela já é.

17.O que é ser um professor inovador para você?

Penso que professor inovador é aquele que faz uso de recursos diversos para transformar suas aulas em momentos únicos... promove aos alunos uma aprendizagem não só significativa...Traz a eles diversas possibilidades de construção deste conhecimento...oportunizando ao dia- a- dia de sala de aula momentos ricos e únicos.

18.Como você trabalha em escola particular e pública, qual a diferença que você percebe quanto ao uso das TIC?

A grande diferença é o acesso, disponibilidade, o acesso. Por exemplo, aqui na nossa escola, quando tínhamos todos esses recursos, nós tínhamos que fazer uma escala de uso, então, assim, eu não poderia num determinado momento, em que surgisse, em sala de aula uma conversa... buscar esse material e imediatamente verificar com a crianças o que a gente conversou, mais imediato. Na particular já não, eu tenho o recurso em sala de aula, então, surgiu uma questão em sala, que eu preciso reforçar, eu tenho conhecimento de como fazer isso, posso ligar o equipamento e imediatamente eles podem verificar isso, né...então, assim, a facilidade de acesso, de recurso tecnológico, digamos assim. Eu acho, que neste sentido, que difere. A gente sabe que tem escolas que não tem, a gente sabe que tem escolas que tem e não é usado, mas enfim, considerando minhas duas escolas, a grande dificuldade é essa, e hoje, a dificuldade, é que nós não temos. Acredito que na sequência a gente venha a ter novamente, mas demora, demanda tempo, demanda, é... burocracia, por que você tem que encaminhar diversos papéis, até que consiga todos esses recursos de novo, né

ANEXO 1 - MATRIZ CURRICULAR

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA FAP²⁷

ORDENAMENTO CURRICULAR DO CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA FAP

Série	Disciplina	Carga Horária (hora-aula = 50 minutos)				
		Semanal	Teórica	Prática	Anual	Total
PRIMEIRA	Fundamentos da Representação Gráfica	3	86	16	102	
	Tridimensional I	3	86	16	102	
	Fundamentos da Linguagem Visual I	2	52	16	68	
	Desenho I	2	56	12	68	
	Multimeios / Fotografia	3	90	12	102	
	História das Artes Visuais I	2	60	08	68	
	Filosofia / Ética	2	60	08	68	
	Metodologia da Pesquisa	2	60	08	68	
	Psicologia da Educação	2	60	08	68	
	Optativa	2	56	12	68	
Carga Horária Total da Primeira Série						782
SEGUNDA	Tridimensional II	3	86	16	102	
	Desenho II	3	86	16	102	
	Pintura I	2	56	12	68	
	Fundamentos da Linguagem Visual II	2	56	12	68	
	História das Artes Visuais II	2	60	08	68	
	Semiótica	2	60	08	68	
	Didática Geral	2	60	08	68	
	Fundamentos do Ensino das Artes Visuais	3	82	20	102	
	Optativa	3	86	16	102	
	Optativa	2	56	12	68	
Carga Horária Total da Segunda Série						816
TERCEIRA	Pintura II	3	86	16	102	
	Gravura I	3	90	12	102	
	Multimeios / Computação Gráfica	3	90	12	102	
	Estética das Artes Visuais	2	60	08	68	
	História das Artes Visuais III	2	60	08	68	
	Pesquisa no Ensino da Arte I	2	52	16	68	
	Estágio Supervisionado I				240	
	Organizações Educacionais Contemporâneas	2	60	08	68	
	Optativa	2	56	12	68	
	Carga Horária Total da Terceira Série					886
QUARTA	Poéticas Contemporâneas em Arte	2	52	16	68	
	Gravura II	3	82	20		
	Estágio Supervisionado II				240	
	Pesquisa no Ensino da Arte II	3	82	20	102	
	Línguas	2	60	08	68	
	Optativa	3	86	16	102	
	Optativa	2	56	12	68	
	Carga Horária Total da Quarta Série					750
Carga Horária Anual			Teórica	Prática	Estágio Supervisionado	Total
			2326	428	480	3234
Carga Horária de Atividades Complementares (a ser cumprida durante o curso)						240
CARGA HORÁRIA TOTAL						3474

²⁷ Matriz curricular – Licenciatura em Artes Visuais Faculdade de Artes do Paraná (FAP) - Fonte: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/Arquivos2011/Graduacao/Artes%20Visuais/OrdenamentoCurricular_LicenciaturaArtesVisuais.pdf http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/Arquivos2011/Graduacao/Artes%20Visuais/OrdenamentoCurricular_LicenciaturaArtesVisuais.pdf

ANEXO 2 – MATRIZ CURRICULAR

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA EMBAP²⁸

L.A.V. | Planos de Curso + Ementas

1ª Série

Teoria da Arte Educação
Filosofia da Arte
Antropologia
Historia da Arte I
História da África e Cultura Afro-Brasileira e Indígena
Desenho I
Pintura I
Expressão em Volume I
Fotografia

2ª Série

Didática I
Psicologia da Educação I
História da Arte II
Metodologia Científica I
Desenho II
Pintura II
Expressão Em Volume II
Estudo Da Forma
Prática De Ensino I
Estágio Curricular Supervisionado I
Prática Artística I (Atividade Acadêmica Complementar)

3ª Série

Didática II
História Da Arte III
Deontologia
Multimeios I
Gravura I
Laboratório De Recursos Pedagógicos
Prática De Ensino II
Estágio Curricular Supervisionado II
Prática Artística II (Atividade Acadêmica Complementar)
Disciplinas Optativas (1)

4ª Série

Língua Brasileira de Sinais: Libras
História da Arte IV
Estética
Metodologia Científica II
Multimeios II
Gravura II
Prática De Ensino III
Estágio Curricular Supervisionado III

Prática Artística III (Atividade Acadêmica Complementar)
Disciplinas Optativas (1)

²⁸ Matriz curricular – Licenciatura em Artes Visuais Escola de Música e Belas Artes do Paraná –
Fonte: <http://www.embap.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=392>

ANEXO 3 – MATRIZ CURRICULAR

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS DA UFPR²⁹

1º ANO ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

CÓD.:	DISCIPLINA:	Dia da semana	HR-INÍCIO	HR-FIM	PROFESSOR:	SALA:
OA192	METODOLOGIA DA PESQUISA EM ARTES I	4ª FEIRA	16:30 hs	18:30 hs	PAULO	101-B
OA400	HISTÓRIA DA ARTE GERAL I	2ª FEIRA	15:30 hs	17:30 hs	STEPHANIE	DESENHO I
OA402	LINGUAGEM DAS ARTES VISUAIS	2ª FEIRA	13:30 hs	15:30 hs	STEPHANIE	DESENHO I
OA403	FUNDAMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL	3ª FEIRA	16:30 hs	18:30 hs	ISABELLE	DESENHO II
		4ª FEIRA	13:30 hs	16:30 hs	ISABELLE	DESENHO II
OA404	DESENHO I	5ª FEIRA		16:30 hs	A DEFINIR	DESENHO I
OA406	EXPRESSÃO EM VOLUME	5ª FEIRA	16:30 hs	19:30 hs	TÂNIA	ESCULTURA
OA407	FUNDAMENTOS DO ENSINO DA ARTE	3ª FEIRA	13:30 hs	17:30 hs	A DEFINIR	DESENHO II
ET053	PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO (1º SEMESTRE)	6ª FEIRA			A DEFINIR	REITORIA
	DISCIPLINA OPTATIVA	VIDE ANEXO				

2º ANO ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

CÓD.:	DISCIPLINA:	Dia da semana	HR-INÍCIO	HR-FIM	PROFESSOR:	SALA:
OA401	HISTÓRIA DA ARTE GERAL II	3ª FEIRA	13:30 hs	15:30 hs	BINI	101 - B
OA405	DESENHO II	5ª FEIRA	13:30 hs	16:30 hs	GERALDO	DESENHO II
OA408	PINTURA I	5ª FEIRA	16:30 hs	19:30 hs	GERALDO	PINTURA
OA410	IMAGEM E REPRODUÇÃO I (FOTOGRAFIA)	3ª FEIRA	16:30 hs	19:30 hs	RICARDO	FOTOGRAFIA
OA411	IMAGEM E REPRODUÇÃO II (GRAVURA)	2ª FEIRA	13:30 hs	16:30 hs	DULCE	GRAVURA
OA412	ESCULTURA I	2ª FEIRA	16:30 hs	19:30 hs	ISABELLE	ESCULTURA
EM200	DIDÁTICA (1º SEMESTRE)	6ª FEIRA	13:30 hs	17:30 hs	A DEFINIR	REITORIA
	DISCIPLINA OPTATIVA	VIDE ANEXO				

²⁹ Matriz curricular – Licenciatura em Artes Visuais Universidade Federal do Paraná -
 Fonte: http://www.sacod.ufpr.br/portal/artes/wp-content/uploads/sites/8/2011/05/GRADE_CURRICULAR_LICENCIATURA1_2016.pdf

3º ANO ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

CÓD.:	DISCIPLINA:	Dia da semana	HR-INÍCIO	HR-FIM	PROFESSOR:	SALA:
HF295	ESTÉTICA	2ª FEIRA	13:30 hs	15:30 hs	CAROLINE	201-B
OA409	PINTURA II	2ª FEIRA	15:30 hs	17:30 hs	GERALDO	PINTURA
OA413	HISTÓRIA DA ARTE DO BRASIL I	6ª FEIRA	13:30 hs	15:30 hs	GERALDO	101 -B
OA415	CRÍTICA DE ARTE	5ª FEIRA	16:30 hs	18:30 hs	PAULO	103 - B
EM135	PRÁTICA DE DOCÊNCIA I (1º SEMESTRE)	3ª FEIRA	13:30 hs	17:30 hs	JULIANA	210 -B
	PROJETOS AVANÇADOS EM ARTES VISUAIS I	VIDE ANEXO				
	DISCIPLINA OPTATIVA					

4º ANO ARTES VISUAIS – LICENCIATURA

CÓD.:	DISCIPLINA:	Dia da semana	HR-INÍCIO	HR-FIM	PROFESSOR:	SALA:
OA414	HISTÓRIA DA ARTE DO BRASIL II	3ª FEIRA	15:30 hs	17:30 hs	BINI	101 - B
EP073	POLÍTICA E PLANEJ. DA EDUCAÇÃO NO BRASIL (1º SEMESTRE)	6ª FEIRA	13:30 hs	17:30 hs	A DEFINIR	REITORIA
	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I (1º SEMESTRE)	VIDE ANEXO				
	PROJETOS AVANÇADOS EM ARTES VISUAIS I					
	DISCIPLINA OPTATIVA					
OAC002	ATIVIDADES FORMATIVAS					

ANEXO:

CÓD.:	PA	Dia da semana	HR-INÍCIO	HR-FIM	PROFESSOR	SALA:
OA431	PROJETO AVANÇADO – ESPAÇO, TEMPO E FORMA	4ª FEIRA	14:30 hs	17:30 hs	TÂNIA	
OA439	PROJETO AVANÇADO – ILUSTRAÇÃO	5ª FEIRA	16:30 hs	19:30 hs	RICARDO	FOTOGRAFIA
OA451	PROJETO AVANÇADO – HISTÓRIA DA ARTE II	4ª FEIRA	14:30 hs	17:30 hs	STEPHANI E	103 - B
OA421	PROJETO AVANÇADO – GRAVURA III	5ª FEIRA	13:30 hs	16:30 hs	DULCE	GRAVURA

CÓD.:	OPTATIVAS	Dia da semana	HR-INÍCIO	HR-FIM	PROFESSOR:	SALA:
OA250	TÓPICOS ESPECÍFICOS DE ESCULTURA I	4ª FEIRA	16:30 hs	18:30 hs	ISABELLE	ESCULTURA
OA206	TÓPICOS ESPECÍFICOS EM CINEMA	4ª FEIRA	14:30 hs	16:30 hs	HUGO	101 - B
OA286	TÓPICOS ESPECÍFICOS DE FOTOGRAFIA II	4ª FEIRA	18:30 hs	20:30 hs	JULIANA	

DEVIDO À POUCA OFERTA DO DEARTES, FICA, DESDE JÁ, AUTORIZADO O ALUNO A CURSAR DISCIPLINAS OPTATIVAS DE OUTROS CURSOS DA ÁREA DE HUMANAS NA UFPR PARA INTEGRALIZAR A CARGA HORÁRIA DE OPTATIVAS.

- ATENTEM PARA AS DATAS DAS ELETIVAS: 21 e 22 DE MARÇO.

OS INTERESSADOS DEVERÃO PROTOCOLAR, JUNTO À COORDENÇÃO DO CURSO, PEDIDO AO COLEGIADO PARA QUE TAIS DISCIPLINAS SEJAM CONSIDERADAS OPTATIVAS DO CURRÍCULO.

ATIVIDADES FORMATIVAS:

AQUELES QUE CONCLUEM O CURSO EM 2016, DEVEM TRAZER OS CERTIFICADOS DAS ATIVIDADES FORMATIVAS EXTRA- CURRICULARES PARA ANÁLISE E LANÇAMENTO NO HISTÓRICO.